



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

“ESSE É HOMEM DE VERDADE”

Estudo Exploratório:

**Ser Homem em Moçambique e a Promoção de Masculinidades
Positivas em Campanhas de Comunicação para Mudança Social
e Comportamental**

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em Ciências da Comunicação, *Media* e
Entretenimento

Por

Débora Maura Homem Quatorze

Faculdade de Ciências Humanas

Lisboa, Setembro de 2023



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

“ESSE É HOMEM DE VERDADE”

Estudo Exploratório:

**Ser Homem em Moçambique e a Promoção de Masculinidades
Positivas em Campanhas de Comunicação para Mudança Social
e Comportamental**

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em Ciências da Comunicação, *Media* e
Entretenimento

Por

Débora Maura Homem Quatorze

Orientadora: Professora Ioli Campos

Faculdade de Ciências Humanas

Lisboa, Setembro de 2023

DEDICATÓRIA E AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho à minha Mãe, Luísa Homem, que ao abraçar uma revolução me ensinou a sonhar com o que parece impossível, a defender ideais justos e que não existe um tempo certo ou errado para dar a volta à vida. (Acho que ias gostar de ler estas páginas... Sinto sempre a tua mão sobre a minha.)

E ao meu Pai, José Quatorze, pelo amor incondicional. Por me fazer acreditar que todos os sonhos são possíveis quando não estamos sozinhos. Por me ensinar a amar a leitura e os livros, e por me inspirar a ser jornalista, a ser ética, a fugir da hipocrisia, e a perdoar. Por me dizer que uso demasiadas palavras e para preferir frases curtas (desculpa, pai, acho que te falhei nesta dissertação). Por respeitar a minha individualidade. Por ser um exemplo de masculinidade em construção permanente; um homem que procura melhorar-se e dar o melhor de si. Um pai que terminava todas as cartas para mim com “Do pai que te ama muito”.

Estas páginas não poderiam existir sem a minha “aldeia” e pilares da minha identidade (e sanidade); a família biológica e da vida que me apoiou desde o instante em que decidi deixar Moçambique para fazer o mestrado na Universidade Católica de Lisboa. Para trás ficaram caixas e malas de uma vida construída à beira Índico e um monte de certezas. Os afectos e o apoio incondicional vieram - e permanecem sempre - comigo.

Nas margens do Índico agradeço à Dinha por ser amor e casa para mim e por amar o meu Pai. À minha PG, as irmãs que a vida me ofereceu e nove super-mulheres: Soraia, Moni, Sara, Badja, Meggy, Yara, Tati, Fabi e Lara – sem vocês isto não acontecia. Eu não seria. Ao Pitito, por estares sempre ao nosso lado e por seres o homem que os outros deviam ser. Ao Bruninho, meu maninho vulnerável e afectuoso – tenho tanto orgulho do homem em que te tornaste! Ao Mickey, o mais “machão” e sensível que conheço - ainda vamos contar muitas histórias moçambicanas juntos.

E a todos os colegas e ex-colegas, amigos e conhecidos que me ajudaram a chegar aqui, a encontrar bibliografia, que sugeriram caminhos e discutiram ideias, em especial a Denise, a Ilundi e o Sansão. À Mahla Filmes pelo espaço para as entrevistas e por serem sempre a minha casa.

Deste lado do Atlântico, agradeço aos meus tios Pedro e Fátima Barbas Homem por terem sempre recebido e aceitado esta filha de braços e coração abertos. Espero deixar-vos orgulhosos. Obrigada, também, por mostrarem pelo exemplo que papel feminino ou masculino é aquele que nós quisermos. E por me terem oferecido as manas Gum, Micos,

Pipas e Mia. À minha Popcorn – inspiras-me mais do que imaginas (e obrigada por me ouvires e partilhares as dores de crescimento deste trabalho). E ao QuimQuim, pelo apoio, a curiosidade, o carinho e por não me deixar sentir sozinha longe de casa.

Agradeço à professora Ioli Campos, minha Orientadora nesta caminhada, acima de tudo, todas as vezes em que acreditou mais em mim do que eu mesma e manteve os meus pés assentes no chão. Que privilégio tê-la ao meu lado neste percurso! Obrigada!

E aos colegas que me acompanharam durante estes dois anos, e todos os professores e professoras que reacenderam o encantamento pelo tanto que há por aprender e descobrir e que me estimularam a pensar mais criticamente.

Por fim, o meu agradecimento especial aos homens moçambicanos que partilharam as suas narrativas de vida comigo. Espero muito que tenha sido uma experiência tão enriquecedora para vocês quanto foi para mim. Agradeço-vos a honestidade e a vulnerabilidade, e espero que se sintam ouvidos e representados nestas páginas.

RESUMO

Atributos associados a masculinidades positivas, como ser vulnerável ou rejeitar a violência baseada no género, começam a surgir em estudos realizados em Moçambique, desafiando as masculinidades hegemónicas dominantes no país – o homem forte, infalível, viril, autoritário. Não conformar com as normas sociais de género prevaletentes significa, para muitos, não ser considerado “homem de verdade” – uma expressão popular no país. Campanhas de Comunicação para Mudança Social e Comportamental, que só recentemente começaram a prestar uma atenção particular à representação de masculinidades positivas, podem contribuir de forma significativa para o questionamento e mudança de normas de género e comportamentos. Mas, podem igualmente perpetuar masculinidades hegemónicas. Recorrendo a métodos qualitativos, o presente estudo analisa as representações de masculinidades em Anúncios de Utilidade Pública parte de campanhas de comunicação para mudança produzidas em Moçambique, e entrevista homens entre os 18 e os 34 anos a residir na cidade ou província de Maputo para perceber se se identificam com essas representações e o que significa, para eles, ser um “homem de verdade”. Os resultados apontam para um homem moçambicano que se constrói a partir de atributos e expectativas sociais assentes em masculinidades hegemónicas – com frequência, o homem que foi ensinado a ser – e masculinidades positivas que rompem com a norma dominante – o homem que aspira a ser e que quer ensinar os filhos a ser. Este estudo espera contribuir para que futuras campanhas de comunicação para mudança reflectam com maior profundidade sobre as masculinidades que representam e promovem, e para que os homens que procuram adoptar e adoptam masculinidades positivas encontrem incentivo à mudança nessas campanhas.

Palavras-chave: normas sociais; género; masculinidades; comportamento; comunicação para mudança

ABSTRACT

Studies undertaken in Mozambique are starting to find attributes associated with positive masculinities, such as being vulnerable or rejecting gender-based violence, therefore defying the hegemonic masculinities that are dominant in the country – the strong, infallible, manly, and authoritarian man. To many, not conforming with dominant gender social norms means to not be considered a “real man” - a common expression in the country. Social and Behavioral Change Communication campaigns, which have only recently begun to pay special attention to representing positive masculinities, can have a significant contribution towards questioning and changing gender norms and behaviors. However, they can also perpetuate hegemonic masculinities. Using qualitative methods, this study analyses how masculinities are represented in Public Service Announcements integrated in change communication campaigns produced in Mozambique, and interviews 18 to 34 year-old men living in Maputo City or province in order to understand whether they identify with those representations, as well as their definition of a “real man”. The results point towards a Mozambican man who builds his identity from attributes and social expectations rooted in hegemonic masculinities – frequently, the man he was taught to be – and positive masculinities that break with the dominant norm – the man he aspires to be and wishes to teach his sons to be. This study hopes to contribute to that future change communication campaigns engage in deeper reflections about the masculinities they represent and promote, and that the men who seek to adopt, and indeed adopt, positive masculinities find encouragement in those campaigns.

Keywords: social norms; gender; masculinities; behavior; change communication

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
Capítulo 1. DO ESTUDO DE COMPORTAMENTOS À MUDANÇA DESTES ATRAVÉS DA COMUNICAÇÃO	3
1.1. Mudança social e comportamental.....	3
1.2. Comunicação para mudança social e comportamental: o modelo socio-ecológico de mudança.....	9
1.3. Representação e enquadramento	15
Capítulo 2. SER HOMEM: GÊNERO E NORMAS SOCIAIS.....	22
2.1. Masculinidade(s): evolução conceptual.....	25
2.2. Ser homem em Moçambique: contextualização e masculinidades.....	30
Capítulo 3. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO	39
3.1. Estratégia metodológica.....	39
3.2. Recolha de dados e universo da amostra.....	40
3.2.1. Anúncios de Utilidade Pública	40
3.2.2. Entrevistas Semi-estruturadas	45
3.3. Análise dos dados.....	49
3.3.1. Anúncios de Utilidade Pública	49
3.3.2. Entrevistas Semi-estruturadas	51
3.4. Considerações éticas.....	52
Capítulo 4. “ESSE É HOMEM DE VERDADE!”: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	54
4.1. Os Homens Representados em Anúncios de Utilidade Pública.....	54
4.1.1. AUP 1: “Somos Iguais. Numa <i>wella</i> ”	54
4.1.2. AUP 2: “Denuncie uniões prematuras”	61
4.1.3. AUP 3: “Campanha de vacinação contra o sarampo e a rubéola”	69
4.2. Entre os homens que foram ensinados a ser e os homens que idealizam ser - Entrevistas semi-estruturadas.....	74
CONCLUSÕES	104
BIBLIOGRAFIA.....	108
APÊNDICES	120
Apêndice A. Guião para entrevistas semi-estruturadas.....	120
Apêndice B. Protocolo de consentimento informado	123
Apêndice C. Transcrições das entrevistas semi-estruturadas.....	124
Ci. Entrevista a Joaquim, 33 anos, Agente da Polícia	124
Cii. Entrevista a Denilson, 34 anos, Editor de Vídeo	137
Ciii. Entrevista a Edson, 25 anos, Gestor de Branding.....	152
Civ. Entrevista a Eduardo, 25 anos, Técnico de Tecnologias Informáticas	166
Cv. Entrevista a Paíto, 22 anos, Responsável de Limpezas	179
Cvi. Entrevista a Daniel, 31 anos, Director de Agência Criativa	187
Cvii. Entrevista a Ntanzi, 18 anos, Desempregado	202
Cviii. Entrevista a Paulo, 30 anos, Conta própria (T.I.)	213
Cix. Entrevista a Momed, 34 anos, Gestor de Canais Digitais, Produtos e Serviços.....	228

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Objectivos e Questões de Investigação.....	39
Tabela 2. Perfil dos Anúncios de Utilidade Pública Analisados	40
Tabela 3. Perfil dos Entrevistados	47
Tabela 4. Categorias de análise dos AUP.....	49
Tabela 5 Dimensões e categorias dedutivas	51

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Modelo socio-ecológico de Comunicação para Mudança Social e Comportamental. Adaptado de McKee et al. (2012)	10
Figura 2. Cena do AUP 1 – Primeiro personagem masculino, filho e esposa partilham tarefas domésticas	55
Figura 3. Cena do AUP 1 – Família do primeiro personagem principal	56
Figura 4. Cena do AUP 1 – Segundo personagem principal a jogar futebol com outros jovens do sexo masculino	56
Figura 5. Cena do AUP 1 – Terceiro personagem principal joga bilhar com amigos numa típica casa de pasto	57
Figura 6. Cena do AUP 2 – Homem assobia a três alunas à saída da escola	61
Figura 7. Cena do AUP 2 – Representação de cerimónia tradicional para “oficializar” a união prematura	62
Figura 8. Cena do AUP 2 – Já na união prematura, a menina é submetida a diversos tipos de violência	62
Figura 9. Pai e filho trocam sorrisos com a enfermeira	69
Figura 10. Administração das vacinas por provedor de saúde comunitário	70

DECLARAÇÃO DE INTERESSES PESSOAIS

Quem é considerado “homem de verdade” (uma expressão popular) na sociedade moçambicana? E por que é que isso importa? A minha relação profissional com questões de género, em concreto, masculinidades, iniciou há quase 15 anos, quando comecei a trabalhar em campanhas de Comunicação para Mudança Social e Comportamental com o propósito de contribuir para reduzir a violência baseada no género em Moçambique e promover a então recém-aprovada lei contra a violência doméstica.

Uma das primeiras questões que eu e colegas da área nos fizemos nessa altura foi: como podemos trabalhar este tema sem conversarmos, também, com os homens sobre os motivos que os levam a ser os principais perpetradores dessa violência? Pouco ou nada o fazíamos.

O presente estudo surge dessas primeiras indagações e da percepção – agora apoiadas num enquadramento teórico claro – de que não devemos continuar a pensar a equidade de género sem nos ouvirmos a todos.

INTRODUÇÃO¹

Pesquisas realizadas em Moçambique revelam que, no país, é considerado “homem de verdade” aquele que é viril, dominante, autoritário, tem recursos financeiros (Macia, 2013; Miguel, 2021), mulher(es) e filhos (Aboim, 2008; Barker & Ricardo, 2020). Em oposição, a mulher é esposa, mãe, cuidadora, sensível e submissa (Aboim, 2008; Arthur, 2018; Barker & Ricardo, 2020; CARE, 2020).

As desigualdades de género, intrinsecamente ligadas a um sistema dominado por masculinidades hegemónicas (Connell & Messerschmidt, 2005) aprendidas desde a infância, estão na base das relações de poder entre homens e mulheres (Bourdieu, 2003; Bronfenbrenner, 1979), com impacto sobre ambos. No entanto, surgem em Moçambique evidências de que alguns homens estão a desafiar as normas sociais dominantes e a construir masculinidades alternativas, assentes em atributos positivos, que se mesclam com antigos significados de ser homem (Aboim, 2008; CARE, 2020; Connell, Messerschmidt, 2005). Esses sinais começam a ser visíveis, também, na Comunicação para Mudança Social e Comportamental produzida no país.

Parto do objecto de investigação *Representações de masculinidades em campanhas de comunicação para mudança social e comportamental implementadas em Moçambique* para responder ao objectivo principal do estudo: Compreender como campanhas de Comunicação para Mudança Social e Comportamental podem contribuir para a promoção de masculinidades positivas em Moçambique. Os objectivos secundários são:

- Caracterizar as masculinidades representadas em campanhas de Comunicação para Mudança Social e Comportamental implementadas em Moçambique nos últimos cinco anos.
- Compreender se os homens moçambicanos se identificam com essas representações.
- Caracterizar o que significa ser homem (“homem de verdade”) e identificar referências de masculinidades positivas entre os atributos indicados.

Para responder aos objectivos de investigação, optei por métodos qualitativos: análise de conteúdo (Creswell, 2007) de Anúncios de Utilidade Pública (AUP) e entrevistas semi-estruturadas, analisadas pela lente da análise narrativa dialógica/de performance (Riessman, 2001).

¹ Esta dissertação é escrita ao abrigo do antigo Acordo Ortográfico.

Os primeiros dois capítulos do estudo apresentam os principais referenciais teóricos que o orientaram. No primeiro capítulo discorro sobre algumas das teorias de mudança que deram origem aos modelos socio-ecológicos de mudança em que Comunicação para Mudança Social e Comportamental assenta. Atendendo ao objecto do estudo, exponho também os principais conceitos e teorias sobre representação e enquadramento. No segundo capítulo, sobre género e masculinidades, atravesso as últimas seis ou sete décadas de evolução da pesquisa, pensamento, teorias e conceitos sobre estes temas.

No terceiro e quarto capítulos debruço-me sobre a componente empírica do estudo. No terceiro apresento e explico as opções metodológicas aplicadas, e no quarto desenvolvo e discuto os dados encontrados nas duas fases de pesquisa: a análise de conteúdo, focada nas masculinidades representadas em AUP, e a análise narrativa de entrevistas, com foco nas construções de masculinidades dos homens entrevistados. Por fim, nas Conclusões apresento as principais constatações do estudo e aponto algumas sugestões para o futuro.

Capítulo 1. DO ESTUDO DE COMPORTAMENTOS À MUDANÇA DESTES ATRAVÉS DA COMUNICAÇÃO

Estudar a Comunicação para Mudança Social e Comportamental implica mergulhar em diferentes campos de conhecimento, da psicologia a estudos dos *media*, que informam o substrato teórico desta abordagem que tem como propósito contribuir para mudar comportamentos e normas sociais que influenciam esses comportamentos.

Este capítulo começa por apresentar o enquadramento teórico que originou o campo da comunicação para mudança e alguns dos académicos que mais contribuíram para este, de áreas como a psicologia e a psicologia social, a sociologia e a comunicação. Na segunda secção, as teorias e conceitos abordados culminam numa explicação sobre a Comunicação para Mudança Social e Comportamental e a sua estratégia preferencial, o uso de educação-entretenimento com recurso a *storytelling*. O facto de o estudo focar nas representações de homens e masculinidades em campanhas de comunicação para mudança encaminha o capítulo para uma breve análise de teorias sobre representação e enquadramento dos *media*.

1.1. Mudança social e comportamental

O presente estudo debruça-se sobre o uso de campanhas de comunicação de massas para analisar, entender e mudar comportamentos e normas sociais com base em modelos socio-ecológicos de mudança social e comportamental.

Ao longo dos anos várias teorias e quadros conceptuais influenciaram esses modelos, em particular o modelo socio-ecológico seleccionado para este estudo. Por limitações de tempo, espaço e relevância para o tema tratado, irei concentrar-me em apresentar a Teoria (ou Modelo) de Campo de Kurt Lewin, a Teoria de Comportamento Planeado de Icek Ajzen, a Teoria Cognitiva Social de Albert Bandura, e a Teoria de Sistemas Ecológicos de Urie Bronfenbrenner. Estas estabelecem as principais linhas de pensamento e conhecimento que guiam a Comunicação para Mudança Social e Comportamental (Soul City, 2011).

As teorias referidas partilham a preocupação em entender o comportamento humano – como se forma, o que motiva um comportamento e não outro, que factores influenciam os nossos comportamentos e quais os impedem ou dificultam – e o entendimento de que este é informado por factores internos (mentais) e externos (sociais e estruturais).

Num reconhecimento inovador de que o comportamento humano e de grupos pode ser compreendido, previsto e alterado, na década de '30 do século XX Kurt Lewin partiu de

princípios da Física para propor a Teoria de Campo (ou Modelo de Mudança, como é também conhecida) e cunhar uma fórmula matemática heurística para analisar o comportamento. Segundo a teoria, este é determinado pela interação entre as características e experiências particulares à pessoa e o meio/situação em que ela se encontra num determinado momento (Lewin, 1951).

Assim, os comportamentos (do pensamento à acção) são mudanças que ocorrem num campo num determinado espaço temporal. O campo é o “espaço de vida” de um indivíduo ou de um grupo (um espaço mental e físico com características que influenciam o comportamento individual num determinado momento), e o campo psicológico. Dentro do último pesam aspectos como o meio envolvente e construções mentais, como motivações, necessidades, traços, habilidades e metas e a totalidade dos factos conhecidos pelos indivíduos. Todos esses elementos influenciam o comportamento humano (Lewin, 1951).

Assim, os comportamentos individuais só podem ser compreendidos na interação com o meio (Lewin, 1951). E a ocorrência de mudanças no campo depende das interações entre o indivíduo e as forças existentes neste, só se efectivando quando o indivíduo experiencia uma força exterior ao campo. A análise das forças permite avaliar a probabilidade de ocorrência de mudanças: estas acontecerão se as forças favoráveis à mudança forem mais robustas do que as forças de rejeição à mudança.

O “espaço de vida” expande-se e complexifica-se a partir do momento em que a pessoa nasce: enquanto o de um bebé é limitado a situações imediatas e relações sociais simples, ao longo das diferentes fases de crescimento e desenvolvimento, o “espaço de vida” expande-se no que toca ao presente psicológico e à “perspectiva de tempo na direcção do passado psicológico e do futuro psicológico” (Lewin, 1951, p.246).

A posição social que a pessoa ocupa dentro do “espaço de vida” é o primeiro critério para compreender o seu comportamento. Assim, o comportamento individual só pode ser compreendido no contexto da sua posição dentro e fora dos diferentes grupos (que podem ter duas pessoas ou milhões delas) que o indivíduo integra.

A partir da observação de grupos de discussão, o autor da Teoria de Campo constatou que o sentimento de pertença a grupos é inerente ao ser humano e que as dinâmicas de grupos têm uma influência determinante na ocorrência ou não de mudança, em particular quando o indivíduo participa de forma activa em tais grupos (versus a exposição passiva de indivíduos a informação (Lewin, 1951).

As mudanças dentro do campo são facilitadas ou dificultadas por forças favoráveis ou contrárias a elas, uma ideia basilar para a Comunicação para a Mudança Social e Comportamental, como abordado adiante. O processo de mudança abrange três fases: descongelamento, mudança e recongelamento (Lewin, 1951).

Descongelar significa romper com a situação presente. Quando uma força externa ao campo provoca desequilíbrio, aumenta a receptividade à mudança. Nesta fase, prepara-se o terreno para a mudança desejada. Uma vez descongelado o *status quo*, são adoptados novos comportamentos que conduzem à mudança desejada. Mas, para que esta seja sustentável, é necessário congelar a nova situação, ou seja, consolidar a mudança desejada.

No entanto, o processo indicado só será iniciado se a atitude do indivíduo for favorável a esta, se ele tiver a percepção de que pode controlar o novo comportamento (ou auto-eficácia, explicada abaixo) e se as normas sociais forem conducentes a que o indivíduo alimente a intenção de mudar; se um destes elementos falhar, a mudança será improvável (Ajzen, 2005).

Desenvolvida poucas décadas depois do trabalho seminal de Lewin, nos anos '80 do século passado, a partir do pressuposto que o comportamento humano é racional e informado pelo conhecimento disponível num determinado momento, a Teoria do Comportamento Planeado salienta a necessidade de os factores referidos acima se conjugarem para que se alcance a mudança de comportamento.

O conceito de auto-eficácia é crucial para a Teoria do Comportamento Planeado, que assume que as intenções são determinadas pela crença de que a pessoa é capaz de adoptar o comportamento desejado. Quando isso não acontece, “é improvável que [a pessoa] forme intenções comportamentais fortes [de adoptar um comportamento], mesmo que tenha atitudes favoráveis em relação ao comportamento e acredite que os outros aprovariam a adopção do comportamento” (Ajzen, 2005, p.119).

A atitude em relação a um comportamento é formada por crenças que o associam a determinadas consequências ou resultados. Se a pessoa acreditar que o resultado será negativo, a sua atitude em relação ao comportamento será negativa (Ajzen, 2005) - por exemplo, um fumador que acredite que deixar de fumar o fará engordar, terá uma atitude desfavorável em relação a deixar de fumar.

Para além da atitude individual em relação a um comportamento, a intenção de mudar (ou não) é influenciada por normas subjectivas – se o indivíduo acreditar que as outras

peças irão desaprovear um comportamento, a probabilidade de o adoptar é menor pois sentirá pressão social para não o fazer (Ajzen, 2005).

Por último, a intenção de adoptar ou não um comportamento é influenciada pelo controlo comportamental percebido, ou auto-eficácia, aprendido através de experiências vividas pela pessoa e da observação de outros; combinadas, ambas determinam a percepção do indivíduo sobre a sua auto-eficácia para adoptar um determinado comportamento (Ajzen, 2005). O sentido de auto-eficácia “é também aprendido através de reacções emocionais ou sentimentos em relação a uma situação, ou através de argumentos persuasivos e encorajamento de pessoas credíveis dentro de um contexto social apropriado”² (McKee et al., 2002, p.12).

De modo similar aos quadros teóricos já apresentados, a Teoria Social Cognitiva compreende o comportamento individual como um processo contínuo, em que os seres humanos e o meio em que estão inseridos se influenciam recíproca e constantemente (Bandura, 2001). No entanto, esta teoria introduz outro conceito essencial para a mudança comportamental, o conceito de agência, ou seja, “intencionalmente fazer com que coisas aconteçam através de acções” (Bandura, 2001, p.2), permitindo que as pessoas se adaptem e reajustem os seus pensamentos e comportamentos.

A agência é caracterizada por intencionalidade – querer alcançar algo e definir estratégias para lá chegar; antecipação – traçar planos para um tempo que ainda não chegou, o futuro, é algo que motiva comportamentos no presente; autoreacção – transformar as intenções, planos e estratégias em acções; e autorregulação – a consciência que temos de nós mesmos leva-nos a avaliar os nossos pensamentos, acções e auto-eficácia permanentemente (Bandura et. al, 2008).

A agência individual não existe isolada, forma parte de um conjunto de sistemas sociais que integramos e que têm o propósito de organizar, nortear e regular as nossas acções (Bandura *et al.*, 2008). Ambos estão intrinsecamente ligados, influenciando-se mutuamente.

Bandura argumenta que a influência das crenças de auto-eficácia pesa sobre quase todos os aspectos da vida, nomeadamente a autorregulação de pensamentos e

² Tradução da autora, do original: “(...) is also learned through emotional reactions or feelings about a situation or from persuasive arguments and encouragement by credible people within an appropriate social context” (McKee et al., 2002, p.12).

comportamentos (Bandura *et al.*, 2008), em particular a auto-motivação, que exerce um papel determinante para a ocorrência ou não de mudança (Bandura, 2001).

Uma vez que para conseguirmos alcançar muito daquilo que almejamos necessitamos do apoio e colaboração de outros indivíduos e/ou grupos sociais (Bandura *et al.*, 2008), o conceito de agência individual foi alargado para incluir agência colectiva, isto é, a crença partilhada por membros de um grupo sobre a sua capacidade conjunta. “São as pessoas agindo em conjunto segundo uma crença comum, e não uma mente de grupo desincorporada, que percebem, aspiram, motivam e regulam” (Bandura *et al.*, 2008, p.83).

No exercício de agência – individual ou colectiva – aprendemos comportamentos através das nossas experiências, usando o método de tentativa e erro, e da observação de outras pessoas e modelação dos comportamentos que observamos, em particular de pessoas que consideramos referências (McKee *et al.*, 2002). A aprendizagem por observação de experiências de outros pode ser tão mais eficaz do que a aprendizagem directa que se apenas aprendêssemos a partir desta as nossas experiências seriam muito mais limitadas (Bandura, 2008).

Com esse contexto teórico em mente, nos anos ‘60 do século XX, Bandura quis perceber melhor a aprendizagem de padrões de comportamentos violentos através de um experimento pioneiro: um grupo de crianças foram expostas a cenas de adultos a agredirem um boneco insuflável apelidado João Bobo³ (Bandura, 2008).

O experimento demonstrou que as crianças expostas à agressão tinham maior tendência para replicar comportamentos de agressividade. Demonstrou ainda que, de modo geral, as crianças eram mais influenciadas por pessoas do mesmo sexo biológico que elas (Bandura *et al.*, 1961), excepto no que tocava a imitar comportamentos de agressão física – neste caso, tanto as raparigas quanto os rapazes foram mais influenciados pelos modelos adultos do sexo masculino (Bandura *et al.*, 1961). Regressarei ao conceito de modelação de comportamentos no Capítulo 2, relacionando-o com normas de género, pertinentes para este estudo.

³ O experimento teve a participação de 36 rapazes e 36 raparigas entre os 37 e os 69 meses (idade média: 52 meses), separados em grupos com objectivos específicos, e mediou três níveis de imitação dos comportamentos exibidos pelos adultos: imitação de agressão física, de agressão verbal e de respostas verbais não-agressivas. Os resultados do estudo evidenciaram que “a observação de pistas produzidas pelo comportamento de outros é um meio eficaz para desencadear certas formas de respostas com uma probabilidade inicial muito baixa ou inexistente” (Bandura *et al.* 1961, p.580).

O vídeo do experimento pode ser visualizado em <https://www.youtube.com/watch?v=p5s7VHNnzbq>.

Uriel Bronfenbrenner organizou o conjunto de elementos que exercem influência sobre o comportamento humano na Teoria de Sistemas Ecológicos, que analisa a interrelação entre o meio envolvente e o desenvolvimento individual.

O desenvolvimento individual é entendido como “a concepção em evolução que a pessoa tem sobre o ambiente ecológico e a forma como se relaciona com este, assim como a capacidade crescente para descobrir, manter ou alterar as suas propriedades”⁴ (Bronfenbrenner, 1979, p.9). É influenciado, numa primeira fase da infância, pelo meio envolvente mais próximo e, mais tarde, pelo contexto físico e social mais alargado em que o indivíduo está inserido, ambos em permanente mudança (Bronfenbrenner, 1979).

O primeiro nível de influência externa no desenvolvimento humano é o microssistema, ou seja, as influências externas iniciais em bebés; aquelas pessoas com quem têm contacto directo e imediato, normalmente a família. Microssistemas são, assim, padrões de comportamentos e relações interpessoais vivenciados por uma criança num determinado local em que interaja com outras pessoas (Bronfenbrenner, 1979).

Quando a criança começa a compreender eventos que ainda não vivenciou directamente, passa a ser influenciada pelos mesossistemas que a rodeiam, o segundo nível de influência. Estes, compostos por microssistemas, pressupõem uma interrelação entre dois ou mais espaços físicos em que a pessoa tenha uma participação activa (Bronfenbrenner, 1979), como a escola ou o trabalho, a casa/convívio familiar, e outros.

No nível de influência seguinte, os eventos que ocorrem no lugar que a pessoa ocupa influenciam ou são influenciados por aquilo que acontece em um ou mais lugares em que a pessoa não participa de forma activa (por exemplo, uma actividade que é realizada por um irmão da pessoa), ou seja, pelos exossistemas (Bronfenbrenner, 1979).

Por último, a teoria distingue os macrossistemas, ou seja, características comuns nos sistemas mais pequenos antes referidos presentes numa subcultura ou numa cultura (Bronfenbrenner, 1979). Bronfenbrenner aponta como exemplo disso o facto de todas as creches num determinado país terem características similares, não necessariamente as mesmas encontradas em creches de outro país/cultura.

⁴ Tradução da autora, do original: “Development is defined as the person’s evolving conception of ecological environment and his relations to it, as well as the person’s growing capacity to discover, sustain, or alter its properties” (Bronfenbrenner, 1979, p.9).

Portanto, para a Teoria de Sistemas Ecológicos, a influência do meio envolvente no indivíduo atravessa todos os aspectos da sua existência. Se ele estabelecer residência num país com uma cultura diferente daquela em que foi socializado, por exemplo, a sua identidade também irá assumir mudanças; o mesmo acontecerá se o papel social que o indivíduo ocupa num dos sistemas ecológicos que integra for alterado – ou seja, se se verificar uma transição ecológica (Bronfenbrenner, 1979).

1.2. Comunicação para mudança social e comportamental: o modelo socio-ecológico de mudança

O enquadramento teórico descrito até este momento (combinado com outras teorias e conceitos sobre mudança social e/ou comportamental) fornece os pilares do modelo (ou modelos, pois não existe apenas um) socio-ecológico de mudança que orienta a abordagem de Comunicação para Mudança Social e Comportamental.

Os primeiros modelos socio-ecológicos de mudança surgiram nos anos '30 do século XX, no campo da psicologia, a partir do trabalho de mentes como a de Lewin, Bronfenbrenner ou Bandura. Surgiram do entendimento de que muitos (se não todos) os grandes desafios que as sociedades enfrentam têm origem em comportamentos humanos, por isso, potencialmente, encontrarão nestes a sua solução (Hagger *et al.*, 2020): problemas ligados à saúde pública, incluindo a violência baseada no género (Stewart *et al.*, 2021), à criminalidade, aos recursos naturais, à boa governação, à equidade social, à justiça e à educação; problemas que não se resolvem apenas com a adopção de leis e políticas públicas; que, com frequência, exigem a mudança de normas sociais e comportamentos individuais.

Nas décadas que se seguiram, várias áreas de conhecimento intensificaram esforços para encontrar modelos e estratégias de mudança social e comportamental eficazes, normalmente enquadrados em teorias de mudança como as mencionadas anteriormente e aplicados a intervenções para a mudança (Hagger *et al.*, 2020).

Em linha com o pensamento de Bronfenbrenner (1979) os modelos socio-ecológicos mais usados partilham o facto de entenderem que o comportamento humano é influenciado ao nível micro (individual, familiar, comunitário), *meso* (sociedade civil, institucional) e macro (estrutural: políticas, legislação). Essas influências podem encorajar a mudança, agindo como facilitadoras, ou desencorajá-la, constituindo-se como barreira à mudança. Por

isso, intervenções com o propósito de provocar mudança devem considerar como os diferentes níveis influenciam o comportamento e vice-versa.

Os modelos socio-ecológicos de mudança evidenciam potencial significativo para alcançá-la (Hagger *et al.*, 2020). Os mais recentes partilham ainda o reconhecimento de que “tanto os determinantes de comportamentos como a função e consequências de comportamentos podem diferenciar de cultura para cultura”⁵ (Hagger *et al.*, 2020, p.394), portanto, o contexto e a cultura locais e a influência que exercem sobre os comportamentos dos indivíduos não podem ser ignorados em intervenções para mudança social e comportamental.

Em suma, a Comunicação para Mudança Social e Comportamental consiste numa abordagem de comunicação com o objectivo de mudar normas, atitudes e comportamentos assente em teorias de mudança social e comportamental e em evidências empíricas.

Programas, projectos e campanhas na área são, normalmente, desenvolvidos a partir da análise do conhecimento existente sobre os temas tratados, incluindo as barreiras e

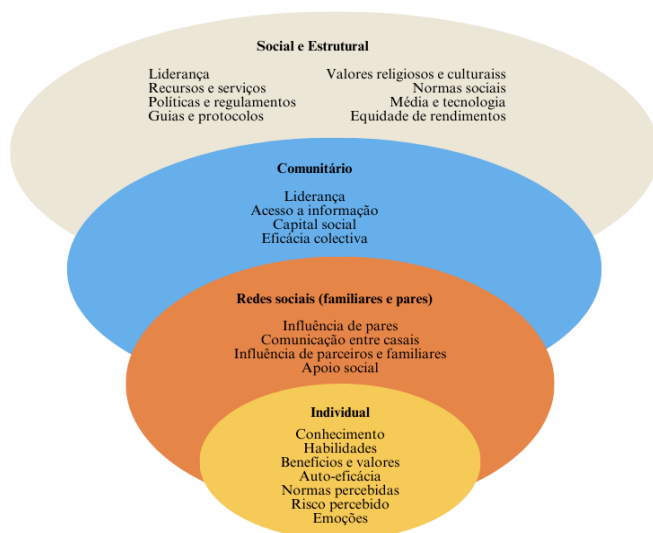


Figura 1 Modelo socio-ecológico de Comunicação para Mudança Social e Comportamental. Adaptado de McKee *et al.*, 2012 (em Kincaid *et al.*, 2020)

facilitadores à mudança nos diferentes níveis de influência identificados nos modelos socio-ecológicos. A informação gerada orienta, então, o desenho de intervenções de comunicação específicas para cada nível (Kincaid *et al.*, 2020). A comunicação de massas foca-se na influência ao nível individual (embora não só), enquanto estratégias como a mobilização

comunitária e a pressão para adopção de políticas públicas e legislação são frequentemente utilizadas para influenciar os níveis acima.

⁵ Tradução da autora, do original: “...as both the determinants of behaviors and the function and implications of behaviors could differ across cultures.” (Hagger *et al.*, p.394).

Nas últimas cinco décadas, em particular, produziu-se um espólio considerável de conhecimento sobre comunicação para mudança, em especial através de pesquisas e intervenções nas áreas de população e saúde pública (Kincaid *et al.*, p.1).

O modelo apresentado na Figura 1 resulta das diversas teorias apresentadas anteriormente e fornece as orientações necessárias para o desenho de intervenções nesta área. Pressupõe que o comportamento individual (primeiro nível) é informado pelos níveis seguintes. Quando entramos no campo das interações do indivíduo com o meio envolvente é importante distinguir entre o meio mais próximo, das relações interpessoais, como a família, vizinhos, amigos, e o contexto comunitário em que está inserido. O último nível, o mais alargado, abrange aspectos como a cultura e a religião, a legislação e políticas públicas, ou a provisão de serviços essenciais (McKee *et al.*, 2002).

O modelo socio-ecológico de Comunicação para Mudança Social e Comportamental aqui apresentado (McKee *et al.*, 2012, em Kincaid *et al.*, 2020) é usado em particular em intervenções na área de saúde pública, embora possa ser aplicado a outras áreas. Reflete a complexidade de interligações entre todos os níveis representados e como se influenciam, revelando o peso que os níveis mais elevados têm sobre os demais:

(...) um estudo com raparigas adolescentes da África do Sul revelou que as preocupações com a saúde sexual não influenciavam tanto a decisão de adiarem ou de se absterem de sexo e de se desviarem das normas sociais prevalecentes quanto a preocupação com que se tornassem “alvo de ressentimento por parte dos seus pares sexualmente activos” e receios de isolamento e exclusão social.⁶ (Kincaid *et al.*, 2020, p.2)

Como já referido, intervenções de comunicação para mudança operam em mais do que um nível, usando diferentes estratégias. O presente estudo foca-se em campanhas de comunicação de massas para mudança social e comportamental, particularmente usadas para influenciar os primeiros níveis do modelo socio-ecológico e provocar pressão nos seguintes (Nary & Chikombero, 2020) como parte de intervenções mais complexas. Nessas

⁶ Tradução da autora, do original: “(..) a study of adolescent girls in South Africa revealed that concerns about sexual health did not influence the decision to delay or abstain from sex and deviate from prevailing social norms as much as their concerns about becoming “targets of resentment by their sexually active peers” and fears of social isolation and exclusion.” (Kincaid *et al.*, 2020, p.2).

campanhas, é dada preferência à combinação de educação e entretenimento, que ganhou popularidade nas últimas décadas do século XX e que pode ser definida como uma:

Estratégia de comunicação, baseada em teoria, para integrar propositadamente questões educativas e sociais nos processos de criação, produção, processamento e disseminação de um programa de entretenimento para alcançar mudanças desejadas ao nível individual, comunitário, institucional e societário entre as populações-alvo utilizadoras de *media*.⁷ (Wang & Singhal, 2009, como citados em Frank & Falzone, 2021, p.4)

Educação-entretenimento é usada numa grande variedade de formatos, desde programas televisivos e radiofónicos, a fotonovelas e outros formatos impressos, teatro comunitário, conteúdos on-line ou música. O seu impacto pode ser transformador: “é uma ferramenta comprovada para atrair audiências grandes e fazê-las adoptar comportamentos saudáveis. É mais eficaz quando usada para modelar comportamentos positivos e mostrar consequências positivas do que para dizer à audiência o que fazer”⁸ (Frank & Falzone, 2021, p.35).

Na Austrália, por exemplo, homens com mais de 18 anos expostos a um documentário sobre masculinidade e saúde mental (com foco em suicídio) não só adoptaram atitudes mais favoráveis a procurar ajuda caso sentissem necessidade, como mudaram as suas atitudes sobre o significado de ser homem ao passarem a aceitar a procura por ajuda como um (novo) atributo de masculinidade (King *et al.*, 2018).

Décadas antes, nos anos '70 do século XX, o mexicano Miguel Sabido concebeu um modelo pioneiro, baseado em teorias de mudança abordadas neste capítulo, para desenvolver telenovelas para mudar comportamentos de saúde, em concreto, promover o uso de métodos de planeamento familiar (Frank & Falzone, 2021).

Segundo dados do Governo mexicano, após a primeira delas, a novela “Acompáñame”, a procura por informação sobre esses métodos subiu de uma pessoa para

⁷ Tradução da autora, do original: “...theory-based communication strategy to purposefully embedding educational and social issues in the creation, production, processing, and dissemination process of an entertainment program in order to achieve desired individual, community, institutional, and societal changes among the intended media user populations.” (Wang & Singhal, 2009, como citados em Frank & Falzone, 2021, p.4).

⁸ Tradução da autora, do original: “Entertainment-education is a proven tool to capture large audiences and move them to adopt healthful behaviors. It is most effective when it is used to role model positive behaviors and show positive consequences, rather than telling the audience what to do.” (Frank & Falzone, 2021, p.35).

500 por mês e a venda de preservativos aumentou 23 por cento no espaço de um ano” (Sabido, 1982, como citado em Frank & Falzone, 2021, p.25). Décadas mais tarde, em 2020, uma campanha implementada na Etiópia com propósitos semelhantes, embora usando uma variedade de formatos e *media*, contribuiu para o triplicar do número de mulheres casadas que reportaram usar um método de planeamento familiar e para o quadruplicar do número de homens expostos à campanha que fizeram o teste de HIV (Frank & Falzone, 2021).

A prevalência de educação-entretenimento em campanhas de Comunicação para Mudança Social e Comportamental apoia-se, também, em teorias de comunicação sobre persuasão narrativa que explicam “como as propriedades inatas a *storytelling* são aquilo que provoca mudança no conhecimento, atitudes e crenças de uma pessoa em resultado da exposição a programas de [entretenimento-educação]” (Frank & Falzone, p.179).

Nesse sentido, o uso de histórias com personagens, mundos e arcos narrativos credíveis concebidos considerando cada audiência, o seu meio, e com que esta se identifique é um dos pressupostos de campanhas de comunicação para mudança usando educação-entretenimento. Este difere da abordagem clássica assente em informar sobre factos e prescrever comportamentos e tem potencial para alcançar maior impacto uma vez que combina abordagens racionais e emocionais (Bouman *et al.*, 2017).

São os personagens e as narrativas - os eventos que os personagens vivenciam, em especial os protagonistas, que carregam as mensagens educativas, de forma indirecta - que levam a audiência a identificar-se, a emocionar-se e sentir empatia e a reflectir sobre o que sucede (Igartua & Casanova, 2015). Por isso, o uso de personagens reais ou ficcionados que modelem comportamentos desejados (Bandura, 2001), que levem as audiências a identificarem-se com eles e a sentirem-se próximas deles, é central para a educação-entretenimento (Bouman *et al.*, 2017).

A avaliação de uma intervenção de educação-entretenimento implementada na Colômbia, “Revelados desde todas las posiciones”, mostrou, por exemplo, que a novela com o mesmo nome integrada na intervenção levou a atitudes mais favoráveis em relação à tomada de decisões sobre a vida sexual, à rejeição da violência contra a mulher e a que homens homossexuais falassem abertamente sobre a sua orientação sexual (Llerena & Casanova, 2020). Importa, ainda assim, mencionar que outros estudos sobre a intervenção destacaram que esse sucesso resultou de incluir, além da novela, uma forte componente de mobilização comunitária para gerar diálogo sobre os temas abordados na novela (Llerena &

Casanova, 2020). Ou seja, as mudanças verificadas deveram-se à combinação das diferentes estratégias.

Em países em desenvolvimento, frequentemente caracterizados por baixos níveis de alfabetização, a educação-entretenimento em formatos radiofônicos e audiovisuais tem a mais-valia de poder chegar a mais pessoas, em particular comunidades com longa tradição de contar histórias oralmente, como é o caso de Moçambique (Cambrão, 2019).

Existem inúmeros registos de intervenções de comunicação para mudança usando educação-entretenimento no continente africano, tipicamente implementadas por instituições governamentais ou organizações da sociedade civil.

Por exemplo, MTV Shuga, uma série televisiva sobre a prevenção do Vírus da Imunodeficiência Humana (VIH, ou HIV na sigla inglesa) entre jovens nigerianos influenciou a redução do número de parceiros sexuais. Já os programas de rádio e televisão da campanha OneLove, implementada na África do Sul com o mesmo propósito, pelo Instituto Soul City, levaram ao aumento do uso de preservativo entre rapazes e homens da audiência (Frank & Falzone, 2021).

Quando as intervenções de comunicação para mudança são desenhadas, implementadas e avaliadas tendo a complexidade de determinantes comportamentais e sociais em consideração, estas têm potencial para alcançar a mudança (McKee *et al.*, 2002). Nesse sentido, parece natural que o envolvimento de homens e rapazes em intervenções na área de género, foco deste estudo, surja como essencial para a mudança, e que requeira a criação de conteúdos específicos para eles (Stewart *et al.*, 2021).

Esses conteúdos devem focar em atitudes em relação ao próprio género, ou seja, atitudes sobre os atributos associados a masculinidade, algo que cada vez mais intervenções têm tentado fazer em anos recentes e que alguns autores consideram crucial para evitar “retratos simplistas e homogêneos da masculinidade ideal” (Jewkes *et al.*, 2015, p.12).

Ao conceber narrativas, mundos e personagens com os quais as audiências se identifiquem (e, assim, dêem início ao processo que se deseja que culmine em mudança), importa que não se reforce, precisamente, aquilo que se procura mudar - como salienta o paradigma de masculinidade positiva, abordado no Capítulo 2: “Estereótipos de género rígidos podem ter consequências prejudiciais e restritivas para toda a gente, e é crucial que

as intervenções que os abordem os desmantelem e evitem apoiar esses estereótipos; não apenas entre sexos, mas dentro destes também”⁹ (Stewart *et al.*, 2021, p.23).

1.3. Representação e enquadramento

*“Toleramos o inexplicado, mas não o inexplicável.”*¹⁰

Erving Goffman (1986, p.30)

Apresentado o substrato teórico em que assenta a abordagem de Comunicação para Mudança Social e Comportamental, parece-me fazer sentido estabelecer a ligação entre este e os *media*, através dos quais são divulgadas as campanhas de comunicação de massas com o propósito de influenciar comportamentos e normas sociais. Assim, nesta secção irei abordar a Teoria das Representações Sociais (Moscovici, 1988) e a Teoria de Enquadramento (Goffman, 1974/1986), ambas centrais para o entendimento da influência – positiva ou negativa – que as representações de masculinidades têm sobre a desejada mudança de comportamentos e normas.

Representação é aqui entendida como o processo através do qual se constroem significados que são partilhados entre membros de uma mesma cultura através da linguagem, isto é, “sinais e símbolos – quer sejam sons, palavras escritas, imagens produzidas eletronicamente, notas musicais, até objectos – para representarem os nossos conceitos, ideias e sentimentos perante outras pessoas” (Hall, 1997, p.I).

Para Stuart Hall, as representações são uma necessidade da comunicação que precisa de ser satisfeita. Estas distinguem-se enquanto linguagem ou símbolos que comunicam significados, linguagem e símbolos que carregam em si as intenções da pessoa que os usa, e significados que são reconstruídos na linguagem e através dela, isto é, a partir de sistemas de representação usados pelos membros de uma cultura para compreender e comunicar esse universo (Hall, 1997).

⁹ Tradução da autora, do original: “Rigid gendered stereotypes and norms can cause harmful and restrictive outcomes for everyone, and it is crucial that interventions aimed at addressing them dismantle and avoid supporting these stereotypes; not just between the sexes, but amongst them also” (Stewart *et al.*, 2021, p.23).

¹⁰ Tradução da autora, do original: “We tolerate the unexplained, but not the unexplainable” (Goffman, 1986, p.30).

Michel Foucault (1980) acrescenta a produção de conhecimento à construção de significados, destacando a necessidade de compreender a origem destes, algo que não pode ser separado da produção de conhecimento - o mundo real só ganha significado nas representações mentais que temos do mundo, sejam físicas (uma caneta) ou imaginadas (a inspiração). O conceito permite-nos saber o que algo significa, mas só a linguagem nos permite comunicar o significado a outras pessoas (Foucault, 1980).

A Teoria das Representações Sociais, cunhada pelo psicólogo social Serge Moscovici, adota uma abordagem construtivista, com o propósito de determinar a correlação entre a mente humana e tendências sociais e culturais (Moscovici, 1988) através da análise da comunicação e do pensamento, salientando que as representações tanto podem estar alojadas nas mentes dos indivíduos como podem existir no mundo físico.

Para o autor, a maior parte do conhecimento que adquirimos provém da comunicação, por sua vez baseada em conhecimento científico; só uma pequeníssima parcela tem origem em interações entre nós e aquilo com que nos deparamos no mundo. Isso influencia o nosso pensamento e comportamento, e também o conteúdo que os meios de comunicação partilham com as audiências e a forma como o fazem.

Moscovici argumenta que durante o processo de reprodução da informação científica para as audiências ocorre uma simplificação acentuada do conhecimento em representações, em conceitos simples que permitam às audiências entender o mundo e que integrem o seu quotidiano, o seu senso-comum (Moscovici, 1988).

Quanto mais uma nova representação é disseminada, mais é aceite como algo que existe por si só. Moscovici (1988) coloca mesmo a hipótese de todas as representações nascerem da necessidade de normalizarmos o que nos é estranho, de o tornarmos familiar no contexto cultural em que nos inserimos – no limite, conceitos e imagens tornam-se tão comuns que se transformam em clichês e que significados contraditórios coexistem sem se anularem.

Novas representações surgem a todo o momento pois precisamos de compreender os factos que ocorrem no quotidiano; não é necessário que emanem de uma sociedade ou grupo para serem aceites por eles – trata-se de representações hegemónicas (Moscovici, 1988). A linguagem só consegue transmitir significados que os membros de uma cultura entendem de forma semelhante porque esta funciona como um sistema de representação (Hall, 1997).

Existem igualmente representações emancipadas, que surgem num grupo social e depois extravasam para o resto da sociedade - Moscovici refere as doenças mentais como exemplo de representações deste tipo (Moscovici, 1988). Algumas representações, ainda, nascem de conflito social e não granjeiam a concordância de toda a sociedade – são representações polémicas (Moscovici, 1988).

Contudo, a tipologia descrita não é estática; as representações alternam entre tipos à medida que se formam e, também, conforme são entendidas e comunicadas por cada pessoa. Ao criarmos ou comunicarmos uma representação assumimos, inevitavelmente, um posicionamento (ou atitude)¹¹ favorável ou desfavorável em relação a esta, alterando ou criando uma realidade. Desse modo, as representações sociais constroem a realidade, não são espelhos desta (Moscovici, 1988).

Neste ponto, parece-me importante introduzir o conceito de enquadramento, ou *frame*, entendido como “princípios organizadores que são partilhados socialmente e persistem ao longo do tempo, que trabalham simbolicamente para estruturar o mundo social de forma significativa”¹² (Reese, 2001, p.11, como citado em Reese, 2007, p.150). Ou seja, são conceitos e relações entre conceitos que geram significados e padrões.

Erving Goffman (1974/1986) explica que *frames* são quadros de sentido que mediam o modo como experienciamos a realidade. Ao entrarmos numa situação, começamos por fazer uma avaliação da mesma, questionando-nos sobre o que está a acontecer e procurando pistas que indiquem qual (ou quais) o(s) enquadramento(s) mais adequado(s). Embora possamos usar vários *frames* para atribuir sentido a um evento – e até sobrepor *frames* -, normalmente existe um que é hegemónico (Goffman, 1974/1986).

Goffman distingue entre enquadramentos primários naturais e primários sociais. Os primeiros caracterizam eventos físicos, provocados por causas naturais, e os segundos eventos provocados por pessoas. Quando analisados em conjunto, os enquadramentos primários de um grupo social formam o seu sistema de crenças, que lhe permite compreender o mundo, algo que é essencial para os indivíduos e a comunicação.

¹¹ No texto publicado em 1988, Moscovici recorre a outros autores (Fraser, 1986; McGuire, 1986) para definir atitudes com base em três critérios principais: serem partilhadas por uma sociedade, serem caracterizadas por conteúdo e formarem sistemas – atributos que reconhece às representações sociais, salientando que uma não existe sem a outra (Moscovici, 1988). As atitudes, enquanto preditivas da adoção (ou não) de comportamentos são um elemento-chave para a Comunicação para Mudança Social e Comportamental.

¹² Tradução da autora do original “Frames are organizing principles that are socially shared and persistent over time, that work symbolically to meaningfully structure the social world.”¹² (Reese, 2001, p.11, como citado em Reese, 2007, p.150).

Ao avaliarmos uma situação e assumirmos o papel que pensamos ser adequado nesse enquadramento específico, não perdemos a nossa essência - o nosso *self*, resultado da nossa história de vida (Goffman, 1974/1986) -, independentemente de quaisquer papéis que estejamos a representar. Deste modo, Goffman aproxima-se ao que Mendonça e Simões (2012, p.189) apelidam de “microsociologia sistemática”.

Os enquadramentos primários constroem-se e alteram-se a nível social e contextual (Goffman, 1974/1986). Para entender as alterações por que passam, Goffman recorre ao conceito de *key* (chave), ou “regras e convenções a partir das quais uma actividade é transformada em outra, partindo de um quadro primário e atualizando-o” (Mendonça & Simões, 2012, p.190), e ao conceito de *footing*, que concerne ao posicionamento dos indivíduos numa situação e pode dar pistas sobre o papel que ocupam na sociedade ou a sua personalidade (Mendonça & Simões, 2012). Assim, os enquadramentos organizam as experiências e os *footings* definem o posicionamento dos envolvidos nestas experiências.

Aplicados aos *media*, os quadros de sentido ditam o que é ou não comunicado, e como. Determinam, desse modo, como as audiências interpretam o conteúdo que recebem. Reese (2007) exemplifica com a escolha, por jornalistas, do conceito de pró-escolha ou pró-vida ao comunicar sobre a interrupção voluntária da gravidez, e alerta para o facto de esta decisão acarretar uma consciência clara do que cada conceito significa para a audiência e quais as implicações de o usar.

Por esse motivo, alguns autores sugerem que os enquadramentos sejam utilizados para compreender os efeitos dos *media*, distinguindo entre enquadramento dos *media* - a essência do tema tratado, que confere significado a uma sequência de eventos - e enquadramento individual - ideias presentes na mente dos indivíduos e que orientam a forma como interpretam a informação que recebem (Scheufele, 1999). Nesta abordagem da análise dos enquadramentos, pressupõe-se que estes são usados estrategicamente para alcançar efeitos pré-determinados (Mendonça & Simões, 2012).

Uma outra linha de pensamento critica a abordagem focada nos efeitos, por considerar que está desalinhada com algumas das premissas do conceito de enquadramento. Embora reconheçam vantagens na análise de efeitos, no artigo “Enquadramento – Diferentes operacionalizações analíticas de um conceito”, Ricardo Mendonça e Paula Simões (2012) argumentam pela riqueza de resultados proporcionada pela análise de enquadramentos

conjugando as duas outras abordagens mais comuns: a análise da situação interactiva e a análise de conteúdo discursivo.

Os autores salientam que todas as vertentes oferecem vantagens e riscos, porém, a combinação das duas referidas acima permite perceber a situação e o seu contexto pragmático e, ao mesmo tempo, como “o próprio conteúdo discursivo cria um contexto de sentido, convocando os interlocutores a seguir uma certa trilha interpretativa” (Mendonça & Simões, 2012, p.178).

Interessado nas representações de homens e mulheres em anúncios publicitários dos anos '70 do século XX, Goffman (1976) concluiu que a publicidade privilegiava cenas sociais (ou rituais) caracterizadas pela subordinação e infantilização da mulher.

Goffman definiu seis dimensões através das quais essa infantilização acontecia: (1) as mulheres eram normalmente mais pequenas do que os homens; (2) elas tinham um toque mais delicado do que eles; (3) de modo geral, os homens eram representados como executores e as mulheres em papéis complementares; (4) tendência para mostrar laços familiares pela dicotomia mãe-filha/pai-filho; (5) as mulheres apareciam, normalmente, em posições inferiores (eles de pé, elas sentadas, por exemplo). Goffman notou ainda a tendência para homens aparecerem como protectores; (6) sob essa protecção, as mulheres podiam sair de cena, por exemplo, desviando o olhar ou escondendo-se detrás de objectos.

Anos mais tarde, numa análise de construções de identidade de género nos *media*, Sean Nixon (1997) questionou se as práticas de representação masculina estariam a convidar os homens a aderirem a novas versões de masculinidade, salientando que existem múltiplas versões desta, conforme o contexto histórico em que existem.

Em relação à linguagem, Nixon enfatizou que esta não é inocente, e que a masculinidade representada nos *media* não reflecte uma masculinidade existente fora dessa representação. Pelo contrário, a linguagem tem um papel activo na construção do significado que atribuímos à masculinidade (Nixon, 1997).

Assim, e apoiando-se na relação entre discurso e poder e na medida em que o discurso constrói os sujeitos (Foucault, 1980), Nixon (1997) argumenta que a análise do “novo homem” (aspas do original) deve estar alerta à forma como este aparece representado nos *media*, às convenções usadas para representar masculinidade e às instituições que produzem conhecimento sobre essas representações. Para o autor, as imagens de homens reproduzidas

em revistas e outros *media* fixam a fronteira “entre o que é normal e aceitável, e o anormal e inaceitável”¹³ (Nixon, 1997, p.302).

A observação das formas de representação de masculinidades e feminilidades mais recorrentes nos meios de comunicação de massas permite compreender as crenças dos indivíduos num determinado lugar e tempo sobre os comportamentos de gênero adotados pela maioria (Lapinski & Rimal, 2005). Mas, essas representações podem igualmente influenciar a forma como os indivíduos percebem e constroem essas masculinidades e feminilidades.

Acontece que, com frequência, as representações de masculinidades nos *media* espelham estereótipos de gênero que “apoiam e reificam construções hegemônicas de masculinidade que ressaltam a importância do poder, da agressão, de correr riscos, da promiscuidade e da homossexualidade” (Giaccardi *et al.*, 2016, p.152).

O perigo disso é que a exposição consistente a masculinidades hegemônicas nos *media* contribua para a percepção de ser esse o ideal esperado dos homens, encorajando a manutenção ou adoção de comportamentos típicos de masculinidades hegemônicas (Garboggini, 2005; Giaccardi *et al.*, 2016), um conceito aprofundado no Capítulo 2.

Alguns estudos demonstraram, por exemplo, que a exposição consistente a esses tipos de masculinidades nos *media* levou os homens a expressarem menos as suas emoções e a exibirem comportamentos hipermasculinizados (Giaccardi *et al.*, 2016). Do mesmo modo, “as imagens de mulheres subservientes e objetivadas continuam a ter sérias implicações para as mulheres e para a igualdade de gênero” (Januário, 2016, p.362).

A última década, em particular, tem assistido a mudanças significativas no que concerne à representação de homens nos *media*, e um exemplo disso é o surgimento da tendência para *menvertising*, ou publicidade que recusa estereótipos de ideais e papéis de gênero associados a masculinidade (Pando-Canteli & Rodriguez, 2021).

Num estudo sobre essa tendência, Pando-Canteli e Rodriguez (2021) concluíram que a exibição de masculinidades alternativas – por exemplo, o homem que é pai presente e cuidador ou que mostra vulnerabilidade - tem um efeito positivo nas marcas anunciantes, ou seja, as audiências aprovam a abordagem.

¹³ Tradução da autora, do original: “It divides the normal and the acceptable from the abnormal and the unacceptable.” (Nixon, 1997, p.302)

Assim, as autoras juntam-se a outros académicos que teorizam que representações positivas nos *media* podem contribuir para a construção de novas formas de ser homem e para a democratização das relações de género, corroborando resultados de outros estudos sobre a influência dos *media* em construções de masculinidade (Garboggini, 2005; Giaccardi *et al.*, 2016; Pando-Canteli e Rodriguez, 2021).

Face ao exposto até este momento e aos objectivos deste estudo, acredito que analisar representações de masculinidades em campanhas de Comunicação para Mudança Social e Comportamental implementadas em Moçambique e as construções de masculinidades dos homens moçambicanos contribuirá para a reflexão crítica sobre o assunto e para encorajar a busca por estratégias de comunicação que promovam ideais, representações e práticas discursivas positivas para a sociedade.

Capítulo 2. SER HOMEM: GÉNERO E NORMAS SOCIAIS

O conceito de género e as primeiras concepções sobre normas de género nasceram de teorias feministas da última metade do século XX, para abordar as “origens exclusivamente sociais das identidades subjectivas de homens e mulheres” (Scott, 1988, p.75).

O feminismo opôs-se ao binómio homem-mulher que vigorava até então, segundo o qual as diferenças entre ambos e a posição de dominação social dos homens eram predeterminadas por diferenças biológicas (Januário, 2016). Isso significava que os comportamentos dos homens e das mulheres eram definidos por atributos físicos. Às mulheres cabia cuidar do lar e dos filhos, enquanto “o homem possuía o espaço público e detinha o controlo da família” (Januário, 2016, p.87). Portanto, com base nas respectivas características biológicas, o homem e a mulher teriam papéis sociais, neste caso, de género, claramente definidos.

O conceito de papéis sociais é aqui entendido como acções e relações que se esperam dos indivíduos em virtude da posição que ocupam na sociedade (Bronfenbrenner, 1979), consoante o sexo, idade, religião, etnia, ocupação, *status* social, e outras características. Para cada posição existem expectativas sociais. Quando estas se baseiam no sexo biológico, referem-se a normas de género, ou “normas sociais que definem as acções consideradas apropriadas para mulheres e homens num determinado grupo ou sociedade. Estão integradas em instituições formais e informais, acomodadas na mente, e produzidas e reproduzidas através da interacção social” (Beniamino & Heise, 2020, p.9).

Ao organizarem a vida em sociedade e fornecerem referências de como os indivíduos devem agir (Lapinski & Rimal, 2005), as normas de género definem o sistema de género que vigora numa sociedade. As normas podem existir ao nível colectivo ou individual, enquanto normas percebidas, isto é, a percepção e as crenças dos indivíduos sobre que comportamentos devem adoptar e sobre os comportamentos adoptados pela maioria das outras pessoas (Lapinski & Rimal, 2005).

Quando os indivíduos cumprem esse código de conduta informal em que consistem as normas sociais de género são recompensados com o sentimento de integração na sociedade, de pertença (Lapinski & Rimal; Lewin, 1951). Mas, quando adoptam comportamentos ou atributos fora dos papéis de género estabelecidos, são penalizados, algo que, normalmente, tentam evitar a grande custo (Bandura, 2001; Bourdieu, 1998/2012; Butler, 1993): os

homens podem ser isolados pelas famílias enquanto as mulheres podem ser marcadas como não adequadas para o matrimónio (CARE, 2020), a título de exemplo.

Nos anos '40 do século XX, a feminista Simone Beauvoir celebrou a afirmação “não se nasce mulher, torna-se mulher”, ao implicar que nascer com características biológicas femininas não significava automaticamente ser mulher. Portanto, ser mulher – e, em consequência, ser homem – era uma construção, uma “normatividade inventada por padrões forjados num sistema de dominação masculina, um processo de ‘engenharia’ social, cultural e política” (Januário, 2016, p.32).

Essa construção é colocada em prática através da repetição de actos e discursos que, combinados, constituem a performance de género (Butler, 1993). Ao introduzir o conceito de performance, Judith Butler não se referia à mera representação por homens e mulheres dos seus respectivos papéis de género, mas a algo que ganha significado através da repetição de actos e discursos (Butler, 1993). Quando um bebé nasce e o médico ou os pais dizem ‘é menino’ / ‘é menina’ ou, para usar uma tendência actual, quando as famílias preparam a revelação do género de um bebé ainda a caminho e escolhem a cor azul para rapaz e rosa para rapariga, esses discursos e actos materializam o género da criança.

Criticando teorias de género que distinguem sexo (biológico) e género (social), Butler defendeu que essa separação não era lógica uma vez que ainda antes de nascermos já existem normas de género que indicam quem somos, em virtude das características anatómicas com que nascemos (Butler, 1993). Opôs-se também ao pensamento de que a masculinidade pertence ao corpo masculino e a feminilidade ao corpo feminino e que ambos, naturalmente, desejam o sexo oposto (Butler, 1993; Januário, 2016).

Face ao exposto, através da repetição de actos e discursos, a socialização que inicia desde a tenra infância é internalizada e reproduzida durante gerações, graças ao reforço permanente imposto pela sociedade, por instituições de educação ou os *media* (Pearse & Connell, 2016).

O homem aprende a aplicar a dominação, e a mulher incorpora-a (Bourdieu, 1998/2012). Para Bourdieu, a condição de dominador/dominada era determinada desde a nascença e continuava ao longo da vida através dos elementos de identidade de género vigentes em cada sociedade. Logo, para manter o sistema de dominação masculina, era necessário que os homens se comportassem a todo o momento de modo a merecer o lugar

de dominador, incorporando os papéis e atributos esperados de si pela sociedade (Bourdieu, 1998/2012).

O conceito de identidade pode ser definido como o “conjunto de características próprias e exclusivas de cada ser humano, imbricado nas suas actividades enquanto indivíduo, na sua história de vida, no mundo que o rodeia, incluindo características da sua personalidade” (Januário, 2016, p.35). A identidade de género abarca o género, os desejos e o papel social de género (Januário, 2016, p.43), além de outras variáveis, fluidas e mutáveis no espaço e no tempo (Butler, 1993), que influenciam como os homens e mulheres se vêem a si mesmos e às suas relações interpessoais (Jewkes *et al.*, 2015).

Na segunda metade do século XX, os estudos de género – evolução dos estudos de mulheres (Connell, 2009) – passaram a debruçar-se também sobre questões ligadas ao lesbianismo, homossexualidade e transgénero (Connell, 2009), impulsionando o pensamento que deu origem à teoria *queer*, que “criticava os constrangimentos culturais, resumidos na palavra ‘heteronormatividade’, que empurravam as pessoas para identidades fixas dentro de binários de género” (Connell, 2009, p.43). Isso possibilitou a desconstrução do binómio masculino-feminino e “formulações analíticas que permitissem outras abordagens sobre género, sob novos paradigmas, remarcando as potencialidades mais plurais para além do binário (...), apresentando novas possibilidades e trânsitos entre essas categorias” (Januário, 2016, p.32).

Na década de '80 do século passado, os estudos de género reorientaram o olhar sobre a masculinidade para passarem a usar uma lente semelhante à até então utilizada para analisar a feminilidade, levantando questões que eram, por tradição, colocadas apenas sobre esta (Januário, 2016): o que significa ser homem? É algo aprendido ou natural?

Numa das primeiras teorias de identidade de género masculino reconhecidas, a psicanalista Nancy Chodorow (1978) propôs que a divisão de tarefas domésticas entre filhos e filhas, pelas mães, influenciava grandemente a identidade de género das crianças, estimulando capacidades, e até desejos, diferentes nelas, conforme fossem raparigas ou rapazes (Chodorow, 1978, como citada em Januário, 2016).

Um elemento relevante para os estudos de género (e para os objectivos deste estudo) introduzido nas reflexões sobre masculinidade foi a pressão que as normas sociais colocam sobre os homens para que a sua performance de género (Butler, 1993) seja aceite socialmente e possam usufruir dos seus privilégios por serem homens.

O resultado é uma “experiência contraditória do poder masculino” (Kaufman, 1987 como citado em Januário, 2016, p.99), que os leva a anularem qualquer atributo ou comportamento que não seja associado a masculinidade, incluindo as suas dores e sentimentos, gerando insegurança e promovendo comportamentos violentos – “uma tensão entre o ser ‘macho’ e ser ‘masculino’” (Januário, 2016, p.99).

Bourdieu alertou, também, para os efeitos negativos da dominação masculina e da perpetuação das normas de género vigentes para homens e mulheres (Bourdieu, 1998/2012):

Se as mulheres submetidas a um trabalho de socialização que tende a diminuí-las, a negá-las, fazem a aprendizagem das virtudes negativas da abnegação, da resignação e do silêncio, os homens também estão prisioneiros e, sem se aperceberem, vítimas da representação dominante. Tal como disposições à submissão, as que levam a reivindicar e a exercer a dominação não estão inscritas em uma natureza e têm que ser construídas ao longo de todo um trabalho de socialização, isto é (...), de diferenciação ativa em relação ao sexo oposto (p.63).

A feminilidade e a masculinidade são, assim, conceitos relacionais, no sentido em que se influenciam mutuamente (Connell & Messerschmidt, 2005) e que um existe na medida em que se diferencia do outro (Bourdieu, 1998/2012).

2.1. Masculinidade(s): evolução conceptual

Tradicionalmente, masculinidade e feminilidade têm sido vistos como polos binários opostos. O que me entusiasmou descobrir só por mim, e o que me entusiasma ver acontecer no contexto cultural mais alargado, é a redefinição de masculinidade e feminilidade como coisas abrangentes – que a masculinidade pode ser dura ou suave, forte ou vulnerável, e que essas coisas não se opõem.¹⁴

Asia Dillon, actore¹⁵ que se identifica com o género não-binário (Caplan-Bricker, 2019)

¹⁴ Tradução da autora, do original: “Traditionally, masculinity and femininity have been seen as binary polar opposites. What I was excited to discover for myself, and what I’m excited to see happening in the larger cultural context, is a redefinition of masculinity and femininity as things that are all-encompassing—that masculinity can be hard or soft, strong or vulnerable, and that those things aren’t opposites of each other,” (Caplan-Bricker, 2019).

¹⁵ Redacção segundo o sistema de “Linguagem Neutra em Género” recomendado pela Rede ex aequo - Associação de jovens lésbicas, gays, bissexuais, trans, intersexo e apoiantes (<https://rea.pt>).

O despertar para a origem social da masculinidade e para a possibilidade de mudança dos atributos associados a esta iniciou nos anos '70 do século XX, com a proliferação de publicações sobre o tema. Mas, foi na década seguinte que surgiu o conceito de masculinidades hegemónicas, que pressupunha desde logo a existência de não uma, mas múltiplas masculinidades (Connell & Messerschmidt, 2005).

A teórica feminista Raewyn Connell alerta no seu blog que falar em masculinidades equivale a falar em relações de género, e não necessariamente em homens, uma vez que o conceito de masculinidades diz respeito “à *posição* dos homens numa ordem de género”¹⁶ (itálico do original) (Connell, 2022).

No lugar do conceito de dominação masculina de Bourdieu (1998/2012), Connell e Messerschmidt sugerem o conceito de masculinidades hegemónicas, que definem como um “padrão de práticas (i.e., actos e comportamentos, não apenas um conjunto de expectativas em relação ao papel, ou uma identidade) que permitia a continuação da dominação dos homens sobre as mulheres”¹⁷ (Connell & Messerschmidt, 2005, p.832).

Decorrida uma década, o conceito era aplicado a uma diversidade de estudos de diferentes campos de conhecimento, da psicologia, à criminalidade e às representações de masculinidades nos *media*, que confirmavam a existência de múltiplas masculinidades e, também, a natureza mutável destas (Connell & Messerschmidt, 2005).

O reconhecimento da existência de uma hierarquização da hegemonia masculina e dos efeitos desta nos homens foi determinante para a evolução do conceito nas ciências sociais, ao revelar a existência de uma hegemonia externa, a dominação institucionalizada dos homens sobre as mulheres, e outra interna, de um grupo de homens dominante sobre outros, subordinados, marginalizados ou cúmplices (Connell, 2009; Demetriou, 2001). Nixon acrescenta uma quarta categoria, masculinidades oposicionistas, justificando que as relações de género sempre incluíram resistência de grupos de homens a normas sociais vigentes (Nixon, 1997).

¹⁶ Tradução da autora, do original: “...they concern the *position* of men in a gender order.” (itálico do original) (Connell, 2022).

¹⁷ Tradução da autora, do original: “Hegemonic masculinity was understood as the pattern of practice (i.e., things done, not just a set of role expectations or an identity) that allowed men’s dominance over women to continue.” (Connell & Messerschmidt, 2005, p.832).

Mais ainda, com frequência, aquela que é considerada a masculinidade dominante apropria-se de elementos ou características de masculinidades não dominantes que considera úteis. O reconhecimento de masculinidades *gay* abriu espaço, por exemplo, para que homens heterossexuais adoptassem novas características, o que demonstra que a masculinidade dominante tem a capacidade de se adaptar aos contextos históricos em que se enquadra (Demetriou, 2001).

Em suma, o conceito de masculinidades hegemónicas pressupõe a existência de múltiplas masculinidades e que estas se adaptam ao contexto em que existem, que existem masculinidades hegemónicas e não-hegemónicas, e que as masculinidades estão sujeitas a mudar, em especial quando pressionadas para tal (Connell & Messerschmidt, 2005).

Uma vez que o contexto em que as masculinidades são construídas muda, essas “mudanças requerem novas estratégias em relações de género (p.e. casamento companheiro) e resultam em redefinições da masculinidade admirada socialmente (p.e. parceiro doméstico ao invés de patriarca Vitoriano)” (Connell & Messerschmidt, 2005, p.263).

Além de as masculinidades mudarem no espaço e no tempo, elas podem mudar num mesmo indivíduo, que pode assumir diferentes atributos ao relacionar-se com diferentes grupos, por exemplo, comportar-se de forma paradoxal com a companheira romântica em privado e em público, ou proferir insultos quando está com amigos e colegas, mas não quando está entre familiares (Cislaghi & Heise, 2020).

Ilustrando o carácter contextual das normas de género e construções de masculinidades, um estudo realizado na Nova Guiné encontrou atributos de masculinidades muito diferentes dos registados, normalmente, no mundo ocidental, como a passividade, a emotividade e cuidar das crianças (Januário, 2016), corroborando o argumento do sul-africano Kopano Ratele (2013) de que nem todas as masculinidades consideradas tradicionais num determinado contexto assentam na dominação.

Em Moçambique, e no diálogo sobre este, o que é tradicional (a cultura local, transmitida de geração em geração) surge com frequência em oposição ao que é contemporâneo e influenciado por uma visão ocidental dos direitos humanos e das relações de género (Aboim, 2008). Essa dicotomia irá surgir repetidamente na componente empírica deste estudo através do discurso dos entrevistados, não para identificar o primeiro como negativo e o segundo como positivo, mas para distinguir como se faziam as coisas antes e como estas devem ser feitas agora.

No norte de Moçambique, uma das comunidades mais conservadoras na região mudou alguns costumes e, actualmente, os homens realizam tarefas domésticas antes atribuídas apenas às mulheres (CARE, 2020). Embora a organização CARE não aponte razões para as mudanças verificadas, a revisão bibliográfica sobre o tema elaborada para o presente estudo indica que estas podem ser uma consequência do processo de hibridização de normas sociais consideradas tradicionais e contemporâneas (Aboim, 2008).

Nas últimas duas décadas surgiu na literatura académica o conceito de masculinidades positivas (Connell & Messerschmidt, 2005; McDermott *et al.*, 2018; United States Agency for International Development - USAID, 2019) para propor atributos de masculinidades considerados mais alinhados com a evolução dos estudos de género e avanços globais no sentido da equidade de género – uma tendência que também se reflecte nos *media*, e na Comunicação para a Mudança Social e Comportamental. Outra expressão encontrada na literatura sobre o tema é a de novas masculinidades (Pando-Canteli & Rodriguez, 2021). Neste estudo irei usar o conceito masculinidades positivas, uma vez que, recorrendo às palavras do músico Pharrell Williams sobre a expressão ‘nova masculinidade’ em entrevista para a revista GQ: “Não tenho a certeza de que a masculinidade seja tão nova quanto é o diálogo sobre ela”¹⁸ (Welch, 2019).

O conceito de masculinidades positivas ainda não possui uma definição consensual (McDermott *et al.*, 2018), mas cada vez mais pesquisadores e estudos sugerem a adopção do paradigma de masculinidade positiva ao analisar masculinidades. Do campo da psicologia, esse paradigma parte do pressuposto de que as percepções e expectativas que os homens têm sobre quais devem ser os seus sentimentos, pensamentos e comportamentos são influenciadas por normas (de género) masculinas positivas (McDermott *et al.*, 2018).

Como demonstra um estudo recente: “(...) alguns aspectos de masculinidade positiva podem reflectir normas sobre o papel do homem (i.e., expectativas em relação ao homem) que estão imbuídas em aspectos tradicionais de masculinidade mas representam expressões mais moderadas dessas qualidades”¹⁹ (McDermott *et al.*, 2018, p.9), tais como o estoicismo, a ambição e a competição, a autoridade, o uso de força física ou a motivação para o sucesso,

¹⁸ Tradução da autora, do original: “I don't necessarily know that the masculinity is new as much as the *conversation* is new” (Welch, 2019).

¹⁹ Tradução da autora, do original: “...some aspects of positive masculinity may reflect positive male role norms (i.e., expectations of men) that are embedded in traditional aspects of masculinity but represent more moderate expressions of those gendered qualities.” (McDermott *et al.*, 2018, p.9).

tipicamente associados a masculinidades hegemónicas (Connell & Messerschmidt, 2005; McDermott *et al.*, 2018). O autor Michael Kaufman (1993/2002) reflecte sobre a sua própria experiência:

Desde criança que nunca me senti totalmente satisfeito com as imagens de masculinidade a que tanto procurava corresponder. Parecia estúpido não chorar quando estava triste ou magoado (...). O modelo único simplesmente parecia não me servir, mas não havia muitas alternativas, por isso tive de tecer a minha própria armadura com base em outras habilidades (...), como poder intelectual e verbal, assim como aprender a ser atraente para as raparigas e mulheres²⁰. (Kaufman, 1993/2002, p.7)

Um estudo realizado na África do Sul em 2020 concluiu que os homens gagos sentiam que a gaguez diminuía a sua masculinidade aos olhos da sociedade (Isaacs & Swartz, 2020). Como estratégias de justificação dessa masculinidade, muitos dos participantes valorizavam significativamente atributos como ter segurança financeira, um corpo forte e musculoso e mostrar controlo sobre as emoções. Por outro lado, alguns rejeitavam os ideais de masculinidade dominantes e construía versões alternativas em que as suas limitações fossem aceites.

Ainda que desejem mudar velhas formas de ser homem, a não conformidade com as normas de género dominantes pode ter um custo elevado, como já foi referido. Expressar emoções ou sentir que é inferior ou insuficiente a nível físico, intelectual, profissional ou sexual pode acarretar uma carga de stress elevada para o homem (Mussap, 2008). É nesse contexto que a Comunicação para Mudança Social e Comportamental assenta no modelo socio-ecológico descrito no Capítulo 1, que procura estimular a mudança e a receptividade a esta a todos os níveis de influência.

O selo de produção da plataforma global Netflix na série espanhola de comédia “Machos alfa”²¹ (2022) é indicador da proeminência do tema das masculinidades actualmente. A narrativa é desenvolvida em torno de quatro amigos, homens na casa dos 40

²⁰ Tradução da autora, do original: “From the time I was a kid I never felt entirely happy with the images of manhood I was trying so hard to live up to. It seemed stupid not to cry when you were sad or hurt (...). The standard suit just didn’t seem to fit me, but there weren’t a lot of alternatives and so I had to craft my own armour based on other skills (..) like intellectual and verbal power, as well as learning how to be attractive to girls and then women” (Kaufman, 1993/2002, p.7).

²¹ Artigo NIT sobre a série: www.nit.pt/cultura/televisao/machos-alfa-nova-comedia-da-netflix-ridiculariza-o-patriarcado-e-a-masculinidade-toxica

anos e bem-sucedidos nas suas carreiras, que exibem com frequência traços de masculinidades hegemónicas. Um deles, mais sensibilizado para a necessidade de mudar, convence os outros a participarem num desconfortável seminário sobre novos tipos de masculinidades (a existência de uma pluralidade de masculinidades é salientada pelo orador).

Mas, quando os privilégios sociais dos quatro amigos são ameaçados, eles procuram protegê-los a todo o custo. Por exemplo, um dos protagonistas perde o emprego na mesma altura em que a companheira se torna *influencer* nas redes sociais e passa a ser a pessoa mais bem-sucedida do casal, e quem leva rendimentos para casa. Sentindo-se diminuído nessa nova dinâmica, ele reage criando um seminário para ensinar os homens a recuperarem a sua masculinidade alfa (hegemónica).

2.2. Ser homem em Moçambique: contextualização e masculinidades

Moçambique, país situado na África Austral, é ainda caracterizado por profundas desigualdades sociais, entre essas, de género (Aboim, 2008; Arthur, 2018; Barker & Ricardo, 2005). As masculinidades hegemónicas e normas de género que impedem a equidade (teorizadas anteriormente) são dominantes aos diversos níveis, do individual ao societário e estrutural, como se explica nesta secção.

É necessário salientar os avanços verificados na última década e meia - em grande parte devido a organizações feministas moçambicanas (Gasparetto, 2020) - em particular a nível de instrumentos de protecção legal, tais como a aprovação da Lei de Violência Doméstica²² (Lei 29/2009) e da Lei de Prevenção e Combate às Uniões Prematuras²³ (Lei nº19/2019).

No entanto, a análise de alguns dos principais indicadores de igualdade, designadamente a educação, a saúde, a violência e o acesso a trabalho e recursos económicos, revela uma realidade distante da equidade de género e empoderamento das

²² A Lei Sobre Violência Doméstica Praticada Contra a Mulher (Lei 29/2009) pode ser consultada em: www.wlsa.org.mz/wp-content/uploads/2014/11/Lei_VD_2009.pdf

²³ A Lei de Prevenção e Combate às Uniões Prematuras pode ser consultada no website do Ministério do Género, Criança e Acção Social de Moçambique: www.mgcas.gov.mz/index.php/component/edocman/legislacao/crianca/lei-de-prevencao-e-combate-as-unioes-prematuras-2019

mulheres preconizados no quinto Objectivo de Desenvolvimento do Milénio (Nações Unidas)²⁴.

Por exemplo, metade das raparigas desistem de estudar antes da quinta classe, devido à pobreza (necessidade de apoiar a família ganhando algum rendimento), uniões forçadas e gravidez na adolescência (USAID, 2019). Das matriculadas no ensino primário, 11% passam para o secundário; apenas 1% dessas chegam à universidade (USAID, 2019). Esta realidade é mais acentuada nas zonas rurais do que nas cidades.

Por outro lado, o Inquérito Demográfico e de Saúde (IDS) de Moçambique referente a 2011 (o mais recente) indica que pelo menos um terço das mulheres moçambicanas adultas sofreram violência física no mínimo uma vez na vida (Instituto Nacional de Estatísticas - INE, 2013). Essa exposição à violência inicia-se na infância, o que pode ter como origem o sistema de dominação masculina vigente (Muluneh *et al.*, 2021). O mesmo estudo acrescenta que quase metade (48%) das mulheres entre os 20 e os 24 anos casaram ou estiveram numa união antes dos 18 anos (INE, 2013).

Dados sobre a gravidez na adolescência no país tornam o cenário descrito ainda mais preocupante: 46% das raparigas tiveram um bebé ou estiveram grávidas pela primeira vez antes dos 18 anos; 14% delas engravidaram antes dos 15, segundo o Inquérito de Indicadores de Imunização, Malária e HIV/SIDA (IMASIDA) 2015 (INE & Ministério da Saúde, 2016).

A nível económico, as mulheres continuam em desvantagem significativa e “as suas responsabilidades como cuidadoras principais de crianças e do lar traduzem-se em responsabilidades diárias, frequentemente não remuneradas, tais como colectar lenha ou preparar refeições para os membros do agregado familiar”²⁵ (USAID, 2019, p.viii).

Em 2016, o Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano impôs um comprimento padrão para as saias dos uniformes escolares das alunas de escolas públicas, começando pela capital, Maputo (Agência Lusa, 2016). A motivação apontada era a prevenção de abuso sexual nas escolas²⁶ e, segundo o então Ministro do pelouro, devolver a dignidade da rapariga e que ela aparecesse “de forma decente” (Agência Lusa, 2016).

²⁴ Para mais detalhes sobre o Objectivo de Desenvolvimento do Milénio referente à igualdade de género, consultar: <https://unric.org/pt/objetivo-5-igualdade-de-genero-2/>

²⁶ Diversos estudos realizados em Moçambique demonstram que as escolas são, com frequência, espaços hostis para a rapariga (embora em menor escala, também para os rapazes), de perpetuação da violência baseada no género. Por exemplo, um estudo de 2019 concluiu que, nas 30 escolas públicas da cidade e província de Maputo inquiridas, 386 alunos e alunas entre os 13 e 24 anos tiveram “um relacionamento ou sexo” na escola em troca

Como explica a feminista e pesquisadora social moçambicana Maria José Arthur (2018), em relação a normas sociais que conduzem ao exercício de poder masculino sobre o corpo feminino:

Os homens são educados, desde que nascem, para acreditar que têm uma série de privilégios, direitos e poderes sobre as mulheres em geral e sobre o corpo feminino em particular. Neste contexto, a violação pode ter vários sentidos: pode ser uma forma de afirmar a masculinidade, provando que se é macho (...); pode servir para mostrar o poder sobre as mulheres (...); pode ser um mecanismo de controlo social para manter as mulheres bem comportadas, sobretudo se se vestirem ou se comportarem de modo “não adequado”, como se pode ver, por exemplo, quando um agressor justifica o seu crime dizendo que “ela estava a pedir isso, pela maneira como estava vestida”.

A controversa medida provocou a rápida reacção de organizações da sociedade civil e indivíduos preocupados com o discurso de culpabilização das raparigas (Agência Lusa, 2016; Arthur, 2018; Velemo, 2016). Trouxe igualmente à tona atitudes refletindo masculinidades hegemónicas, como a verbalizada pelo leitor de um jornal moçambicano que afirmou que o uso de saias curtas pelas raparigas mostrava o seu “voluntariado em serem possuídas” (Velemo, 2016). Este comentário espelha outro atributo associado a masculinidades hegemónicas: a incapacidade de os homens controlarem os seus desejos sexuais (Giaccardi *et al.*, 2016; Muluneh *et al.*, 2021).

O caso das *maxi-saias*, como ficou popularmente conhecida a medida depois de as escolas obrigarem as raparigas a usarem saias até aos tornozelos, ilustra como as normas de género atravessam todos os níveis tratados no modelo socio-ecológico de mudança, do individual ao estrutural, desde crenças e comportamentos individuais até às estruturas de governação do aparelho de Estado, passando pelas instituições de ensino.

de boas notas ou benefícios como lanches e pagamentos das despesas escolares. Os principais perpetradores desses actos foram professores (250) e professoras (10). (Movimento de Educação para Todos, 2021). Mais antigo, o estudo *Milking the Cow: Young Women's Construction of Identity and Risk in Age-Disparate Transactional Sexual Relationships in Maputo, Mozambique* (Hawkins *et al.*, 2009) demonstrou que para muitas raparigas dos 16 aos 25 anos as relações transacionais, normalmente, com homens mais velhos, eram consideradas estratégias para confrontar as forças de poder vigentes através da sua sexualidade. Esse é o contexto ilustrado no artigo *Love, or the next best thing, for sale* (IRIN News, 2008), que descreve uma adolescente moçambicana à saída de uma escola secundária; um carro luxuoso pára e a rapariga entra e parte com o namorado, o homem de 42 anos atrás do volante. Na impossibilidade de os pais a ajudarem financeiramente, é o namorado quem lhe paga uma mesada, crédito para o telemóvel e outras despesas.

Em Moçambique, é considerado “homem de verdade” – uma expressão comum no país e central para o presente estudo - aquele que apresenta características como heterossexualidade, força física (e, com frequência, violência), virilidade, dominação, autoridade, independência financeira (Aboim, 2008; Macia, 2013; Miguel, 2021), que constitui família, isto é, tem mulher(es) e filhos (Aboim, 2008; Barker & Ricardo, 2020). Em oposição, a mulher é esposa, mãe, cuidadora, sensível, vulnerável, fraca e submissa (Aboim, 2008; Arthur, 2018; Barker & Ricardo, 2020; CARE, 2020; Macia, 2013).

Não obstante os atributos mais frequentemente encontrados na literatura académica e conversas informais, é importante recordar que, como todos os outros, o homem moçambicano não é um ser monolítico e que os diversos significados de ser homem em Moçambique são construídos socialmente e específicos ao espaço e momento em que ocorrem (Barker & Ricardo, 2020). A abertura a essa realidade poderá ser crucial para criar espaços seguros na sociedade para a promoção de masculinidades positivas.

Em 2021, a revista digital moçambicana Pleiss, dirigida a uma audiência juvenil e jovem-adulta, produziu alguns vídeos questionando jovens que se destacam na sociedade nacional sobre temas envoltos em tabu, como saúde mental e o que significa ser um “homem de verdade”. Sobre o último, ouviu o criador da marca de moda Xipixi, o moçambicano António Macheve Júnior (Pleiss, 2021):

Nós os homens não falamos dos nossos medos, receios, vulnerabilidades, frustrações...
(...) Quando não dizes o que pensas (...) durante muito tempo, pode levar ao sufoco, e esse sufoco pode levar à depressão (...), manifestar-se em (...) agressividade, violência e outros comportamentos extremos. (...) a sociedade cria uma certa pressão ao homem no sentido (...) de alguém que tem super-poderes, que não tem fragilidades.
(...) É importante, como homens, começarmos a aceitar essas coisas como extremamente normais e a comunicar entre nós, com as nossas parceiras, pais, amigos...
Temos tendência para, entre homens, termos conversas fúteis; não falamos nestas coisas reais, que podem salvar uma vida. (...) Quantos homens suicidaram-se em 2020?²⁷ Nós

²⁷ A Organização Mundial da Saúde (2022) coloca Moçambique entre os países do mundo com taxas de suicídio mais elevadas e a quinta mais alta do continente africano, em 2019. O suicídio parece afectar desproporcionalmente os homens: dos suicídios registados em 2019, 3247 das vítimas eram homens e 897 mulheres, com maior incidência nas populações acima dos 44 anos. Estes dados podem ser consultados em: https://files.who.afro.who.int/afahobckpcontainer/production/files/iAHO_Suicide_Regional_Fact_sheet_August2022.pdf.

O Ministério da Saúde de Moçambique elaborou, em 2017, um Plano Nacional de Prevenção do Suicídio.

todos já vimos nas redes sociais, ouvimos de um amigo, um primo, um tio que se suicidou! (...) Olhamos para o suicídio como um fracasso, mas não procuramos saber quais foram as razões detrás do suicídio. Talvez foi essa falta de comunicação, né? Então, pensemos um pouco nisso. (Pleiss, 2021, 0:04-3:53)

No vídeo com menos de quatro minutos, Macheve Júnior acaba por abordar diversos aspectos discutidos até este ponto, desde as construções de masculinidades aprendidas desde a infância à pressão social para que os homens conformem com os papéis e atributos esperados deles e às consequências desta, como a depressão, o suicídio ou a violência.

Uma revisão sistemática de factores que contribuem para a ocorrência de violência baseada no género em países da África Subsaariana (que inclui Moçambique) demonstrou que essa violência tem que ver com factores que podem ser correlacionados com a pressão mencionada por Macheve Júnior, acima. Ao nível individual e interpessoal, o estudo identificou factores como a situação económica individual, o nível de educação, entre outros (Muluneh *et al.*, 2021).

Ao nível comunitário e societário, um dos factores salientados na mesma revisão é a prevalência de atitudes positivas em relação à violência (Muluneh *et al.*, 2021), o que é mais frequente em sociedades que vivenciaram conflitos violentos (Jewkes *et al.*, 2015). Esse é o caso de Moçambique que, após a luta pela independência do domínio colonial português, mergulhou numa sangrenta guerra civil que durou 16 anos (Coelho, 2010).

Para entender a conexão entre masculinidades e conflito social, guerra ou situações de reestruturação do tecido económico e social após processos de colonização e descolonização é preciso analisar “o papel das emoções, além de factos estruturais e simbólicos, na construção e performance de masculinidades Negras (maiúscula do original) jovens” (Ratele, 2013, p.248).

Debruçando-se sobre os efeitos da colonização e da dependência económica das antigas colónias nas masculinidades encontradas na África do Sul, país com que Moçambique faz fronteira e com o qual partilha relações históricas, sociais e económicas, Ratele (2013) constatou que os jovens sul-africanos viviam num estado permanente de medo de violência: violência estrutural da pobreza, desemprego e falta de oportunidades, violência física de outros homens e violência do Estado. Ele sugeriu que, por vezes, a performance de masculinidades hegemónicas é uma resposta a esse medo (Ratele, 2013).

Mudar comportamentos violentos em sociedades com as características descritas é mais complexo e requer “(...) reconhecer a dor das experiências dos homens (assim como a das mulheres) enquanto vítimas ao nível da população” (Jewkes *et al.*, 2015, p.9).

Estão a surgir na sociedade moçambicana indicadores de oportunidades para transformar o que se entende por “homem de verdade”. Essas oportunidades resultam de uma combinação de factores, que a socióloga portuguesa Sofia Aboim (2008) descreve como “encontros entre os costumes tradicionais, os legados do colonialismo e as dinâmicas de globalização no mundo pós-colonial, assim criando entrecruzamentos nos processos de modernização” (Aboim 2008, p.293), propondo a existência de um hibridismo, em que masculinidades contemporâneas se justapõem a concepções de género tradicionais.

O já referido estudo realizado em cinco comunidades de Cabo Delgado, a província mais nortenha de Moçambique, em 2020, identificou a recente valorização de que os homens realizem certas tarefas domésticas tradicionalmente femininas (CARE, 2020). Mas, a mesma pesquisa encontrou percepções negativas sobre o que significa ser homem - por exemplo, poder agredir a mulher em certas situações - e ser mulher - por exemplo, não poder recusar sexo ao homem, ou atribuir ao homem o direito a tomar as decisões relacionadas com a gestão das finanças domésticas (CARE, 2020).

Outro sinal de mudança é a aceitação pelos homens de que as mulheres trabalhem fora de casa (Aboim, 2008; CARE, 2020), um aspecto crucial numa sociedade em que, com frequência, ainda é o homem quem determina se a mulher pode ou não trabalhar e como usa os seus próprios rendimentos, quando trabalha (USAID, 2019). O facto de as mulheres trabalharem fora de casa pode até aumentar o risco de sofrerem violência por parte dos seus parceiros íntimos (Muluneh *et al.*, 2021; Slegh *et al.*, 2017).

O projecto “Homens na cozinha”, da organização não-governamental moçambicana Homens para a Mudança (HOPEM), procura “desafiar relações de poder ao colocar os homens a questionar masculinidades hegemónicas usando uma abordagem transformadora de género” (Valy, 2016). Trabalha sobre a premissa de que os homens também têm muito a ganhar com a equidade de género para incentivar a participação masculina no diálogo e mudança. Segundo dados do projecto, os homens que participaram no mesmo afirmaram estar mais abertos a realizar tarefas normalmente relegadas à mulher, embora não estivessem confortáveis em assumi-lo em público (Valy, 2016).

O peso de normas sociais que impedem ou dificultam a adoção de masculinidades positivas sente-se igualmente na participação dos homens moçambicanos na vida dos seus filhos. Acompanhar um filho a uma unidade sanitária, por exemplo, pode significar o homem ser gozado pelos amigos, discriminado por profissionais de saúde e diminuído pela sua companheira (Jeong *et. al*, 2021).

Uma provedora de serviços de saúde da comunidade chega a mencionar que “a criança pertence à mãe e não ao pai”²⁸ (Jeong *et. al*, 2021, p.6), numa pesquisa sobre barreiras e facilitadores à participação paterna em cuidados de saúde de crianças até aos três anos em Moçambique. A prevalência de *normas de género patriarcais* é uma de cinco principais barreiras encontradas.

Um estudo realizado em 2017, em Maputo, com o sugestivo título “O que significa ser homem em Maputo”, indica que 52% dos homens afirmaram sentir vergonha de enfrentar as famílias quando não ganhavam o suficiente (Slegh *et al.* 2017, p.11), e apenas 15% disseram que, na infância, os pais tomavam decisões em conjunto (Slegh *et al.*, 2017).

Em termos de oportunidades para mudança, o mesmo estudo salienta que as gerações mais jovens residentes nas cidades de Maputo e Matola demonstram atitudes e práticas mais tendentes à equidade de género no que respeita às mulheres trabalharem fora de casa e às lides domésticas, e rejeitam a violência contra as mulheres (Slegh *et al.*, 2017). O estudo acrescenta, logo em seguida, que “por outro lado, continuam a reproduzir e a reinventar aspectos das atitudes tradicionais nas relações de género, segundo as quais os homens devem ser os chefes de família” (Slegh *et al.*, 2017, p.38).

Numa pesquisa também realizada em Maputo, anos antes, Sofia Aboim (2008) identificou a presença de múltiplas masculinidades nos homens de classe média-baixa, e de diferentes construções de masculinidades. Sobre *António*, um dos entrevistados, refere o seguinte:

Um homem deve ter alguém que cozinhe para ele e trate da casa, ao mesmo tempo que deve ter uma esposa para ser socialmente aceite. Além de diariamente cozinhar para António, a sua mulher ajuda no sustento da casa: lava roupa para fora e cultiva a «machamba», trabalho tradicional das mulheres, essencial à subsistência doméstica. No seu discurso sobre as relações no casal e na família, António mistura referências que,

²⁸ Tradução da autora, do original: “The child belongs to the mother and not the father.” (Jeong *et al.*, 2021).

numa visão simplisticamente ocidentalista, poderiam ser classificadas como tradicionais, mas que representam mudanças profundas ao apontarem para valores e práticas de uma família monogâmica. (Aboim, 2008, p.283)

O caso de *Afonso* acrescenta uma componente emocional: ser casado e ter uma família. Estes aspectos surgiram repetidamente no discurso dos participantes no estudo, com diferentes motivações, desde a associação de ser adulto a “ter uma relação afectiva e negociada, incluir-se no quotidiano familiar” (Aboim, 2008, p.290), o que a pesquisadora atribui à influência dos “afectos nas interacções do dia a dia”.

Mas, *Afonso* demonstra também comportamentos típicos de masculinidades hegemónicas, como não permitir que a mulher tenha um trabalho como vendedora de roupa ou referir que faz parte de ser homem ter ocasionalmente relações sexuais com outras mulheres (Aboim, 2008).

Numa campanha publicitária de 2021, a marca de preservativos *Prudence*, distribuída em Moçambique, desafiou a prática de ser o homem a decidir sobre o uso de métodos de planeamento familiar (Barker & Ricardo, 2020; USAID, 2019), ao colocar a mulher como protagonista da tomada de decisão. Na campanha, é ela quem tem o preservativo e quem determina o uso deste. O criador da campanha, o moçambicano Marlon Magalhães, explica: “Queríamos que a mulher é que tomasse o poder desta situação. Normalmente é o homem que tem o comando...” (Pro HD, 2021, 0:55-1:03).

No nível de influência mais elevado, o social e estrutural, considero relevante referir dois aspectos do Plano Estratégico Nacional de Resposta ao HIV e SIDA para o período 2021-2025 - PEN V (CNCS, 2020). O primeiro prende-se com o foco colocado no alcance dos homens, nomeadamente através de intervenções de Comunicação para Mudança Social e Comportamental, justificado, em parte, pelo medo que estes sentem de sofrer estigma e discriminação - os homens atribuem um peso maior a esse medo e a serem vistos como doentes/fracos do que as mulheres (CNCS, 2020). O documento destaca a implementação de acções específicas para o aumento da adesão e da retenção dos homens no TARV. O segundo aspecto prende-se com o facto de, pela primeira vez, o quinto PEN incluir a população transgénero entre as populações-chave, o que denota abertura para o reconhecimento de identidades de género diferentes.

À luz dos aspectos descritos, parece-me claro que o diálogo, o debate e a mudança no que respeita a normas de género estão lançados em diversas esferas da sociedade moçambicana.

Como visto no Capítulo 1, campanhas de Comunicação para Mudança Social e Comportamental podem promover a adopção de normas de género equitativas, e em particular masculinidades positivas. Mas, como problematizado neste capítulo, podem também impedir ou dificultar essas mudanças ao perpetuarem representações de masculinidades hegemónicas, ainda que inadvertidamente e, mesmo até quando têm como propósito desconstruir essas mesmas normas.

É nesse contexto que surge a questão de investigação a que o presente estudo se propõe responder: *Como os homens devem ser representados em futuras campanhas de CMSC para que estas promovam masculinidades positivas?*

Capítulo 3. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

“O que observamos não é a natureza tal como ela é, mas a natureza exposta ao nosso método de questionamento.”²⁹

Heisenberg, 1959, p.58, como citado em Riessman, 2008, p.259

3.1. Estratégia metodológica

No quadro da abordagem qualitativa, na pesquisa empírica optei por técnicas de análise de conteúdos audiovisuais (Anúncios de Utilidade Pública) e entrevistas semi-estruturadas a homens moçambicanos. A Tabela 1 apresenta os objectivos e questões de investigação e os principais referenciais teóricos:

Tabela 1. Objectivos e Questões de Investigação

Objectivo	Questão/ Sub-questão	Teoria/Autores	Métodos
O. Compreender como campanhas de Comunicação para Mudança Social e Comportamental podem contribuir para a promoção de masculinidades positivas em Moçambique	Q1. Como os homens devem ser representados em futuras campanhas de CMSC para que estas promovam masculinidades positivas?	Aboim, 2008; Bouman <i>et al.</i> , 2017; Connell & Messerschmidt, 2005; Kincaid <i>et al.</i> , 2020; McKee <i>et al.</i> , 2002; Stewart <i>et al.</i> , 2021	Qualitativos: Análise de conteúdos e Entrevistas semi-estruturadas
O1.1. Caracterizar masculinidades representadas em campanhas de Comunicação para Mudança Social e Comportamental implementadas em Moçambique nos últimos cinco anos.	Q1.1. Como é que os homens moçambicanos são representados em campanhas de Comunicação para Mudança Social e Comportamental em Moçambique?	Barker & Ricardo, 2020; Connell & Messerschmidt, 2005; Goffman 1976 ; McKee <i>et al.</i> , 2002; Mussap, 2008;	Análise de conteúdos
O1.2. Compreender se os homens moçambicanos se identificam com essas representações.	Q1.2. Será que eles se identificam com essas representações? Como é que aspiram a ser representados em futuras campanhas de comunicação para mudança?	Aboim, 2008; Frank & Falzone, 2021; Kincaid <i>et al.</i> , 2020; McKee <i>et al.</i> , 2002; Ratele, 2013	Entrevistas semi-estruturadas

²⁹ Tradução da autora, do original: “What we observe is not nature itself, but nature exposed to our method of questioning.” (Heisenberg, 1959, p.58 como citado em Riessman, 2008, p.259).

<p>O1.3. Caracterizar o que significa ser homem (“homem de verdade”) e identificar referências de masculinidades positivas entre os atributos indicados.</p>	<p>Q1.3. Que atributos associam a ser um “homem de verdade”? Existem sinais de masculinidades positivas entre esses atributos?</p>	<p>Aboim, 2008; Bourdieu, 1998/2012; Connell & Messerschmidt, 2005; Frank & Falzone, 2021; Pando-Canteli & Rodriguez, 2021; Ratele, 2013</p>	<p>Entrevistas semi-estruturadas</p>
---	---	--	--------------------------------------

3.2. Recolha de dados e universo da amostra

A recolha de dados foi realizada em duas fases. A primeira foi dedicada à análise de conteúdo de três Anúncios de Utilidade Pública (AUP), isto é, anúncios com o propósito de educar e sensibilizar audiências sobre assuntos considerados de interesse público. Na segunda fase implementei entrevistas semi-estruturadas, que incluíram uma componente de visualização e comentários aos AUP, que apresento mais adiante.

3.2.1. Anúncios de Utilidade Pública

Na primeira fase da pesquisa comecei por identificar três campanhas de Comunicação para Mudança Social e Comportamental disseminadas em Moçambique entre os anos 2018 e 2023, pois procurava referências recentes. Seleccionei um AUP produzido para cada uma dessas campanhas usando dois critérios: que tivessem uma duração inferior a 90 segundos e que cada um deles aparentasse representar masculinidades hegemónicas, positivas e mistas ou neutras, respectivamente.

A decisão de analisar AUP baseou-se no facto de se destinarem, primeiramente, a populações urbanas e peri-urbanas, também um critério para a selecção da amostra de participantes na segunda fase da pesquisa, as entrevistas.

Os três AUP analisados fizeram parte de campanhas distintas de comunicação para mudança em saúde pública, como apresentado na Tabela 2:

Tabela 2. Perfil dos Anúncios de Utilidade Pública Analisados

AUP	Tema principal	Audiência principal	Ano	Instituição	Visualização
AUP1	HIV/Tratamento antirretroviral:	Homens vivendo com HIV entre	2021	Conselho Nacional de	www.youtube.com/watch?

“Somos Iguais. Numa <i>wella</i> .”	adesão e manutenção dos homens	os 24 e os 35 anos		Combate ao HIV/SIDA (CNCS) de Moçambique	v=zzLLJg0-9Y8&t=1s
AUP 2 “Denuncie uniões prematuras”	Uniões prematuras, com enfoque em uniões de raparigas menores com homens adultos	Raparigas e mulheres entre os 10 e os 24 anos	2021	Fundação para o Desenvolvimento da Comunidade (FDC)	www.youtube.com/watch?v=4gR9JVK0HZE
AUP 3 “Campanha de vacinação contra o sarampo e a rubéola”	Vacinação infantil contra o sarampo e a rubéola	Pais e cuidadores de crianças (6 meses - 14 anos)	2018	Ministério da Saúde de Moçambique	www.youtube.com/watch?v=UqAySG0y7fM

Em seguida, passo a descrever os anúncios analisados em maior detalhe, segundo informações recolhidas on-line e junto das instituições que contactei (por e-mail) para colmatar lacunas de informação.

AUP 1: “Somos Iguais. Numa *wella*”³⁰

Tema: Tratamento antirretroviral (TARV) do HIV, com enfoque na adesão e manutenção dos homens no tratamento

Enquadramento e justificação: A campanha de comunicação para mudança de que o AUP 1 faz parte tem o nome “Somos Iguais” e é dirigida a homens entre os 24 e os 35 anos vivendo com HIV. Foi lançada em Maio de 2021, com o objectivo de contribuir para a normalização o TARV em Moçambique. Incluiu o anúncio televisivo analisado neste estudo e um anúncio para rádio; testemunhos audiovisuais de homens que vivem com HIV, disseminados na televisão, na rádio e através de redes sociais; outdoors, e conteúdos para redes sociais.

O AUP 1 enquadra-se nas estratégias do Governo moçambicano de combate ao HIV e SIDA, no caso, focando em algumas das áreas estratégicas para o alcance das metas 95-95-95 até ao ano 2030, isto é, 95% das pessoas infectadas estão identificadas, das quais 95% estão a fazer o TARV; e 95% das pessoas em TARV alcançam a supressão viral (CNCS, 2020).

³⁰ A palavra *wella* é um empréstimo do inglês *well* (bem) usado em Moçambique. A expressão *numa wella* é uma alternativa a dizer: *Tudo numa boa*.

As duas principais razões para a escolha deste AUP foram ter os homens, em especial jovens adultos, como audiência principal e usar uma abordagem assente em masculinidades positivas.

Descrição do enredo

O AUP 1 segue momentos nas vidas de três jovens personagens masculinos. Ao longo de um total de 60 segundos, cada um deles partilha a sua história, na perspectiva do TARV, explicando à audiência porque este é importante e os benefícios de aderir ao tratamento (e, de forma implícita, de o manter) para eles e para quem os rodeia.

O primeiro personagem aparece em contexto doméstico e familiar e coloca ênfase na importância de proteger e cuidar da família (esposa e filho), enquanto realiza tarefas domésticas como pôr a mesa e lavar a loiça, com ajuda do filho. O segundo personagem aparece com amigos a jogar bilhar numa casa de pasto e ressalta o lado social, falando de quanto gosta de estar com os amigos e a namorada; e o terceiro destaca a saúde e boa forma física – gosta de jogar futebol com os amigos e valoriza ser o melhor, vencer.

AUP 2: “Denuncie uniões prematuras”

Tema: Uniões prematuras, com enfoque em raparigas

Enquadramento e justificação: O segundo AUP analisado tem como objectivo desencorajar as uniões prematuras (entre menores e adultos) e divulgar as sanções previstas na legislação moçambicana para os adultos que se envolvam na prática, de forma directa ou indirecta.

A campanha que o AUP integra, sobre Violência Baseada no Género, teve como audiências principais raparigas e mulheres jovens entre os 10 e os 24 anos. Foi implementada em 2021 e 2022 e incluiu a produção e divulgação de três AUP para televisão, assim como adaptações destes para o formato radiofónico, de posters, outdoors e conteúdos para redes sociais.

Selecionei este AUP por representar apenas masculinidades dominantes funcionando, até certo ponto, como o oposto do primeiro. Também me pareceu interessante problematizar aspectos da cultura moçambicana que expõem normas sociais de género negativas.

Descrição do enredo

A narrativa começa com uma rapariga adolescente saindo da escola na companhia de colegas. Do lado de fora, um homem adulto com uma barriga proeminente, aprecia a rapariga, e assobia-lhe sugestivamente.

Na cena seguinte o mesmo homem está sentado numa esteira, à sombra da árvore do quintal de uma casa rural; conversa com um homem e uma mulher - supomos serem os pais da rapariga. Sobre a esteira há dinheiro, bebidas alcoólicas e capulanas (tecidos tradicionais africanos, em Moçambique usados maioritariamente pelas mulheres). Os dois personagens masculinos presentes (e únicos no vídeo) sorriem, parecem satisfeitos.

A menina, que entretanto voltou da escola e se juntou a eles, está miserável; a mãe esboça um sorriso discreto. A cena representada aparenta ser uma versão simplificada da cerimónia tradicional de *lobolo*, em que a família do homem que se vai unir com a rapariga/mulher, oferece um conjunto de bens e dinheiro (uma espécie de dote) à família dela num gesto, supostamente simbólico, pela “mão” da rapariga.

A narrativa termina com a rapariga a chorar copiosamente enquanto varre o quintal da casa do senhor, a quem já está unida maritalmente, supomos; com o dedo em riste e uma expressão ameaçadora, ele grita com ela. Ao fundo vemos as antigas colegas de escola da rapariga a olhar para a cena, trajando o uniforme escolar; parecem chocadas. Esta última cena aparenta pretender mostrar duas das consequências das uniões prematuras: o abandono escolar da rapariga e a vulnerabilidade acrescida a sofrer violência doméstica.

Por fim, apenas sobre um fundo neutro, um narrador lê o texto que aparece no ecrã, informando sobre a moldura penal aplicável.

AUP 3: “Campanha de vacinação contra o sarampo e a rubéola”

Tema: Vacinação infantil contra o sarampo e a rubéola

Enquadramento e justificação: O terceiro anúncio seleccionado tem um carácter mais informativo, sem recurso à estratégia de educação-entretenimento em que os dois anteriores apostaram.

Com o objectivo de encorajar os pais e cuidadores de crianças dos seis meses aos 14 anos a levá-las à unidade sanitária ou brigada móvel de vacinação mais próxima para serem vacinadas contra o sarampo e a rubéola, o AUP 3 integra uma campanha nacional de vacinação implementada pelo Ministério da Saúde de Moçambique, em coordenação com o Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano, em 2018.

A campanha de comunicação para mudança incluiu também AUP para rádio, posters, folhetos e *outdoors*. Porém, neste caso, a estratégia mais significativa não foi a comunicação de massas, e sim a mobilização comunitária dos principais agentes de influência a esse nível, tais como os provedores de serviços de saúde, professores, líderes comunitários e religiosos, praticantes de medicina tradicional, e outros.

Quando seleccionei este AUP baseei-me, em primeiro lugar, no facto de ser mais neutro do que os dois anteriores no que concerne às masculinidades representadas. Porém, a análise revelou não ser totalmente neutro, ao mostrar um pai (supomos) que leva o filho à vacinação - um comportamento enquadrado no conceito de masculinidades positivas, e a excepção à regra. Interessava-me perceber, quando aí chegasse, as reacções dos entrevistados a esta inclusão no anúncio.

Descrição do enredo

Ao contrário dos dois anteriores, este AUP não tem um fio narrativo condutor, não conta uma história. Apresenta, antes, uma sequência de imagens que remetem para o tema tratado, em três tipos de ambientes: escolinha infantil, unidade sanitária e rua da comunidade.

Imagens de crianças nas faixas etárias alvo da campanha de vacinação a brincar, a jogar à bola e numa sala de aula ao ar livre são intercaladas com imagens de uma unidade sanitária: num consultório, uma enfermeira vacina um bebé ao colo da mãe (supomos); na sala de espera da unidade sanitária, dezenas de outras mães e crianças aguardam a sua vez de serem atendidas; num consultório, pai e filho (supomos) sorriem para a enfermeira, aparentemente depois de o menino ser vacinado.

Por fim, um provedor de saúde atende uma mãe e bebé numa mesa improvisada numa rua da comunidade, observados por uma fila de outras mulheres com bebés e crianças pequenas – trata-se de uma Brigada Móvel de Saúde. Estas apoiam na provisão de serviços de saúde, frequentemente em locais distantes de unidades sanitárias.

Ao longo de todo o anúncio, um narrador informa os pais e cuidadores de crianças sobre os detalhes da campanha – datas por província, locais de vacinação, etc. Nos últimos segundos uma conhecida cantora moçambicana incentiva-os a aderirem à campanha, referindo alguns benefícios de o fazerem.

3.2.2. Entrevistas Semi-estruturadas

Todos os dias construímos narrativas para entender quem somos, os eventos que sucedem na nossa vida e o mundo ao nosso redor. Essas narrativas permitem-nos perceber as nossas experiências de vida e conferir-lhes coerência (McAlpine, 2016; Riessman, 2001). Nessa óptica, na fase seguinte do estudo entrevistei nove homens moçambicanos entre os 18 e os 34 anos, a residir na cidade ou província de Maputo, para escutar as suas narrativas sobre masculinidades.

As entrevistas tinham dois objectivos: 1) colher a percepção dos participantes sobre os três AUP analisados anteriormente (Bagnoli, 2009; Gleg, 2019) e, 2) procurar respostas para as questões de investigação relacionadas com as construções individuais de masculinidades - descrições pormenorizadas de episódios/eventos da vida dos participantes, associados às suas construções de masculinidades, compreender como eles experienciam e interpretam essas experiências (McAlpine, 2016) a partir das macro-narrativas socioculturais em que estão inseridos (Squire *et al.*, 2014).

Por limitação do tempo que tinha com os entrevistados e porque este estudo se foca nos aspectos relacionados com construções individuais de masculinidades, procurei assegurar-me que as dimensões, experiências e eventos mais marcantes para os participantes fossem exploradas com alguma profundidade (Creswell, 2007/2013).

Existe a possibilidade de os participantes se terem sentido inibidos em abordar os temas do estudo com uma entrevistadora do sexo feminino. Não foi essa a minha percepção durante as entrevistas, uma vez que a maioria dos entrevistados não se coibiram de expressar emoções ou de falar em aspectos como inseguranças em relação ao corpo ou ao desempenho sexual, ou ainda de partilhar terem sofrido violência por parte de parceiras românticas.

Uma vez que, antes das entrevistas, estava apreensiva em relação à possibilidade descrita, ao longo destas procurei cultivar o sentimento de parceria entrevistadora-entrevistado (Weiss, 1994), abstendo-me de juízos de valor e encorajando os entrevistados a sentir aquele momento como uma oportunidade para falarem livremente e para auto-reflectirem sobre as experiências e eventos de vida que estavam a partilhar comigo. E, com efeito, após algumas das entrevistas, os participantes indicaram nunca terem pensado ou falado sobre alguns dos aspectos que partilharam comigo.

Os participantes foram identificados de forma intencional (Creswell, 2007/2013), no sentido de responder aos critérios relativos à faixa etária e residência na cidade ou província de Maputo. A partir da primeira identificação, entrevistei todos os participantes que se manifestaram disponíveis e interessados durante os dias que me restavam em Maputo. O tamanho da amostra foi determinado pelo alcance da saturação teórica.

Cingir a amostra a participantes do sexo masculino foi uma decisão que surgiu organicamente, atendendo aos objectivos do estudo e ao facto de a revisão bibliográfica sobre género e masculinidades em Moçambique apontar para uma lacuna de diálogo sobre as pressões para que os homens desempenhem ideais de masculinidades socialmente dominantes, as suas emoções e inseguranças em relação aos seus papéis de género.

Reconheço que a amostra do estudo apresenta limitações do ponto de vista de representatividade, no entanto, acredito que este tem valor exploratório no contexto de escassez de pesquisas com homens sobre questões de género em Moçambique e, em concreto, masculinidades positivas.

Optei por entrevistar homens entre os 18 e os 34 anos por se encontrarem na transição entre a adolescência e a idade (jovem) adulta, num período da vida em que a sociedade espera que respondam com sucesso a uma série de atributos, nomeadamente formar família, ter um emprego que garanta independência financeira, que sejam ambiciosos, que cuidem das famílias, tenham casa própria, entre outros.

O critério geográfico, ou seja, que os participantes residissem na cidade e província de Maputo deveu-se a razões práticas, pois não conseguiria deslocar-me para outras zonas do país no período que tive disponível para a realização das entrevistas.

Outros critérios pesaram na escolha da amostra: a necessidade de que os participantes falassem português com alguma proficiência - uma vez que Moçambique possui um grande número de línguas e variantes destas, o português não é a língua materna da maioria dos seus cidadãos. Era crucial garantir uma comunicação fluida, compreensível e clara entre mim e os entrevistados. Quando isso não se verificou, na única entrevista com um participante que não era fluente na língua portuguesa (Paíto), a profundidade da conversa foi mais limitada do que com os demais.

Por outro lado, e restrita aos dias que tinha disponíveis, procurei alguma diversidade em termos de formação académica, ocupação, religião, orientação sexual e etnia dos progenitores, para tentar captar possíveis pontos em comum ou diferenças entre

entrevistados com determinadas características (Bryman, 2001), embora isso nem sempre tenha sido alcançado. A Tabela 3, abaixo, detalha a caracterização demográfica dos participantes do estudo.

O guião de entrevistas (Apêndice 1) foi desenvolvido a partir de questões validadas em estudos anteriores e do enquadramento teórico apresentado nos primeiros capítulos, como indicado nas Tabelas 4 e 5, adiante.

As entrevistas foram realizadas presencialmente, na cidade de Maputo, entre 27 de Março e 3 de Abril de 2023. A escolha pela técnica de entrevista individual (e não grupos de foco) foi orientada pela possibilidade de os participantes não estarem confortáveis em partilhar questões íntimas da sua história de vida na presença de terceiros, em especial quando algumas dessas questões ainda são tabu na sociedade moçambicana (Creswell, 2007/2013). O factor presencial afigurava-se relevante por motivos semelhantes: era importante que os participantes se sentissem à vontade comigo para explorar as suas emoções e pensamentos com confiança e segurança (Weiss, 1994).

Utilizei o espaço de uma empresa de produção cinematográfica com que trabalho há vários anos para conversar com os participantes num local neutro para eles, em que pudesse garantir-lhes privacidade e algum conforto. Por indisponibilidade do espaço, duas das entrevistas tiveram de ser realizadas num café de Maputo; ainda assim, foi possível assegurar a privacidade e conforto que eram essenciais. Todas as entrevistas foram gravadas em formato áudio, com durações variadas, de 40 minutos a três horas.

Tabela 3. Perfil dos Entrevistados

Nome ³¹	Idade	Origem (cid./prov)	Ocupação	Nível de escolaridade	Religião	Data	Tempo
Joaquim	33	Maputo	Agente da Polícia da República de Moçambique	Frequência universitária até ao 1º ano de Direito	Cristão, não praticante	27.0 3.23	01h30
Denilson	34	Maputo	Editor de Vídeo / <i>Color Grading</i>	Licenciatura em Multimédia	Cresceu em família religiosa (Catól.); não pratica	27.0 3.23	02h55

³¹ Os nomes atribuídos aos entrevistados são fictícios. Esta decisão salvaguarda o seu anonimato em todas as fases do estudo. Ainda, no contexto da análise qualitativa narrativa, considero fazer sentido atribuir nomes aos entrevistados, protagonistas no presente estudo, ao invés de utilizar uma denominação técnica.

Edson	25	Quelimane, Zambézia	Gestor de Branding	Licenciatura em Relações Internacionais e Diplomacia	Muçulmano, não praticante	28.0 3.23	01h38
Eduardo	25	Xai-Xai, Gaza	Técnico de Tecnologias Informáticas	Licenciatura em Tecnologias Informáticas	Católico	28.0 3.23	01h30
Paíto	22	Chinde, Zambézia	Responsável de limpezas	7ª Classe	Católico	29.0 3.23	00h39
Daniel	31	Matola, Província de Maputo	Director de Agência Criativa	Licenciatura em Marketing e Publicidade	Agnóstico; inclinação para crenças Orientais	29.0 3.23	02h55
Ntanzi	18	Maputo	Produtor musical, compositor, cantor Desempregado	Frequência universitária até ao 2º ano de Ciências Sociais e Filosofia	Católico	30.0 3.23	01h19
Paulo	30	Zavala, Inhambane	Conta própria (designer gráfico; UX designer, IT)	Licenciado em Engenharia Informática	Católico	30.0 3.23	01h43
Momed	34	Maputo	Gestor de canais digitais, produtos e serviços	Licenciatura em Engenharia Informática e Telecomunicações	Ateu (pai é muçulmano e a mãe é católica)	31.0 3.23	01h16

O guião de entrevista (Apêndice 1) foi desenvolvido a partir das questões de investigação do estudo (Creswell, 2007/2013; Riessman, 2008) e de forma a estimular a partilha de histórias de vida. Foi dividido em cinco blocos (quatro deles analisados).

O primeiro bloco tinha como propósito introduzir o tema em análise e alguns dos conceitos-chave. O segundo bloco incluiu perguntas para captar a percepção dos participantes sobre os três AUP analisados na fase anterior e visualizados durante as entrevistas. Os dois blocos seguintes aprofundaram o tema estudado a partir das experiências de vida dos participantes: no terceiro bloco a partir das suas memórias e construções individuais actuais, e no quarto bloco olhando para o nível societário e a relação entre este e o indivíduo. O último bloco destinava-se a colher dados demográficos.

A inclusão do segundo bloco, ou seja, colher as percepções dos participantes sobre os AUP teve dois propósitos: o primeiro era responder às questões *Será que eles se identificam com essas representações? Como é que aspiram a ser representados em futuras campanhas de comunicação para mudança?* O segundo propósito era que os participantes se sentissem mais relaxados e abertos ao diálogo e à partilha quando mergulhássemos nas suas experiências de vida. Isso assume uma relevância particular ao entrevistar homens, visto que, com frequência, mostram dificuldade e desconforto em expressar e explorar as suas emoções (Affleck *et al.*, 2013; Mussap, 2008).

3.3. Análise dos dados

3.3.1. Anúncios de Utilidade Pública

A análise dos dados também aconteceu por fases, iniciando com a análise de conteúdo (Creswell, 2007) indutiva dos três AUP seleccionados, usando o *software* MaxQDA, para aferir como os homens eram representados.

Nessa análise, opto por não incluir referências numéricas, apoiando-me na argumentação de Creswell (2007/2013) segundo a qual a contagem dos dados orienta a leitura para aspectos como a importância e a frequência de ocorrências, o que este considera desalinhado com a metodologia qualitativa. Seguindo o processo do autor, ponderei esses aspectos ao analisar os dados, porém, não os descrevo no estudo, excepto quando tal se afigurou relevante.

As categorias de análise dos AUP, apresentadas na Tabela 4, emanaram do enquadramento teórico (análise indutiva), em especial os conceitos (e atributos correspondentes) de masculinidades hegemónicas (Connell & Messerschmidt, 2005) e masculinidades positivas (Aboim, 2008; Connell & Messerschmidt, 2005; Pando-Canteli & Rodriguez, 2021); normas de género e socialização (Bourdieu, 1998/2012; Pearse & Connell, 2016); enquadramento de género nos *media* (Goffman, 1976; Reese, 2007).

Tabela 4. Categorias de análise dos AUP

Dimensão	Categoria	Autores
1. Personagens masculinos		
1.1. Grupo etário	1.1.1. Criança	Bryman, 2001; Creswell, 2007/2013
	1.1.2. Adolescente	

	1.1.3. Jovem adulto	
	1.1.4. Adulto	
	1.1.5. Idoso	
1.2. Trabalho	1.2.1. Desconhecido	Aboim, 2008; Ratele, 2013; Sleghe et al. 2017
	1.2.2. Assalariado	
	1.2.3. Trabalhador liberal	
	1.2.4. Desempregado	
1.3. Estrutura física	1.3.1. Magro	Garboggini, 2005; Goffman, 1976; Ratele, 2013
	1.3.2. Médio	
	1.3.3. Obeso	
	1.3.4. Musculado	
1.4. Relacionamentos	1.4.1. Casado / união marital	Aboim, 2008; Ratele, 2013
	1.4.2. Namoro	
	1.4.3. Solteiro	
	1.4.4. Desconhecido	
1.5. Tem filhos	1.5.1. Sim	Aboim, 2008; Ratele, 2013
	1.5.2. Não	
	1.5.3. Desconhecido	
2. Masculinidades exibidas		
2.1. Masculinidades hegemônicas	2.1.1. Pai cuidador ausente	Aboim, 2008; Bourdieu, 1998/2012; Connell & Messerschmidt, 2005; Garboggini, 2005; Giaccardi <i>et al.</i> , 2016; Muluneh <i>et al.</i> , 2021; Mussap, 2008; Ratele, 2013
	2.1.2. Violência(s)	
	2.1.3. Autoritarismo	
	2.1.4. Fechamento emocional	
	2.1.5. Ambição	
	2.1.6. Provedor da família	
	2.1.7. Objectificação do corpo feminino	Aboim, 2008; Arthur, 2018
	2.1.8. Competição	Bourdieu, 1998/2012; Stewart, 2021
2.2. Masculinidades positivas	2.2.1. Questiona normas de gênero negativas	Aboim, 2008; Connell & Messerschmidt, 2005; Garboggini, 2005; Giaccardi <i>et al.</i> , 2016; Mussap, 2008; Pando-Canteli & Rodriguez, 2021; Reese, 2007
	2.2.2. Assume responsabilidades domésticas	
	2.2.3. Vulnerabilidade	
	2.2.4. "Marido companheiro"	
	2.2.5. Expressão de emoções	
	2.2.6. Pais: cuidador presente	
	2.2.7. Pertença a um grupo	
3. Cenário	3.1. Homem em ambiente peri-urbano	Aboim, 2008; Connell & Messerschmidt, 2005; Ratele, 2013
	3.2. Homem em ambiente urbano	
	3.3. Homem em ambiente rural	
	3.4. Homem em cenários neutros	
	3.5. Homem em cenários associados a masculinidades hegemônicas	
4. Mensagens sobre Masculinidade	4.1. Promovem atributos de masculinidades hegemônicas	Aboim, 2008; Connell & Messerschmidt, 2005; Pando-Canteli & Rodriguez, 2021; Reese, 2007
	4.2. Promovem atributos de masculinidades positivas	
5. Tipo de discurso (perspectiva de gênero)	5.1. Emotivo / Transformacional	Frank & Falzone, 2021; Stewart, 2021
	5.2. Informativo	

3.3.2. Entrevistas Semi-estruturadas

A análise das entrevistas semi-estruturadas foi dividida em duas partes. Na primeira, recorri à análise de conteúdo, assente nas categorias pré-definidas para os AUP e aquelas que surgiram durante a análise das respostas dos entrevistados ao Bloco 2 do guião. A Tabela 5 apresenta as dimensões e categorias dedutivas, acrescentadas durante a análise das entrevistas.

Para os demais blocos, pertinentes às construções de masculinidades dos entrevistados, optei por combinar a análise de conteúdo e a análise narrativa dialógica/de performance (Riessman, 2001), privilegiando trechos das entrevistas e como os participantes (narradores) construíam as histórias que contavam na interação comigo. Esta decisão baseou-se na constatação de que “a identidade de género é uma performance, produzida para (e por) audiências em situações sociais”³² (Riessman, 2001, p.12). Tal não significa que é menos autêntica, apenas que representa a versão do narrador que este quer apresentar num certo momento, provavelmente a sua versão favorita (Riessman, 2001).

Tabela 5 Dimensões e categorias dedutivas

Dimensão	Categoria	Justificação
6. Masculinidades exibidas		
6.1. Masculinidades hegemónicas	6.1.1. Não falhar/mostrar fraqueza	Acrescentei esta categoria depois de começar a análise das entrevistas pois foi algo destacado com bastante frequência (também é referenciado no enquadramento teórico)
	6.1.2. “Pegador”	Mesmo que 6.1.1. O nome “pegador” (isto é, homem que se relaciona/“pega” várias mulheres) foi usado por dois dos entrevistados. A ideia foi referida por outros entrevistados.
	6.1.3. Poder sobre a mulher	Mesmo que 6.1.1.
6.2. Masculinidades positivas	6.1.4. Cuidar e proteger a família	Mesmo que 6.1.1. Mencionado repetidamente sobre os personagens masculinos representados nos AUP
	6.1.5. Igualdade de género	Mesmo que 6.1.1.
7. Emoções dominantes	7.1. Nenhuma das mencionadas	Adaptado de Garboggini, 2005; Ratele, 2013
	7.2. Alegria	Ao analisar os AUP percebi que cada um despoletava emoções bastante diferentes em mim. Isso levou-me a questionar como os homens que iria entrevistar se sentiriam ao se verem representados em cada um dos anúncios.
	7.3. Tristeza	
	7.4. Bem-estar	
	7.5. Mal-estar	
	7.6. Vergonha	
	7.7. Raiva	

³² Tradução da autora, do original: “Relatedly, gender identity is performed, produced for (and by) audiences in social situations.”³² (Riessman, 2001, p12).

	7.8. Orgulho	
8. Homem de verdade	8.1. Homem de verdade	Mesmo que 6.1.1. Nesta dimensão assinalei atributos e eventos que os participantes referiram explicitamente corresponder ao ideal (o seu, o social ou ambos) de “homem de verdade”
9. Pressão social para conformar	9.1. Pressão social para conformar	Bandura, 2001; Butler, 1993; Connell & Messerschmidt, 2005; Januário, 2016; McDermott <i>et al.</i> , 2018; Mussap, 2008; Ratele, 2013 Embora tenha surgido durante a elaboração do enquadramento teórico, só adicionei esta dimensão durante a análise das entrevistas, ao perceber que todos os entrevistados relatavam pelo menos uma experiência individual enquadrada na mesma
10. Influência da família e pares	10.1. Influência da família e pares	Mesmo que a dimensão 9

Desse modo, importava mais compreender quais os significados que os indivíduos atribuem às suas experiências de vida e às suas narrativas sobre estas (Bryman, 2001), no caso específico, focando em experiências com influência nas construções de masculinidades. Cada entrevista foi transcrita e tratada como uma narrativa individual sobre a construção da identidade masculina. A partir das transcrições, analisei as *histórias* sobre masculinidades contadas pelos entrevistados a partir de três dimensões (Creswell, 2007/2013):

- Influências externas na infância e juventude: os homens que foram ensinados a ser.
- Os homens que são: estratégias de resistência; pressões, conflitos; o *self*.
- As masculinidades que os homens moçambicanos idealizam construir.

Nessa análise, destaquei os atributos de masculinidades incluídos na análise de conteúdo dos AUP. Adicionalmente, identifiquei alguns dos marcadores narrativos, com ênfase no posicionamento do narrador (o entrevistado) – é passivo ou mostra agência? Circula entre ambos? - (Riessman, 2001) e o que atribui aos personagens principais na sua história, e os eventos que os participantes consideram determinantes (Bryman, 2001; Clandinin & Connelly, 2000; Riessman, 2001). Analisei ainda o papel da interação entre o narrador e a audiência (eu) na construção e desdobramentos das histórias contadas pelo narrador.

3.4. Considerações éticas

A complexidade ética inerente a solicitar aos homens identificados para partilharem os seus valores, percepções e perspectivas, emoções, experiências mais marcantes e outros

aspectos profundamente pessoais exigiu que eu reflectisse e ponderasse sobre a mesma ao longo de todo o processo de pesquisa, nomeadamente sobre os meus preconceitos e influência na recolha e análise de dados (Creswell, 2007/2013).

Ao longo de todas as fases do estudo, procurei agir com transparência e honestidade, em particular no que tocava aos entrevistados e às suas partilhas. Assim:

- O consentimento prévio (Apêndice 2) foi obtido por escrito antes do início de cada entrevista e após a explicação clara dos objectivos do estudo, oralmente e por escrito, com oportunidade para os participantes esclarecerem dúvidas.

- A participação dos entrevistados foi voluntária, tendo-lhes sido informado, oralmente e por escrito, que poderiam desistir desta a qualquer momento, sem sofrerem qualquer tipo de represália.

- A privacidade e confidencialidade dos participantes foi protegida a partir do momento em que confirmaram o seu interesse em participar no estudo, por exemplo, através da atribuição de nomes fictícios em todos os documentos produzidos.

Capítulo 4. “ESSE É HOMEM DE VERDADE!”: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

*Podemos sentir-nos aprisionados na armadura da masculinidade (...). Mas, se aprendermos a agitar um bocado os braços, os nossos ombros irão libertar-se. Seguir-se-ão as nossas cabeças e os nossos cérebros, os nossos peitos e os nossos corações, as nossas virilhas e as nossas pernas e, finalmente, iremos caminhar livremente. (...) É chegado o momento de entregarmos a armadura dos homens a um museu.*³³

Kaufman, 1993/2002, p.15

A primeira secção do Capítulo 4 apresenta a análise dos dados recolhidos para o estudo, em concreto, a partir dos três Anúncios de Utilidade Pública (AUP) e das entrevistas a nove homens moçambicanos entre os 18 e os 34 anos.

4.1. Os Homens Representados em Anúncios de Utilidade Pública

Nesta secção começo por apresentar a análise de conteúdo dos três AUP seleccionados, para responder à primeira sub-questão de investigação: *Como é que os homens moçambicanos são representados em campanhas de Comunicação para Mudança Social e Comportamental em Moçambique?*

Após essa análise apresento a percepção dos entrevistados sobre cada um dos anúncios, procurando resposta para a segunda sub-questão de investigação: *Será que eles se identificam com essas representações? e Como é que aspiram a ser representados em futuras campanhas de comunicação para mudança?*

4.1.1. AUP 1: “Somos Iguais. Numa *wella*”³⁴

Análise

³³ Tradução da autora, do original: “We might feel trapped in the armour of masculinity (...). But if we learn to wiggle our arms a bit, our shoulders will come free. Next come our hearts and our brains, our chests and our hearts, our groins and our legs, and final we will walk free. (...) It is time we consigned the armour of men to a museum” (Kaufman, 1993/2002, p.15).

³⁴ A palavra *wella* é um empréstimo do inglês *well* (bem) usado em Moçambique, em particular pelos jovens. A expressão *numa wella* é uma alternativa a dizer: *Tudo numa boa*.

O AUP tem personagens masculinos e femininos. Os três protagonistas masculinos são os descritos no enredo, anteriormente; existem ainda personagens secundários e figurantes do sexo masculino, entre crianças e jovens adultos. Desconhecemos se os personagens principais estão empregados. Em termos de estrutura física, são médios e em boa forma física. O primeiro deles é casado (ou vive em união marital) e tem um filho; o segundo tem uma namorada (refere-se à “dama”) e não sabemos se tem filhos; quanto ao terceiro, não existe qualquer menção a relacionamentos ou filhos.

Na dimensão de masculinidades exibidas, a representação de masculinidades positivas é dominante neste AUP. De modo geral, os três personagens principais revelam preocupação em cuidar da sua saúde, mantendo o HIV controlado através do tratamento, o que significa que frequentam os serviços de saúde. Por outro lado, ao falarem directamente para a audiência, dirigindo-lhe o olhar, os três personagens assumem que estão infectados pelo HIV.

O primeiro personagem – que representa o marido companheiro e pai presente – demonstra ainda participar em tarefas domésticas. Logo no início do vídeo, enquanto a mãe cozinha, o pai e o filho colocam a mesa para a refeição, como ilustra a Figura 2.

Os personagens expressam amor e cuidado pela família e referem a expressão de emoções positivas - por exemplo, o segundo personagem menciona como uma das vantagens



Figura 2 Cena do AUP 1 – Primeiro personagem masculino, filho e esposa partilham tarefas domésticas

de fazer o tratamento antirretroviral sentir que tem muitos “motivos para sorrir”. De maneira geral, os três personagens principais apresentam expressões faciais suaves ou sorridentes ao longo do anúncio, opostas ao fechamento emocional que pode caracterizar

masculinidades hegemónicas (Isaacs & Swartz, 2020; Kaufman, 1993/2002, por exemplo), e mesmo aos atributos de masculinidades apontados por alguns entrevistados.

Dentro das masculinidades positivas destaca-se ainda o facto de um dos personagens referir o uso de preservativo para prevenir a transmissão do HIV à esposa, uma mensagem muito importante devido à frequente feminização do HIV em Moçambique (CNCS, 2020). Por esse motivo, esta cena desconstrói masculinidades hegemónicas.

Ainda pertinente à dimensão de masculinidades exibidas, em duas das três sequências do primeiro personagem, ele “entra em cena” enquanto a esposa se ocupa de cozinhar e preparar alimentos, respectivamente. Além disso, na primeira sequência (Figura 2), a mulher aparece em segundo plano – com o pai e o filho em primeiro -, na segunda sequência (Figura



Figura 3 Cena do AUP 1 – Família do primeiro personagem principal

3) aparecem apenas estes dois últimos; por fim, a mulher surge à frente do homem, porém, ela está sentada a olhar e abraçar o filho, e homem coloca-se atrás de ambos, podendo simbolizar o papel de protector e cuidador da família. Esta dinâmica pode ser analisada à luz das

constatações de Goffman (1976), revelando a posição de superioridade e de protecção masculina sobre a mulher.

Algumas cenas representadas no vídeo apresentam masculinidades mistas. Por exemplo, no final da narrativa do primeiro personagem, ele caminha pela rua com sacos de compras nas mãos – vêem-se verduras -, que entrega ao filho assim que chega a casa. O facto de ser ele a fazer as compras pode ser representativo de masculinidades hegemónicas, pois podemos teorizar que ele é quem detém o poder económico em casa. Mas, pode igualmente

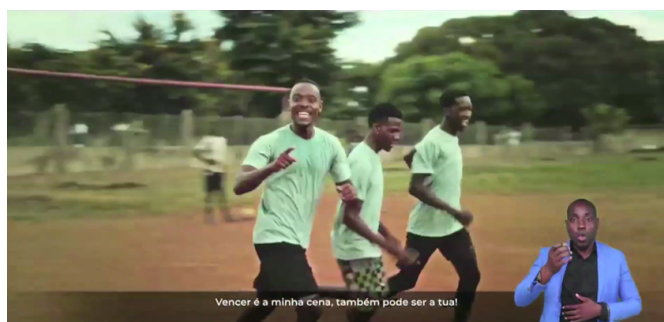


Figura 4 Cena do AUP 1 – Segundo personagem do AUP 1 a jogar futebol com outros jovens do sexo masculino.

indicar masculinidades positivas, se considerarmos a compra de alimentos uma tarefa doméstica. Ao mesmo tempo, o facto de ele, seropositivo, comprar alimentos nutritivos remete, uma vez mais, para cuidados com o bem-estar.

A narrativa sobre o segundo personagem principal, representado como o homem desportista – aparece a jogar futebol, como mostra a Figura 4 - e competitivo – refere “vencer é a minha cena” e “nada me pára” - parece-me ser interessante.

Embora a competição e a ambição sejam considerados atributos de masculinidades hegemónicas (Connell & Messerschmidt, 2005; McDermott *et al.*, 2018), no contexto do

AUP 1, creio que esta mensagem é indissociável da adesão (e retenção) dos homens no

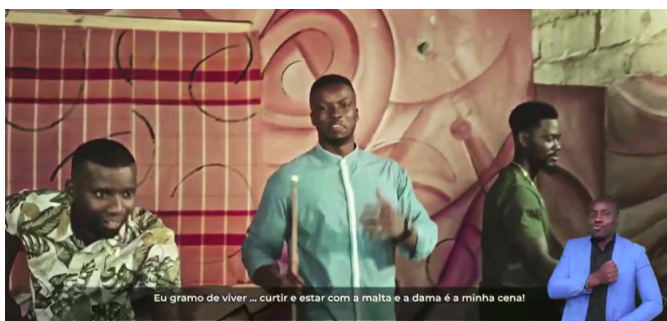


Figura 5 Cena do AUP 1 – Terceiro personagem principal joga bilhar com amigos numa típica casa de pasto

TARV, portanto, pode ser vista como representando masculinidades positivas.

Em relação aos cenários em que os personagens são representados, estes aparecem em ambientes peri-urbanos. O campo de futebol em que surge o segundo

personagem e a casa de pasto em que conhecemos o terceiro são espaços associados a masculinidades hegemónicas onde, de resto, todos os figurantes que aparecem são homens. A associação do terceiro personagem a outro jogo competitivo, o bilhar, reforça essa constatação.

Pelos motivos expostos até este momento, considero que o AUP 1 promove essencialmente masculinidades positivas, embora apresente também algumas características associadas a masculinidades hegemónicas e mistas.

Percepção dos Entrevistados sobre o AUP 1

A reacção emocional dos entrevistados ao primeiro AUP foi amplamente positiva, com apenas um deles a interpretar a narrativa dos três personagens vivendo com HIV de forma contrária.

A maioria dos entrevistados referiram emoções como alegria, orgulho e bem-estar, após ver o anúncio, justificando consistentemente com o argumento de que os homens retratados conseguiram superar o facto de estarem infectados e continuar a lutar pelo seu bem-estar e para protegerem as famílias, como ilustra a fala de Edson:

Os três são seropositivos por alguma razão que não nos interessa. E estarem a mostrar que o HIV pode apanhar a qualquer um e eles estão ali a seguir com as suas vidas e a fazer o tratamento - isso é uma cena meio de orgulho, né, porque estão *owning it* e não estão a desistir das suas vidas por isso. (Edson, 25 anos, Branding Manager, para.16)

O assumir do estado serológico e da responsabilidade por se manterem saudáveis (quando Edson refere que os personagens estão *owning it*) foi destacado por outros entrevistados, como Daniel, que acrescenta ainda a importância da rede de apoio familiar:

Vi homens de verdade por serem corajosos para fazerem o tratamento e protegerem a sua família e todo o resto do pessoal. E, acima de tudo, porque estão a fazer o tratamento de forma pública; tu vês que a família sabe e que há um envolvimento deles. (Daniel, 31 anos, Agência Criativa, para.73)

No entanto, Joaquim viu na escolha de três personagens do sexo masculino para protagonizarem o AUP 1 uma culpabilização exclusiva do homem pela transmissão do HIV, “como se a responsabilidade de proteger a outra pessoa fosse só nossa” (Joaquim, 33 anos, Polícia, para.15), argumentando que é a mulher quem determina o uso de preservativo, o que questiona a assumpção de ser o homem a tomar essa decisão (Barker & Ricardo, 2020; USAID, 2019).

Ao responder que “está sobre a mulher o poder de fazer o homem proteger-se” (Joaquim, 33 anos, Polícia, para.17), ele reconhece poder à mulher, poder este que lhe é concedido através do sexo, objecto do desejo dele. Este discurso denota a ausência do sentimento de auto-eficácia na tomada de decisões sobre o uso de preservativo, o que se distingue da narrativa dominante na literatura sobre Moçambique, verbalizada na justificação do produtor do anúncio da marca *Prudence* (Pro HD, 2021), anteriormente.

O enquadramento do AUP 1 para Joaquim, acrescido do facto de não se poder abstrair do mundo real, em que conhece um dos actores protagonistas e lhe reconhece incoerências, é determinante para que este não se identifique com os personagens – “Querem só modelos e às vezes falham. Por acaso reconheci uma pessoa no anúncio e sei que aquilo que estava a falar não é aquilo que vive” (Joaquim, 33 anos, Polícia, para.21).

Os demais entrevistados identificaram-se com os três personagens principais, em especial o primeiro e o elemento familiar que este representa, como revela a resposta de Daniel:

Ya, [identifico-me] com o primeiro. Porque a maior parte das actividades que faz são caseiras, ambiente caseiro - não que eu não faça o que o segundo faz; (...) tipo, estar

com os *bradas*³⁵, tomar uma cerveja... Mas o primeiro representa quem eu sou como pai de família. (Daniel, 31 anos, Agência Criativa, para.77)

Eduardo também se sentiu mais identificado com o primeiro personagem. Ainda que não seja casado nem tenha filhos até ao momento, foi igualmente a questão familiar que pesou mais para ele, introduzindo um atributo associado repetidamente pelos participantes às suas construções do que significa ser um “homem de verdade” (e que será abordado em maior profundidade na secção seguinte do presente capítulo):

Identifiquei-me com um deles que dizia que usava o preservativo e explicava porquê [proteger a família]. Eu parto do mesmo princípio: qualquer decisão que eu for a fazer fora, tenho que ter a consciência que pode impactar a minha família, então, isso é que é ser homem de verdade, também. Há que ter muita responsabilidade nas decisões que tomamos, sexuais e outras. (Eduardo, 25 anos, T.I., para.77)

Momed vai um pouco mais adiante, introduzindo outra questão aprofundada na segunda secção, relativa às pressões de género sentidas pelos homens moçambicanos:

A primeira coisa que me apareceu foi o homem que cuida da família e a mim passou-me aquela coisa de que existe essa pressão social de olhar para o homem como sendo sempre forte e cuidar da família para ser considerado homem de verdade. Muitas vezes isso é algo que nos faz pressão, porque temos esse *mindset* de ser o provedor. Às vezes olhas para os lados e vês amigos que já estão noutra nível, então pensas como é que a família e a sociedade vão te olhar... Eu critico, mas também sinto essa pressão. (Momed, 34 anos, Canais Digitais, para.10)

A existência de múltiplas masculinidades, inclusivamente num mesmo homem (Connell & Messerschmidt, 2005), foi mencionada por quase todos os entrevistados. Denilson, por exemplo, fala em alguém que “tem prazeres” (podendo colocar-se a hipótese de que está a falar de sexo, principal forma de transmissão de HIV), mas que também cuida da mãe:

³⁵ Nota da pesquisadora: O termo *bradas* (repetido por outros entrevistados) é um estrangeirismo do inglês *brothers* (irmãos), mais comum em Moçambique para referir a amigos(as).

Todo o mundo que consegue ir buscar alguma coisa e trazer, já é um homem de verdade. Mesmo aquele que tem prazeres, basta cuidar da sua mãe e quê, é um homem de verdade. Então, é complicado dizer se vi ou não homens de verdade. Podem ser e podem não ser. (Denilson, 34 anos, Editor de vídeo, para.26)

Em relação à representação de homens nas campanhas de comunicação para mudança analisadas e outras que se produzam futuramente, as opiniões dos entrevistados dividiram-se entre a necessidade de maior diversidade de masculinidades e decisões de produção relativas à narrativa e ao género escolhido para abordar a temática do HIV.

Para Edson, é importante que futuras campanhas mostrem maior diversidade social: “Eu diria que me pareceram todos da mesma classe social e se calhar faltava ter a representatividade de pessoas “muito mais humildes”, tipo aqueles trabalhadores que vemos no dia-a-dia, aquele camponês, aquele operário...” (Edson, 25 anos, Branding Manager, para.22).

Para Denilson, o AUP 1 não é realístico pois os personagens principais exibem apenas uma emoção dominante, que ele classifica como felicidade, quando certamente que, no mundo real, lidariam com diversos desafios, tal como a discriminação.

Embora não se refira exclusivamente a homens mas sim a pessoas vivendo com HIV, Denilson toca no peso que as normas e expectativas sociais colocam sobre o indivíduo infectado e as estratégias, por vezes extremas, usadas por quem não se conforma com essas expectativas ou quem a sociedade vê como sendo menos:

Descobrem que tens HIV no trabalho, já te olham mal, já te excluem como se não servisses mais. (...) Tu tens que fingir estar feliz para não mostrar o teu lado triste. Mas, sendo um ser humano a sofrer pressões da sociedade, acabas por mudar-te para outro local, vais para onde ninguém te conhece para começares de novo. (Denilson, 34 anos, Editor de vídeo, para.28)

Apesar disso, ele salienta a questão da agência (Bandura, 2001) e da possibilidade de se manter fiel ao *self* (Goffman, 1974/1986), ainda que se pague um preço elevado por isso:

Às vezes é melhor esconder para te misturares, porque quando comesças a mostrar a verdade excluem-te. É como se na sociedade existisse uma porta onde entram os escolhidos, e os não escolhidos ficam de fora. Numa sociedade com a cabeça fechada, é complicado tu seres verdadeiro. (Denilson, 34 anos, Editor de vídeo, para.29)

Da fala de Denilson sobre os escolhidos e os não escolhidos é possível extrair ainda uma referência directa a uma hierarquização social, mesmo que não específica ou exclusiva a homens. A percepção dos entrevistados sobre a hierarquização dos homens em virtude dos atributos de masculinidades que exibem será explorada em maior profundidade na próxima secção.

4.1.2. AUP 2: “Denuncie uniões prematuras”

Análise dos dados

Ao longo de todo o AUP 2 aparecem apenas dois personagens masculinos; um deles pressupomos ser o pai da protagonista, uma rapariga adolescente, e o homem que a procura para uma união prematura. O pai da menina aparenta ser um jovem adulto, enquanto o segundo homem é adulto, provavelmente com cerca de 50 anos.

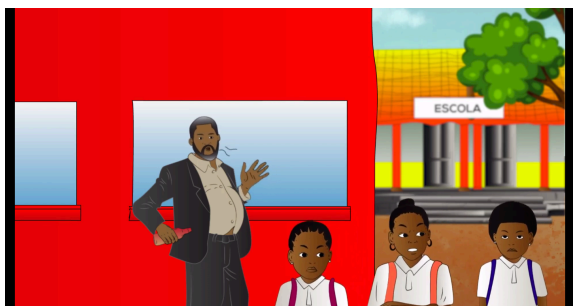


Figura 6 Cena do AUP 2 – Homem assobia a três alunas à saída da escola

Fisicamente, o pai tem uma estrutura média; o segundo homem é mais alto e tem uma barriga bastante proeminente, que aparece sempre mal coberta pelas camisas que veste. No início do anúncio ele aparece de casaco e calça de fato, um camiseiro, o que me leva a supor que seja assalariado ou um trabalhador liberal. No que toca a relacionamentos, supomos que o pai da protagonista é casado, pois aparece ao lado de uma mulher, que se pressupõe ser a mãe da menina. Não sabemos se o segundo homem tem filhos.

Em relação às masculinidades exibidas, este AUP é unidimensional, no sentido em que todas as masculinidades representadas são hegemónicas, como se pode perceber pela descrição do enredo, acima. Estas são evidenciadas logo na primeira cena, quando o homem

assobia à rapariga e às colegas (Figura 6), assediando-as e, assim, objectificando o corpo feminino (Arthur, 2018).

Na sequência seguinte, visível na Figura 7, o segundo homem já está sentado com os pais da menina para oficializar a união, considerada crime em Moçambique; junto a ele estão



Figura 7. Cena do AUP 2 – Representação de cerimónia tradicional para “oficializar” a união prematura

os bens que irá oferecer aos progenitores. No fim da sequência a menina tem uma expressão de tristeza profunda, os três adultos sorriem. Dois homens determinam o presente e o futuro da protagonista sem que esta tenha agência para o evitar.

O AUP representa, desse modo, a união prematura num enquadramento cultural específico, ao mesmo tempo, associando a cerimónia tradicional de *lobolo*, que não tem relação com as uniões prematuras, a esta prática legitimada por normas sociais assentes em masculinidades hegemónicas.

O AUP representa, desse modo, a união prematura num enquadramento

Quando a história avança, temos um vislumbre daquilo em que se tornou a vida da



Figura 8. Cena do AUP 2 – Já na união prematura, a menina é submetida a diversos tipos de violência

menina depois da união prematura (Figura 8); percebemos o abuso verbal e o autoritarismo na expressão facial dele: grita e aponta ameaçadoramente na direcção dela. A expressão dela é de tristeza, e chora copiosamente.

Recorrendo a Goffman (1976), a dominação do homem sobre a menina é evidenciada nas posturas físicas de ambos: ele de pé, inclinado sobre ela, e ela curvada sobre a areia vermelha. Ao fundo há um pilão e um saco cheio de algo, que deverá ter que ser pilado - tarefa tipicamente executada pelas mulheres em Moçambique (embora as práticas possam ser diferentes em algumas zonas do país), o que sugere outros tipos de trabalhos que ele a obrigará a fazer. Ainda, a mãe da menina aparece sempre sentada, ao lado do marido, parecendo ter um papel complementar a este, uma vez que a negociação acontece entre os dois homens presentes (Goffman, 1976).

Recorrendo a Goffman (1976), a dominação do homem sobre a menina é

A voz do narrador do vídeo entra, pela primeira vez, durante a entrega dos bens aos pais da menina, para alertar que “As uniões prematuras roubam os sonhos e a infância das crianças. Roubam-lhes a oportunidade de uma educação e futuro melhores. Aumentam o risco de sofrerem outros tipos de violência” (UAP2, 00m26s), antes de indicar a linha telefónica para denúncias relacionadas com uniões prematuras. Na narração, não existe qualquer referência directa a homens, o que poderá indicar uma abertura à inclusão de crimes deste tipo envolvendo rapazes menores como vítimas.

Na dimensão de cenários, a história passa-se numa zona rural de Moçambique, como se percebe pelos tipos de casas - a dos pais e a do segundo homem, embora a casa deste, de alvenaria, permita perceber que possui melhores condições financeiras. O único outro cenário é o exterior da escola frequentada pela menina. No contexto específico de Moçambique, considere este cenário como podendo representar masculinidades hegemónicas, em face da literatura sobre o assédio a raparigas dentro e fora das escolas, tipicamente, em contextos de relações inter-geracionais (Hawkins et al., 2009; IRIN News, 2008; Machel, 2001; Movimento de Educação para Todos, 2021).

No que concerne à dimensão de mensagens sobre masculinidade, ao representar exclusivamente masculinidades hegemónicas, o AUP 2 pode contribuir para a percepção de que estas são a norma e, desse modo, agir como barreira à mudança social e comportamental (Garboggini, 2005; Giaccardi *et al.*, 2016; Stewart *et al.*, 2021).

Percepção dos Entrevistados sobre o AUP 2

Ao contrário do que sucedeu após a visualização do AUP 1, as emoções dominantes entre os entrevistados foram as de natureza negativa, em particular tristeza e raiva, pelos motivos que eram (por mim) esperados: a infância e o futuro de uma rapariga menor são trocados por uma vida de abusos, numa situação de total desigualdade de poder.

Porém, a percepção de Joaquim sobre o AUP 2 desafiou uma vez mais o padrão, o que poderá ser um reflexo da sua história de vida (o *self*, de Goffman). Joaquim também sentiu raiva depois de ver o anúncio, mas, os motivos foram diferentes de todos os outros: ele sentiu que o anúncio exclui os rapazes, não os representa. Na linha de argumentação que usou ao analisar o primeiro AUP, sobre homens em TARV, Joaquim questiona o facto de o AUP 2 apresentar o problema das uniões prematuras como sendo exclusivo às raparigas:

Já vi vídeos de uma mulher deitada e uma criança do sexo masculino a fazer movimentos de pessoa adulta, e as pessoas a rirem. Mas eu depois disse 'Se fosse um homem deitado e uma criança de sexo feminino a fazer esses movimentos vocês não estariam a achar graça, então, por que acham quando é um menino'? Tem muitas crianças que vêm das províncias para vender amendoim - essas também têm a infância interrompida. Porque tinha que ser um homem a assediar uma menina? (Joaquim, 33 anos, Polícia, para.26)

Incentivei Joaquim a desenvolver a argumentação perguntando-lhe “A violência contra o homem é um assunto de que não se fala?”, o que o levou a reforçar a ideia do silenciamento deste tipo de violência remetendo à sua experiência como agente da polícia: “Não se fala, e faz-se até piada nas esquadras. Quando um homem vai prestar queixa dizem para ir resolver com a mulher” (Joaquim, 33 anos, Polícia, para.29).

Na mesma resposta, Joaquim faz outro questionamento interessante, também através de um exemplo pessoal: no passado, foi agredido pela então namorada e não reagiu da mesma forma, o que mereceu o agradecimento da mãe da rapariga.

Ele volta a questionar a ênfase dada à violência contra a mulher (incluindo nos *media*) e conseqüente falta de representatividade da violência contra o homem, tocando em dois atributos ligados a masculinidades hegemónicas, a associação destas à legitimação da violência contra a mulher e a pressão social para que o homem não pareça fraco:

Se eu estiver a bater papo contigo e a minha namorada me chamar lá para fora e ouvires o som de uma chapada, o que vais pensar? Que eu bati na minha namorada. Se eu disser que me bateram, vais dizer que sou mole. Mas se eu tiver batido vais dizer que sou *maningue*³⁶ bruto. (Joaquim, 33 anos, Polícia, para.31)

Joaquim introduz aqui outro aspecto muito relevante para o estudo – o conflito interno do homem que procura adoptar masculinidades positivas, mas que se depara com normas e pressões sociais que o empurram para o lado oposto - o conflito entre ser macho ou ser masculino a que se referiu Kaufman (1987, como citado em Januário, 2016).

³⁶ Expressão popular em Moçambique para significar “muito”.

Na mesma resposta, ele faz ainda uma distinção importante entre a imagem e o texto (narração) que compõem o vídeo: “Se estivesse só a ouvir o som eu ia gostar porque falaram cenas *maningue nices*, não falaram de género, era neutro” (Joaquim, 33 anos, Polícia, para. 27).

O efeito do AUP 2 em Denilson foi de vontade de desligamento, de esquecer que essa é uma realidade, em resultado de se identificar como fazendo parte da mesma. Na sua justificação, toca na dificuldade de transformar práticas sociais enraizadas numa cultura: “não se luta contra tradição; para mudares uma tradição tens que nascer, fazer filhos, até nascer um cérebro vazio para tu implementares um novo sistema. Um sistema podre acaba frustrando, mesmo para quem está dentro dele (Denilson, 34 anos, Editor de vídeo, para.31).

Como Joaquim, acima, Edson defende que a violência, no caso sexual, também afecta os rapazes, mas que a sociedade olha para ambos de forma distinta; o sofrimento dos rapazes é invisibilizado por concepções típicas de masculinidades hegemónicas:

(...) fomos submetidos a uma sociedade em que o homem tinha maior domínio, maior poder de adquirir e de roubar. (...) quando o homem está ali, está não como a vítima mas como aquele que é o *player* (...). A nossa sociedade não está preparada para isso, tanto que existem casos de violência doméstica e violência sexual protagonizados por mulheres em Moçambique, mas por ser ainda tabu dizer que um homem foi violado, as pessoas não levam muito a sério. (Edson, 25 anos, Branding Manager, para.29)

Ele sugere que a comunicação de massas poderia fazer mais para dar visibilidade a este assunto e refere a violência em relacionamentos e entre pais e filhos como consequências de não se comunicar mais: “não comunicamos nem estamos tão bem informados ao ponto de sabermos quando é que somos vítimas e de estarmos munidos de formas de reacção e de nos defendermos, sejamos homens ou mulheres” (Edson, 25 anos, Branding Manager, para.30).

Edson, Denilson e Paíto fazem a distinção entre o espaço (contexto) rural e urbano, localizando as uniões prematuras em contextos rurais, o que justificam com a ausência ou escassez de campanhas e acções de comunicação sobre o tema, como se percebe pela fala de Paíto, que trocou a sua aldeia no centro de Moçambique por Maputo há menos de um ano: “Lá não anunciam essas coisas, acho que eles não entendem que isso aí é crime” (Paíto, 22 anos, Responsável de Limpezas, para.83).

Perguntei a Paíto o que faria no lugar do pai representado no anúncio, ao que respondeu “se eu tiver filho ou filha vou deixar estudar até ultimar, para ficar a ajudar os outros” (Paíto, 22 anos, Responsável de Limpezas, para.86). Considero importante que Paíto tenha deixado claro que não faz distinção entre a escolarização de rapazes e raparigas, o que contraria a norma social vigente em contextos rurais (USAID, 2019).

A última parte da resposta de Paíto revela igualmente a importância elevada que ele e outros entrevistados atribuem a ter condições económicas para poderem ajudar as suas famílias, em especial na construção das suas identidades masculinas, como se irá perceber na próxima secção.

Alguns entrevistados associaram a prevalência de uniões prematuras em zonas rurais à pobreza material, e também mental. Daniel vai mais longe ao acrescentar que a manutenção de uma pobreza que empurra os pais para aceitarem as uniões prematuras faz parte de um sistema social e político que beneficia os homens que se aproveitam dele para continuar a exercer poder sobre as mulheres: “O que vemos no anúncio é um aproveitamento da máquina. Então, a quem interessa a distribuição de riqueza quando podes ir escolher mulheres como se fossem cabritos? Não interessa a ninguém!” (Daniel, 31 anos, Agência Criativa, para.89).

Seguindo a linha de pensamento de Butler (1993) sobre a masculinidade enquanto performance, à qual ele se refere algumas vezes na sua entrevista, Daniel continua a explicar que ser “homem de verdade” significa não se aproveitar do sistema montado e estabelece um paralelo interessante com a segunda parte da entrevista dele (na secção a seguir):

A cena de ser homem é conseguires conquistar coisas sendo a melhor versão de ti próprio e não te beneficiar do sistema. Essa é uma desculpa muito barata, banal. (...) A única consciente no anúncio é a criança, todos os outros estão a entrar dentro de um roteiro estabelecido na sociedade. (Daniel, 31 anos, Agência Criativa, para.87)

A natureza mutável das normas sociais de género no tempo e no espaço (Connell & Messerschmidt, 2005; Januário, 2016) surge na fala de Denilson sobre as uniões prematuras:

Isto é normal dentro de uma cultura, (...) Só que, sendo uma criança, não é normal para mim, mesmo estando dentro dessa cultura. (...) Também tem a ver com tempo, porque isso é o tempo antigo (...). De lá até anos 90 as coisas foram mudando porque a

tecnologia evoluiu e começou a correr tanto que isto ficou uma coisa ridícula. Já não faz sentido. São pessoas fracas que queriam ter poder sobre as mulheres, então casavam pessoas mais novas e tu olhavas o teu marido como um predador.

Nós que estamos de fora percebemos que é errado, mas se fores para uma vila pode ser super normal naquela cultura. Então, eles precisam ser ensinados que isso aqui não pode acontecer. (Denilson, 34 anos, Editor de vídeo, para.36-37)

Remetendo para a mutação das normas sociais no espaço e a importância do contexto, Denilson faz a distinção entre a urbanização, associada ao avanço tecnológico e social, e a ruralidade, ainda presa às formas de ser e estar do tempo antigo (Aboim, 2008).

Denilson partilha uma história pessoal, sobre como ele é fruto de uma situação a que aplica o mesmo enquadramento do anúncio, embora faça uma distinção - a mãe escolheu aceitar a realidade que lhe foi imposta:

Minha mãe, por exemplo, casou com 18 anos. Os meus avôs encontraram-se, combinaram; depois o meu pai viu a minha mãe e calhou ele gostar dela. Só que o meu pai já tinha para aí a minha idade, 30 e tal. Só que, como disse, este comportamento nas zonas rurais é olhado de forma diferente. Os dois avôs eram ricos em termos de bens, então, sentaram e conversaram... Falaram com a minha mãe e ela aceitou, não lhe forçaram. (Denilson, 34 anos, Editor de vídeo, para.38)

Em relação a como melhor representar os homens no AUP 2, Denilson salienta a importância de futuras campanhas de comunicação sobre este tema alertarem para o papel dos níveis de influência comportamental familiar e comunitário (reflectidos no modelo socio-ecológico de Comunicação para Mudança Social e Comportamental de McKee, 2012, em Kincaid *et al.*, 2020) na prevenção das uniões prematuras:

Muita gente acha que o problema é o homem que quer, mas o maior problema é que aquela mulher tem família, tem alguém que permite aquilo. Então, tem que se combater essas cabeças que permitem isto aqui. (Denilson, 34 anos, Editor de vídeo, para.40)

Sobre se os homens poderiam ter sido melhor representados, Joaquim propõe que o pai da rapariga deveria ter recusado entregar a filha e eventualmente até “aconselhar o

senhor”. Voltando ao facto de ter dito anteriormente que não viu homens de verdade no anúncio, ele afirma que se o pai tivesse agido como propõe, iria “mudar de discurso e dizer que vi um homem de verdade” (Joaquim, 33 anos, Polícia, para.39).

Edson também opina que deveria haver um personagem masculino que trouxesse uma abordagem positiva às masculinidades, pois há homens que têm “uma postura diferente” (Edson, 25 anos, Branding Manager, para.36)

Paulo acrescenta “que a comunicação não parasse no problema” (Paulo, 30 anos, Conta Própria, para.38); que os pais deveriam recusar dar a filha em união e sugere:

Mostrar que se fizéssemos diferente essa criança poderia estudar, se formar, se calhar trazer desenvolvimento para aquela localidade, se calhar ser uma activista que vai falar daqueles assuntos, porque... é por falta de conhecimento. (Paulo, 30 anos, Conta Própria, para. 37)

Na mesma linha de pensamento de Paulo – e do paradigma de masculinidade positiva (McDermott *et al.*, 2018) - Edson salienta que:

Muitas vezes focamos em comunicar o lado negativo do homem, e não em comunicar as cenas boas que os homens fazem e representam para a sociedade. Mostrar o lado do homem que queremos construir e mostrar à sociedade, que não existe só um tipo de homem. Que dentro desses homens há outros que estão ali a fazer o seu papel como o que eu considero ser homem de verdade, homem sério, que realmente ajuda. (Edson, 25 anos, Branding Manager, para.96)

Como Daniel e Paíto, Paulo fala na questão do desconhecimento e da perpetuação de normas de género negativas ao longo de décadas, revelando a forte influência da religião na sua identidade:

A Bíblia diz isso: o homem perece de falta de conhecimento. O mundo daquelas pessoas é aquele ali, não pensam numa outra realidade, e aqueles estão a fazer aquilo que vêm vendo de outras gerações. Estão numa caixa. (Paulo, 30 anos, Conta Própria, para. 38)

4.1.3. AUP 3: “Campanha de vacinação contra o sarampo e a rubéola”

Análise

O primeiro aspecto que me chamou à atenção no AUP 3 foi a já referida ausência de um enredo, o que talvez seja justificado pelo facto de a campanha de Comunicação para Mudança Social e Comportamental que integra ter colocado maior ênfase na estratégia de mobilização comunitária do que na comunicação de massas.

Na dimensão de Personagens Masculinos, o AUP 3 tem dois homens adultos; um deles (desconhecemos se trabalha ou não) presume-se ser o pai de um rapaz e o outro é um provedor de saúde da comunidade; além deles há diversas crianças do sexo masculino (e feminino), entre bebés e pré-adolescentes. Em relação ao porte físico, classifico o pai como estando acima da média e o provedor de saúde como mediano. Desconhecemos se estes dois personagens masculinos adultos estão em relacionamentos, e se o provedor de saúde tem filhos.

O elemento que considero destacar-se mais no vídeo em análise surge na dimensão de masculinidades exibidas e prende-se com a representação do que assumimos ser o pai de um rapaz, visto que é ele quem o leva à vacinação, na unidade sanitária – uma decisão da equipa de redacção e produção do vídeo que desconstrói diferentes realidades associadas a masculinidades hegemónicas em Moçambique.

Naturalmente, poderiam existir diversas outras explicações para a referida decisão, mas, no contexto do vídeo, o que a audiência vê é um pai presente e que não só se



Figura 9. Pai e filho trocam sorrisos com a enfermeira

responsabiliza pelos cuidados de saúde do filho como “dá a cara” – é ele quem o leva à unidade sanitária, não obstante todas as outras pessoas que estão na sala de espera do que se supõe ser a unidade de pediatria serem mulheres. O cenário representado é a norma em Moçambique, o pai com o filho o rompimento com esta (Jeong *et. al*, 2021).

Na cena descrita, e visível na Figura 9, tanto a enfermeira que os atende quanto o pai e o menino apresentam expressões faciais sorridentes, o que indica dois aspectos relevantes para o tema da pesquisa: 1) que o homem/pai se sente confortável levando o filho à unidade

sanitária (e sozinho, sem uma mulher a acompanhá-los), e 2) que a enfermeira, representando aqui os serviços e os servidores públicos de saúde, acolhe os homens que assim o fazem de sorriso aberto, uma narrativa que contrasta com a relatos directos de provedoras de saúde que desencorajam de forma aberta a presença dos homens nos serviços de pediatria (Jeong *et. al*, 2021).

Nesse sentido, numa única cena podemos perceber a aplicação do modelo socioecológico de mudança no nível individual, através do homem que rompe com a norma e adota atributos de masculinidades positivas e a enfermeira que encoraja esse comportamento; nos níveis comunitário e social, ao modelar o comportamento masculino desejado e mostrar as “recompensas”, neste caso, ser bem atendido; e, por fim, no nível



Figura 10. Administração das vacinas por provedor de saúde comunitário

estrutural, ao mostrar os serviços e provedores de saúde como promotores de masculinidades positivas (ao invés de actuarem como barreira).

Em relação às masculinidades exibidas pelo provedor de saúde comunitário, visível na Figura 10, classifico-as como neutras, uma vez que o rosto é inexpressivo e o único

comportamento que vemos é o atendimento a uma mãe e criança, ou seja, uma tarefa normal no trabalho dele.

Os cenários representados no AUP 3 são maioritariamente peri-urbanos, como indicam as imagens da unidade sanitária, a visão aérea e terrestre sobre a zona onde está o provedor de saúde da comunidade. No entanto, uma sequência inserida nos últimos segundos do vídeo remete para uma realidade rural ao mostrar o que aparenta ser uma escolinha infantil: na primeira cena, várias crianças estão numa sala feita de caniço, em pé e a fazer o que aparentam ser exercícios motores (ou talvez seja a coreografia de uma canção infantil); na cena seguinte as crianças estão sentadas numa roda ao ar livre, na areia e à sombra de uma árvore, enquanto uma criança aponta para um pequeno quadro de ardósia; uma mulher, sentada ao lado dela, sorri.

A unidade sanitária aparece como um cenário que desafia masculinidades hegemónicas, pelos motivos expostos anteriormente; os demais cenários (a rua, o parque

infantil em que algumas crianças brincam no início do vídeo, a escolinha) são neutros a este nível.

No que concerne a mensagens sobre masculinidades, exclusivamente através de imagens, o AUP 3 contribui para promover masculinidades positivas, ao confrontar a norma social de serem as mulheres a levar os filhos às unidades sanitárias, ainda que os produtores do anúncio não tenham representado uma realidade radicalmente diferente daquela que os moçambicanos estão mais acostumados a encontrar nos serviços de pediatria (Jeong *et. al*, 2021).

Percepção dos Entrevistados sobre o AUP 3

Em comparação com os dois AUP anteriores, este foi o que menos emoções provocou nos entrevistados, com alguns deles a manifestarem-se indiferentes (do ponto de vista emocional). Esta constatação poderá estar relacionada com o facto de o anúncio não usar *storytelling* (Bouman *et al.*, 2017; Igartua & Casanova, 2015), um enredo, personagens e um apelo emocional forte, como aponta Edson quando questionado se se identifica com algum dos personagens: “Não diria que sim porque não houve um personagem condutor da história... Mas identifico-me com a mensagem” (Edson, 25 anos, Branding Manager, para.42).

Durante as entrevistas, a aparição do pai com o filho foi uma vez mais o foco de maior atenção, contudo, por um motivo diferente: a maioria dos entrevistados não reparou na existência do pai. Na verdade, apenas Daniel o refere; Paulo, Eduardo e Edson chegam a criticar que não se tenha incluído o exemplo de um pai a acompanhar os filhos à vacinação. Atente-se, por exemplo, à resposta de Edson à pergunta sobre se haveria formas melhores de representar os homens no anúncio:

Eu diria que sim, por exemplo, podiam usar uma figura paterna e usar uma combinação de família moderna / tradicional, mostrar que também os pais se importam com assuntos relacionados à saúde da criança e construir a figura paterna que queremos para a nossa sociedade. (Edson, 25 anos, Branding Manager, para.45-46)

Paulo critica a ausência de homens com os filhos nas imagens da unidade sanitária, enquadrando essa realidade na perpetuação de normas sociais de gênero negativas a partir da infância:

O rapaz cresce sabendo que é homem, brinca com homens, não veste cor-de-rosa, faz trabalhos de homem... Porque o homem não pode cuidar de casa, lavar roupa, engomar, lavar, cozinhar; são trabalhos de mulher. Eu acho que isso não está certo. (Paulo, 30 anos, Conta Própria, para.42)

Paulo continua a sua análise, uma vez mais aludindo à influência das normas sociais na construção da identidade masculina (e feminina) e à distinta separação de papéis de gênero na sociedade moçambicana, e do qual ele se procura distanciar:

Não estamos a dizer que não há diferenças, porque há. Eu tenho certas características por ser homem mas, quando se refere a trabalho e tarefas de casa, são para os dois... Será que as mulheres que vemos no vídeo são viúvas? Não... E o homem está em casa! Às tantas quem trabalha até é a mulher, é ela que traz o pão para casa, vai a machamba, faz todas as tarefas (...). Estamos a falar desse exemplo, mas há muitas coisas que só as mulheres é que fazem porque somos construídos assim, somos ensinados... Não está certo. (Paulo, 30 anos, Conta Própria, para.43)

Daniel, o único participante que demonstrou ter reparado no personagem em causa, descreve-o como sendo um “homem de verdade”. Ele identifica-se com o personagem pois o comportamento deste é algo que valoriza na construção da sua identidade masculina e a que atribui elevado valor social no seu papel de “marido companheiro” (Aboim, 2008):

Eu sinto-me bem lá [numa unidade sanitária, com os filhos] porque participar na saúde dos meus filhos faz parte da minha construção com eles e, também, porque me sinto a representar a minha mulher, tipo, ela tem o homem que todas as mulheres queriam ter. (Daniel, 31 anos, Agência Criativa, para.98)

Para terminar a análise do terceiro AUP perguntei a Ntanzi que outros assuntos ligados a masculinidades gostaria de ver abordados em campanhas similares às que discutimos, o

que o levou a sugerir que se dê visibilidade à vulnerabilidade e insegurança masculinas, rejeitando-se a ideia de que o homem deve ser sempre forte:

(...) nas redes sociais vemos coisas como 'Tu tens estrias, mas também és mulher'. Se for uma mulher com banhas e tal, dizem 'Não te sintas mal, o teu corpo é perfeito'. Os homens também têm inseguranças, mas acredito que ninguém olha para isso. Por exemplo, o problema da ejaculação precoce (...), mas nunca se fala dele e quando os homens são assim as mulheres riem-se. Também existem homens que não são suficientes, e as mulheres simplesmente riem-se. E não vejo nada que abranja o homem nesse sentido porque a sociedade olha o homem como alguém forte, que aguenta tudo. Mas os homens também sofrem, as pessoas não vêem isso. (...) Na TV vejo anúncios sobre assédio contra mulheres, mas os homens também são assediados por senhoras. Mas não se fala nestas coisas nas televisões. (Ntanzi, 18, Desempregado, para.43-44)

A ideia transmitida por Ntanzi nas últimas frases da citação remete para o stress causado pela sensação de não corresponder ao ideal dominante (Mussap, 2008). Recordo também a reflexão de Nixon (1997) sobre como os *media* definem o que é considerado normal ou não. Em simultâneo, faz eco das preocupações partilhadas por Joaquim após visionar os AUP 1 e 2 em relação ao silenciamento ou invisibilidade da violência contra o homem nos *media* moçambicanos.

Antes de terminar esta secção, penso ser importante deixar uma nota sobre as instituições que encomendaram os três AUP analisados e, por conseguinte, definiram um conjunto de elementos centrais para a percepção que os entrevistados tiveram sobre cada um deles.

Essas instituições partilham entre si uma série de *frames* (Goffman, 1974/1986) referentes aos direitos humanos universais e, em concreto, questões ligadas à equidade de género, e “tendências” no mundo do desenvolvimento, que transbordam, por exemplo, para o tipo de linguagem utilizada e para os tipos de masculinidades representados nos AUP, orientando as audiências para determinados tipos de interpretações (Reese, 2007). Partilham ainda o propósito explícito de influenciar comportamentos e normas sociais e, assim, de alcançar efeitos pré-determinados (Mendonça & Simões, 2012). Ainda assim, quando o enquadramento de um anúncio e o enquadramento de um entrevistado divergiram

(Scheufele, 1999), como na percepção de Joaquim sobre os AUP 1 e 2, o anúncio não teve o efeito desejado originalmente.

4.2. Entre os homens que foram ensinados a ser e os homens que idealizam ser - Entrevistas semi-estruturadas

As entrevistas tiveram uma componente de visionamento dos anúncios analisados na secção precedente e uma componente relativa às histórias de vida dos entrevistados, como mencionado anteriormente. Na presente secção partilho os resultados da segunda componente, a análise narrativa das conversas em profundidade com nove homens moçambicanos entre os 18 e os 34 anos para responder às sub-questões de investigação *Será que eles se identificam com essas representações [deles, em campanhas de Comunicação para Mudança Social e Comportamental]? Como é que aspiram a ser representados em futuras campanhas de comunicação para mudança?; Que atributos associam a ser um “homem de verdade”? Existem sinais de masculinidades positivas entre esses atributos?*, analisadas em conjunto, e enquadradas nas seguintes dimensões:

- Os homens que foram ensinados a ser: influências externas na infância e juventude
- Os homens que são: estratégias de resistência; pressões, conflitos; o *self*
- Os homens que idealizam construir

- Aprender a ser homem: primeiras influências e percepções sobre normas de género

Começando pelo início da história de vida dos entrevistados, a infância surgiu como um período determinante de aprendizagem das normas sociais de género (e não só) dominantes e as consequências da não conformidade, algo que o enquadramento teórico deixava antever (Bronfenbrenner, 1979; Muluneh *et al.*, 2021; Pearse & Connell, 2016). Os progenitores e cuidadores posicionam-se como os protagonistas da transmissão de “conhecimento” durante a infância e a adolescência, em particular. Foi na adolescência que alguns entrevistados confrontaram esse posicionamento e assumiram (ou tentaram) o papel de protagonistas na construção da sua identidade masculina.

Na história de vida dos participantes, com frequência, a percepção de que existe uma separação clara de papéis de género foi desencadeada por um episódio concreto que

provocou uma epifania: *é assim que um homem deve comportar-se/ser/pensar, ou, um homem não se comporta assim.*

As referências dos participantes remetem para a distinção clara de papéis femininos e masculinos na atribuição de tarefas domésticas, no vestuário, assim como nas brincadeiras e jogos infantis – estes últimos foram repetidamente associados às primeiras memórias da consciência dessa diferença. Edson, oriundo da província central da Zambézia, resume:

Há toda a questão de (...) rosa é para menina e azul é para menino. Nessa construção, muitas vezes abdiquei da vontade de usar uma peça cor-de-rosa porque poderia ter a minha masculinidade questionada. Também, no sentido de não fazer certas brincadeiras; por exemplo, houve momentos em que eu não podia jogar à *neca*³⁷ porque tinha que estar a brincar com carrinhos. Não podia brincar com brinquedinhos de cozinheiro porque eram mais inclinados para as meninas. (Edson, 25 anos, Branding Manager, para.62-63)

Procurando compreender melhor como Edson se posicionava na infância perante normas sociais que estava ainda a aprender, perguntei-lhe como entendia o facto de, em teoria, não poder participar em certos jogos:

Continuava a brincar (...) Eu sou da Zambézia, então tínhamos o *cheia*³⁸ e tínhamos o *nharingote*³⁹, também muito visto para meninas. Mas um dos jogadores mais fortes que tivemos de *nharingote* era o mais disputado para estar na equipa dos que queriam vencer. (...) Sendo um jogo sempre associado a meninas, ter ali uma figura masculina que era sempre o melhor é muito... *awkward!* Eu sabia o que não podia fazer, mas continuava a fazer. (Edson, 25 anos, Branding Manager, para.66)

Outro entrevistado, Eduardo, aprendeu em criança que não se conformar com os papéis de género esperados pode levar ao questionamento da sua masculinidade (Januário, 2016; Mussap, 2008):

³⁷ *Neca* é um jogo praticado por crianças e adolescentes, equivalente ao *jogo da macaca*, em Portugal.

³⁸ *Cheia* é um jogo tradicional moçambicano, praticado por duas equipas de seis raparigas. A equipa em jogo tem que encher uma garrafa com areia sem que a equipa oponente atinja os seus elementos com uma bola.

³⁹ *Nharingote* é outro jogo infantil tradicional de Moçambique destinado, em teoria, apenas às raparigas.

Já tive uma situação que (..) pintei as unhas, e o meu pai zangou comigo que não podia fazer aquilo. No momento não percebi mas mais tarde dei-lhe razão (...) porque acabas cultivando hábitos femininos, na concepção masculina de alguns homens na cultura moçambicana. Aí também vi que há uma separação de homem e mulher, a nível de brincadeira, de como ser e como estar na sociedade, a forma de pensar. (Eduardo, 25 anos, T.I., para.18)

Quando lhe perguntei se, na altura, o pai lhe explicou o motivo para ficar tão zangado com ele, Eduardo respondeu que não, e admitiu que, agora adulto, por vezes faz a *manicure*, mas que está “consciente” do acto. Por essa razão, assume a possibilidade de replicar a reacção do pai, quando tiver filhos. O enquadramento que Eduardo faz do evento que reforçou a sua aprendizagem sobre papéis de género permite-lhe justificar a atitude do pai no passado e quase prescrevê-la no presente/futuro como algo que supostamente protege os rapazes de comportamentos que podem enfraquecer a masculinidade.

Mais adiante na entrevista procurei compreender se o referido enquadramento seria informado por atitudes negativas em relação a homens não heterossexuais e se Eduardo os consideraria “menos homens”. A história de vida que partilhou, por exemplo, o facto de conversar com um amigo homossexual sobre as experiências românticas deste, parece indicar que tal não é o caso. E, até certo ponto, parece conflitar com a resposta anterior. Porém, Eduardo pode simplesmente ter tentado transmitir a imagem que considerou mais apropriada à sua audiência naquele momento – eu – e ao contexto da conversa (Riessman, 2001). Ou pode não ter conseguido ainda libertar-se por completo de estereótipos e preconceitos transmitidos desde a infância.

Em relação à distribuição de tarefas em casa, na infância, as experiências da maioria dos entrevistados indicam a separação de responsabilidades de meninos e meninas:

Havia diferenças nas responsabilidades. O trabalho dos meus irmãos sempre foi descarregar o carro quando o *cota*⁴⁰ viesse com produtos e das minhas irmãs foi cozinhar, fazer limpeza, arrumar a casa. Nós os homens era qualquer coisa pesada (...). (Joaquim, 33 anos, Polícia, para.57)

⁴⁰ Calão para indicar uma pessoa mais velha que o interlocutor. No caso de Joaquim, refere-se ao pai.

No entanto, também surgiram experiências diferentes da de Joaquim, como as de Momed, Paulo e Paíto – no caso deste último provavelmente em virtude de diferenças culturais entre províncias:

Há uma diferença mesmo porque lá onde venho não há essa coisa de não posso pilar arroz, por exemplo, porque sou homem. Tem aquela coisa de pilar, ajudar a mulher, sim... Aqui em Maputo nunca vi isso aí. (Paíto, 22 anos, Responsável de Limpezas, para.29-30)

Momed, que vivia com os pais e o irmão, cresceu com exemplos de masculinidades positivas, vendo o pai e a mãe partilharem tarefas domésticas e esperarem o mesmo dos filhos:

Sim, sempre tivemos [responsabilidades em casa]. Era muito mais aos finais de semana. Meio de semana era mais pôr a mesa de jantar, a refeição que tínhamos juntos. Finais de semana era limpeza (...) das casas de banho, o nosso quarto. O meu pai fazia limpeza das salas, do corredor, e a minha mãe ficava na cozinha. (Momed, 34 anos, Canais Digitais, para.43-44)

A experiência de Paulo surpreendeu-me por ter acontecido num contexto rural – que se assume ser fortemente marcado pela perpetuação de normas sociais promotoras de masculinidades hegemónicas - e, também, por o protagonista ser um homem com essas mesmas marcas:

Embora eu tenha crescido no campo, tive uma educação diferente, somente da parte do meu pai. Eu acho que até o meu pai era feminista sem ele saber, porque nós crescemos sabendo que existe trabalho para ser humano. Na nossa família, de cerca de 17 filhos, quando se tratava de trabalho, era para todos. Nós os homens crescemos a cozinhar, a cuidar de crianças... Aquilo que era visto como trabalho de mulheres, nós também fazíamos. E isso era visto somente ali naquela casa, nas outras a realidade era diferente. E, mesmo assim, não era em tudo. Eu me recordo, por exemplo, que quando chegava a hora do jantar o meu pai é que sentava na cadeira (eram poucas), e as minhas mães sentavam na esteira. Porque é que não podiam sentar os quatro na cadeira ou os quatro na esteira? (Paulo, 30 anos, Conta Própria, para.45-46)

Como nota de contextualização, importa referir que o pai de Paulo (já falecido) era um homem polígamo, que vivia com três esposas e os respectivos filhos numa mesma propriedade do sul de Moçambique, na província de Inhambane.

É interessante perceber a dualidade de posicionamentos do pai de Paulo em relação a papéis e normas sociais de género: por um lado, ele contrariava a norma vigente de atribuir tarefas domésticas diferentes aos filhos e às filhas, levando Paulo (o mais novo dos 17) a enquadrar o pai como um homem feminista. Por outro lado, o pai assumia uma superioridade natural perante as três esposas – para além do exemplo das cadeiras, Paulo mencionou ainda durante a entrevista que, nas refeições melhores, as partes mais nobres da carne eram reservadas para o pai (para.54).

Assim como sucede com Paulo, a primeira referência de masculinidade da maioria dos entrevistados foi a figura paterna. Em alguns casos, e mesmo que essa figura estivesse presente, foi outro familiar próximo, como um tio, no caso Joaquim, ou o primo-irmão mais velho de Paíto e a pessoa a quem atribui o facto de ele ter “conseguido chegar” à cidade capital.

No discurso sobre essa primeira referência masculina, as qualidades mais destacadas foram prover e cuidar da família - que surgiram sempre intrinsecamente ligadas - e o investimento na educação escolar dos filhos. Embora o respeito pela esposa/companheira tenha sido referido por quase todos os entrevistados, a demonstração de afecto por ela e pelos filhos foi apenas mencionada por Edson, como irei abordar mais adiante. Vários dos entrevistados descreveram uma educação paterna rígida e autoritária, em alguns casos, com influência militar, como sucedeu com Joaquim e Denilson.

- Atributos associados a masculinidades: Domínio sobre a mulher

Neste ponto, trago para a discussão o atributo de masculinidades hegemónicas relacionado com o domínio sobre a mulher (Bourdieu (1998/2012; Connell & Messerschmidt, 2005). Uma das questões para os entrevistados foi se na sua casa da infância existia uma figura considerada chefe da família. Uma vez mais, a maioria das respostas convergiram para a figura paterna ou, na ausência deste, o homem mais velho na família. Atente-se, por exemplo, às palavras de Joaquim:

Era o meu pai. Ele era o único provedor e ele é que construiu a família, então, nada mais justo do que olharmos para ele assim. O meu pai é militar, então, sempre tivemos de obedecer um comando em casa. (...) Não tinha como haver dúvidas. (Joaquim, 33 anos, Polícia, para.61)

Quando perguntei a Ntanzi pelo primeiro homem que se lembra de admirar, ele também retorquiu ser o pai e explicou:

Ele é uma pessoa que, sendo chefe de família, está ciente disso e é por isso que pensa primeiro em nós e depois nele. Então, eu acho que ser homem resume-se nisso: sempre pensar em quem está a ser “chefiado”, os filhos, a mulher e etc. (Ntanzi, 18, Desempregado, para.15)

Sendo Ntanzi o mais novo dos entrevistados, a resposta anterior surpreendeu-me. Quis perceber os motivos para, no entendimento dele, o pai ocupar o lugar de chefia familiar de modo tão natural, o que evidenciou a influência da religião no seu enquadramento:

Eu me baseio mais na Bíblia, no livro de Géneses, a criação. Sabemos que a mulher é a costela do homem, e o filho é a junção do homem e a mulher. Então, sem querer diminuir as mulheres, eu acho que o homem é a parte superior. (Ntanzi, 18, Desempregado, para.16)

Na casa em que Paulo cresceu, junto do pai, as três mães (como todos os filhos do relacionamento polígamo tratam as esposas do pai até hoje) e as quase duas dezenas de irmãos, o pai detinha igualmente a voz de comando, algo que Paulo atribui a ter crescido a observar o mesmo tipo de comportamento:

(...) em termos de decisões, quem tomava era o meu pai. As minhas mães talvez podiam trazer ideias mas quem decidia era ele. A palavra final, a lei, era dele, e não havia discussão. Acho que o meu pai era um bocadinho ditador em relação a esses aspectos. (...) Ele não aceitava ideias de fora. (Paulo, 30 anos, Conta Própria, para.51)

A narrativa de Denilson não é muito diferente: o lugar de chefe da família pertencia ao pai, também já falecido, também militar e rígido no relacionamento com os filhos. Embora demonstre uma grande admiração pelo pai - a quem se referiu como sendo um “homem grande” por ter ajudado inúmeros familiares a transitarem da zona rural de origem para a cidade e a progredirem na vida -, as palavras dele revelam igualmente alguma mágoa ou tristeza por os dois não terem cultivado uma relação mais próxima e aberta:

O meu pai cuidou de todos da família, meteu quase todos na escola, ajudou muitos a arranjar emprego (...). Só que em algum momento (...) teve filhos que deixou de conhecer enquanto estava a receber os sobrinhos, porque eles vinham da terra dele, ele sentia-se em casa. Nós que nascemos na cidade, não era a mesma coisa...

Eu depois percebi que ele nunca tinha parado comigo para perceber como eu penso, aquilo que eu gosto. Nunca! Só sentava comigo para me *gymar*. Aquilo sufocava. (...) Ele não teve tempo para nos conhecer, mas isso não faz dele menor, é ser humano. (Denilson, 34 anos, Editor de vídeo, para.67-68)

As respostas de Denilson e Paulo, acima, e da maioria dos demais entrevistados em relação à tomada de decisões pelos pais, alinham-se com a constatação de que apenas 15% dos homens inquiridos em outro estudo realizado há seis anos em Maputo disseram que os pais tomavam decisões em conjunto (Slegh *et al.*, 2017).

- Atributos associados a masculinidades: Força física, fechamento emocional e prover para a família

Na definição das qualidades que a sociedade moçambicana associa (e valoriza) a masculinidade verdadeira, alguns entrevistados referiram a força física e ter um corpo musculado (Connell & Messerschmidt, 2005; Isaacs & Swartz, 2020; McDermott *et al.*, 2018 e outros), apesar de estas aparentarem ter um peso menos significativo do que atributos como prover para a família ou ter boas condições financeiras. Momed resume do seguinte modo, ao perguntar-lhe o que significa ser um homem forte, para a sociedade:

Não mostrar lágrimas, fraquezas. O simples facto de chegar num amigo e dizer 'Estou com a dificuldade X, ajuda-me' é algo difícil na nossa sociedade. Ele é o chefe de casa, o provedor, tem que pagar as contas - ou a maior parte - de casa. Tem que estar bem

posicionado na sociedade. Não andar com um carro velho... Acho que existe muita pressão na sociedade, mesmo eu sinto. (Momed, 34 anos, Canais Digitais, para.60-6)

Exibir força mental/emocional, não falhar e não desistir também surgiram como atributos valorizados por alguns entrevistados e/ou pela sociedade, na percepção destes. Tal ficou evidente, por exemplo, na seguinte interação com Paulo, ainda a respeito de um dos AUP analisados:

Maura: Qual é a principal mensagem que reténs deste anúncio?

Paulo: (...) não se deixar abater pelos problemas. Saber que a vida não deve parar; eu devo enfrentar isto... porque sou homem! Tenho que lutar de todas as formas possíveis.

Maura: Um homem não pode parar de lutar?

Paulo: Não pode.

Maura: Nem quando está cansado?

Paulo: Quando está cansado, descansa. Mas depois deve continuar a lutar. Porque a ideia não é só correr, é preciso ver para onde estamos a ir. (Paulo, 30 anos, Conta Própria, para.22-27)

O fechamento emocional, ligado à força física e mental, outro atributo associado a masculinidades hegemónicas a que se referem diversos autores (Isaacs & Swartz, 2020; Kaufman, 1993/2002; Mussap, 2008; Ratele, 2013, por exemplo) surgiu repetidamente. Edson reflecte sobre o contraste entre o que sente que a sociedade espera dele e o homem vulnerável e afectuoso que o exemplo de vida do pai o ensinou a ser:

(...) tive referências em casa e o meu pai era uma delas. A forma como ele lidava com algumas questões me fazia ver que existem coisas que os homens são e fazem que são diferentes daquelas que a sociedade impõe. Por exemplo, a forma como ele lidava connosco, o carinho que tinha... Ele sempre trabalhou fora por isso não crescemos tanto com ele mas, dos momentos em que me recordo de estar connosco, ele era muito de aconchego, de vamos falar sobre isso e aquilo...

Ele já é falecido mas uma das últimas memórias que tenho com ele foi nós a fazermos uma foto no *Snapchat*, com aquelas orelhinhas... Essa vulnerabilidade... Acho que muitos pais não têm esse relacionamento de pai e filho, tão chegado. (Edson, 25 anos, Branding Manager, para.9)

Quando se mudou da Zambézia para Maputo para ingressar no ensino superior, em 2015, Edson foi viver numa residência universitária, onde conviveu com rapazes de todos os cantos de Moçambique. Ele recorda como alguns destes se esforçavam para transmitir uma determinada imagem masculina, em nada coerente com a convivência familiar a que ele estava habituado:

(...) tive amigos do norte do país que eram muito mais severos com eles mesmos, do tipo não aceitem trocar de roupa em frente a nós, não quererem ser vistos a comer... Não sentavam ao lado de uma mulher na faculdade (...) Tinham esses comportamentos, mas acho que fazia parte de uma carapaça que estavam a alimentar (...) E acabavam não performando bem até na faculdade porque o foco maior deles era construir essa *persona* (...).

A mim choca-me muito mais ver jovens a ter atitudes dessa masculinidade mais tradicional porque nós temos acesso a muito mais informação, educação e a cenas disruptivas que vão nos fazer pensar sobre como é que está a sociedade e que caminho deve caminhar. (Edson, 25 anos, Branding Manager, para.90-91)

A pressão para corresponder às expectativas sociais, em particular a necessidade de ser visto como forte e invulnerável e a associação de qualidades como a vulnerabilidade ou a delicadeza a ser um homem fraco tornaram-se evidentes para Daniel durante o fim da adolescência:

Eu tive uma namorada, aí com uns 16 anos, que namorava comigo e outro *gajo*, só que esse outro era físico, agressivo, mal-educado, e eu representava o lado do *gajo* calmo, intelectual, afectuoso, mais *in love*. Mas ele era tão agressivo e *pegava* mais não sei quantas. Então, eu assumi esse lugar: eu sou o *gajo* fraco e tenho que ficar *maningue smart*, fazer cenas *maningue bigs*. O outro é o *gajo* do ginásio, do corpo... (...) Mas isso também te castra porque tu já não te consideras uma máquina de performance, és uma máquina de massagem. (Daniel, 31 anos, Agência Criativa, para.41)

A fala de Daniel reflecte o confronto masculino entre corresponder a um ideal para não sentir a sua masculinidade questionada – a performance da masculinidade esperada socialmente (Butler, 1993) - ou expressar e adoptar livremente atributos de masculinidades

positivas (Kaufman, 1993/2002). A estratégia de resistência de Daniel consistiu em ser o melhor possível no papel masculino que identificou como seu; tal como Kaufman (1993/2002) e os homens gags entrevistados por Isaacs & Swartz (2020), ele criou a sua própria “armadura” com camadas de atributos alternativos para reforçar a sua identidade masculina, ainda que não conformando com o ideal dominante.

Porém, nem todos os homens conseguirão ou poderão resistir como Daniel. No contexto da Comunicação para Mudança Social e Comportamental esse confronto entre o *self* e a sociedade pode ser uma barreira à mudança difícil de derrubar, pois fazê-lo significa enfrentar questionamentos internos e externos sobre a sua identidade e perder o sentimento de pertença, essencial para o ser humano (Lapinski & Rimal, 2005).

- Fechamento emocional vs. vulnerabilidade

Todos os entrevistados reconheceram sentir que não têm espaços seguros para falarem sobre as suas vulnerabilidades e inseguranças entre homens, ainda que uma minoria tenha encontrado esse espaço. A falta de confiança em outros homens e o medo de sofrerem *bullying* ou serem vistos como fracos foram apontados como principais barreiras a que se expressem mais. Eduardo relata a sua experiência:

(...) falar sobre sentimentos é complicado. (...) Amizades que andam sempre contigo, se ficam a saber demasiada informação até podem utilizar de formas erradas. (...) Eu já ‘tive uma situação em que contei um segredo a um amigo, que foi contar a outro e aquilo acabou virando piada para outras pessoas. Acabamos nos fechando por causa disso, perdemos confiança. (Eduardo, 25 anos, T.I., para.43-44)

Ao mesmo tempo que Eduardo aprendeu a partilhar as emoções e sentimentos de forma muito ponderada, ele mostra sinais de masculinidades positivas, tais como abertura ao auto-conhecimento, expressão de sentimentos e procura por ajuda profissional (King *et al.*, 2018), sobre o qual ainda pesa preconceito e desconhecimento na sociedade moçambicana, na percepção dos entrevistados:

Muitos homens estão cheios de problemas mas não têm ninguém para conversar. Depois vemos (...) marido a bater na mulher, pessoas a matarem-se umas às outras... (...) Eu próprio já disse na minha casa, numa fase em que não estava muito bem

emocionalmente, que precisava de ir a um psicólogo e me olharam com estranheza (...) não poderia falar de assuntos a ver com relações sexuais com meu pai e mãe porque estamos na sociedade moçambicana; tu só mostras resultados. E resultados seriam o quê? Tens uma namorada, estás com ela quase sempre, trocas muito de namoradas... Aí os pais vão dizer que és homem de verdade. (Eduardo, 25 anos, T.I., para.45)

A resposta de Eduardo evidencia, igualmente, o peso que a virilidade e o desempenho sexual percebido têm na construção da identidade masculina. Daniel irá referir a virilidade mais adiante e Ntanzu mencionou a ejaculação precoce e homens “não suficientes” (aludindo ao tamanho do órgão sexual), ao falar sobre temas que gostaria de ver mais abordados nos *media*.

A coragem foi outro atributo associado a ser um “homem de verdade”, à semelhança do que se refere no enquadramento teórico, como se percebe pela fala de Joaquim:

A sociedade quer que os homens sejam corajosos, independentemente de para onde vão conduzir a tal coragem. Por isso muitos fazem *cagadas* para agradar outras pessoas. (Joaquim, 33 anos, Polícia, para.81)

Momed tem um grupo de amigos e primos do sexo masculino com quem se sente confortável para expressar as suas emoções. Mas nem por isso deixa de sentir o peso social para que o homem pareça sempre forte e inabalável:

Ainda há uns meses um amigo teve um problema no trabalho e acabou com um problema de saúde, então, ele mandou uma mensagem para um grupo que temos a dizer 'Senhores, nós temos que conversar mais. Eu passei por este momento difícil (...)'. Temos procurado pôr em prática: ligar só para saber se está tudo bem, perguntar se existe alguma coisa que a pessoa não está a falar. (Momed, 34 anos, Canais Digitais, para.102)

Como Eduardo, Momed também menciona a importância de se procurar apoio psicológico e de este ser desmistificado na sociedade moçambicana, algo que surge como um indicador positivo. À semelhança de Macheve Júnior (Pleiss, 2021), Momed aponta o suicídio como uma das consequências do fechamento masculino. Na fala abaixo, ele remete

de forma indirecta para o que Ratele (2013) descreveu como medo institucionalizado entre os homens (sul-africanos) de problemas como a pobreza, o desemprego ou a violência:

A sociedade exige muito. A vida também está cada vez mais difícil. O peso sobre as nossas cabeças vai ficando cada vez maior. Então, acho que é importante a pessoa falar, nem que seja ir a um profissional - muitos não sabemos que devemos ir a profissionais. Mas, só falar com um amigo já ajuda. Só o facto de eu saber que não estou a sofrer sozinho já ajuda, de certa forma. (Momed, 34 anos, Canais Digitais, para.104-105)

Daniel, pai de dois rapazes pequenos, procura cultivar a sensibilidade e a vulnerabilidade deles estimulando a proximidade a elementos da natureza, algo essencial para o exemplo de vida e negação de masculinidades hegemónicas que lhes tenta transmitir:

A mãe quer que eles façam natação; eu quero que aprendam a fazer coisas com argila, que aprendam essa sensibilidade... Isso é algo que nos foi tirado, essa conexão com a natureza. E isso é uma forma de ser vulnerável porque se tu fazes a vénia à natureza, se respeitas que, para crescer, uma semente precisa de água, tu podes respeitar uma outra pessoa. (Daniel, 31 anos, Agência Criativa, para.45)

- Formação académica, poder económico e *status* social

Obter educação superior surgiu como um atributo muito valorizado pelos entrevistados - todos mesmo - na sua construção individual do que é ser um “homem de verdade”. Este resultado seria diferente se tivesse entrevistado homens residindo em zonas rurais? O presente estudo não responde a essa questão. No entanto, permite perceber que obter a licenciatura é visto como crucial para alcançar uma vida melhor. Recorde-se Paíto, que estudou apenas até à 7^a classe, quando afirma que fará tudo ao seu alcance para que os seus futuros filhos e filhas frequentem o ensino superior.

Um aspecto sobre a valorização da educação superior como atributo de masculinidades que considero interessante é o facto de muitos dos entrevistados terem sido encorajados, e em alguns casos até pressionados, pelos pais a tirarem a licenciatura, sendo que a maioria destes pais não o fez e que alguns deles, como o pai de Paulo, provêm e vivem (ou viviam) em contextos rurais, onde facilmente as prioridades são orientadas para estratégias de sobrevivência a curto prazo.

Outro factor que se destaca, a meu ver, é que nas suas histórias de vida os entrevistados não testemunharam diferenças no posicionamento dos pais e cuidadores no que toca à escolarização – incluindo formação superior – de rapazes e raparigas, ainda que recordem que esse não era o padrão nos contextos em que cresceram.

O pai de Joaquim, por exemplo, embora demonstrasse comportamentos claros de masculinidades hegemónicas, exibia múltiplas masculinidades (Aboim, 2008; Connell & Messerschmidt, 2005) ao colocar a mesma pressão sobre filhos e filhas para se licenciarem antes de se casarem:

As oportunidades sempre foram distribuídas de forma igual, todo o mundo vai à escola. Quem *faz muito barulho* é o meu pai e *faz barulho* a todos do mesmo jeito. A minha irmã mais nova pôde escolher uma escola privada; mandou passear por cenas da vida. A mais velha, que também é polícia, *foi feita barulho*, apesar de já estar a viver na casa dela. Eu e o meu irmão *fomos feitos barulho* para voltarmos a estudar e, como forma de incentivo, o meu pai disse que a terceira mensalidade seria na conta dele. Sempre nos disse que antes do casamento tinha que vir uma licenciatura, sobretudo as mulheres. (Joaquim, 33 anos, Polícia, para.59)

Alcançar um determinado sucesso financeiro surge como outra condição para os entrevistados se sentirem e para serem considerados “homens de verdade”. Os entrevistados mencionaram indicadores como ter casa própria – construir uma de raiz, o padrão em Moçambique -, ajudar a família financeiramente e ter certos bens materiais. Edson reflecte sobre o impacto desses aspectos na valorização social dos homens:

Um exemplo, qualquer cerimónia familiar: o tio que não tem dinheiro é quem puxa a tenda; e nada começa antes de vir aquele tio rico que chega atrasado cinco horas mas toda a gente espera por ele (...). As pessoas tendem a ter mais respeito por homens com dinheiro. (Edson, 25 anos, Branding Manager, para.81)

A família, primeiro círculo de influência (Bronfenbrenner, 1979; McKee *et al.*, 2012, em Kincaid *et al.*, 2020), aparece, também, como o primeiro círculo de pressão para que os homens adoptem masculinidades hegemónicas para serem valorizados socialmente. Atente-

se à resposta de Joaquim sobre a existência ou não de uma hierarquia masculina (Connell, 2009; Demetriou, 2001):

Sim [existe]! Incluindo na família! São três características que decidem o teu lugar: tens de ter *maningue* influência, *maningue* dinheiro ou tens de *pegar maningue* mulheres. São as maneiras de ser respeitado. (Joaquim, 33 anos, Polícia, para.105-107)

Outro entrevistado, Paulo, corrobora o que é dito por Joaquim e Edson. Tal como o último, ele remete para os “rituais” descritos por Goffman (1976), no caso, convívios familiares, enquanto espaços privilegiados de performance masculina (Butler, 1993; Goffman, 1974/1986):

(...) É que mesmo dentro da família, se não tens dinheiro és colocado por último; as tuas ideias até não são válidas. Aquela pessoa com posses é que tem a palavra, pode até chegar por último na reunião, mas é o tal.

(...) Podes ser mau carácter, um mau pai, um péssimo marido, mas se tens dinheiro és homem de verdade, és respeitado. Até mesmo na Igreja tens um lugar especial, és tratado de forma diferente... Mesmo a tua mulher vai te respeitar se tu trazes dinheiro. (Paulo, 30 anos, Conta Própria, para.80)

A percepção de que alguns homens são mais valorizados do que outros, referida por Paulo tornou-se clara para Edson durante os anos em que viveu na residência universitária:

(...) na faculdade tínhamos pessoas que não aceitavam tomar banho depois de outras; tinham que ser os primeiros por serem mais velhos ou terem mais força... (...) Eu próprio fiz coisas, tipo mandar um mais novo ir buscar o meu jantar (...) Hoje vejo que não fazia sentido, mas era o ambiente, né, e tu querias muito te encaixar e não ser dominado (...). Quando chegaste apanhaste aquele ambiente e tu tens que te defender para não seres engolido. (Edson, 25 anos, Branding Manager, para.82-94)

Na experiência de Edson, para sobreviverem na residência universitária, os jovens acabavam incorporando comportamentos dominantes para não assumirem a posição de

homens subordinados ou marginalizados (Connell, 2009; Demetriou, 2001) na escala de hegemonia masculina interna.

- Ser um “homem de verdade”

Sobre a expressão “homem de verdade”, central para o presente estudo, apenas um dos entrevistados (Paíto) declarou não a conhecer; uma expressão equivalente surgiu nas entrevistas: “homem grande”. Quando questionados sobre o significado da primeira, os entrevistados começaram por distinguir entre o que a sociedade - ou mesmo diferentes grupos dentro desta - considera ser um “homem de verdade” e a sua construção individual. Questionei Paíto como definiria esse homem, se tivesse que o fazer:

Para mim, homem de verdade é aquele que sempre 'tá no trabalho, faz actividades para não deixar a família sofrer. Esse é homem de verdade! (Paíto, 22 anos, Responsável de Limpezas, para.9)

Esta definição enquadra-se na percepção generalizada, entre os entrevistados, de que ter recursos monetários para cuidar da família é um atributo de masculinidades valorizado socialmente. No entanto, os atributos que Paíto aponta são, precisamente, os que mais valoriza na esposa, que descreve como uma “mulher de verdade”.

Sobre a distinção do significado de ser “homem de verdade” para ele e para a sociedade, Denilson afirma que:

A sociedade espera que eu seja como os outros, que faça como eles. Crescer, escola, faculdade, sair com uns 21 anos, procurar um *job*, depois começar a ter um bom emprego, procurar terreno, construir, acabar de construir enquanto estou a namorar, depois casar, ter filhos, e daí para a frente é um *loop*: emprego, saiu para beber uma cerveja com os amigos, levou a esposa para passear, anoiteceu, amanheceu... (Denilson, 34 anos, Editor de vídeo, para.97-98)

A reflexão de Daniel sobre as expectativas que sente que a sociedade coloca sobre ele simplesmente por ser homem não difere muito da de Denilson, embora saliente a possibilidade de rejeição do *loop*:

Ser provedor. Ser uma máquina de sexo. Ser um bom pai, um bom irmão, um representante da sociedade. Todas elas reforçam a virilidade. É paradoxal porque o que pedem de ti é o que te torna monstro.

(...) Tu podes ser um pai que passa os domingos com o filho mas que também vai curtir um pouco. Não precisas de ser um ou outro. (...)

Depois há a pressão para ter um *job* bom (...) porque o homem é medido por aquilo que consegue colocar na mesa. (...) E, óbvio, a expectativa que tenhas filhos. Essa é tradicional, é *standard*, ninguém vem te dizer, tu já sabes. Por isso, quando não tens filhos com uma mulher, teus tios vêm te buscar para ires engravidar outra mulher.

(Daniel, 31 anos, Agência Criativa, para.64-67)

- Violência baseada no género

Durante a entrevista a Momed ocorreu uma troca que se afigura reveladora. Falando sobre um amigo que exerce violência contra mulher, por exemplo, proibindo-a de usar certas peças de roupa, Momed disse que ele e a esposa comentam que o amigo “é moçambicano mesmo de raiz” (para.95). Curiosa para perceber melhor essa concepção, perguntei-lhe “Então, ser um homem moçambicano é ser...”, ao que ele me interrompeu para argumentar que “Isso porque na nossa cultura é a realidade. Estamos a falar na nossa classe social, e imagino que na mais baixa seja pior” (Momed, 34 anos, Canais Digitais, para.97). Voltarei a esta citação mais adiante.

Aproveito este ponto da discussão para introduzir a questão da violência de género como um dos atributos de masculinidades hegemónicas (Aboim, 2008; Arthur, 2018; Muluneh *et al.*, 2021; Ratele, 2013). Todos os participantes nas entrevistas rejeitaram qualquer tipo de violência contra a mulher, embora Joaquim tenha admitido ter sido “*maningue* tóxico” no passado, justificando que cresceu a ver os pais discutirem com frequência. Acredito que a probabilidade de os entrevistados assumirem um posicionamento diferente perante mim, no contexto do estudo, seria baixa. Além de estarem a falar para uma audiência (eu) (Riessman, 2001), o tema em causa tem merecido muita atenção na sociedade moçambicana, em particular desde a aprovação da lei pertinente à violência contra a mulher, em 2009.

Não obstante, alguns aspectos levantados nas entrevistas merecem destaque neste estudo, em particular o enquadramento da ocorrência dessa violência no contexto das pressões de género a que os homens moçambicanos se sentem submetidos.

Em linha com outros posicionamentos já apresentados, Eduardo remete à ausência de comunicação e abertura entre os pais e os filhos (rapazes) o facto de alguns homens não saberem lidar com as suas emoções sem recorrer à violência, frequentemente contra a mulher. Ele atribui ao círculo familiar mais próximo a responsabilidade de ensinar aos rapazes o que significa ser homem:

As famílias não conversam com os filhos homens, não há comunicação entre pais e filhos. (...) Nós ouvimos nas conversas que 'homem tem que bater na mulher', 'homem tem que mexer no telefone da mulher'. Então, acabas recebendo essas ideias (...) Não há uma preparação dos meninos, não se explica o que é ser um homem, quais são as tuas balizas. (Eduardo, 25 anos, T.I., para.40)

Embora reconheça que o que descreve é, também, a sua história de vida, Eduardo atribui o facto de rejeitar a ideia de agredir a futura esposa a nunca ter visto o pai ser agressivo com a mãe, numa referência directa à modelação de comportamentos observados (Bandura, 1961; Bandura *et al.*, 2008) central para a mudança social e comportamental (McKee *et al.*, 2002). Ele justifica a violência contra a mulher com a ausência de ferramentas para expressar emoções sem recurso à violência:

Um homem levantar a mão para uma mulher às vezes está relacionado com factores sociais, financeiros também. O que acontece é que as pessoas não estão bem financeiramente, não estão bem a nível do relacionamento, e isso acaba por levar a situações dessas. Descarregar aquela frustração...

Já vivi muitas situações, até com meus amigos, da minha geração. Muitos levantam a mão para as mulheres. Só são casais para as redes sociais mas aquela consolidação da união é falsa. (Eduardo, 25 anos, T.I., para.38)

No entanto, as razões para essa violência contra a mulher são, na realidade, mais profundas e enraizadas em masculinidades hegemónicas. Bourdieu (1998/2012) alertou para o facto de os homens imporem a sua masculinidade para não perderem o domínio social sobre outros homens e as mulheres. Outros autores e estudos demonstram que, com frequência, a violência baseada no género é uma forma de preservar esse poder (Aboim,

2008; Januário, 2016; Muluneh *et al.*, 2021; Ratele, 2013), um ideia que ressoa na resposta de Daniel:

A violência contra a mulher é um problema institucionalizado. Talvez a minha resposta não represente todos os homens moçambicanos, mas a violência baseada em gênero nasce do medo de perder poder. Se o perderes, perdes o controlo sobre o prazer, as decisões, e tornas-te descartável. Quando chegas a isso usas a violência como um mecanismo de afastamento entre o objecto que te pode descartar e tu. (Daniel, 31 anos, Agência Criativa, para.57)

Daniel, que já antes apontara a virilidade como um atributo central para a construção social de “homem de verdade” em Moçambique, destaca o peso desta em identidades masculinas ancoradas em masculinidades hegemónicas, e o uso de violência para recuperar o poder masculino perdido quando a virilidade é questionada:

Quando uma mulher quer diminuir um homem ela fala coisas como 'És o quê tu? Tens o quê aí no meio das pernas? Esses filhos nem são teus'. Que construção social é essa? Ela pode estar a falar isso com diamantes, os filhos verdadeiros, a voltar do Dubai porque ele roubou o dinheiro do Estado para lhe poder dar aquilo. Mas naquele momento em que o quer diminuir ela não diz 'Você até rouba ao Estado! Corrupto!'. Isso não é suficiente para o derrubar. Para conseguir isso tem que mexer com a virilidade dele. E quando a virilidade se sente ameaçada e ele não está preparado para dizer 'Eh não são meus filhos? Muito obrigado. Já posso viajar para a Tailândia sem peso de consciência' (...), então acontece essa agressão. Quando a virilidade falha, ele sente necessidade de se sentir respeitado a todo o custo. (Daniel, 31 anos, Agência Criativa, para.58-59)

Considero a afirmação de Daniel muito importante por se referir à virilidade como um atributo de masculinidade mais importante para a sociedade, por exemplo, do que não desviar bens públicos. Pedi-lhe para aprofundar esse ponto de vista, levando-o a explicar que existe “toda uma coreografia maquiavélica construída”, desde o sistema de educação, em que professores assediam alunas em troca de notas à influência da pornografia e à “violência institucionalizada” na sociedade moçambicana:

Se um homem não consegue violentar outro homem, quem vai violentar? A mulher. E vai fazer isso pelas coisas mais básicas; porque ‘A comida não tem sal, ela estava com a cabeça aonde?’. (Daniel, 31 anos, Agência Criativa, para.61)

Ainda na sequência da situação hipotética apresentada anteriormente por Daniel, partilho a experiência de Joaquim com uma dinâmica semelhante, em que a sua masculinidade é questionada pela actual namorada por não corresponder às expectativas sociais. Perguntei-lhe se já lhe disseram ou fizeram sentir que não era homem suficiente:

Ya, costumo ouvir da minha parceira porque não saí de casa ainda. Ouvi recentemente 'Achas que és alguém que se eu não estiver contigo hei de ter para mim que perdi alguém?'. Eu sempre lhe digo que me curei de muitas coisas que ela faz estando noutra relacionamento. Eu ouvi de outra pessoa que sou incrível e hoje sou capaz de dizer 'Sim, acho que terás perdido alguém.'.

Ela diz que eu não tenho nada, não sou ninguém. Mas eu sei que sou alguém e tenho *maningue* cenas. E tenho *maningue* dificuldades, como qualquer outra pessoa. Mas eu sou. (Joaquim, 33 anos, Polícia, para.69-70)

A resposta de Joaquim revela a influência positiva de um relacionamento anterior, em que a outra pessoa valorizava mais quem ele era do que o que ele tinha, no reforço da sua identidade masculina. Embora sinta que não corresponde à expectativa dominante, Joaquim encontra estratégias alternativas de reforço da masculinidade, à semelhança de Daniel, quando partilha ter percebido na adolescência que não correspondia a um certo ideal de masculinidade, mas tinha outras qualidades que o valorizavam enquanto homem, em concreto, a vulnerabilidade e abertura à expressão de sentimentos e emoções.

- Ruralidade e masculinidades hegemónicas vs. urbanidade e mudança positiva

Neste ponto, dou uns passos atrás, para regressar à resposta de Momed sobre o amigo que proíbe a esposa de usar certas roupas ser um “moçambicano de raiz”. Na sua justificação, Momed refere que se isso sucede na classe social dele, a situação será “muito pior” nas classes sociais mais baixas. Este suposto paralelo entre a prevalência de violência baseada no género e a pobreza, através da referência directa a esta ou, indirectamente, à ruralidade e

baixa literacia, foi referido por outros participantes. Em oposição, a construção de um ideal de masculinidade mais positivo foi associada a uma transição ecológica (Bronfenbrenner, 1979) do campo para a cidade, das trevas para o conhecimento.

Recorde-se, por exemplo, que Denilson justificou as uniões prematuras abordadas no AUP 2 como um produto da ruralidade e de um “tempo antigo”, referindo que aquelas pessoas precisavam de “ser ensinadas”.

Por seu turno, Paulo enquadró os comportamentos hegemónicos do pai para com as três esposas (só ele sentava numa cadeira; havia pedaços de carne que eram só para ele) como fruto do contexto dele, a ruralidade, onde o conhecimento demora mais a chegar e as tradições se mantêm porque sempre foi assim:

(...) elas [as mulheres] lá no campo não olham isso como sofrimento. É como se tivesse que ser porque é assim. (...) se aparece um homem com um comportamento diferente, dizem que algo não está bem. Porque elas foram formatadas assim, é algo que se faz de geração em geração. Se eu tive a oportunidade de aprender a ver as coisas de uma forma diferente é porque saí do campo para a cidade. Vim viver outra realidade, percebi que as coisas não são bem assim. Mas os meus amigos que cresceram naquela realidade e não saíram continuam a fazer as mesmas coisas. Lá não há televisão, não há ninguém que chega lá e tenta falar sobre esses assuntos. (Paulo, 30 anos, Conta Própria, para.56)

Paulo considera que existe uma causalidade directa entre a adopção de masculinidades positivas e a urbanidade, o desenvolvimento social e o acesso a informação, através dos meios de comunicação. Ele identifica em si mesmo os resultados dessa transição. Ainda assim, reconhece que mudar normas sociais de género é um “processo”, que nem sempre a transição ecológica significa uma mudança positiva e que normas sociais negativas não se circunscrevem à ruralidade:

(...) eles [pessoas da localidade rural onde nasceu] cresceram assim e vão passando isso para os filhos. Quem sai de lá tem a oportunidade de aprender realidades um pouco diferentes. O que acontece é não mudar por rigidez, porque é a tradição dele, mas não por não ter oportunidade.

Acho que as mulheres também precisam ser um bocadinho mais atrevidas, perderem o medo e falarem dos seus direitos, ou o que acham dentro de um lar. Porque isso acontece mesmo na cidade... (Paulo, 30 anos, Conta Própria, para.58-59)

Paíto, que fez a referida transição muito recentemente, contradiz a percepção apresentada até certo ponto. Além do seu posicionamento sobre a educação de raparigas e as uniões prematuras, acerca do AUP2, quando lhe perguntei que qualidades o fizeram ver na esposa a pessoa ao lado de quem queria construir a vida afirmou sem hesitação:

(...) ela é uma mulher de verdade, uma mulher batalhadora, que não pára em casa, todos dias está na machamba. (Paíto, 22 anos, Responsável de Limpezas, para.63)

- Expectativa de que as mulheres trabalhem

Pesquisas anteriores realizadas em Maputo (e outras zonas de Moçambique) salientam a resistência masculina a que as mulheres trabalhem fora de casa, ainda que identifiquem sinais de mudança (Aboim, 2008; Slegh *et al.*, 2017; USAID, 2019). Os resultados do presente estudo são animadores pois apontam para o fortalecimento de masculinidades positivas, incluindo no que se refere ao desenvolvimento e rendimento profissional da mulher. Por isso, estimulei Paíto a aprofundar a perspectiva dele, questionando o que pensaria se ela começasse a ganhar mais dinheiro do que ele:

(...) ia ficar nisso porque também é bom. Uma mulher tem que ajudar em casa, né. Porquê ter problemas em ela trabalhar se a vida é assim mesmo? Se for uma mulher de verdade, vai *pro* serviço trabalhar e volta sem fazer outras coisas. (Paíto, 22 anos, Responsável de Limpezas, para.67)

O enquadramento – aparentemente tão simples – “a vida é assim mesmo” revela que, para Paíto, ele e a esposa são duas partes iguais de uma mesma equação, que se quer que resulte no maior bem-estar possível para todos os envolvidos. Ele não vê na possibilidade exposta uma ameaça à sua masculinidade – porque veria, se caminham juntos pela vida? -, vê um reforço do que mais demonstrou valorizar ao longo da entrevista: melhorar a vida da família e o trabalho honesto. O apoio financeiro da esposa aliviaria a pressão sobre Paíto, algo para o qual Bourdieu (1998/2012) e Valy (2016) alertaram ao mencionar que o homem tem tanto a ganhar com a equidade de género quanto a mulher.

Momed partilha a perspectiva de Paíto, como se pode perceber pelas sugestões que dá sobre temas ligados a masculinidades que gostaria de ver abordados nos *media moçambicanos*:

Primeiro, (...) puxar mais para as pessoas conversarem mais. O homem ter que ser o chefe acho que também tem que se questionar mais. Pôr-se mais ênfase no aspecto que não és tu sozinho e se tens uma parceira tens que dividir as coisas com ela, fazerem as coisas juntos, não carregares o peso sozinho. A divisão de tarefas também é importante de ser comunicada... Que cuidar das crianças não é só a mulher... (Momed, 34 anos, Canais Digitais, para.107)

Na direcção oposta aos demais entrevistados, Joaquim não concebe a possibilidade de a sua futura esposa ganhar mais dinheiro do que ele ou, pode interpretar-se, sequer trabalhar. A análise de Joaquim - e de Denilson, acima, sobre o medo da perda de poder masculino -, personifica o sentimento descrito por Bourdieu (1998/2012) sobre a performance de masculinidades hegemónicas como conduto para não parecer menos homem. Joaquim sente que assumir o papel de provedor confere ao homem o estatuto inquestionável de chefe da casa. Se não o fizer, a sua masculinidade será posta em causa:

Tem de ser função do homem prover. Quando é a mulher a prover, (...) ela não respeita o homem, não o olha com admiração. (...) Essa falta de admiração vai afectar a tua auto-estima, forma de vestir, o respeito dos teus *bradas*. Se não tens voz em casa, vais ter voz na rua? Porque mulheres castram homens, de verdade. Tipo, homem não poder escolher canal de televisão! (Joaquim, 33 anos, Polícia, para.103)

- Mulhr(es), filho(s) e qualidades valorizadas na companheira romântica

Quando conversámos, todos os entrevistados estavam em relacionamentos românticos heterossexuais, à excepção de um deles, que namorava com alguém do mesmo sexo, facto que partilhou comigo antes da entrevista mas não mencionou durante a mesma. Uma vez que não lhe tinha perguntado previamente se poderíamos falar sobre esse assunto, assumi a omissão dele como sinal de não querer este dado associado a si e não o questionei directamente – uma decisão de que me arrependi mais tarde.

À semelhança de achados de estudos anteriores (por exemplo, Aboim, 2008; Barker & Ricardo, 2020), os entrevistados consideram que ter uma mulher (ou mais) e filhos são atributos essenciais para se ser considerado homem na sociedade moçambicana:

Em Moçambique é muito comum tu teres um homem com várias mulheres, por causa da tradição. Uma das características para se considerar um homem de verdade é essa. Se eu sou homem tenho que fazer muitos filhos, tenho que ter várias mulheres, mesmo que não seja de uma forma lícita. (...) A gente construiu uma imagem da mulher como “ajudante” do homem, uma figura complementar (...). (Edson, 25 anos, Branding Manager, para.70)

Outros entrevistados mencionaram que ter várias mulheres, tanto no sentido de conquista – ser um *pegador* - quanto de relacionamentos duradouros concomitantes, é um atributo de masculinidades valorizado socialmente.

Considero relevante o facto de tanto Joaquim, com 33 anos, quanto Eduardo, com 25, mencionarem que ainda não vivem maritalmente e ainda não têm filhos porque não encontraram a companheira certa. Como explica o primeiro:

(...) eu acho que ainda não me casei porque sempre senti que as mulheres que passavam na minha vida estavam a passar. Quando achar que a pessoa tem que ficar, então quero ter filhos. (Joaquim, 33 anos, Polícia, para.83)

Além de esperarem que as companheiras partilhem o papel de provedoras, alguns participantes referiram a importância de elas terem ambições e sonhos, além de quererem crescer juntos. Isso parece-me muito relevante para a presente discussão uma vez que desconstrói a ideia da mulher como figura complementar ao homem – mencionada antes por Momed -, colocando-a não só do lado dele como numa posição central para o desenvolvimento individual e/ou profissional do homem. Observe-se a resposta de Eduardo quando questionei que qualidades procura na futura companheira de vida:

Primeiro, o nível intelectual conta muito. O nosso nível de amizade, companheirismo. Se é uma pessoa dedicada a uma causa - porque construir uma família é um projecto -, se a pessoa tem esse espírito de trabalho de equipa, isso é uma qualidade, para mim. Amor não é suficiente.

Também, eu sou um homem que não me importaria se a minha mulher tivesse mais rendimentos que eu; eu acho que isso é benéfico até para a família. Embora vá haver choques culturais, pessoas a falar, mas se nós temos um projecto de vida, o resto das pessoas não têm que entrar. (Eduardo, 25 anos, T.I., para.98)

Eduardo reforça a ideia transmitida anteriormente por Paíto e outros entrevistados: o relacionamento romântico como espaço de construção mútua e de companheirismo. Adicionalmente, remete para o facto de a mulher ganhar mais do que o homem não ser bem aceite socialmente.

Por seu turno, para Momed, a capacidade de comunicar aberta e honestamente tem de ser uma qualidade incontornável na pessoa que estiver ao lado dele – dias depois da nossa entrevista, tinha uma “conversa difícil” agendada com a companheira, uma estratégia adoptada pelo casal que ele acredita funcionar bem. Mas, além disso,

(...) tem que haver a vontade de crescer juntos. Tenho ambições e quero alguém do meu lado, a ir comigo atrás dessas ambições. E ser alguém que trabalha. Não gostaria de ter uma esposa que só fica em casa (...). Não consigo imaginar isso, talvez porque sempre vi os meus pais a trabalhar. (Momed, 34 anos, Canais Digitais, para.85-86)

De modo geral, estes são os atributos que os entrevistados mais procuram e valorizam na pessoa com quem se relacionam: ser trabalhadora, com sonhos e ambições próprios mas, também, alguém que apoia o crescimento do parceiro, companheirismo, respeito, comunicação. Como se pode perceber, estes espelham masculinidades positivas e de equidade de género. Em maior ou menor grau, surgiram nas narrativas de todos os entrevistados.

Algo que me surpreendeu nas partilhas de alguns entrevistados sobre este tópico foi o facto de a pressão para casarem e terem filhos vir, com frequência, dos seus pares. Na fala a seguir – que, aliás, evidencia igualmente a perpetuação de normas de género hegemónicas ao descrever a dinâmica doméstica de um dos amigos – Joaquim conta que essa pressão se faz sentir no grupo de *Whatsapp* que partilha com amigos:

Há um que diz 'Estão a perguntar qual a camisa que quero pôr, para engomarem. Fogo, essa cena de ser casado...'. (...) E no grupo somos dois solteiros sem filhos, por isso

respondem-nos sempre que temos de os respeitar porque são casados e têm filhos. Brincam que vão remover do grupo pessoas que não têm filhos. (Joaquim, 33 anos, Polícia, para.79)

Na óptica dos entrevistados, os filhos são um atributo incontornável para se ser um “homem de verdade” na sociedade moçambicana, embora alguns tenham afirmado que, na sua construção, um homem sem filhos não é menos homem. Paulo, que ainda não tem descendentes, descreve o enquadramento social em que está inserido:

Quando demoras a fazer filhos as nossas mães pensam que há algum problema e querem ajudar, porque elas conhecem raízes e essas coisas todas, mas não é o caso. Neste momento não me sinto preparado para ter filhos, não há condições. Eu não quero trazer filhos para sofrerem. Pelo menos ter o mínimo para que possam crescer bem, possam estudar (não precisa de ser numa escola privada), que haja alimentação, que não lhes falte pelo menos o básico. (Paulo, 30 anos, Conta Própria, para.92-93)

A história de vida de Momed, que tem uma enteada que considera filha, aparece como inconformada com a norma, embora só até certo ponto. Uma vez que filhos biológicos “ainda não estão nos planos”, perguntei-lhe o que o fazia adiar esse passo, ao que retorquiu:

Questões financeiras - acho que é um grande factor. Mas também não é algo com que eu sonhe. Acabei aceitando a miúda de braços abertos, é minha filha. (Momed, 34 anos, Canais Digitais, para.72)

Adiar a decisão de ter filhos para garantir que têm condições financeiras adequadas para o fazer, mesmo que isso leve a questionamentos sobre a sua masculinidade, foi referido por alguns dos entrevistados, tal como Eduardo, que considera que ter filhos “é um dever cívico” que tem enquanto homem:

Acho que me estou a preparar para os meus filhos terem as condições que eu não pude ter. Eu gosto de crianças, mas acaba por ser um peso financeiro. Por isso, não está certo ter filhos quando não estamos preparados. Aquilo deixa de ser sobre amor e passa a ser um projecto financeiro, o que eu acho errado. (Eduardo, 25 anos, T.I., para.64)

O posicionamento de Eduardo é, pelo menos em parte, informado pelo exemplo do pai, que já tinha 30 anos quando ele, o primogénito, nasceu, precisamente porque acreditava que ainda não podia dar tudo o que sentia ser necessário.

Para Joaquim e para Edson, ter filhos é algo profundamente emocional e intrinsecamente ligado à sua história de vida e contexto cultural, como se pode perceber pelas seguintes afirmações de cada um deles:

Eu sinto que tenho que deixar alguma coisa e o tempo está a bazar. A dado momento pensei que seria a minha única companhia leal; todo o mundo vai bazar mas um filho será sempre meu. Agora já não haverá *maningue time* para um ser do outro, mas quero deixar alguém. Com o meu trabalho, qualquer coisa pode acontecer comigo a qualquer momento... (Joaquim, 33 anos, Polícia, para.81)

Via o afecto que a minha mãe e o meu pai conseguiam transmitir para os filhos, via o pouco que havia em casa e eles conseguiam partilhar com todos, e sempre tive essa ideia de ter muitos filhos para que não se sintam sós e se tenham uns aos outros (...) E, também, todo o bom africano quer ter filhos, tipo... as crianças são a riqueza dentro da casa. (Edson, 25 anos, Branding Manager, para.72)

Ainda sobre a questão dos filhos, considero que a narrativa de Daniel sobre o relacionamento que constrói com os dois rapazes menores que tem enquadra-se no conceito de masculinidades positivas. Ao participar de forma activa no quotidiano dos filhos – na entrevista, menciona levá-los às consultas médicas, que é ele quem lhes dá banho, que os três colocam a mesa para as refeições juntos (para.45), Daniel assume que isso é algo consciente e que cultiva, também, através do seu exemplo de vida e estratégias de oposição às masculinidades hegemónicas dominantes:

Eu considero-me cuidador porque tomo a iniciativa de passear com os *kids*, lavar, engomar. Essa é a minha construção de não permitir que haja dependência em relação a outra pessoa... (...) É um reforço da masculinidade que eu não quero. (...) As coisas estão postas na mesa para isso acontecer, mas tu não precisas de jogar o jogo. (Daniel, 31 anos, Agência Criativa, para.43)

- “Experiência contraditória do poder masculino”: Masculinidades em construção

É interessante perceber, em muitas das narrativas apresentadas até aqui, que as dimensões social e individual do que significa ser um “homem de verdade” parecem quase nunca estar totalmente alinhadas e, com frequência, conflituam, criando ou exacerbando a “experiência contraditória do poder masculino” (Kaufman, 1987, como citado em Januário, 2016, p.99), como evidencia a descrição de Daniel:

Do lado social, ser um homem de verdade é ser capaz de respeitar as dinâmicas actuais, aquilo que são os espaços que o homem ocupa e deve ocupar. Isso significa o quê? Em primeiro lugar, sair do padrão do homem que contribui para tudo o que é negativo na sociedade - estamos a falar de defesa dos direitos da mulher, da criança, dos próprios homens. E, depois, ser um participante mais activo na construção de uma sociedade um pouco mais igualitária em oportunidades.

Quando vamos para o aspecto individual, homem de verdade é aquele que respeita primeiro o outro, mas não deixa de ser quem ele é. (...) E esse talvez seja o maior conflito que ele terá, porque terá que descobrir como ser homem de verdade individualmente e, depois, ser homem de verdade socialmente, porque um pode conflitar com o outro. (Daniel, 31 anos, Agência Criativa, para.6-7)

A descoberta e construção da sua própria versão de masculinidade, ainda que esta choque com o que é esperado deles - inclusivamente pelos protagonistas da aprendizagem social, os pais -, foi referida por alguns entrevistados, como Denilson:

Aqui tem dois pontos: o que é homem de verdade para a sociedade e o que é para mim. Para mim, homem de verdade é aquele que tem coragem para fazer o que ele quer. Aquele que quando os pais dizem 'vai neste caminho' ele vai noutro, porque acha que se fizer aquilo ali vai estar bem com ele mesmo.

Nesta sociedade, fazeres o que queres é muito arriscado porque podes sofrer várias críticas, pontos negativos, podes até nem namorar com ninguém. (Denilson, 34 anos, Editor de vídeo, para.10-11)

As respostas de Daniel e de Denilson revelam o posicionamento que assumem, na idade adulta, perante a sua história de vida: em determinados momentos são agentes activos

desta (Riessman, 2001) e assumem masculinidades oposicionistas (Nixon, 1997), enquanto que noutros circulam entre esse lugar de agência e a passividade ou conformidade (Riessman, 2001) perante normas ou expectativas sociais cujo preço de confrontar é demasiado elevado.

Em relação à sua percepção sobre se o significado de ser “homem de verdade” na sociedade moçambicana tem evoluído ao longo do tempo, os entrevistados consideraram que sim, entendendo essa mudança como um processo contínuo e algo que experienciam nas suas vidas.

Acho que tem havido mudanças. (...) vejo isso nos meus amigos, e se eu vejo nessas pessoas é porque algo está a acontecer, por mais que seja uma bolha pequena. Leva muito tempo, a cultura, a tradição, é algo difícil de tirar de uma sociedade, mas vai acontecer. Olhando para países menos tradicionalistas, acho que em algum momento passaram por esse processo. (...) Trabalhos como este teu também são importantes para isso. (Momed, 34 anos, Canais Digitais, para.98-99)

A fala de Momed alude à transformação das normas sociais de género no tempo e à complexidade dessa transformação quando significa deixar para trás crenças, normas e tradições que foram transmitidas de geração em geração, um aspecto que foi especialmente salientado na primeira secção deste capítulo, quando os entrevistados partilharam a sua percepção sobre o segundo AUP analisado, pertinente às uniões prematuras. Porém, algumas das narrativas apresentadas até aqui parecem indicar que, por vezes, esse processo pode ser acelerado quando ocorre uma transição ecológica. Por exemplo, quando o indivíduo se desloca de um contexto rural para outro urbano, com pressões e expectativas diferentes, poderá *descongelar* antigas formas de ser e estar e *congelar* novos comportamentos (Lewin, 1951). Resta saber se essas mudanças serão sustentáveis, se irão sobreviver à fase de *recongelamento*, identificada por Lewin (1951).

Edson reconhece igualmente a mudança descrita por Momed, acima, destacando o exemplo da expressão de emoções e sentimentos:

(...) hoje os homens estão mais confortáveis em demonstrar afecto tanto nos relacionamentos como com os filhos, os amigos. Para a sociedade é muito estranho um homem dizer que ama um amigo, ou que estava com saudades dele. Mas eu também

'tô dentro de um grupo de amigos que nós falamos essas coisas (...). Claramente que é um trabalho em curso e que vai demorar, mas estou feliz (...) porque podíamos estar estagnados, sem construirmos as pessoas que queremos ser. (Edson, 25 anos, Branding Manager, para.86-88)

A referência de Edson, no final da resposta, à construção das “pessoas que queremos ser” remete para a terceira dimensão em que enquadro os dados das entrevistas: as masculinidades que os homens moçambicanos idealizam construir.

Essa ideia - uma sociedade em construção, o país que queremos ser, a sociedade com que sonhamos, os homens que idealizamos – esteve muito presente em algumas das entrevistas. Por exemplo, quando Momed sugeriu a inclusão de mais pais com os filhos no AUP 3, para “construir a figura paterna que queremos para a nossa sociedade”. Ou quando Denilson definiu um “homem de verdade” como “um participante mais activo na construção de uma sociedade um pouco mais igualitária em oportunidades”. Questiono-me se este posicionamento estará relacionado com o facto de Moçambique, independente, ser um país com menos de 50 anos, onde a ideia de uma sociedade em descoberta e edificação se faz sentir para além dos discursos políticos.

Ao sugerir como os meios de comunicação podem contribuir para a construção da identidade masculina e da equidade que idealiza, Paulo refere alguns dos principais tópicos abordados neste estudo e a sua visão para o país no presente e futuro:

(...) Não vemos isso abordado nos *media*, mas eu acho que tudo começa daí: a mulher é formada para o lar, ensinada a receber do homem, e ele é formado a estudar, trabalhar para poder prover para a mulher. Mas, será que a mulher não pode prover? E, se o homem não provê do jeito que é ensinado, ou se não tem esse dinheiro esperado, ele não se sente homem de verdade.

Acho que essa é uma construção totalmente falhada; não ensinamos os nossos filhos a serem homens e mulheres para o futuro, seres humanos que se respeitam, pessoas que se vão amar, que podem atingir os mesmos patamares - o homem pode ser piloto, a mulher também; o homem pode ser engenheiro mecânico, a mulher também; a mulher pode fazer os trabalhos da casa, o homem também pode fazer.

Eu acho que falta muito isso na nossa sociedade, trazer esses temas. E não é trazer só aqui para Maputo, estou a olhar a realidade de lá fora também. A sociedade lá no campo

precisa saber isso, que há outras formas de viver. (Paulo, 30 anos, Conta Própria, para.101)

A resposta de Paulo remete para a importância de as masculinidades representadas em campanhas de Comunicação para Mudança Social e Comportamental abrangerem as múltiplas dimensões e atributos que compõem a identidade do homem moçambicano, espelhando e inspirando uma sociedade mais equitativa. Os atributos que Paulo destaca apontam para a ideia de questionamento e reconstrução dos ideais de masculinidades (e feminilidades) e para a edificação de um sistema de representação (Hall, 1997) assente em masculinidades positivas.

CONCLUSÕES

Em conversas informais ou nas representações de masculinidades nos *media*, o homem moçambicano é, com frequência, resumido a pré-conceitos repetidos sem que se reflecta, de facto, sobre o que significam. Este estudo é um convite a uma reflexão mais profunda sobre os múltiplos homens moçambicanos e ao diálogo com e sobre eles.

Há, portanto, uma intenção por trás do estudo pender mais para questões ligadas a género e masculinidades do que as representações destas em campanhas de Comunicação para Mudança Social e Comportamental. Estas serão, sempre, tão eficazes quanto o conhecimento que se tiver sobre os temas abordados e as audiências a alcançar. Só assim se evitará tratar o homem moçambicano com um ser monolítico, seja qual for a versão deste que se representa.

As narrativas partilhadas nestas páginas questionam alguns resultados de estudos prévios, por exemplo, a ideia de que os homens têm medo de perder poder para as companheiras românticas. Na verdade, vários entrevistados idealizam relacionamentos baseados em companheirismo e na divisão de tarefas e responsabilidades.

Por outro lado, diversas dessas narrativas corroboram constatações de estudos realizados anteriormente em Maputo. Apesar de terem mais de uma década e basearem-se em entrevistas a homens de classes sociais mais baixas dos que os que entrevistei (de modo geral), as palavras de Sofia Aboim (2008) sobre masculinidades na encruzilhada entre a contemporaneidade e a tradição ecoam perfeitamente os resultados do presente estudo.

Os *frames* (Goffman, 1974/1986) através dos quais os homens entrevistados explicam a expectativa social e as narrativas que tecem sobre o que significa, para eles, ser “homem de verdade” evidenciam a sobreposição de valores e influências de contextos históricos distintos (Aboim, 2008): o passado e os referenciais de masculinidades transmitidos por gerações coexistem com a construção de masculinidades positivas e a valorização de atributos como a vulnerabilidade, procurar ajuda, e a busca por um amor companheiro. O homem entrevistado é, nesse sentido, híbrido.

Sobre a análise de representações masculinas em Anúncios de Utilidade Pública (AUP) integrados em campanhas de Comunicação para Mudança Social e Comportamental destaco o facto de, em conjunto, apresentarem vários tipos de masculinidades, de hegemónicas a neutras, e de se observar alguma preocupação em representar masculinidades

positivas. Porém, nesse processo, por vezes acabam representando versões *soft* de masculinidades hegemónicas (Jewkes *et al.*, 2015; Stewart *et al.*, 2021).

Apesar disso, ao pensarmos essas representações é importante recordar que existem atributos enquadrados, na literatura, em masculinidades hegemónicas que são considerados positivos na sociedade moçambicana, tal como um homem ter recursos financeiros para cuidar da família. Este exemplo foi, aliás, salientado por alguns entrevistados como parte do seu sistema de representação (Hall, 1997) de homens (e mulheres) “de verdade”.

As percepções dos entrevistados sobre os AUP indicam que se identificam com representações que promovem atributos alinhados com as suas próprias construções e ideais de masculinidades, afinal, múltiplos e híbridos. Nesse contexto, a representação de um homem unidimensional, como no anúncio sobre uniões prematuras analisado, não é eficaz e pode mesmo ter um efeito de desligamento.

Os homens que aprenderam a ser desde a infância – por ensinamento directo, por observação de outros homens ou através das consequências de não conformarem com a norma instituída – não são, necessariamente, os homens que sentem ser hoje ou os que idealizam vir a tornar-se.

Atributos como a vulnerabilidade, a expressão de sentimentos e pedir ajuda surgem ligados ao reconhecimento do peso (individual e social) que as masculinidades hegemónicas colocam sobre todos. As relações românticas em que o homem aparece como o líder natural – uma dinâmica a que muitos foram expostos na infância - são rejeitadas por entrevistados que procuram partilhar esse peso e idealizam relacionamentos igualitários. Ao homem que sente que o seu poder sobre a mulher assenta no papel de provedor opõe-se o homem que procura uma companheira com ambições profissionais, que ele possa admirar e em que se possa, também, apoiar. O pai antes emocional e fisicamente ausente dá lugar ao pai que alimenta o afecto e a sua responsabilidade no quotidiano dos filhos.

Porém, na construção de masculinidades positivas, o homem moçambicano confronta-se com barreiras e a ameaça de que a sociedade não o considere “homem de verdade”. Para escapar a isso, alguns escolhem isolar-se o mais possível de espaços em que não se sintam “vistos” e valorizados como são.

E, como são, então? São múltiplos, heterogéneos. As constatações do estudo apontam para homens em construção permanente, que escolhem deixar para trás certas práticas do

“tempo antigo” e adoptar atributos que concorrem para equilibrar a balança de poder, direitos e deveres entre homens e mulheres.

É no contexto descrito que, ao sugerirem temas a abordar em futuras campanhas de comunicação para mudança, os entrevistados salientem a relevância de estas desafiar os papéis sociais de género dominantes e promoverem masculinidades positivas através do questionamento de fenómenos como a violência sexual contra rapazes, da representação de atributos positivos, como a expressão de sentimentos e emoções ou procurar ajuda, e da visibilidade de aspectos com impacto na auto-estima e bem-estar masculinos, tais como características físicas fora do ideal social ou questões ligadas à performance sexual.

Reconheço que, pela dimensão reduzida da amostra, este estudo apresenta um retrato bastante circunscrito, focando em homens dos 18 aos 34 anos e num contexto urbano, o que representa uma minoria. A maioria deles possui ou está a tirar a licenciatura e pertencer a uma classe social acima da média colocam-nos noutra minoria. Apesar do exposto, acredito que o estudo possui valor exploratório dada a riqueza das partilhas dos entrevistados e a escassez de estudos recentes sobre o tema, em particular, com enfoque nas narrativas dos homens sobre masculinidades. Como referiu um dos entrevistados, ele não representa todos os moçambicanos mas representa, pelo menos, um grupo deles.

As normas sociais que promovem masculinidades hegemónicas estão presentes nas mentes e práticas individuais e colectivas em todos os níveis do modelo socio-ecológico de mudança. A Comunicação para Mudança Social e Comportamental tem a possibilidade de promover questionamento, diálogo e a criação de espaços seguros para que os homens não tenham receio de manifestar emoções ou de exporem vulnerabilidade.

Esse parece-me ser um pressuposto essencial de futuras campanhas de comunicação para mudança: começar por aprofundar o conhecimento sobre as percepções dos homens sobre si mesmos e as dinâmicas de género com que se confrontam no quotidiano, evitando “retratos simplistas e homogéneos da masculinidade” (Jewkes *et al.*, 2015, p.12) ideal ou menos que ideal, que impedem a mudança.

Isso implica, entre outros aspectos, considerar o homem moçambicano rural e urbano, jovem e menos jovem, o analfabeto e o académico, o mais rico e o mais pobre, o que demonstra masculinidades hegemónicas, o que adopta masculinidades positivas, e o que se encontra na encruzilhada de ambas. Implica igualmente considerar a produção de conteúdos específicos para os homens (um processo já iniciado, como se percebe pelo primeiro AUP

analisado no estudo, direccionado para homens em TARV), considerando-os como parte das audiências principais a alcançar com campanhas de comunicação para mudança. E, ainda, implica dar visibilidade a tópicos que desconstruam a ideia do homem infalível e que ajudem os homens a expressar e a lidar de forma positiva com as suas inseguranças, receios e emoções sem que sintam a sua masculinidade diminuída.

O uso de narrativas e personagens que espelhem a complexidade encontrada e que contribuam para o diálogo contínuo, entre todos os grupos sociais, sobre tais dinâmicas e construções parece-me outra condição importante para que futuras campanhas promovam masculinidades positivas. No entanto, será igualmente essencial avaliar esse impacto para perceber o que funciona melhor e menos bem, uma vez que se trata de um campo relativamente novo em Moçambique.

Inspirada nos homens que entrevistei e nos sonhos que alimentam para eles e para Moçambique, espero que o estudo contribua para estimular o interesse, a pesquisa e o diálogo. Os resultados obtidos demonstram a facilidade com que a comunicação pode invisibilizar masculinidades fora da norma dominante e a importância de intervenções de comunicação para mudança assegurarem que os homens se ouçam a si mesmos e, finalmente, que nos oiçamos enquanto sociedade.

BIBLIOGRAFIA

- Agência Lusa (2016). Governo de Moçambique proíbe saias curtas nas escolas. Consultado em www.tsf.pt/internacional/governo-de-mocambique-proibe-saias-curtas-nas-escolas-5089451.html
- Aboim, S. (2008). Masculinidades na encruzilhada: hegemonia, dominação e hibridismo em Maputo, *Análise Social*, vol. XLIII, nº 2. Consultado em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218639405O4lMH5tq8Xc60OD7.pdf>
- Affleck, W., Glass, K. & Macdonald, M. (2013). The limitations of language: Male participants, stoicism, and the qualitative research interview. *American Journal of Men's Health*, Vol.7, nº 2. Doi <https://doi.org/10.1177/1557988312464038>
- Ajzen, I. (2005). *Attitudes personality and behavior* (2nd ed.). England: Open University Press. Doi [10.4236/psych.2021.128076](https://doi.org/10.4236/psych.2021.128076)
- Airhihenbuwa, C. & Obregon, R. (2000). A Critical assessment of theories/models used in health communication for HIV/AIDS. *Journal of health communication*, 5, Suppl. 5-15. Doi [10.1080/10810730050019528](https://doi.org/10.1080/10810730050019528)
- Arthur, M. J. (2018). Prevenção de violações sexuais: ataquemos os violadores! WLSA. Consultado em www.wlsa.org.mz/prevencao-de-violacoes-sexuais-ataquemos-os-violadores/
- Bagnoli, A. (2009). Beyond the standard interview: The use of graphic elicitation and arts-based methods. *Qualitative Research*, 9(5), Sage Publications. Doi <https://doi.org/10.1177/1468794109343625>
- Bandura, A., Ross, D. & Ross, S. A. (1961). Transmission of aggression through imitation of aggressive models. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, 63(3), 575–582. Doi <https://doi.org/10.1037/h0045925>

- Bandura, A. (2001) Social cognitive theory: An agentic perspective. *Annual Review of Psychology*, Vol. 52. Doi <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.52.1.1>
- Bandura, A., Roberto, P. & Colaboradores (2008). *Teoria social cognitiva – Conceitos básicos*. Porto Alegre: Artmed Editora. ISBN 9788523631117
- Barker, G. & Ricardo, C. (2005). Young men and the construction of masculinity in sub-Saharan Africa: Implications for HIV/AIDS, conflict, and violence. *Social Development Papers. Conflict Prevention & Reconstruction*, Paper no.26/June 2005. The World Bank.
- Bouman, M., Lubjuhn, S. & Hollemans, H. (2017). Entertainment-education and child marriage. A scoping study for Girls Not Brides: the global partnership to end child-marriage. The Netherlands: Center for Media and Health and dance4life
- Bourdieu, P. (1998/2012). *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner, 11ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. ISBN 978-85-286-0705-5
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development. Experiments by Nature and Design*. Harvard: Harvard University Press. Doi <https://doi.org/10.2307/j.ctv26071r6>
- Butler, J. (1993). *Bodies that matter. On the discursive limits of “sex”*. New York & London: Routledge. ISBN 0-415-90365-3
- Bryman, A. (2001). *Social Research Methods*. Oxford: Oxford University Press. ISBN 0198742045
- CARE - Mozambique Country Office. (2020). *Exploring Masculinities - Analysis of gender roles in Cabo Delgado and exploring perceptions of women's roles in the family and community*. Consultado em: www.care.org.mz/contentimages/Exploring%20Masculinities.pdf

- Cambrão, P. (2019) Da Memória e da Tradição Oral à Construção de uma Historiografia Africana. *Revista Eletrónica de Investigação e Desenvolvimento*, Vol. 2, nº 10. Universidade Católica de Moçambique. ISSN 2310-0036
- Caplan-Bricker, N. (2019) Voices of the new masculinity. Consultado em <https://www.gq.com/story/voices-of-the-new-masculinity>
- Cislaghi, B. & Heise, L. (2020). Gender norms and social norms: differences, similarities and why they matter in prevention science. *Sociology of Health and Illness*. Vol. 42, Issue 2. Doi <https://doi.org/10.1111/1467-9566.13008>
- Clandinin, D., & Connelly, F. (2000). *Narrative inquiry: Experience and story in qualitative research*. San Francisco: Jossey-Bass, Inc. ISBN 0-7879-4343-6
- Coelho, J. P. (2010). A ‘literatura quantitativa’ e a interpretação do conflito armado em Moçambique (1976-1992), em *Pobreza e Paz nos PALOP* (Coord. C. Rodrigues, A. B. Costa). Lisboa: Sextante Editora
- Connell, R. & Messerschmidt, J. W. (2005). Hegemonic masculinity: Rethinking the concept. *Gender and society*. Vol. 19, n. 6, Consultado em: www.jstor.org/stable/27640853
- Connell, R. (2009). *Gender in world perspective*, 2nd edition. Cambridge: Polity Press. Doi <https://doi.org/10.1080/0966369X.2021.1954407>
- Connell, R. (2014). Margin becoming center: For a world-centred rethinking of masculinities. *NORMA: International Journal for Masculinity Studies*, Vol. 9, nº 4. Doi <https://doi.org/10.1080/18902138.2014.934078>
- Connell, R. (2022). Masculinities. Raewyn Connell. Consultado em http://www.raewynconnell.net/p/masculinities_20.html

- CNCS - Conselho Nacional de Combate ao HIV/SIDA (2020). *Plano Estratégico Nacional de Resposta ao HIV e SIDA (PEN V) 2021-2025*. Conselho Nacional de Combate ao HIV/SIDA
- Creswell, J. (2007). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Tradução de Luciana de Oliveira da Rocha, 2ª ed. Porto Alegre: Artmed
- Creswell, J. (2007/2013). *Qualitative inquiry and research design: choosing among five approaches*, 3ª ed. Thousand Oaks: Sage Publications
- Demitriou, D. (2001). Connell's concept of hegemonic masculinity: A critique. *Theory and Society*. Vol. 30, n. 3. Consultado em <https://www.jstor.org/stable/657965>
- Elliott, K. (2016). Caring masculinities: Theorizing an emerging concept. *Men and masculinities*, Vol. 19, n. 3. Doi <https://doi.org/10.1177/1097184X155762>
- Esin, C., Fathi, M. & Squire, C. (2013). Narrative analysis: The constructionist approach, em *The SAGE Handbook of Qualitative Data Analysis* (Ed. U. Lick). Thousand Oaks: Sage Publications. Doi <https://dx.doi.org/10.4135/9781446282243>
- Foucault, M. (1980). *Power/Knowledge. Selected Interviews and Other Writings 1972-1977*. London: Harvester Press. ISBN 10: 0710800711 ISBN 13: 9780710800718
- Frank, L. & Falzone, P. (Eds.) (2021). *Entertainment-education behind the scenes. Case studies for theory and practice*. USA: Palgrave MacMillan. Doi <https://doi.org/10.1007/978-3-030-63614-2>
- Garboggini, F. (2005). O homem na publicidade da última década. Uma cultura em mutação? *Educar, Curitiba*, n. 26, p. 99-114. Editora UFPR

- Gasparetto, V. (2020). O campo dos estudos de gênero em Moçambique/África. *Revista Estudos Feministas*, Vol. 28, nº1. Doi <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n168326>
- Gerbner, G. (1998). Cultivation analysis: An overview. *Mass Communication & Society*, 1, 175-194. <https://doi.org/10.1080/15205436.1998.9677855>
- Giaccardi, S., Ward, M., Seabrook, R., Manago, A. & Lippman, J. (2016). Media and modern manhood: Testing associations between media consumption and young men's acceptance of traditional gender ideologies. *Sex Roles*, 75, 151–163. Doi 10.1007/s11199-016-0588-z. Consultado em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11199-016-0588-z#citeas>
- Gleg, S. (2019). Facilitating interviews in qualitative research with visual tools: a typology. *Qualitative Health Research*, Vol. 29, Issue 2. Sage Journals, 301-310
- Goffman, E. (1974/1986). *Frame Analysis. An essay on the organization of experience*. Northeastern University Press. ISBN 0-930350-91-X
- Goffman, E. (1976). *Gender advertisements*. Society for the Anthropology of Visual Communication. London: Red Globe Press. Doi <https://doi.org/10.1007/978-1-349-16079-2>
- Greenwood, D. & Lippman, J. (2010). *Gender and media: Content, uses, and impact*. (Eds. J. C. Chrisler & D. R. McCreary), *Handbook of gender research in psychology*. New York: Springer.
- Hagger, M. S., Cameron, L. D., Hamilton, K., Hankonen, N. & Lintunen, T. (Eds.). (2020). *The handbook of behavior change*. Cambridge: Cambridge University Press. Doi <https://doi.org/10.1017/9781108677318>

- Hall, S. (ed.). (1997). *Representation: cultural representation and signifying practices*. London: Sage Publications & The Open University. ISBN 0761954317
- Hawkins, K., Price, N., Mussá, F. (2009). *Milking the Cow: Young Women's Construction of Identity and Risk in Age-Disparate Transactional Sexual Relationships in Maputo, Mozambique*. *Global Public Health*, Vol.4, n.2. Doi <https://doi.org/10.1080/17441690701589813>
- Igartua, J.J & Casanova, J. (2015). Identification with characters, elaboration, and counterarguing in entertainment-education interventions through audiovisual fiction. *Journal of Health Communication*, Vol. 21, Issue 3. Doi <https://doi.org/10.1080/10810730.2015.1064494>
- Instituto Nacional de Estatísticas. (2013). *Inquérito Demográfico e de Saúde – IDS - 2011*. Ministério da Saúde de Moçambique. Consultado em <http://www.ine.gov.mz/operacoes-estatisticas/inqueritos/inquerito-demografico-e-de-saude/ids-2011.pdf/view>
- Instituto Nacional de Estatísticas; Ministério da Saúde. (2016). *Inquérito de Indicadores de Imunização, Malária e HIV/SIDA em Moçambique (IMASIDA) 2015*. Ministério da Saúde de Moçambique. Consultado em https://mz.usembassy.gov/wp-content/uploads/sites/182/2017/06/IMASIDA-2016_Relatorio-de-Indicadores-Basicos-for-Web.pdf
- IRIN News (2008). Love, or the next best thing, for sale. Consultado em <https://www.thenewhumanitarian.org/news/2008/10/13/love-or-next-best-thing-sale>
- Isaacs, D., & Swartz, L. (2020). “Stammering Less so That I Can Be More of a Man”: Discourses of Masculinities Among Young Adult Men in the Western Cape, South Africa, Who Stutter. *Psychology of Men & Masculinities*. Doi <http://dx.doi.org/10.1037/men0000302>

- Januário, S. (2016) *Masculinidades em (re)construção. Gênero, corpo e publicidade*. Portugal: LabCom.IFP. ISBN 978-989-654-287-0 (pdf)
- Jeong, J., Ahun, M., Bliznashka, L., Velthausz, D. & Donco, R. (2021). Barriers and facilitators to father involvement in early child Health services: A qualitative study in rural Mozambique. *Social Science & Medicine*. Doi <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2021.114363>
- Jewkes, R., Flood, M. & Lang, J. (2015). From work with men and boys to changes of social norms and reduction of inequities in gender relations: a conceptual shift in prevention of violence against women and girls. *Lancet*, Vol. 385, n. 9977. Doi [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(14\)61683-4](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(14)61683-4)
- Kaufman, M. (1993/2002) *Cracking the Armour: Power, Pain and the Lives of Men*. New York: Viking. ISBN 9780670849208
- Kincaid, L., Figueroa, M. E., Storey, D. & Underwood, C. (2020). A socio-ecological model of communication for social and behavioral change: A brief summary. Johns Hopkins Bloomberg School of Public Health. <https://breakthroughactionandresearch.org/wp-content/uploads/2020/12/socio-ecological-model-of-communication-for-sbc.pdf>
- King, K., Schlichthorst, M., Spittal, M., Phelps, A. & Pirkis, J. (2018). Can a documentary increase help-seeking intentions in men? A randomised controlled trial. *Journal of Epidemiology and Community Health*, 72(1), 86–92. Doi <https://doi.org/10.1136/jech-2017-209502>
- Lapinski, M. & Rimal, R. (2005) An explication of social norms. *Communication Theory*. Vol.15, n.2. Doi <https://doi.org/10.1111/j.1468-2885.2005.tb00329.x>

- Lewin, K. (1951). *Field theory in social science: selected theoretical papers* (D. Cartwright, ed.). New York: Harper & Brothers Publishers. Doi <https://doi.org/10.1177/000271625127600135>
- Llerena, Y. & Casanova, J. (2020). Edutainment and social mobilization in the prevention of gender-based violence in adolescents: Findings on the role of dialogue, debate, and reflection in a pilot strategy of “Revelados” in a Colombian Caribbean municipality. *Investigación y Desarrollo* . Vol.28, n.1, pp.6-35. Epub May 08, 2021. Doi <https://doi.org/10.14482/indes.28.1.323.34>.
- Machel, J. (2001). Unsafe sexual behaviour among schoolgirls in Mozambique: a matter of gender and class. *Reproductive Health Matters*, Vol. 9, n. 17. Doi [https://doi.org/10.1016/S0968-8080\(01\)90011-4](https://doi.org/10.1016/S0968-8080(01)90011-4)
- Macia, M. (2013). Eu não perco tempo com blá, blá, blás... ajo!: violência como elemento estruturante da masculinidade hegemónica em sociedades africanas. *Revista Outras Vozes*, n.º 43-44. Consultado em www.wlsa.org.mz/wp-content/uploads/2013/12/Violencia_elemento_estruturante.pdf
- McAlpine, L. (2016). Why might you use narrative methodology? A story about narrative, *Estonian Journal of Education / Eesti Haridusteaduste Ajakiri*, n. 4/1, 2016. Consultado em: http://eha.ut.ee/wp-content/uploads/2016/04/6_02b_alpine.pdf
- McDermott, R. Pietrantonio, K., Browning, B., McKelvey, D., Jones, Z., Booth, N. & Sevig, T. (2018). In search of positive masculine role norms: Testing the positive psychology positive masculinity paradigm. *Psychology of Men & Masculinity*. Advance online publication. Doi <http://dx.doi.org/10.1037/men0000160>
- Mckee, N., Manoncourt, E., Yoon, C. & Carnegie, R. (2002). Capítulo 12: Involving people, evolving behaviours: The UNICEF experience. *Approaches to Development Communication* (Servaes, J., ed.). Paris: UNESCO

- Mendonça, R., Simões, P. (2012). Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Vol. 27, nº79. Doi <https://doi.org/10.1590/S0102-69092012000200012>
- Moscovici, S. (1988). Notes towards a description of social representations. *European Journal of social psychology*, Vol. 18. Doi <https://doi.org/10.1002/ejsp.2420180303>
- Movimento de Educação para todos. (2021). Estudo sobre o assédio sexual nas escolas. Consultado em <https://mept.org.mz/wp-content/uploads/2020/01/Layout-do-estudo-sobre-o-assedio-sexual-nas-escolas-MEPT.pdf>
- Muluneh, M., Francis, L., Agho, K. & Stulz, V. (2021). A systematic review and meta-analysis of associated factors of gender-based-violence against women in sub-Saharan Africa. *Int. J. Environ. Res. Public Health*, nº 18. Doi <https://doi.org/10.3390/ijerph18094407>
- Mussap, A. (2008). Masculine gender role stress and the pursuit of muscularity. *International Journal of Men's Health*, Vol. 7, nº1. Doi <https://doi.org/10.3149/jmh.0701.72>
- Nary, P. & Chikombero, M. (2017). Applying effective communication for development interventions to HIV prevention among adolescents. UNICEF Regional Office for Eastern and Southern Africa
- Nixon, S. (1997). Exhibiting Masculinity. In *Representation: cultural representation and signifying practices* (Ed. S.H.). (pp. 291-336). Thousand Oaks: Sage Publications e The Open University. ISBN 0761954317
- Pando-Canteli, M. & Rodriguez, M. (2021). New feminist studies in audiovisual industries | “Menvertising” and the resistances to new masculinities in Audiovisual Representations. *International Journal of Communication*, Vol. 15. Doi [1932–8036/20200005](https://doi.org/10.1332/1932-8036/20200005)

- Pearse, R. & Connell, R. (2016). Gender norms and the economy: Insights From Social Research. *Feminist Economics*, Vol. 22, N° 1. Doi <http://dx.doi.org/10.1080/13545701.2015.1078485>
- Pleiss [Pleiss]. (Abril, 2021). *O que não estamos a falar c/ Antonio Macheve Jr.* LinkedIn. Consultado em www.linkedin.com/posts/pleiss_o-que-ningu%C3%A9m-esta-a-falar-antonio-activity-6919970937589141504-WERp?utm_source=share&utm_medium=member_desktop
- Plummer, K. (2001). *Documents of life 2: An invitation to a critical humanism*. London: Sage Publications. Doi <https://dx.doi.org/10.4135/9781849208888>
- Pro HD [Pro HD]. (2021). *Processo criativo da Prudence e Spin. Entrevista a Marlon Magalhães.* [Video]. Youtube. Consultado em www.youtube.com/watch?v=t1XoTpKTF8g&t=393s
- Ratele, K. (2013). Subordinate Black South-African Men Without Fear. *Cahiers d'Études Africaines*, Vol. 53, n° 209-210. Doi <https://doi.org/10.4000/etudesafricaines.17320>
- Reese, S. (2007). The framing project: A bridging model for media research revisited. *Journal of Communications*, Vol. 57. Doi <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.2006.00334.x>
- Riessman, C. (2001). *Analysis of personal narratives. Handbook of Interview Research* (Ed. Gubrium J. & Holstein, J.). Thousand Oaks: Sage Publications. Doi <https://doi.org/10.4135/9781412973588>
- Riessman, C. (2008). *Narrative methods for the human sciences*. Vol.18, Issue 2. Thousand Oaks: Sage Publications. Doi <https://doi.org/10.1075/ni.18.2.13ada>
- Scheufele, D. (1999). Framing as a theory of media effects. *Journal of Communications, Winter*. Doi <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1999.tb02784.x>

- Scott, J. (1988). *Gender and the Politics of History*. New York Chichester, West Sussex: Columbia University Press. <https://doi.org/10.7312/scot91266>
- Slegh, H., Mariano, E., Roque, S. & Barker, G. (2017). Ser homem em Maputo: Masculinidades, pobreza e violência em Moçambique: Resultados do Inquérito Internacional sobre Homens e Igualdade de Género (IMAGES). Washington, DC e Rio de Janeiro. Promundo. Consultado em <https://promundoglobal.org/wp-content/uploads/2017/11/Ser-Homem-em-Maputo-2017-PT.pdf>
- Smiler, A. & Epstein, M. (2010). Measuring gender: Options and issues. (Eds. Chrisler, J. & McCreary, D.), *Handbook of gender research in psychology, Vol. 1. Gender research in general and experimental psychology*, 133–157. ISBN 1441914641
- Stewart, R., Wright, B., Smith, L., Roberts, S. & Russell, N. (2021). Gendered stereotypes and norms: A systematic review of interventions designed to shift attitudes and behaviour. *Heliyon*. Doi <https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2021.e06660>
- Soul City (2011). Soul City's model of social and behavioral change. The Communication Initiative Network. Consultado em www.comminit.com/files/sc_model_2011.pdf
- Squire, C. Davis, M., Esin, C., Andrews, M., Harrison, B., Hydén, L. C. & Hydén, M. (2014). *Challenges in narrative research. What is Narrative Research? (The 'What is?' Research Methods Series)*. UK: Bloomsbury Academic. Doi <http://dx.doi.org/10.5040/9781472545220.ch-006>
- United States Agency for International Development (USAID). (2019). *Gender assessment for USAID/Mozambique Country Development Cooperation Strategy. Final Report*. USAID
- Valy, B. (2016). Men seeing themselves as full partners in care work. Men Engage Alliance. Consultado em <http://menengage.blogspot.com/2016/08/men-seeing-themselves-as-full-partners.html>

Velemo, M. (2018). As maxi-saias – do resgate da decência à feminização da indecência nas escolas. WLSA. Consultado em www.wlsa.org.mz/as-maxi-saias-do-resgate-da-decencia-a-feminizacao-da-indecencia-nas-escolas/

Welch, W. (2019). Pharrell on evolving masculinity and “spiritual warfare”. Consultado em www.gq.com/story/pharrell-new-masculinity-cover-interview

Weiss, R. (1994). *Learning from strangers: The art and method of qualitative interview studies*. New York: The Free Press. ISBN 0684823128

APÊNDICES

Apêndice A. Guião para entrevistas semi-estruturadas

Metadados e orientações

Nome do entrevistado: _____

Nome da pesquisadora: _____

Data da entrevista: _____

/ /

Local da entrevista: _____

- Agradecer a disponibilidade.
- Apresentar os objectivos da pesquisa.
- Explicar o termo de consentimento de entrevista.
- Solicitar a assinatura do termo de consentimento.
- Entregar uma cópia assinada pela pesquisadora ao entrevistado.

- Iniciar a gravação.

Perguntas

Bloco 1

1. Para ti, o que significa ser um *homem de verdade*? (descreve um - fisicamente, na família, grupos de amigos, na escola/trabalho, na sociedade, nos relacionamentos)?
2. Quem foi o primeiro homem que admiraste / olhaste como referência?
 - 2.1. O que te fazia olhar para ele dessa forma?

Bloco 2 (*Análise de Anúncios de Utilidade Pública*)

1. Das emoções a seguir, com quais te identificas mais depois de veres este anúncio:
Tristeza; Alegria; Raiva; Vergonha; Orgulho; Mal-estar; Bem-estar?
 - 1.1. Por que é que ficaste a sentir-te assim?
 2. Qual é a principal mensagem que reténs deste anúncio?
 - 2.1. O que pensas sobre essa mensagem e porquê?

3. Identificas-te com algum dos personagens deste anúncio? Se não, por que não? Se sim, com qual e porquê?
4. Na tua opinião, existem *homens de verdade* neste anúncio? Se não, por que não? Se sim, qual(ais), e que atributos apresenta(m) para o(s) considerares assim?
5. Achas que haveria uma forma melhor de representar esses homens?

Bloco 3

1. Com quem vivias quando eras criança?
2. Lembras-te da primeira vez em que te apercebeste que eras rapaz? O que aconteceu para te lembrares, em específico, desse momento?
3. Do que te lembras sobre a distribuição de tarefas domésticas entre rapazes e raparigas/homens e mulheres?
 - 3.1. E nas brincadeiras – havia diferenças entre ambos?
 4. Havia diferenças na forma como os teus pais/cuidadores olhavam para a escolaridade das raparigas e rapazes?
 5. Havia uma pessoa que era considerada chefe de família? Fala-me um pouco sobre essa pessoa e as características que a faziam ocupar esse lugar?
 6. Actualmente, há homens na tua vida que consideres referências positivas? Porque razões os consideras assim?
 7. Há homens na tua vida que consideres referências negativas? Porque razões os consideras assim?
 8. Lembras-te de situações em que te tenham dito que não parecias, não pensavas ou não te comportavas como um homem? Fala-me sobre isso...
 9. Estás numa relação? Se sim, de que tipo? Conta-me um pouco...
10. Quais são as características que consideras mais importantes na pessoa com quem te relaciones?
 - 10.1. E as características que não toleras nessa pessoa?
11. Tens filhos/pretendes ter? Ter filhos é importante para ti? Porquê?
12. O que pensas da frase: é direito do homem usar violência (física, verbal, psicológica ou outra) contra a sua parceira, se ele achar que isso se justifica?

Bloco 4

1. Que expectativas sentes que a sociedade tem de ti por seres homem? Foram mudando ao longo da vida?
 2. Alguma vez pensaste que não eras um *homem de verdade*? O que provocou essas dúvidas?
- 2.1. Lembras-te do que pensaste e sentiste nesse(s) momento(s)?
3. Achas que ser homem hoje em dia significa algo diferente do que significava quando o teu pai ou avô tinham a tua idade? Fala-me sobre isso...
 4. Já sentiste que a tua forma de pensar sobre o que significa ser homem chocava com a forma de pensar de pessoas à tua volta? Conta-me sobre isso.
 5. Sentes que a sociedade moçambicana pressiona os homens a ser e comportar-se de determinadas formas? Fala-me sobre isso.

Características do entrevistado:

- Idade
- Etnia
- Cidade e província de nascimento
- Etnia da mãe e do pai
- Religião
- Cidade e província de residência actual
- Nível de escolaridade
- Ocupação / Profissão
- Estrato social

Considerações finais:

- Questionar ao entrevistado se gostaria de acrescentar algo.
- Perguntar se o entrevistado tem perguntas finais.

Finalização e agradecimento:

- Agradecer a disponibilidade do entrevistado.
- Informar que poderá consultar os resultados da pesquisa, se tiver interesse. Para tal, deverá contactar a pesquisadora.

Apêndice B. Protocolo de consentimento informado

Eu,

_____, aceito participar de livre vontade no estudo da autoria da estudante de Mestrado Maura Quatorze (Aluna da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa), orientado pela Professora Ioli Campos (Professora da Faculdade), no âmbito da dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação, na área de Média e Entretenimento.

Foram-me explicados e compreendo os objectivos principais deste estudo. Aceito responder a uma entrevista que explora questões sobre masculinidade em campanhas de comunicação produzidas em Moçambique.

Compreendo que a minha participação neste estudo é voluntária e que posso desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo para mim.

Ao participar neste estudo, estou a colaborar para o desenvolvimento da pesquisa académica sobre questões de género focada em Moçambique.

Entendo que excertos e outros dados da minha entrevista, assim como outros resultados deste estudo, poderão ser partilhados, no futuro, em relatórios, artigos ou outras publicações académicas (incluindo on-line).

Entendo também que toda a informação obtida neste estudo será confidencial e que a minha identidade nunca será revelada, a não ser que eu o autorize por escrito.

Assinatura _____

Data ____ / ____ / ____

Apêndice C. Transcrições das entrevistas semi-estruturadas

Ci. Entrevista a Joaquim, 33 anos, Agente da Polícia

1	Entrevista com PARTICIPANTE 1
2	Arquivo: Entrevistado 1 Tempo de gravação: 1 hora 30 minutos 05 segundos
3	Data da entrevista: 27 Março 2023 Local da entrevista: Mahla Filmes, Maputo - Moçambique
4	
Idade e data de nascimento	33 anos
Cidade de nascimento e de residência actual	Maputo Maputo
Origem do pai e da mãe	Pai: Inhambane Mãe: Maputo
Religião	Cristão, não praticante
Nível de escolaridade	Frequência do 1º ano de licenciatura em Direito
Profissão/Ocupação	Agente da Polícia da República de Moçambique

5

I: Para ti, o que significa ser um *homem de verdade*?

6

R: Acho que depende um bocado do contexto porque eu já ouvi isso em casa e estavam a falar de ter responsabilidades, de prover, de alguém que já cresceu e tinha de o saber e passar a ajudar. Já ouvi a minha namorada dizer homem de verdade e ela estava a dizer que eu tinha de ser alguém que tinha de sair de casa dos meus pais; que tinha de assumir um relacionamento sério, construir e casar. Já ouvi a minha amiga dizer que eu tinha de ser um homem de verdade, que era eu aceitar essas duas coisas e saber conciliar: tens de assumir quem és em casa mas também tens de assumir a pessoa com quem estás.

7

Então, de acordo com essas coisas que eu fui ouvindo, ser um homem de verdade é ser alguém que há de ser visto como espelho, como pilar, suporte da família, da companheira, dos *bradas*.

8

I: Quem foi o primeiro homem que admiraste / olhaste como referência e o que te fazia olhar para ele dessa forma?

9

R: Agora que estás a falar estou a pensar num tio falecido, pai das minhas primas. Acho que foi a primeira pessoa que admirei, não sei se por ser um senhor que vinha de fora - vivia na África do Sul -, tinha uma forma de pensar e de vestir diferente, então, eu gostava do estilo dele. Nunca pensei nisso, mas agora que falaste pensei nele... Ele saiu de Moçambique para dar uma vida melhor aos filhos e à família. Eu via que esse *cota* está longe porque quer fazer essas cenas.

10

I: Lembras-te que idade tinhas nessa altura?

11

R: Eu acho que tinha por aí 11/12 anos quando ele começou a vir para cá.

12

Neste momento passámos para o Bloco 2 - Análise de 3 AUP.

13

Anúncio 1

14

I: Das emoções a seguir, com quais te identificas mais depois de veres este anúncio: Tristeza; Alegria; Raiva; Vergonha; Orgulho; Mal-estar; Bem-estar? Porquê?

15

R: Sinto-me um bocado triste. Gostaria de não estar a ser influenciado, mas não depende só do homem transmitir o vírus, muito pelo contrário. Quem tem o poder de dizer '*Bro*, tens de usar camisinha' e de influenciar a outra pessoa a fazer testes são mulheres. Já ouvi muitas mulheres a dizer que exigiram que ele usasse camisinha e muitas também a dizer 'Isto aqui eu não apanhei sozinha, então, sempre que eu puder hei de dar a outras pessoas', então, por que é que só puseram homens? Como se a responsabilidade de proteger a outra pessoa fosse só nossa! Não depende só do homem. Muitos homens ficaram doentes porque se deixaram levar pela forma como a mulher pensa.

16

I: Como assim?

17

R: Está sobre a mulher o poder de fazer o homem proteger-se ou não. E se a mulher não quiser, não vai acontecer nada. Então, porque puseram só homens como se fosse o homem

que sai e traz cenas para casa? Lá onde estamos a ir "brincar", pode não ser nossa escolha ir assim, sem protecção.

18

I: Qual é a principal mensagem que reténs deste anúncio?

19

R: Não sei se o facto de estar atento a serem só homens me bloqueou, mas o que pude perceber é que estavam a mostrar três pessoas de áreas diferentes: um familiar, um atleta e um jovem que aparentemente gosta de beber. E independentemente disso, as pessoas não deixam de se proteger e ter responsabilidades. Não só priorizam a saúde deles como se preocupam com a saúde da outra pessoa.

20

I: Na tua opinião, existem *homens de verdade* neste anúncio?

21

R: Não. Querem só modelos e às vezes falham. Por acaso reconheci uma pessoa no anúncio e sei que aquilo que estava a falar não é aquilo que vive.

22

I: Achas que haveria uma forma melhor de representar esses homens?

23

R: Ya, falando na vertente de quem entende um pouco de cinema, se tivessem sido feito como entrevista, um papo, provavelmente... Uma entrevista em que se põe uma pessoa a conversar sobre se usa preservativo, como faria as coisas... Eu prestaria mais atenção se fosse no âmbito de uma entrevista, e não ficção.

24

Anúncio 2

25

I: Das emoções a seguir, com quais te identificas mais depois de veres este anúncio: Tristeza; Alegria; Raiva; Vergonha; Orgulho; Mal-estar; Bem-estar? Porquê?

26

R: Raiva, porque acho que há imagens que levam a pensar que isso só acontece com meninas. Eu já vi muitas coisas que têm a ver com meninos que sofrem também abusos e isso não passa de piada. Já vi vídeos de uma mulher deitada e uma criança do sexo masculino a fazer movimentos de pessoa adulta e as pessoas a rirem. Mas eu depois disse 'Se fosse um

homem deitado e uma criança de sexo feminino a fazer esses movimentos vocês não estariam a achar graça, então, por que acham quando é um menino'? Tem muitas crianças que vêm das províncias para vender amendoim - essas também têm a infância interrompida. Porque tinha que ser um homem a assediar uma menina?

27

Se estivesse só a ouvir o som eu ia gostar porque falaram cenas *maningue nices*, não falaram de género, era neutro. Senti raiva porque ninguém fala nessa cena.

28

I: A violência contra o homem é um assunto de que não se fala?

29

R: Não se fala, e faz-se até piada nas esquadras. Quando um homem vai prestar queixa dizem para ir resolver com a mulher.

30

Eu acabei já estando nessa situação e a mãe da minha namorada acabou ligando para mim a dizer que sabia o que ela me tinha feito e a agradecer-me por não ter reagido. Pediu-me para continuar a ter paciência sempre que ela tivesse atitudes do género...

31

Se eu estiver a bater papo contigo e a minha namorada me chamar lá para fora e ouvires o som de uma chapada, o que vais pensar? Que eu bati na minha namorada. Se eu disser que me bateram, vais dizer que sou mole. Mas se eu tiver batido vais dizer que sou *maningue* bruto. São cenas que acontecem *maningue* mas simplesmente não se fala nelas.

32

I: Qual é a principal mensagem que reténs deste anúncio?

33

R: Que homens destroem famílias. Se for só a olhar, sem ouvir, vou perceber que homens adultos que não têm o que fazer fazem *cagada*. A imagem diz uma coisa e o áudio diz outra. A imagem diz que homens fazem *cagada*, o áudio diz que adultos têm o poder de fazer *cagada*, uns escolhem fazer e outros não.

34

I: Identificas-te com algum dos personagens deste anúncio?

35

R: Não.

36

I: Na tua opinião, existem *homens de verdade* neste anúncio?

37

R: Não. O senhor é o que supostamente vai buscar a menina. O outro homem que aparece é quem entrega a menina. Então, não há homens de verdade.

38

I: Achas que haveria uma forma melhor de representar esses homens?

39

R: Sim. Se o pai negasse, a mensagem seria transmitida. E eu ia mudar de discurso e dizer que vi um homem de verdade. Ele podia dizer não e talvez até aconselhar o senhor. A mensagem chegaria.

40

Anúncio 3

41

I: Das emoções a seguir, com quais te identificas mais depois de veres este anúncio: Tristeza; Alegria; Raiva; Vergonha; Orgulho; Mal-estar; Bem-estar? Porquê?

42

R: Nenhuma. Vi um vídeo que me deixou indiferente.

43

I: Identificas-te com algum dos personagens deste anúncio?

44

R: Não.

45

I: Na tua opinião, existem *homens de verdade* neste anúncio?

46

R: O único que me apareceu foi aquele senhor, o médico da Brigada Móvel. É o único que vi a fazer alguma coisa.

47

I: Achas que haveria uma forma melhor de representar esses homens?

48

R: Sim. Se pusessem um homem a falar, não precisava de aparecer com uma criança... A higienizar as mãos, a preparar seringa...

49

Bloco 3

50

I: Com quem vivias quando eras criança?

51

R: A minha infância foi um bocado confusa por causa de um *fight* dos *cotas*. A minha mãe biológica acabou me deixando, saiu para fazer as cenas dela, e eu fui viver com a minha madrasta. Vivia entre as duas casas. Era normal os meus pais discutirem e a minha mãe ficar dois dias fora, ou o meu pai não estar em casa, porque na altura ele era Comandante em Matalane.

52

Mas, em casa, eu vivia com a minha mãe, meu pai, meu irmão e irmã mais velhos da parte da minha mãe, outro meu irmão e a minha irmã mais nova, que me segue, e mais duas primas que vieram de Mombone, que o meu pai trouxe para criar.

53

A minha madrasta foi o primeiro casamento do meu pai, e tiveram três filhos. Dava-me muito bem com a minha madrasta... A minha mãe também, não havia stresses, penso que por causa do posicionamento dos dois. O relacionamento acabou e eles decidiram que tinham que continuar a criar os filhos, e isso não atrapalha nenhuma futura relação. Tenho outros irmãos de outros relacionamentos, espalhados.

54

I: Lembras-te da primeira vez em que te apercebeste que eras rapaz? O que aconteceu para te lembrares, em específico, desse momento?

55

R: Eu acho que foi natural, não me lembro de um momento.

56

I: Do que te lembras sobre a distribuição de tarefas domésticas entre rapazes e raparigas/homens e mulheres?

57

R: Havia diferenças nas responsabilidades. O trabalho dos meus irmãos sempre foi descarregar o carro quando o *cota* viesse com produtos, e das minhas irmãs foi cozinhar, fazer limpeza, arrumar a casa. Nós os homens era qualquer coisa pesada: trocar ficha,

lâmpada, pneu, essas coisas. Isso na altura, porque agora o comando é outro. Agora eu é que estou a mandar. Eu cozinho, peço ao meu sobrinho, que vive comigo para arrumar a casa, lavar e engomar o meu uniforme, cozinhar algo que eu queira.

58

Não brincámos muito juntos por causa das diferenças de idades. Não me lembro de estarmos juntos em convívios.

59

As oportunidades sempre foram distribuídas de forma igual, todo o mundo vai à escola. Quem faz muito barulho é o meu pai e faz barulho a todos do mesmo jeito. A minha irmã mais nova pôde escolher uma escola privada; mandou passear por cenas da vida. A mais velha, que também é polícia, foi feita barulho, apesar de já estar a viver na casa dela. Eu e o meu irmão fomos feitos barulho para voltarmos a estudar e, como forma de incentivo, o meu pai disse que a terceira mensalidade seria na conta dele. Sempre nos disse que antes do casamento tinha que vir uma licenciatura, sobretudo as mulheres.

60

I: Havia uma pessoa que era considerada chefe de família? Fala-me um pouco sobre essa pessoa e as características que a faziam ocupar esse lugar.

61

R: Era o meu pai. Ele era o único provedor e ele é que construiu a família, então, nada mais justo do que olharmos para ele assim. O meu pai é militar, então, sempre tivemos de obedecer um comando em casa. O que ele fazia em Matalane, fazia em casa. Só dava ordens. Não tinha como haver dúvidas.

62

I: Actualmente, há homens na tua vida que consideres referências positivas? Porque razões os consideras assim?

63

R: Eu acho que todos os dias passo e chumbo pessoas. Posso olhar para uma pessoa numa situação e dizer que gostaria de ser como ela no que diz respeito àquela situação, mas não conheço bem a vida de ninguém para ver como referência.

64

I: E o contrário?

65

R: Não gostaria de ser como o meu irmão mais velho, porque não está nem aí para construir, mas se tiver oportunidade de ter um milhão agora pode gastar 700 mil num carro.

66

I: Já deixaste de pedir ajuda por achares que isso te faria menos homem?

67

R: Acho que não até porque sou muito criticado na relação em que estou justamente por sempre falar nessas cenas. Eu falo numa boa... Nunca tive problemas em falar, não sei se isso é de alguma forma pedir ajuda.

68

I: Lembras-te de situações em que te tenham dito que não parecias, não pensavas ou não te comportavas como um homem? Fala-me sobre isso...

69

R: Ya, costumo ouvir da minha parceira porque não saí de casa ainda. Ouvi recentemente 'Achas que és alguém que se eu não estiver contigo hei de ter para mim que perdi alguém?'

70

Eu sempre lhe digo que me curei de muitas coisas que ela faz estando num outro relacionamento. Eu ouvi de outra pessoa que eu sou incrível e hoje sou capaz de dizer 'Sim, acho que terás perdido alguém.'. Ela diz que eu não tenho nada, não sou ninguém. Mas eu sei que sou alguém e tenho *maningue* cenas. E tenho *maningue* dificuldades, como qualquer outra pessoa. Mas eu sou.

71

I: Achas que há demasiada valorização daquilo que a pessoa tem (material) ao invés do que a pessoa é?

72

R: Sim, há muita pressão sobre os homens para ter em vez de ser. Mas, também já presenciei situações em que a pessoa valorizou o que a outra tinha e depois arrependeu-se porque precisou daquilo que a pessoa era.

73

Mas, é assim que as coisas são. Se perguntares a qualquer pessoa o que está a fazer, ninguém vai dizer que está a fazer por si, está a fazer para ser bem vista, ser aceite, para conquistar alguém...

74

I: Quais são as características que consideras mais importantes na pessoa com quem te relaciones?

75

R: Lealdade. É a única cena que eu ia pedir. Tudo o resto eu tenho.

76

I: E as características que não toleras nessa pessoa?

77

R: Falsidade.

78

I: Tens filhos/pretendes ter? Ter filhos é importante para ti? Porquê?

79

R: Ya, não tenho. Acho que estou a sofrer *maningue* pressão. Ontem de manhã, antes de eu sair do *job*, o papo que se estava a bater no grupo de Whatsapp dos *bradas* era sobre o jovem que perdeu o olho na manifestação pelo Azagaia; era suposto irmos visitá-lo. Há um que diz 'Fogo, estão a perguntar qual a camisa que quero pôr, para engomarem. Fogo, essa cena de ser casado...'. E no grupo somos dois solteiros sem filhos, por isso respondem-nos sempre que temos de os respeitar porque são casados e têm filhos. Brincam que vão remover do grupo pessoas que não têm filhos. Os meus *bradas* estão a pressionar-me nesse sentido.

80

I: Por que é importante para ti ter filhos?

81

R: Eu sinto que tenho que deixar alguma cena e o tempo está a bazar. A dado momento pensei que seria a minha única companhia leal; todo o mundo vai bazar mas um filho será sempre meu. Agora já não haverá *maningue time* para um ser do outro, mas quero deixar alguém. Com o meu trabalho, qualquer coisa pode acontecer comigo a qualquer momento...

82

I: O que achas que os teus amigos estão a valorizar quando te pressionam para ter filhos?

83

R: Acho que eles querem que me case e esteja no mesmo estatuto que eles. Só. Porque responsável eles sabem que eu sou: sabem que eu estou a carregar a casa, que acompanho a minha irmã ao hospital, responsabilidades que eles têm para com os filhos. Então, acho que

falam em filhos porque sabem que com filho vem mulher... Mas eu acho que ainda não me casei porque sempre senti que as mulheres que passavam na minha vida estavam a passar. Quando achar que a pessoa tem que ficar, então quero ter filhos.

84

I: Já presenciaste situações de violência contra a mulher? Fala-me sobre isso.

85

R: Já. Eu próprio já fui *maningue* tóxico, *maningue* mesmo... Quando estava para bazar à tropa e quando acabava de sair... Os meus *cotas* também *fightavam maningue*. Às vezes ouvíamos barulho no quarto deles e tínhamos de ir... Quando era criança achava que o *cota* não estava *nice*, mas com o andar do tempo vi que ele sempre foi *maningue soft*. Ele reagia. Sempre dizia à minha mãe para não fazer aquilo...

86

Hoje em dia não permito que as pessoas tenham atitudes violentas, pelo menos não na minha presença.

87

I: A violência é normal nos relacionamentos?

88

R: Acho que esse pensamento se estende, não são só os homens. As mulheres agredem muito os homens verbalmente. Já presenciei isso muitas vezes e o pessoal acha normal. As pessoas acham que têm o poder de educar outras pessoas e a maneira é essa, corrigindo. Principalmente as mulheres, acham que têm o papel de educar, mesmo uma pessoa adulta.

89

Bloco 4

90

I: Que expectativas sentes que a sociedade tem de ti por seres homem? Foram mudando ao longo da vida?

91

R: Os meus *bradas* esperam que eu seja *pegador* de gajas, mas sinto que também esperam que eu seja bem-sucedido. A minha família espera que eu seja bem-sucedido, por isso, perguntam pelo trabalho, escola, ter mulher. Ser bem-sucedido estou a falar de ser alguém que tem *maningue taco*, uma casa, filhos e uma mulher *soft*, ou seja, alguém que não vai

falar nada se o meu irmão chegou na nossa casa e tirou uma cena da geleira. Para a minha família isso é uma mulher *soft*.

92

A sociedade quer que os homens sejam corajosos, independentemente de para onde vão conduzir a tal coragem. Por isso muitos fazem *cagadas* para agradar outras pessoas. Os homens na cadeia não estão lá por quererem agradar a si mesmos. Quando lhes perguntas qual era a ideia: 'Ah, minha mãe me pressionou', 'Meus irmãos', 'Minha namorada', 'Meus amigos'... A sociedade quer homens corajosos. Tens de o ser. Ser corajoso é não ter medo de assumir riscos. Eu não tenho como me separar da cena militar, mas ser corajoso é dizerem 'Bro, amanhã vais dizer tchau à tua família e vais subir para Cabo Delgado'. E eu dizer 'Ya, está *nice*'... Também não estaria a fazer isso por mim, mas pela minha família, o juramento da bandeira.

93

I: Achas que na nossa sociedade é mais difícil ser homem do que ser mulher?

94

R: Acho que não. Deve ser *maningue* difícil ser mulher, porque muitas mulheres submetem-se a *maningue* cenas só porque são mulheres. Há coisas que só mulheres podem fazer e elas fazem porque só mulheres podem fazer.

95

I: Alguma vez pensaste que não eras um *homem de verdade*? O que provocou essas dúvidas?

96

R: Não. Eu sempre pensei que não era capaz de fazer certas cenas, que era incapacitado. Tipo, talvez a faculdade não seja para mim, ou ter filhos não seja para mim. Mas nunca foi a ponto de eu achar que eu não era suficiente para aquela cena.

97

I: O que achas de os teus amigos considerarem que ser homem é ser um pegador?

98

R: Acho que é bom ser admirado. E eu já estive nessa posição. Acho que pensam que tenho muitas oportunidades de estar com *gajas*. Quando estive nessa posição vi que o olhar de algumas pessoas tinha mudado.

99

I: Então concordas que ser um homem de verdade é *pegar* muitas mulheres?

100

R: Não. Acho que são coisas diferentes porque na minha definição de ser homem de verdade em nenhum momento entra isso. Ser homem de verdade é uma porta e *pegar* muitas mulheres é uma janelinha. O meu ser homem de verdade está virado para a minha família e o meu crescimento individual e crescimento da minha família. Se conseguir fazer essas cenas, sou homem de verdade.

101

I: Achas que ser homem hoje em dia significa algo diferente do que significava quando o teu pai ou avô tinham a tua idade? Fala-me sobre isso...

102

R: A diferença está no facto de eles não esperarem que a sociedade os pressionasse. O meu pai, por exemplo, não esperou que o pressionassem para sair de casa, sem saber o que ia fazer, e foi cair em Matalane. Agora, nós estamos à espera que a sociedade nos cobre.

103

Mas, tem que ser o homem a prover para a família. A mulher tem muita falta de respeito. Um docente meu perguntou a um colega o que pensava sobre algo e ele respondeu que não tinha nada a argumentar. O professor disse para ele nunca mais fazer isso e perguntou: 'Se um dia a tua mulher te disser que não tem comida, o que vais dizer?' O meu colega respondeu: 'Ia dizer - Hiiii, estamos mal'. O professor explicou que o homem não pode dizer que está mal, tem que dizer que vai ver o que pode fazer. Tem de ser função do homem prover. Quando é a mulher a prover, de alguma forma ela não respeita o homem, não olha para o homem com admiração. E exigem mais dos homens quando são elas a prover do que os homens exigem das mulheres quando elas são domésticas. Essa falta de admiração da tua mulher vai afectar a tua auto-estima, forma de vestir, o respeito dos teus *bradas*. Se não tens voz em casa, vais ter voz na rua? Porque mulheres castram homens, de verdade. Tipo, homem não poder escolher canal de televisão!

104

I: Achas que existem hierarquias entre homens?

105

R: Sim! Incluindo na família! São três características que decidem o teu lugar: tens de ter *maningue* influência, *maningue* dinheiro ou tens de *pegar maningue* mulheres. São as

maneiras de ser respeitado. Ou tens de bater *maningue* - mas hoje em dia já não há tanto espaço para confusão.

106

Influência é, por exemplo, ser polícia. Mesmo que não tenha *maningue* dinheiro nem mulheres, ninguém me vai parar na rua, há privilégios...

107

Então, o tio terrível da família é aquele que vem com *maningue* bebida, ou que sempre vem com uma mulher diferente.

Cii. Entrevista a Denilson, 34 anos, Editor de Vídeo

1	Entrevista com PARTICIPANTE 2
2	Arquivo: Entrevistado 2 Tempo de gravação: 2 hora 55 minutos 12 segundos
3	Data da entrevista: 27 Março 2023 Local da entrevista: Mahla Filmes, Maputo - Moçambique
4	
Idade e data de nascimento	34 anos
Cidade de nascimento e de residência actual	Maputo Maputo
Origem do pai e da mãe	Pai: Inhambane Mãe: Inhambane
Religião	Cresceu em família religiosa (Católica), mas não pratica
Nível de escolaridade	Licenciatura em Multimédia Frequência de Licenciatura em Computer Science até ao 3º ano
Profissão/Ocupação	Editor de Vídeo / Color Grading

5

I: Antes de começar com as perguntas do guião, estavas a dizer-me que tens, também, uma carreira como músico. Fala-me um pouco sobre isso.

6

R: Tudo começou quando tinha 16 anos. Muita coisa começou a fluir, até furar orelha, trançar o cabelo, curtir (mas não gostava de beber). Eu tenho uma paixão pelo rap, acho um mundo que te faz crescer psicologicamente, abre-te a visão e dá-te espaço para seres tu mesmo, sem copiares ninguém.

7

Eu não conhecia esse meu lado, que gostava de ser eu mesmo sem ser igual. Levei muito tempo a chegar a ser a pessoa que sou agora, mas vê lá que até agora não sei quem é que me consegue copiar aqui em Moçambique.

8

I: Já ouviste a expressão "homem de verdade"? O que significa para ti?

9

R: Ya, claro que já.

10

Aqui tem dois pontos: o que é homem de verdade para a sociedade e o que é para mim. Para mim, homem de verdade é aquele que tem coragem para fazer o que ele quer. Aqueles que quando os pais dizem 'vai neste caminho' ele vai noutra direção porque ele acha que se fizer aquilo ali vai estar bem com ele mesmo.

11

Nesta sociedade, fazeres o que queres é muito arriscado porque podes sofrer várias críticas, pontos negativos, podes até nem namorar com ninguém. Tem muitos que casam com 25, 27 anos mas quando chegam aos 40, 50 anos já querem fazer aquilo que sempre quiseram fazer. Então, eles resolvem a parte que a sociedade queria, aquela pressão, e quando já estão livres de comprar carro, construir casa, ter filhos, já querem viver o que querem viver. E isso fica ridículo porque perderam muito tempo na vida a fazer coisas que não queriam. E quando ele começa a fazer o que quer percebe que a sensação é melhor. Vês um tio que faz porcarias aí... Ele está a sentir-se bem, mas é tarde... Se bem que se diz que supostamente nunca é tarde para fazeres o que queres, né...

12

I: Quem foi o primeiro homem que admiraste / olhaste como referência?

13

R: Tudo começou na música. Quando eu era adolescente e as vontades começaram a surgir, a despertar. Tudo veio ao mesmo tempo, mas eu não estava a interpretar que estavam a acontecer coisas novas na minha vida. Eu só olhava para aquilo como se eu quisesse fazer, sem perceber que era uma fase nova. Aí surgiu a pessoa que me fez querer *rappar* mais, querer experimentar mais música, escrever mais. E eu ia para casa dele a todo o momento. Ele estava na minha cabeça de um jeito que parecia a minha roupa. Eu acordava e pensava no que ele ia pensar da minha nova letra... Até hoje, quando ele me encontra, acho que fica feliz porque talvez sou a única pessoa que conseguiu superá-lo. Aquela sensação de que preparaste o teu filho e ele torna-se em *something* na sociedade.

14

Por essa razão eu discuto com certas pessoas que se relacionam comigo e querem tirar a música de mim. Não estou à procura de ficar famoso até toda a gente me conhecer até porque já sei que do jeito que eu faço música posso não ficar muito famoso, mas ter o meu espaço e os meus fãs fieis.

15

I: Mas o que é que esse jovem tinha exactamente para te fazer admirá-lo tanto?

16

R: Criatividade. Ele era tão criativo que eu me perguntava: escreveu? Não, não escreveu. Ele ficava ali a improvisar, mas era mais do que isso, ele conversava connosco. Aquilo não era só *freestyle*, era mais, era socializar.

17

Neste momento passámos para o Bloco 2 - Análise dos 3 AUP.

18

Anúncio 1

19

I: Das emoções a seguir, com quais te identificas mais depois de veres este anúncio: Tristeza; Alegria; Raiva; Vergonha; Orgulho; Mal-estar; Bem-estar?

20

R: Alegria, algo assim. Não que me tenha deixado feliz, mas alegria de já não haver preocupação.

21

I: Qual é a principal mensagem que reténs deste anúncio?

22

R: Percebi que tens que proteger a tua família te protegendo.

23

I: Identificas-te com algum dos personagens deste anúncio? Se não, por que não? Se sim, com qual e porquê?

24

R: Isso que estás a perguntar é válido para todos. Porque é uma realidade. Todo o mundo está sujeito a apanhar. HIV está para quem vive, porque está num ramo de prazeres, de vontades. Não é algo que eu ficaria orgulhoso de não ter porque existe quem tenha, e talvez podia ser eu.

25

I: Na tua opinião, existem *homens de verdade* neste anúncio? Se não, por que não? Se sim, qual(ais), e que atributos apresenta(m) para o(s) considerares assim?

26

R: Eu vi jovens, com caras de ambiciosos, prazeres e cheios de vontades. Olhando para o anúncio, diria que sim. Todo o mundo que cuida da família já é um homem de verdade. Todo o mundo que consegue ir buscar alguma coisa e trazer, já é um homem de verdade. Mesmo aquele que tem prazeres, basta cuidar da sua mãe e quê, é um homem de verdade. Então, é complicado dizer se vi ou não homens de verdade. Podem ser e podem não ser.

27

I: Achas que haveria uma forma melhor de representar esses homens?

28

R: Sim. Por exemplo, eles estão tão felizes quando na realidade não é assim. É chocante saberes que tens um vírus que se não tomares conta muita coisa pode mudar na tua vida. Descubrem que tens HIV no trabalho, já te olham mal, já te excluem como se não servisses mais. Eles estão tão felizes aí que não é a realidade. Tu tens que fingir estar feliz para não mostrar o teu lado triste. Mas, sendo um ser humano a sofrer pressões da sociedade, acabas por mudar-te para outro local, vais para onde ninguém te conhece para começares de novo...

29

Às vezes é melhor esconder para te misturares, porque quando comesas a mostrar a verdade excluem-te. É como se na sociedade existisse uma porta onde entram os escolhidos e os não escolhidos ficam de fora. Numa sociedade com a cabeça fechada, é complicado tu seres verdadeiro. Porém, é importante ser verdadeiro para saberes com quem te deves dar e não perder tempo.

30

Anúncio 2

31

I: Das emoções a seguir, com quais te identificas mais depois de veres este anúncio: Tristeza; Alegria; Raiva; Vergonha; Orgulho; Mal-estar; Bem-estar?

32

R: Isto aqui é como se fosse estupidez. No sentido em que é algo que não devia acontecer. Então, em vez me entristecer, dá-me vontade de desligar a ficha em relação a este pensamento. Não me dá raiva porque não se luta contra tradição; para mudares uma tradição tens que nascer, fazer filhos, até nascer um cérebro vazio para tu implementares um novo sistema. Um sistema podre acaba frustrando, mesmo para quem está dentro dele.

33

I: Identificas-te com algum dos personagens deste anúncio? Se não, por que não? Se sim, com qual e porquê?

34

R: Não! São pessoas fracas!

35

I: Qual é a principal mensagem que reténs deste anúncio?

36

R: Eu tou dentro de uma tradição, dentro de uma sociedade, e tenho o meu próprio pensamento. Isto é normal dentro de uma cultura, muito normal mesmo. Só que, sendo uma criança, não é normal para mim, mesmo estando dentro dessa cultura. Porque aquilo é uma criança e tem que haver uma idade para uma pessoa unir-se a outra. Isso também tem a ver com tempo, porque isso é o tempo antigo porque as pessoas tinham outra forma de estar. De lá até anos 90 as coisas foram mudando porque a tecnologia também evoluiu, e começou a correr tanto que isto ficou uma coisa ridícula. Isto já não faz sentido. São pessoas fracas que queriam ter poder sobre as mulheres, então casavam pessoas mais novas e tu olhavas o teu marido como um predador.

37

Nós que estamos de fora percebemos que é errado, mas se fores para uma vila pode ser super normal naquela cultura. Então, eles precisam ser ensinados que isso aqui não pode acontecer.

38

I: Achas que haveria uma forma melhor de representar esses homens?

39

R: Ia colocar a mãe a lutar com o pai para não aceitar isso aí... Ya, porque muitas vezes o problema é o pai. Minha mãe, por exemplo, casou com 18 anos. Os meus avôs encontraram-se, combinaram; depois o meu pai viu a minha mãe e calhou ele gostar dela. Só que o meu pai já tinha para aí a minha idade, 30 e tal. Só que, como disse, este comportamento nas zonas rurais é olhado de forma diferente. Os dois avôs eram ricos em termos de bens, então, sentaram e conversaram... Falaram com a minha mãe e ela aceitou, não lhe forçaram.

40

Esse defeito está nos homens porque quem manda nas zonas rurais são os homens, não são as mulheres. Então, se puderem focar e dizer: 'Olhem, este problema encontra-se aqui, esta é a fonte'. Porque da maneira que colocaram... O problema não é só um homem adulto

apreciar uma criança, é ele fazer isso, ir lá negociar, os pais aceitarem entregar a filha. Então, não mostraram o verdadeiro problema. Muita gente acha que o problema é o homem que quer, mas o maior problema é que aquela mulher tem família, tem alguém que permite aquilo. Então, tem que se combater essas cabeças que permitem isto aqui.

41

Anúncio 3

42

I: Das emoções a seguir, com quais te identificas mais depois de veres este anúncio: Tristeza; Alegria; Raiva; Vergonha; Orgulho; Mal-estar; Bem-estar?

43

R: Nenhuma. É um anúncio. Senti-me alertado. É uma informação que é preciso verificar se é real, talvez ao nível do bairro: se as vacinas são seguras, se já foram vacinar... por aí.

44

I: Na tua opinião, existem *homens de verdade* neste anúncio?

45

R: Os médicos, sejam homens ou mulheres, são Homens de verdade. São pessoas que passam por muitas coisas, né, que devem ter amor-próprio para conseguirem cuidar de outras pessoas.

46

Bloco 3

47

I: Com quem vivias quando eras criança?

48

R: Família. Pai, mãe, irmãos e primos. Éramos muitos porque o meu pai era uma pessoa, *you know*, iluminada. Foi o corredor para todos passarem por Maputo. Era corredor para quem quisesse *jobar* ou estudar.

49

Eu só comecei a dormir sozinho na minha cama quando já era grandinho, quando comecei a desafiar o meu pai. Fiquei cansado... Pensava que não fazia sentido estar a crescer e não privacidade. Tá *nice* que para ter privacidade tenho que ter a minha própria casa, mas também não pedi para nascer. Dizia ao meu pai que nasci por causa dele, não era para ele me fazer de boneco.

50

Acho que tinha uns 15, 16 anos... Expulsei um dos meus primos do quarto. Assim mesmo... A minha mãe começou a perceber que esses já são homens e, este que está a falar, fala o que pensa, não importa quem está aqui. Cortei, já não queria mais.

51

Muitas pessoas passaram pela casa dos velhos. Alguns ficaram meses, outros anos. Outros estão bem de vida e o meu pai é que pôs a eles no caminho certo.

52

Os *cotas*, como vêm de uma zona tradicional, sempre vão nos dar aquele apoio espiritual, aquela orientação. Aquele apoio mais espiritual que nós, talvez mais modernos, achamos que não temos tempo para ele; mas, quando cresces comesças a perceber que aquilo faz parte da tua vida, sempre esteve ali.

53

I: Lembras-te da primeira vez em que te apercebeste que eras rapaz? O que aconteceu para te lembrares, em específico, desse momento?

54

R: Ya, como na minha casa passaram muitas mulheres, para mim era normal ver mamas, rabo... E aqui no meu bairro havia poucas mulheres e muitos rapazes, então lutávamos para brincar de papá e mamã. Comecei a perceber as diferenças muito cedo, muito antes de me explicarem o que era, devia estar entre a 1^a e 3^a classe.

55

Com 14, 15 anos já éramos todos adultos... cada um está a manifestar-se. Dos 16 para a frente apaixonei-me por uma louca, louca mesmo! Foi uma sensação *crazy*, ridícula! Estar *in love* é um pouco ridículo porque tu não sabes o que está a acontecer. As pessoas estão a rir de ti mas tu estás à toa! É como se fosse um vírus dentro do teu corpo!

56

E ela sabia que eu estava apaixonado... Mas vocês são estranhas porque mesmo sabendo que não vão ficar com alguém a sensação de terem alguém apaixonado por vocês é tão *good* que... Para os homens é um pouco diferente, principalmente depois de "comeres", já irrita. Ya, tu bebes um dia - tudo bem, somos homens, para aldrabar o teu cérebro para achares que ela é *good* e acabas indo. Mas quando amanhece, aquilo irrita-te!

57

I: Do que te lembrás sobre a distribuição de tarefas domésticas entre rapazes e raparigas/homens e mulheres?

58

R: Havia diferenças e semelhanças. O que acontece é que uma pessoa que nasceu entre os anos '80 e '90 não vai ser igual a uma pessoa que nasceu de 2000 a 2010. Olha a flexibilidade e sensibilidade das coisas que nós temos hoje. Crianças de hoje têm acesso a telefones que custam não sei quantos mil, enquanto no nosso tempo eras só uma pessoa que tinha telefone - era 'obrigado por teres'; hoje é 'tens? Eu também quero'. Há diferença.

59

Quando eu era criança, havia um regime que te obrigava a seres assim, querendo ou não. Os *cotas* tentavam que não te misturasses com pessoas de má conduta, com ideias que te fizessem andar fora da linha. E havia muita convivência familiar, por falta de distrações. Tínhamos mais tempo para conhecer os vizinhos, etc..

60

Agora, as crianças não precisam de sair de casa. Falas uma vez, não ouvem; tens que falar *maningue* vezes. Mas eu lembro-me que quando eu estava a crescer não havia isso.

61

Nesse tempo as mulheres eram mais aprisionadas. Diziam 'Você não pode ir para a rua porque vai ficar grávida'. Isso era assunto muito sério. Na rua viam aqueles tios de casaco e assustavam as miúdas: 'Tás a ver aquele ali, vai-te engravidar'. Enquanto para nós, os rapazes, era disciplina: tem que estudar, não pode ficar na rua até altas horas, quem faz isso é ladrão. Os *cotas* tinham mais tempo para nós naquela altura. Em casa não havia diferenças. Sou filho de *manhambane*, não havia coisa de homem ou coisa de mulher, todos nós tínhamos que fazer tudo. Eu sei cozinhar, temperar comida, ralar côco, fazer limpezas, tudo!

62

I: Havia uma pessoa que era considerada chefe de família? Fala-me um pouco sobre essa pessoa e as características que a faziam ocupar esse lugar?

63

R: Ya, o meu pai. Não vou falar de emprego porque ele estava *on top*, era o melhor na família de onde veio. A cultura e a sociedade fizeram-no ser um homem de verdade, um homem grande. Esta sociedade recente faz os homens não serem homens. Por exemplo, eu vou namorar contigo mas não tenho nada, sou um *broke-ass*, tu tens dinheiro, pronto, as pessoas

dizem que eu dependo de ti. Outro exemplo, eu trabalho e tenho um bom salário. Ela trabalha numa organização que financia projectos, mas ela é branca, viaja para Portugal - as pessoas dizem 'Esse gajo quer viajar para a Europa'. Cenas estúpidas assim!

64

A sociedade é que faz os homens não serem homens. O que fez o meu pai ser assim foi o regime, o sistema. Todo o homem tinha que "correr", tinha que ser militar ou polícia porque era um tempo em que precisavam disso. Alguns escapavam mas a maioria tinha que "correr". Por mais que o sistema não valorize assim tanto os militares aqui, eles são respeitados em qualquer parte do mundo. Nem todos os homens de uniforme são respeitados, mas o uniforme é respeitado.

65

Hoje em dia, se eu tentar ser um homem de verdade segundo os padrões da sociedade eu vou ficar louco! Porque isso significa teres um emprego "terrível", teres um carro "lixado", uma mansão, uma mulher linda e uma *gaja* na rua. Aí vão dizer que és *boss*. Sentimos essa pressão mesmo em casa, das nossas parceiras. Conheço muitos tipos que arranjam outra mulher fora de casa por causa disso; porque em casa estão sempre a pressioná-los para provarem que são homens de verdade. Em condições normais eu devia chegar a casa e sentar com a minha parceira, trocarmos ideias para cada um de nós crescer e também crescermos juntos. Mas é difícil encontrar isso.

66

I: Voltando ao teu pai, que características individuais fazem dele um homem "grande"?

67

R: O meu pai cuidou de todos da família, meteu quase todos na escola, ajudou muitos a arranjar emprego, quem queria viajar ele puxou para viajar. Ele teve paciência para fazer isso. Aquilo é ele. Não estava a fazer para competir mas porque gostava de ajudar das pessoas. Só que em algum momento - não vou chamar falha mas falta de sorte -, teve filhos que ele deixou de conhecer enquanto estava a receber os sobrinhos, porque eles vinham da terra dele, ele sentia-se em casa. Nós que nascemos na cidade, não era a mesma coisa... Eu depois percebi que ele nunca tinha parado comigo para perceber como eu penso, aquilo que eu gosto. Nunca! Só sentava comigo para me *gymar*. Aquilo sufocava. Ele era como um pastor, não tinha um querido ali no meio.

68

Começou também a discutir muito com a minha mãe por causa disso... Ele não teve tempo para nos conhecer, mas isso não faz dele menor, é ser humano. Muitas famílias hoje estão bem direccionadas por causa daquele *cota*.

69

I: Actualmente, há homens na tua vida que consideres referências positivas? Porque razões os consideras assim?

70

R: Ya, sou eu, sinceramente falando. Admiro a minha criatividade, e sinto que estou a ir para a frente todos os dias. Por isso até nas relações tenho problemas, a não ser que sejas criativa também e queiras também avançar para a frente.

71

I: Há homens na tua vida que consideres referências negativas? Porque razões os consideras assim?

72

R: Eu não avalio as pessoas pelo que fazem mas por analisar a personalidade delas. Até um *lambe-botas* pode ser um homem grande porque cuida da família, por exemplo. Ninguém é só uma coisa.

73

I: Lembras-te de situações em que te tenham dito que não parecias, não pensavas ou não te comportavas como um homem? Fala-me sobre isso...

74

R: Sim. Quando encontro pessoas que tentam tirar-me aquilo que sou e colocar-me aquilo que a sociedade exige de todos... E as exigências são comuns: tu queres o que aquela mulher quer. Ao mesmo tempo, percebo que o nível intelectual da pessoa é baixo. Também já senti isso nas amizades. Eu conheço pessoas que são muito abertas, mas outras que fazem que são mas têm o coração pequeno. Percebo que são limitados e que vão começar a cometer erros quando mexerem com a sensibilidade deles.

75

Os meus amigos não podem mostrar fraqueza então tornam-se arrogantes só para te barrarem, para não seres melhor. Mas, epá, eu não julgo. Se se derem bem, melhor para eles.

76

I: Estás numa relação? Se sim, de que tipo? Conta-me um pouco...

77

R: Ya, estou a viver com alguém, mas epá... Eu sou uma pessoa que quanto mais energia positiva sinto da outra pessoa mais eu partilho. Então, no início foi tudo *good* mas eu recebia sinais...

78

Eu não estou feliz na relação em que estou e isso está a consumir-me muito. É uma relação em que não posso falar da minha vida artística porque a pessoa não entende e corta o papo no meio. A relação não é tóxica mas não ideal para mim. As nossas diferenças vêm de *backgrounds* diferentes. Ela quer o que todas querem, o comum.

79

I: Como assim?

80

R: Olha, eu não sou a pessoa certa para representar a sociedade porque estou a fazer a minha cena. Mas sou a pessoa certa para representar um certo grupo. Então, eu 'tou numa relação em que eu é que faço, e eu 'tou na fase de dizer que algo está errado, mas deixa andar, sem se preocupar em melhorar. Ela é o tipo de pessoa que tem que namorar uma pessoa comum: que tem um emprego, vive para comer, dormiu, acordou, foi trabalhar, voltou, no fim de semana levou-a à praia. Eu não sou essa pessoa. Eu vivo para conquistar: tipo, 'Maura, comé o fim de semana? Estou a pensar fazermos isto mais aquilo para nos ajudar. Podes investigar até ao final de semana para trocarmos ideias?'. O teu *input* pode ser melhor do que o meu. Eu sou esse tipo de pessoa. Quero uma relação que me faz evoluir.

81

I: Quais são as características que consideras mais importantes na pessoa com quem te relaciones?

82

R: Que seja uma pessoa aberta, sem medo de experimentar e descobrir novas coisas. Força de vontade tem que estar acima de 100 por cento. Se tiver o coração grande, melhor. Um coração que aprende quando é machucado. Uma pessoa que seja honesta consigo mesma.

83

Quando era mais novo tinha uma fantasia que queria uma mulher que se formou, que aprecia muito a educação, que valoriza a família, que tem postura, que quer estar em evolução

constante, que está ali do meu lado a acompanhar-me mesmo que não faça aquilo que eu faço.

84

I: Tens filhos/pretendes ter? Ter filhos é importante para ti? Porquê?

85

R: Sim, tenho um filho de 7 anos de um relacionamento anterior, e agora sou padrasto da filha da minha companheira, que tem 5 anos. Essa tem sido uma grande fonte de problemas em casa porque a minha companheira não quer que eu chame a atenção quando faz coisas erradas. Coisas como ela deixar a miúda ficar acordada na TV até lá para às 23h. Eu estou a dizer-lhe que a criança tem que descansar, 'tá acordada desde as 6h, mas ela deixa a criança ficar só assim... Depois, eu estou a pagar a escola da miúda, mas a mãe vai reportar ao pai o que acontece na escola, não me envolve. Comecei a sentir-me inútil... Em que momento eu vou sair vitorioso? - é a minha pergunta.

86

I: O que seria, para ti, sair vitorioso?

87

R: Isso acontece muito nas famílias... Eu é que alimento aquela criança, que pago a escola dela, então porquê que aquele ali é que tem de sair vitorioso? Estou a ser usado ou o quê?

88

No dia do pai, a miúda trouxe-me um desenho da escola e veio me dar, eu dei-lhe um abraço e agradeci, deixei em cima de uma estante. Eu disse à minha companheira para não ir reportar ao pai - é o meu desenho! Mas eu sei que ela vai lá falar... para quê? É como se eles estivessem a criar a filha deles e eu estou só a pagar a educação, o que devia ser ele a fazer. Para mim não 'tá a fazer sentido. Esses momentos são frustrantes e fazem com que me sinta um homem pequeno, inferior. Não que não esteja a fazer uma coisa boa, mas porque não há valorização, não há atenção.

89

Sinto que estou a viver uma história que não é minha, mas faz parte porque eu atravessei aquela ponte... Quando eu conseguir começar a viver a minha história... Poder partilhar tudo com a minha parceira e ela aceitar-me como sou, mesmo que ela não compreenda. Se compreender, melhor. Mas, pelo menos aceitar acompanhar a minha história. Não preciso de muito. Uma companheira, uma plateia única para pelo menos ouvir as minhas ideias.

90

I: Já vivenciaste alguma situação de violência contra a mulher de perto? O que pensas sobre isso?

91

R: Vou falar de dois momentos. Tu estás aqui a falar comigo numa boa, é a tua primeira impressão de mim, né. Mas, se começares a fazer coisas feias, eu vou mudar, vou tratar-te como tu mereces. Eu não bato mulher porque é uma luta injusta. Mas, se fores resistente ou rebelde - tipo, 'tás a perceber que eu não gosto quando falo contigo e fazes-te de parva para eu vir fazer barulho e tu poderes responder-me...

92

Pessoas assim despertam os monstros dentro de algumas pessoas, principalmente a minha pessoa. Não que eu vá ser violento, mas vais sentir agressividade nas minhas palavras, vais sentir que já não há carinho na voz. Eu sou esse tipo de pessoa. Se cultivas o bem-estar, eu respondo com bem-estar.

93

Sinto que na minha relação actual estou mais pesado, as palavras são mais pesadas, não me importo tanto com o que ela vai pensar... Por isso estou a pensar mesmo a sério em... Porque está a levar-me para um lado negativo. Por exemplo, aqui estou *cool* porque estou a ter uma conversa boa, mas quando chegar em casa hei de ficar calado. E, quando chego, já não é como antes. Lá já têm medo de fazer algo porque sabem que eu vou falar... Ya, já não é *good*.

94

Agora, pessoas agressivas no verdadeiro sentido, é um pouco complicado porque acredito que essas pessoas sabem quando ser agressivas, não são ingénuas. Sabem que a pessoa depende dele, não tem onde ir, é refém. Muitas pessoas que são agredidas são pessoas que ou discutiram com os pais e não as querem em casa, ou os pais morreram cedo, ou a avó é estúpida e fala de qualquer maneira... Há sempre uma história por detrás disso. E o marido sabe. E começa a pôr a ideia na cabeça da outra pessoa de que ela não tem para onde ir, então deve aguentar tudo o que ele faz. São várias formas de agredir a pessoa.

95

Bloco 4

96

I: Que expectativas sentes que a sociedade tem de ti por seres homem? Foram mudando ao longo da vida?

97

R: A sociedade espera que eu seja como os outros, que faça como eles. Crescer, escola, ir para a faculdade, sair com uns 21 anos, procurar um *job*, depois começar a ter um bom emprego, procurar terreno, construir, acabar de construir enquanto estou a namorar, depois casar, ter filhos, e daí para a frente é um *loop*: emprego, saiu para beber uma cerveja com os amigos, levou a esposa para passear, anoiteceu, amanheceu...

98

A sociedade faz-te viver num *loop*. As escolas em Moçambique fazem-te ser um bom comprador, não te fazem ser um bom investidor. As namoradas que escolhes são aquelas que só estão para gastar dinheiro porque foram treinadas assim.

99

I: Alguma vez pensaste que não eras um *homem de verdade*? O que provocou essas dúvidas?

100

R: Em algum momento sofri a pressão da sociedade, incluindo o meu pai... Ele e todos, porque queriam que eu estudasse e fizesse as coisas que eles queriam, e quando comecei a negar comecei a ser excluído. Porque eu não servia, estava a ser rebelde...

101

Somos seres humanos. Quando combatemos um sistema, em algum momento pensamos se vamos conseguir ou não, sentimos que somos inúteis, que estamos sozinhos. Mas, eu tinha a música, que me ajudava a falar o que eu não conseguia. Então, sim, já me senti um homem pequeno. Mas, não parei de ir para a frente, o corpo não parou de mover. Graças às minha células e o meu cérebro que continuou a falar, mesmo sem falar comigo porque eu estava *busy* a pensar no que a sociedade ia pensar. Então, quando dei por mim já estava a fazer uma coisa que não tem nada a ver com o que a sociedade queria, e eu estava okay com isso.

Ciii. Entrevista a Edson, 25 anos, Gestor de Branding

1	Entrevista com PARTICIPANTE 3
2	Arquivo: Entrevistado 3 Tempo de gravação: 1 hora 28 minutos 52 segundos
3	Data da entrevista: 28 Março 2023 Local da entrevista: Mahla Filmes, Maputo - Moçambique
4	
Idade e data de nascimento	25 anos
Cidade de nascimento e de residência actual	Quelimane, Zambézia Maputo
Origem do pai e da mãe	Pai: Zambézia Mãe: Idem
Religião	Muçulmano, não praticante
Nível de escolaridade	Licenciatura em Relações Internacionais e Diplomacia
Profissão/Ocupação	Gestor de Branding

5

Bloco 1

6

I: Para ti, o que significa ser um *homem de verdade*?

7

R: Eu sou uma pessoa que problematiza muito, então, venho de um contexto em que ser homem de verdade é prover para a família, que não estão habituados a demonstrar sentimentos, a serem pessoas tão vulneráveis. Isso é como eu fui criado, mas sinto que tem estado a mudar. Não é com isso com que eu me identifico mas entendo que existem pessoas que cresceram com isso e que a sociedade acaba impondo isso, ou desenhando as barreiras e caminhos a serem seguidos pelos homens na sociedade e também o papel da mulher.

8

I: Quem foi o primeiro homem que admiraste / olhaste como referência?

9

R: Vai ser clichê porque se calhar a maior parte das pessoas vai dizer o meu pai... Eu sou uma pessoa de poucas influências externas no sentido de me espelhar nas pessoas; tive referências em casa e o meu pai era uma delas. A forma como ele lidava com algumas questões dentro de casa me fazia ver que existem coisas que os homens são e fazem que são diferentes daquelas que a sociedade já impõe. Por exemplo, a forma como ele lidava

connosco, o carinho que ele tinha... Ele sempre trabalhou fora por isso não crescemos tanto com ele mas dos momentos em que me recordo de ele estar em casa connosco, ele era muito de aconchego, de vamos falar sobre isso e aquilo... Ele já é falecido mas uma das últimas memórias que tenho com ele foi nós a fazermos uma foto no Snapchat, com aquelas orelhinhas e tudo mais... Essa vulnerabilidade... Acho que muitos pais não têm esse relacionamento de pai e filho, tão chegado.

10

Quanto a referências, digamos, famosas, não me lembro de ninguém... Estamos num contexto de um mundo muito conflituoso, em que temos muitas referências negativas em termos de paternidade, de ser homem... Estão envolvidos em muitos escândalos, principalmente aqui em Moçambique.

11

I: Tens irmãos, não é?

12

R: Sim, eu sou o terceiro filho de quatro, sendo três rapazes e a irmã a mais velha.

13

Bloco 2

14

Neste momento passámos para a visualização dos AUPS...

15

I: Das emoções a seguir, com quais te identificas mais depois de veres este anúncio: Tristeza; Alegria; Raiva; Vergonha; Orgulho; Mal-estar; Bem-estar?

16

R: Eu diria orgulho e bem-estar. Acho que o estigma e o preconceito para com pessoas que vivem com HIV e SIDA tem diminuído mas, ao mesmo tempo, não tem. Ainda há um longo caminho que tem de ser trilhado, então, acho bom ter estes homens de diferentes faixas etárias, cada um focado naquilo que lhe faz bem: um falou de família, o outro de desporto e o outro 'tava ali mais nos jogos. Os três são seropositivos por alguma razão que não nos interessa. E estarem a mostrar que o HIV pode apanhar a qualquer um e eles estão ali a seguir com as suas vidas e a fazer o tratamento - isso é uma cena meio de orgulho, né, porque estão *owning it* e não estão a desistir das suas vidas por isso. Essa é a mensagem principal para mim.

17

I: Identificaste-te com algum destes homens?

18

R: Se calhar, porque eu sou uma pessoa muito centrada na família, acho que aquele com que mais me identifico é o primeiro, que fala sobre ele estar a cuidar dele e da família, a olhar por eles e a trabalhar para que eles tenham uma vida melhor.

19

I: Na tua opinião, existem *homens de verdade* neste anúncio?

20

R: Sim. Alguns em menor escala que outros, mas existem.

21

I: Achas que haveria uma forma melhor de representar esses homens?

22

R: Eu diria que me pareceram todos da mesma classe social e se calhar faltava ter a representatividade de pessoas "muito mais humildes", tipo aqueles trabalhadores que vemos no dia-a-dia, aquele camponês, aquele operário, mostrar mais quem eles são...

23

Anúncio 2

24

I: Das emoções a seguir, com quais te identificas mais depois de veres este anúncio: Tristeza; Alegria; Raiva; Vergonha; Orgulho; Mal-estar; Bem-estar?

25

R: Eu diria vergonha e mal-estar, já justificando que basicamente acho que todo aquele que priva, impossibilita ou viola o bem-estar ou o desenvolvimento pessoal de uma outra pessoa já me gera um sentimento de desconforto. Então, vem de um anúncio que fala sobre casamentos prematuros e por isso é muito mais *deep* e doloroso porque as crianças têm o direito de se desenvolverem, crescerem e depois no fim decidirem como é que querem ser.

26

Nos dias de hoje, por exemplo, temos também casos, que eu conheço, de mulheres mais velhas a casar com jovens de 15, 16 anos. Tanto essa situação como a oposta que vemos no vídeo... Não é o correcto e é algo que acaba por roubar muito daquilo que queremos da nossa sociedade daqui para a frente.

27

E é também um sentimento de vergonha porque também sou homem e me sinto inquieto em relação a este assunto.

28

I: Fala-se muito pouco de uniões prematuras que envolvam rapazes menores. Achas que a sociedade olha para as duas da mesma forma?

29

R: Acho que não, mas porque fomos submetidos a uma sociedade em que o homem tinha maior domínio, maior poder de adquirir e de roubar. Então, muitas vezes quando o homem está ali, está não como a vítima mas como aquele que é o *player* ou que está ali para curtir, e não no sentido de perceber que ele também está a passar por uma situação. A nossa sociedade não está preparada para isso, tanto que existem casos de violência doméstica e violência sexual protagonizados por mulheres em Moçambique, mas por ser ainda tabu dizer que um homem foi violado, as pessoas não levam muito a sério.

30

Acho, inclusivamente, que um dos grandes problemas que temos é que não estamos a comunicar como deve ser as tensões reais que temos na sociedade. Por exemplo, estou a assistir a uma série que fala muito sobre agressões sexuais, violações e tudo mais, e tem vários casos que eu próprio não sabia e considero-me uma pessoa informada. Por exemplo, retratam uma cena de um casal hetero - mas podiam ser gays, por exemplo - a ter relações sexuais e, do nada, o jovem decidiu tirar a camisinha e não informou a parceira. A série tentou explicar que, de certa forma, aquilo é violência sexual porque ele tirou a camisinha e a moça só descobriu no fim. Então, estes são temas que acabamos por normalizar muito, e não comunicamos nem estamos tão bem informados ao ponto de sabermos quando é que somos vítimas e de estarmos munidos de formas de reacção e de nos defendermos, sejamos homens ou mulheres.

31

I: Achas que isso também se aplica a outros tipos de violência?

32

R: Sim, é no geral: violência em relacionamentos, de pai para filho e filho para pai. Acho que em Moçambique temos pouca informação sobre esses temas que são tabu. Não usamos os meios de comunicação que temos para projectar coisas que devíamos estar a projectar e

não temos muitos fóruns para falar sobre isso. Deviam existir mais, para educar a sociedade e para criar a mudança de percepção e mentalidade das crianças, porque sabemos que muitas vezes somos o espelho daquilo que vemos em casa. Acho muito difícil mudar a forma de pensar de um adulto, porque já está meio concebida e tem as suas próprias crenças, por isso, precisamos de ensinar às crianças o que é certo e errado, o que devem saber, porque vão ser responsáveis por trazer a mudança que queremos hoje.

33

I: Identificas-te com algum dos personagens deste anúncio? Se não, por que não? Se sim, com qual e porquê?

34

R: Nenhum. Temos a primeira situação, do homem que assedia as meninas na escola, mas também temos a situação seguinte que é o homem a ir ter com os pais da criança que acabam por "vender" a criança.

35

I: Achas que haveria uma forma melhor de representar esses homens?

36

R: Sim e não. Muitas vezes temos que dizer e mostrar as coisas exactamente como elas são, mas também acredito que há homens que ao ver uma situação daquelas acabam por ter uma postura diferente e chamar os amigos à razão. Então, podia ter essa perspectiva, mas talvez não coubesse no anúncio.

37

Anúncio 3

38

I: Das emoções a seguir, com quais te identificas mais depois de veres este anúncio: Tristeza; Alegria; Raiva; Vergonha; Orgulho; Mal-estar; Bem-estar?

39

R: Eu diria bem-estar, porque se trata de um tema de utilidade pública. Acho interessante que o anúncio mostre aquela mãe com a bebé porque estamos habituados a associar muito mais a que as mães sejam mais carinhosas, estejam ali a cuidar de nós. Mas também é problemático eu dizer isto porque, há muito tempo, a sociedade foi construída para a mulher ficar em casa a cuidar das crianças. Já vi *adds* em que aparecem os dois, mãe e pai a falarem sobre a importância da vacinação.

40

Outra cena que gostei foi o facto de existir a linguagem de sinais porque é uma forma de inclusão.

41

I: Identificas-te com algum dos personagens deste anúncio?

42

R: Não diria que sim porque não houve um personagem condutor da história... Mas identifico-me com a mensagem.

43

I: Viste homens de verdade?

44

R: Por acaso não reparei, fiquei muito focado nas crianças e a tentar perceber a mensagem.

45

I: Nesse caso, achas que consegues responder se haveria uma forma melhor de representar esses homens?

46

R: Eu diria que sim, por exemplo, podiam usar uma figura paterna e usar uma combinação de família moderna / família tradicional, mostrar que também os pais se importam com assuntos relacionados à saúde da criança e construir a figura paterna que queremos para a nossa sociedade.

47

Bloco 3

48

I: Com quem vivias quando eras criança?

49

R: Com os meus irmãos e pais. Entre irmãos temos dois anos de diferença de idades.

50

I: Lembras-te se os vossos pais tinham exigências semelhantes para a tua irmã e para ti e os teus irmãos?

51

R: Sentimentos mistos... A minha irmã, por ser a mais velha e ser mulher sempre tinham um cuidado extra com ela. Por ser mais velha ela tinha também a responsabilidade de olhar por

nós quando o meu pai e mãe iam trabalhar e alguém tinha que garantir que nós tomávamos banho, que comíamos, que estávamos ali. Nós crescemos sem empregadas domésticas porque acredito que a minha mãe achava que nós podíamos dar conta das tarefas básicas. E isso era uma coisa universal; só era mais elevada no caso da minha irmã por ela ser a mais velha e não por ser mulher. Fomos criados e educados dentro dos mesmos padrões, com os mesmos ensinamentos, salvo a parte de a minha irmã ser uma mulher, que precisava de uma atenção extra para questões de saúde feminina.

52

I: E em relação às expectativas que tinham de vocês em relação a escola e carreira, como era?

53

R: Acho que foi sempre uma educação muito linear. A minha mãe sentava connosco no final do dia a ver-nos fazer os TPCs, com um material coercivo na mesa (um chinelinho), mas era igual para todos.

54

Havia sempre aquela coisa dos pais de 'A minha filha vai ser médica, o meu filho engenheiro', algo que todos os pais alimentam e acabam tentando induzir-nos de certa maneira. Mas não aconteceu com nenhum de nós porque ninguém seguiu a profissão que eles tinham pré-definido como o ideal que queriam para cada um de nós. Nós tivemos o mesmo espaço para estudar e para desenvolver e "brilhar" naquilo que quiséssemos, pondo o esforço necessário para depois conseguirmos o que queríamos na vida.

55

I: Havia uma pessoa que era considerada chefe de família? Fala-me um pouco sobre essa pessoa e as características que a faziam ocupar esse lugar?

56

R: Acho que a dinâmica entre os meus pais era muito de igual para igual mas, também, muito desigual. Porque claramente que se espera que um homem de família seja aquela pessoa que provê, e durante a maior parte da minha vida a minha mãe não trabalhava - embora esse seja um termo um bocadinho conflituoso porque trabalhava em casa... A figura de prover, de ter um emprego muito fixo, sempre foi o meu pai. Ele é que tinha essa figura de trabalhar e no final do mês prover para os filhos e cuidar da família na parte monetária. Sempre senti que ele era o nosso alicerce em termos de tecto e de dinheiro. E a minha mãe

ficava muito tempo connosco em casa; desenvolvemos várias cenas afectivas com ela, era a primeira pessoa com quem íamos ter...

57

Acho que era uma questão de muita conexão e gestão conjunta, porque era a minha mãe que ia às compras para casa, que garantia que tínhamos material escolar e que não faltava quase nada em casa.

58

I: Para ti, que atributos fazem um homem ser menos homem?

59

R: O que falámos há pouco, assediadores/violadores. A questão do autoritarismo e ditadura, alguém que tira a oportunidade de a pessoa ser quem ela é... Porque todas as pessoas merecem ser escutadas e todas as opiniões são válidas. Essas são as mais drásticas para mim.

60

I: Lembras-te de situações em que te tenham dito que não parecias, não pensavas ou não te comportavas como um homem? Fala-me sobre isso...

61

R: Primeiro não iria no sentido homem, mas no sentido pessoa. Alguém que tem uma opinião para dar, que tem algo para acrescentar...

62

Depois há toda a questão de género de, quando fomos crescendo, rosa é para menina e azul é para menino. Nessa construção, muitas vezes acabei abdicando da vontade de usar uma peça cor-de-rosa porque poderia ter a minha masculinidade questionada.

63

Também no sentido de não fazer certas brincadeiras, por exemplo, houve momentos em que eu não podia jogar à Neca porque tinha que estar do outro lado a brincar com os carrinhos. Não podia brincar com brinquedinhos de cozinheiro porque eram mais inclinados para as meninas - o que sempre achei absurdo porque íamos a vários estabelecimentos e tínhamos vários homens atrás do fogão e a trazerem a refeição quente para nós. Acho que mesmo quem criou essa construção não entendia, só queria que o filho não crescesse afeminado.

64

Essas questões ainda são muito presentes na nossa sociedade, o garantir que os homens usem muito mais tons neutros, que não chamem tanto a atenção. Mas também vejo que estamos a evoluir.

65

I: O que vinha à tua cabeça quando querias brincar Neca ou usar rosa e não podias? Como entendias isso?

66

R: Eu continuava a brincar, inclusive um dos jogos que mais gostava de jogar era Cheia, que é tradicionalmente para meninas. Eu sou da Zambézia, então tínhamos o Cheia e tínhamos o Nharingote, também muito visto para meninas. Mas um dos jogadores mais fortes que tivemos de Nharingote era um amigo de infância, era o mais disputado para estar na equipa dos queriam vencer. Isso é muito interessante porque, sendo um jogo sempre associado a meninas, ter ali uma figura masculina que era sempre o melhor é muito... *awkward*. Eu sabia o que não podia fazer, mas continuava a fazer.

67

I: Estás numa relação? Se sim, de que tipo? Conta-me um pouco...

68

R: Um namoro...

69

I: Quais são as características que consideras mais importantes na pessoa com quem te relaciones?

70

R: Em primeiro lugar, respeito, porque sinto que se ele me respeitar, vai também ter em consideração todo o empenho que eu coloco no relacionamento. Também tem que ter a capacidade de entender que um relacionamento é uma conjugação das vontades das duas pessoas.

71

I: Tens filhos?

72

R: Não, por acaso não. Mas quero ter 4 ou 6, como um bom africano e moçambicano. Família é importante para mim, e sempre cresci numa casa com muita gente, sempre cheia. Via o afecto que a minha mãe e o meu pai conseguiam transmitir para os filhos, via o pouco

que havia em casa e eles conseguiam compartilhar com todos, e sempre tive essa ideia de ter muitos filhos para que não se sintam sós e se tenham uns aos outros - essa cumplicidade. Eu quero ter filhos e quero ter muitos porque sempre fui afectuoso com a família. E, também, todo o bom africano quer ter filhos, tipo... as crianças são a riqueza dentro da casa.

73

I: O que pensas da frase: é direito do homem usar violência (física, verbal, psicológica ou outra) contra a sua parceira, se ele achar que isso se justifica?

74

R: É errado, sem cabimento. Agressão cria danos para as pessoas que muitas vezes nós nem temos consciência. Enfatizamos muito a agressão física, mas muitas vezes a psicológica acaba sendo muito mais invasiva e dolorosa. Seja homem ou mulher, ninguém tem o direito de agredir outra pessoa, salvo se estiverem em perigo iminente.

75

I: Já vivenciaste alguma situação de violência mais próxima?

76

R: Eu acho que sim. Já estive em situações em que a mulher de um amigo bateu, e até apedrejou, o marido porque ele traiu a ela. E também já estive em situações em que um moço deu uma chapada à namorada numa festa... Espantou-me ter sido uma situação em público. Diz-se que em briga de marido e mulher não se mete a colher, mas eu tenho uma colher grande... Quer dizer, como assim?! A pessoa tem a audácia de fazer isso em público, imagina o que pode fazer quando estiverem sozinhos. Para mim, isso são *red flags* também em termos de amizades e companhias. Mas também sei que há pessoas que vêem isso como sinal de masculinidade, dominação, imposição, educação, sei lá, muitas outras justificações que utilizam.

77

I: Achas que existem hierarquias entre homens, uns serem mais homens que outros?

78

R: Sim, acho que sim, muito no sentido de que homens com personalidade mais séria, mais fechada, homens introvertidos que não riem com todos, com porte físico mais avantajado acabam por ser vistos como 'Aquele sim é homem, sabe meter medo e impor-se'. A sociedade tem muito isso: pessoas com uma cara mais fechada passam mais uma *vibe* de pessoas com capacidade de liderar, de construir família... Se tu pões lado a lado um homem muito mais

alegre, comunicativo, predisposto a mostrar vulnerabilidade *versus* um homem parado com uma pose assertiva e a cara trancada, vão dizer que este sim é homem. Nunca percebi... Acho que faz parte do charme masculino que foi sendo construído ao longo dos anos.

79

Outra coisa, se és uma pessoa meio *plus size* também não te vêem com muito respeito, a não ser que tenhas muito dinheiro. Ah, essa é outra cena, homens com muito dinheiro são considerados mais homens porque têm o poder de prover e de compra e se impor em várias situações.

80

I: O dinheiro/capacidade financeira determina o valor de um homem?

81

R: Na nossa sociedade sim. Um exemplo, qualquer cerimónia familiar: o tio que não tem dinheiro é quem puxa a tenda; e nada começa antes de vir daquele tio rico que chega atrasado cinco horas mas toda a gente espera por ele, a cerimónia não começa até ele chegar porque ele tem dinheiro. As pessoas tendem a ter mais respeito por homens com dinheiro. Isso até pode parecer um pouco desconexo com o que eu disse antes em relação ao porte físico, porque nós vemos que muitas vezes aqueles com mais dinheiro são mais rechonchudos, barrigudos - aquela ideia tradicional de que se deu bem na vida.

82

Em Moçambique também é muito comum tu teres um homem com várias mulheres, por causa da tradição. Uma das características para se considerar um homem de verdade é essa. Se eu sou homem tenho que fazer muitos filhos, tenho que ter várias mulheres, mesmo que não seja de uma forma lícita. Nós aqui temos muitas situações em que tu perguntas a alguém quantos irmãos tem e a pessoa responde 'Ah, tenho dois irmãos de pai, dois irmãos de mãe'. A mim me estranha muito, por exemplo, ver uma mulher com amante mas não ver um homem com três amantes. Isso é uma coisa muito predominante na nossa sociedade. A gente construiu uma imagem da mulher como "ajudante" do homem, uma figura complementar, aliás, uma coisa que até a Bíblia retrata: a mulher submissa.

83

I: Um homem que não seja heterossexual é considerado homem de verdade, em Moçambique?

84

R: *Mixed feelings* de novo, porque a comunidade LGBT em si, em Moçambique e outras partes do mundo, ainda é algo em construção. Existem momentos em que as pessoas da comunidade não são vistas como homens porque as pessoas não têm a informação necessária e pensam que aqueles homens querem ser mulheres. As pessoas não percebem e assumem coisas que não são o que deviam ser. Claro que também existem pessoas trans, que é outro assunto. Mas também há homens e mulheres gays que não querem trocar de papel. É como verem-me com um homem e virem perguntar-nos quem é a mulher. É tipo: como assiiiiim?!
85

Ao mesmo tempo, tenho exemplos de homens gays que são considerados como homens porque têm a questão monetária que falámos, acabando provendo para a família e trazendo contribuições respeitáveis, e são respeitados. Por exemplo, na cerimónia familiar as pessoas falarem 'Fulano X ainda não chegou, vamos guardar a comida dele antes de os outros comerem'. O dinheiro acaba por se sobrepor. São questões muito particulares, mas existem. É engraçado que assistimos várias novelas brasileiras, mexicanas, turcas, e tens várias representações de figuras homossexuais, mas normalmente são representadas como figuras cómicas. Tentam mostrar aquela pessoa como cómica em vez de mostrar como uma pessoa normal.

86

I: Achas que o significado de ser homem de verdade tem vindo a mudar na nossa sociedade, ao longo do tempo?

87

R: Está a evoluir. Acredito que alguns valores que as pessoas gostam de chamar europeus... Por exemplo, antigamente muitos homens não estavam habituados a demonstrações de afecto, então, acho que sim porque hoje os homens estão mais confortáveis em demonstrar afecto tanto dentro dos relacionamentos como também com os seus filhos, com os seus amigos. Por exemplo, para a sociedade é muito estranho um homem dizer que ama um amigo, ou que estava com saudades dele. Mas eu também 'tou dentro de um grupo de amigos que nós falamos essas coisas, nós expressamos como nos sentimos em relação a outra pessoa. Mesmo eu, como pessoa, demonstro esse afecto para com os meus familiares, os meus irmãos, os meus primos.

88

Então, vai evoluindo porque o mundo em si vai evoluindo, mas continuamos a ter pessoas muito *old school* que foram educadas desse jeito e essa educação foi passada dos seus avós para os pais, dos pais para os filhos. Há esse ciclo vicioso que ainda se está a alimentar, mas ao mesmo tempo há essa quebra de paradigma, em que existem pessoas muito mais informadas, liberais, abertas a se expressar. Claramente que é um trabalho em curso e que vai demorar, mas estou feliz por estarmos onde estamos porque podíamos estar estagnados, sem construirmos as pessoas que queremos ser.

89

I: Achas que a falta de liberdade e abertura para serem como são, para demonstrarem e receberem afecto, afecta de alguma forma o bem-estar dos homens? Se sim, como?

90

R: Eu acho que tudo gira em volta de a pessoa construir uma personalidade que não é realista. Eu vim da Zambézia para Maputo em 2015 e fui viver na residência universitária e durante o curso vivi com pessoas de várias partes do país e culturas. Por exemplo, tive amigos do norte do país que eram muito mais severos com eles mesmos, do tipo, não aceitam trocar de roupa em frente a outros de nós, não querem ser vistos a comer... Não sentavam ao lado de uma mulher na faculdade, tinham que sentar atrás para controlar os movimentos. Tinham esses comportamentos, mas acho que fazia parte de uma carapaça que estavam a alimentar, tipo, 'Eu quero ser um homem *tough*'. E acabavam não performando bem até na faculdade porque o foco maior deles era construir essa persona que eles queriam idealizar para eles.

91

A mim choca-me muito mais ver jovens a ter atitudes dessa masculinidade mais tradicional porque nós temos acesso a muito mais informação, educação e a cenas disruptivas que vão nos fazer pensar sobre como é que está a sociedade e que caminho deve caminhar

92

Agora recordo-me, por causa da cena de alguns homens acharem que são mais homens que os outros, nós na faculdade tínhamos pessoas que não aceitavam tomar banho depois de outra pessoa; tinham que ser os primeiros por serem mais velhos ou terem mais força... Uma questão de *bullying*, em que alguns homens usavam essas coisas e impunham, por terem um porte físico maior. Eram coisas que não faziam tanto sentido assim, né. Tanto que um colega acabou por desistir porque cedeu à pressão.

93

Aquilo, quando entram caloiros, os que estão há mais tempo acabam criando um ambiente de dominação e não conseguiram perceber que aquela pessoa era mais contida, estava a passar por outras situações, e rodearam a ele, mandaram fazer coisas, mandaram ele masturbar em frente a eles. A pessoa não aguentou...

94

Eu próprio fiz coisas... tipo mandar um mais novo ir buscar o meu jantar ou fazer outras coisas para mim. Hoje paro e vejo que não fazia sentido, mas era o ambiente, né, e tu querias muito te encaixar e não ser dominado e acabavas te aliando ao comportamento daquelas pessoas. Quando chegaste apanhaste aquele ambiente e tu tens que te defender para não seres engolido. E essas coisas não falamos na sociedade...

95

I: O que é que tu achas que futuras campanhas de comunicação podem fazer de diferente para comunicar melhor para os homens?

96

R: Muitas vezes focamos em comunicar o lado negativo do homem, e não em comunicar as cenas boas que os homens fazem e representam para a sociedade. Mostrar o lado do homem que queremos construir e mostrar à sociedade, que não existe só um tipo de homem. Que dentro desses homens há outros homens que estão ali a fazer o seu papel como o que eu considero ser homem de verdade, homem sério, que realmente ajuda. Tenho o privilégio de trabalhar com marcas que têm um *mixed gender* e trazem essa representatividade e esses vários lados do homem e da mulher. Tudo bem que tens que ter uma percentagem de realidade, nos anúncios, por exemplo, mas acrescentar maior percentagem do que gostarias de ver no mundo, começar a alimentar aquilo que tu queres. Também para as pessoas não estarem alimentadas só com cenas negativas, para olharem para alguma positividade e entenderem que é possível e já estamos a caminhar para lá.

Civ. Entrevista a Eduardo, 25 anos, Técnico de Tecnologias Informáticas

1	Entrevista com PARTICIPANTE 4
2	Arquivo: Entrevistado 4 Tempo de gravação: 1 hora 30 minutos 31 segundos
3	Data da entrevista: 28 Março 2023 Local da entrevista: Café público, Maputo - Moçambique
4	
Idade e data de nascimento	25 anos
Cidade de nascimento e de residência actual	Xai-Xai, Gaza Matola
Origem do pai e da mãe	Pai: Gaza Mãe: Idem
Religião	Católico
Nível de escolaridade	Licenciatura em Tecnologias Informáticas
Profissão/Ocupação	Técnico de TI

5

Bloco 1

6

I: Para ti, o que significa ser um *homem de verdade*?

7

R: Alguém que forma uma família, que tenha trabalho fixo, que consiga pagar as coisas de casa, que cuide da família. Em Moçambique seria esse o perfil...

8

Vou ser directo, pela questão financeira, que é muito importante na sociedade moçambicana. As pessoas olham muito para essa questão na definição do que é ser um homem mesmo. E se não estás no padrão aceitável, é complicado estar a lidar com a sociedade. Isso limita muito os acessos a recursos e oportunidades, e até a qualidade da satisfação da família. Também até a nível de escolaridade; na nossa concepção de hoje em dia a pessoa tem que estar formada, licenciada. Na minha opinião, nem todo o mundo tem condições de se formar, mas essa é a concepção, e não procurar outras formas de rendimento que possam até estar praticamente ao nível daquela pessoa que está formada.

9

I: Quem foi o primeiro homem que admiraste / olhaste como referência?

10

R: Tenho até agora. Podia falar no meu pai... Mas essa pessoa é um amigo, que pela forma dele, dinâmica de negócios, agilidade com que faz as coisas, é uma pessoa que me inspira. Embora a inspiração tenha mudado à medida que fui crescendo, mas é um perfil de um homem que eu diria de sucesso, com nível académico padrão, com ideias mais inclusivas. Espelho-me nessa pessoa.

11

I: Ias falar no teu pai...

12

R: Bom, há aquilo de pai rico, pai pobre, né? O meu pai é pai pobre. Ele vê mais as coisas na vertente não de negócios, o que para mim é muito errado. Okay que depende do teu perfil como pessoa mas é muito errado não fazer negócio, não ter fontes de rendimento alternativas. O meu pai é uma pessoa que se dedicou muito a eu estudar para chegar onde cheguei hoje. Acho que me poderia ter ensinado outras coisas, explorar mais a área de negócios, empreendedorismo. O meu pai é docente numa universidade de Moçambique. Também trabalha como gestor de empresas, mas sinto que podia explorar mais fazer mesmo. Essa é a parte do meu pai que não completa a minha definição do que é ser um homem no contexto moçambicano.

13

Bloco 3

14

I: Com quem vivias quando eras criança?

15

R: Tenho uma irmã, um irmão e os meus pais. Ela é a mais nova, diferença de dois anos; somos muito próximos.

16

I: Lembras-te da primeira vez em que te apercebeste que eras rapaz? O que aconteceu para te lembrares, em específico, desse momento?

17

R: Ya. Primeiramente falando, as brincadeiras que tínhamos eram completamente diferentes. Eu gostava de fazer carrinhos de arame, brincar de berlindes, papagaios, desporto; já fiz uma pouco de musculação - acho que essa é outra categoria de ser um homem: ter um corpo mais musculado, as pessoas verem que esse jovem cuida da sua saúde.

18

Já tive uma situação que brinquei com verniz, pinte as unhas, e o meu pai zangou comigo que não podia fazer aquilo. No momento não percebi mas mais tarde dei-lhe razão. Na minha forma de ver, tem razão porque acabas cultivando hábitos femininos, na concepção masculina de alguns homens na cultura moçambicana. Aí também vi que há uma separação de homem e mulher, a nível de brincadeira, de como ser e como estar na sociedade, a forma de pensar.

19

I: O teu pai explicou-te porquê que pintar verniz não era certo, na altura?

20

R: Não, ele não explicou. Mas eu percebi. Hoje em dia até faço, às vezes, arranjar as unhas. Mas eu fazer agora é numa situação em que estou consciente do que estou a fazer. Por isso hoje em dia percebo a acção dele naquele tempo, talvez poderia até ter com os meus filhos.

21

A forma dele pensar foi uma das coisas que me fez crescer muito rápido. Por eu ser o filho mais velho dele (o meu irmão mais velho não é de mesmo pai), sempre carreguei muita responsabilidade, a nível de conduta em casa, proteger a minha irmã. Foi uma educação um bocadinho rígida, mas, não nego, foi bom.

22

Houve também um momento na adolescência em que, por ser homem, comecei a ter mais liberdades a partir dos meus 14 anos. Já ia para as festinhas... Essa é uma das vantagens de ser homem, na concepção da sociedade. A minha irmã até 19 anos nunca se tinha envolvido sexualmente com ninguém. Tive acesso a essa informação porque o meu pai conversava muito com a minha irmã, mais do que a minha mãe.

23

Por causa da forma como crescemos, a minha irmã conseguiu atingir muita coisa na vida. Até já fez o mestrado, com 23 anos. Agora está em Portugal. Comigo o meu pai era mais aberto, mais relaxado. Acho que ele queria que eu vivesse as coisas na concepção moçambicana de um homem, né, porque temos que ser verdadeiros, um homem na zona rural com 14 anos já tem mulher, já tem filhos, já se envolve sexualmente. Se calhar é errado, mas é a verdade. Então, tive liberdade para começar a namorar, saídas, ter experiências com

álcool, tabaco, isto e aquilo, coisas de adolescente. Mas eu sempre tive um foco e nunca me desviei muito dele.

24

I: O teu foco era escola?

25

R: Era escola, sim, Nunca fui um super estudante mas sempre estive bem.

26

I: Sentias diferenças entre ti e a tua irmã no que respeita a responsabilidades domésticas?

27

R: Eu sempre participei de actividades masculinas, que é, principalmente aos domingos, consertar um tubo furado, trocar uma lâmpada... Limpeza de casa era só a nível de quintal. Por exemplo, até hoje não sei lavar bem roupa. O máximo que fazia de cozinha era lavar pratos, era uma tarefa que nos davam ao sábado e domingo. Nos dias de semana era complicado por causa da dinâmica da escola. De resto, o meu pai sempre foi uma pessoa equilibrada, sempre a pôr a escola primeiro e sempre tentou que não tivéssemos sobrecargas de actividades em casa. Por exemplo, contratar uma secretária (empregada doméstica), e uma bábá quando éramos bebés.

28

I: Havia uma pessoa que era considerada chefe de família? Fala-me um pouco sobre essa pessoa e as características que a faziam ocupar esse lugar?

29

R: Acho que os meus pais foram muito inteligentes. Eles separaram as tarefas entre eles os dois: tudo o que era responsabilidade de construção, da casa, tudo o que é escola, lições de moral, como ser, como estar, ele é que é o chefe. A minha mãe sempre esteve mais a nível da gestão doméstica, embora sempre tenha trabalhado também. Teve a sua influência mas, honestamente, ainda há aquele sentido de masculinidade, a nível de decisões. Tudo tem que passar por ele.

30

I: Se houvesse uma situação importante para a família e eles tivessem uma opinião diferente - lembrás-te como eram essas dinâmicas?

31

R: Honestamente, a decisão é sempre dele. Ele pode voltar e reformular, mas sempre há um toque dele lá. Até a nível da área que eu 'tô a fazer. Eu queria fazer Engenharia Civil, mas ele disse que nessa área não ia ter as mesmas oportunidades que se seguisse informática. Falava da digitalização, de um mundo mais *free*, onde pudesses ter essa liberdade de trabalhar remoto, escolher em que parte do mundo queres trabalhar. Todos os cursos são bons mas, na realidade de Moçambique, é sempre bom estares numa área em que tenhas mais polivalência.

32

Até em questões sociais, de decisões pra vida... Por exemplo, eu ainda estou a viver em casa dos meus pais, gostaria de sair este ano. Essas decisões, eu não tomo sozinho. A minha irmã não está cá, mas eu, o meu pai e a minha mãe sentamos e discutimos até 1h ou 2h da manhã. Até chegarmos a uma conclusão. E eu tenho que argumentar porquê que eu quero fazer isso e não o que eles estão a dizer. Até hoje tenho que fazer isso. Não tenho como, nós crescemos sempre assim, num ambiente de muita comunicação entre família.

33

I: Actualmente, há homens na tua vida que consideres referências positivas? Porque razões os consideras assim?

34

R: Tenho alguns familiares - não um, vários - que em termos de referência masculina, não seguem aquilo que é a minha concepção, no sentido de ser provedor da família. Não por questões de impossibilidade física ou assim, não conseguem procurar soluções para a família. A nível, também, de escolaridade, não procuram formar-se, desenvolver novas habilidades. A nível de negócios, o mesmo. A nível de cuidado com a família... Como tu vês a qualidade de vida que levam, o tipo de ensinamentos que dão aos filhos, comportamento com as mulheres. São aquele tipo de homem tóxico.

35

I: A nível de comportamento com as mulheres, o que é que tu achaste que não era positivo?

36

R: Vou voltar para a minha família: nunca vi o meu pai levantar a mão para bater na minha mãe. Sinto que há momentos em que eles conversam, mas sem levantar a voz... Ou é um levantar a voz de que estás a fazer algo errado, mas não de que alguém vai te bater. E eu

espero também não fazer isso à minha mulher. Mas vejo esse tipo de cenários, discussões - esse homem tóxico a nível de familiares. Vejo que não há harmonia em casa, entre o casal, primeiro. Depois aquilo também transborda para os filhos. Então, acho que é um perfil negativo de masculinidade.

37

I: Um homem que levanta a mão para a sua mulher, namorada, companheira, é um homem de verdade?

38

R: Não. Mas, é um tópico meio complicado. Um homem levantar a mão para uma mulher às vezes está relacionado com factores sociais, financeiros também. O que acontece é que as pessoas não estão bem financeiramente, não estão bem a nível do relacionamento, e isso acaba por levar a situações dessas. Descarregar aquela frustração... Já vivi muitas situações, até com meus amigos, da minha geração. Muitos levantam a mão para as mulheres. Só são casais para as redes sociais mas aquela consolidação da união é falsa.

39

I: O que acontece, ou não acontece, na educação de um rapaz para quando chega a uma certa idade não ser capaz de lidar com as emoções sem usar violência?

40

R: As famílias não conversam com os filhos homens, não há comunicação entre pais e filhos. E não há uma passagem de conhecimento, como se comportar na sociedade, e muitos deles crescem a ver o amigo do pai, o tio, sei lá o quê. E acabam até levando aquelas ideias do que é ser um homem para conversas com os amigos e influenciar assim.

41

Nós ouvimos nas conversas que 'um homem tem que bater na mulher'. Ouvimos isso... 'Homem tem que mexer no telefone da mulher'... Então, acabas recebendo essas ideias e por puxar para ti próprio. Não há uma preparação dos meninos, não se explica o que é ser um homem, quais são as tuas balizas. Eu particularmente também não conversei muito e muitos conhecimentos acabei tendo com o meu irmão mais velho. Foi uma sorte que eu tive, porque ele conversava comigo, a nível de como se relacionar com uma mulher, o que é cuidar de uma mulher... Comparando com quem não teve oportunidade e cresceu sempre com uma linha de pensamento, aquilo vai passando de geração em geração.

42

I: É comum entre o teu grupo de amigos conversarem sobre os vossos sentimentos, medos, inseguranças, etc.?

43

R: Tentamos, mas falar sobre sentimentos é complicado. Tenho certas amizades para certos assuntos, prefiro separar. Amizades que andam sempre contigo, se ficam a saber demasiada informação até podem utilizar de formas erradas. Esse é um dos motivos porque muitos acabam não falando dos seus sentimentos. Pensam que se forem dar muita informação sobre si a uma pessoa, ela vai ter muito poder, a qualquer momento ela vai falar. Eu já tive uma situação em que contei um segredo a um amigo, que foi contar a outro e aquilo acabou virando piada para outras pessoas. Acabamos nos fechando por causa disso, perdemos confiança. Situações de *bullying* entre amigos mesmo.

44

Um homem falar coisas como 'traí minha mulher', 'estou apaixonado por alguém', 'tenho problemas sexuais', é complicado... Entre os meus amigos tentamos, mas é complicado introduzir um assunto desses. Mas eu consigo conversar com um outro amigo com quem tenho esse tipo de abertura. Com os amigos com quem cresci não consigo falar sobre minha vida sentimental. Tu achas que aquilo vai ser motivo de chacota, de *bullying*, então evitas.

45

Muitos homens estão cheios de problemas mas não têm ninguém para conversar... Depois vemos situações na sociedade: marido a bater na mulher, pessoas a matarem-se umas às outras... Porque não têm acesso a outros fóruns. As pessoas acham que ir ao psicólogo é caro - eu por acaso acho que já nem é assim tanto. Eu próprio já disse na minha casa, numa fase em que não estava lá muito bem emocionalmente, que precisava de ir a um psicólogo e me olharam com estranheza. Eu expliquei que era um assunto que não estava em condições de falar com eles porque podia estragar toda a concepção deles sobre mim. Tinha que ser alguém profissional, com quem eu possa falar algo e aquilo fica entre nós. Eu não poderia falar de assuntos a ver com relações sexuais com meu pai e minha mãe, porque estamos na sociedade moçambicana... Tu só mostras resultados, e resultados seriam o quê? Tens uma namorada, estás com ela quase sempre, trocas muito de namoradas... Aí os pais vão dizer que és homem de verdade.

46

I: Lembras-te de situações em que te tenham dito que não parecias, não pensavas ou não te comportavas como um homem? Fala-me sobre isso...

47

R: Acho que não.

48

I: Já viste alguém que tu conheças passar por situações do género?

49

R: Sim, já. Entre amigos já nos questionámos sobre um amigo, a nível de roupas que veste. Vestia roupas um pouco mais femininas, às vezes, pintava as unhas de preto, pintava rímel. Ele é um artista, então tentávamos perceber o lado artístico dele, mas não é a nossa concepção do que é ser homem. Principalmente por causa dos pais que ele tem. Na casa dele é o inverso da minha: a mãe é que tem mais influência sobre o filho, então o que acontece é que o filho acaba tomando as decisões dele e a mãe é a primeira que aceita. Isso é a minha opinião. Se ele tem aquele comportamento é porque o pai não tem posição em casa. Por isso esse meu amigo acaba tendo mais liberdade, o que é bom, não nego, mas na nossa concepção social não encaixa muito.

50

I: Quando conversavam com ele falavam o quê?

51

R: Dizíamos que nos incomodava um pouco, procurávamos saber as razões para ele fazer isso.

52

I: Um homem homossexual pode ser um homem de verdade?

53

R: Ya, Maura... Como queres que eu responda a essa pergunta?

54

I: Como tu sentires...

55

R: Okay, para mim, na sociedade moçambicana, não. Na sociedade que estamos a tentar desenvolver como moçambicanos, pode se enquadrar. Eu até gosto de falar de experiências próprias: tenho também alguém que conheço que está numa situação em que tem mulher e tem filhos. Mas o que é que aconteceu para a sociedade respeitar a ele? Ele teve que arranjar

mulher, enquanto ele é homossexual. Foi uma forma de ele tentar diminuir o impacto na sociedade. Mas, se tu não tens filhos, mulher, tu não és considerado homem na sociedade moçambicana. Podes ser profissionalmente estável, mas essa parte sexual...

56

Actualmente as coisas estão a mudar. Eu próprio convivo com pessoas que têm todo o tipo de orientação sexual, mas também me dou até certo nível. Há uma barreira que eu crio. Estás comigo mas tens que respeitar que a minha orientação sexual é outra e não podes passar dessa barreira. Mas podemos beber, ser amigos, ter experiências, podes me contar das tuas coisas...

57

I: Estarias confortável com um amigo homossexual falar contigo sobre os seus namoros, amores, sexo, etc.?

58

R: Sim, já tive nessas situações, não tem qualquer problema. Hoje em dia é normal...

59

I: Hoje em dia é normal. E antigamente?

60

R: Antigamente não. Vou falar até da minha pré-adolescência: eu acho que não estava preparado para isso. É o que acontece com muitos jovens. Os próprios pais não estão, evitam que os filhos tenham contacto com pessoas de orientação diferente. Aquela situação das unhas que eu contei, o meu pai disse 'Não quero homens que pintam unhas aqui em casa'. A sociedade não aceita essas coisas, principalmente quando são crianças, porque acham que a pessoa vai ter tendência de mudar a sua orientação sexual.

61

I: Já tens filhos? Gostarias de ter?

62

R: Não tenho, e está nos meus planos ter antes dos 30 ou aos 30 mesmo.

63

I: Porquê? Isso é importante para ti?

64

R: Eu acho que como homem tenho um dever cívico na sociedade, ter um filho. O meu pai provavelmente teve o mesmo pensamento que eu porque só me teve aos 30 anos, o que já

era tarde. Foi muito pressionado. Ele não queria porque tinha aquela concepção de não ter uma criança sem condições, sem acesso a escolinha, alimentação boa... Acho que me estou a preparar para aos meus filhos terem as condições que eu não pude ter. Eu gosto de crianças, mas acaba por ser um peso financeiro. Por isso, não está certo ter filhos quando não estamos preparados. Aquilo deixa de ser sobre amor e passa a ser um projecto financeiro, o que eu acho errado.

65

I: Estás num relacionamento? Fala-me sobre isso...

66

R: Neste momento... Isto é confidencial, né?

67

I: Claro que sim...

68

R: Estou numa relação recente, há quatro meses. Como já estive numa relação muito longa, prefiro levar as coisas com tempo.

69

Neste momento passámos para a visualização dos 3 anúncios.

70

Bloco 2

71

Anúncio 1

72

I: Das emoções a seguir, com quais te identificas mais depois de veres este anúncio: Tristeza; Alegria; Raiva; Vergonha; Orgulho; Mal-estar; Bem-estar?

73

R: Alegria. Primeiramente, vi pessoas que estão numa condição e que aceitaram aquilo que são e tentam seguir as recomendações de saúde para que se possam integrar na sociedade e ter uma vida normal. Vejo pessoas que conseguiram superar isso.

74

I: Viste homens de verdade?

75

R: Vi homens de verdade por terem a coragem de assumir a sua condição de saúde. Vi homens de verdade por quererem proteger a si e aos outros.

76

I: Identificaste-te com algum destes homens?

77

R: Identifiquei-me com um deles que dizia que usava o preservativo e explicava porquê. Eu parto do mesmo princípio: qualquer decisão que eu for a fazer fora, tenho que ter a consciência que pode impactar a minha família, então, isso é que é ser homem de verdade, também. Há que ter muita responsabilidade nas decisões que tomamos, sexuais e outras.

78

Anúncio 2

79

I: Das emoções a seguir, com quais te identificas mais depois de veres este anúncio: Tristeza; Alegria; Raiva; Vergonha; Orgulho; Mal-estar; Bem-estar?

80

R: Tristeza, porque não sou favorável às uniões prematuras, pelo princípio de que a pessoa não está preparada a nível físico, a nível emocional e, na minha concepção, o factor diferença de idades... Não levaria isso como uma característica do que é ser um homem, acho que é um aspecto negativo. Devia se mesmo combater.

81

I: Viste homens de verdade?

82

R: Não vi, e não me identifico com eles. Dos dois actores, não vejo como sendo homens de verdade.

83

Anúncio 3

84

I: Das emoções a seguir, com quais te identificas mais depois de veres este anúncio: Tristeza; Alegria; Raiva; Vergonha; Orgulho; Mal-estar; Bem-estar?

85

R: Este fica um pouco difícil responder... Mas diria alegria, porque o importante é termos saúde para termos qualidade de vida. Sendo homem, é importante que os meus filhos estejam com saúde.

86

I: Viste homens de verdade?

87

R: Não, não vi, ou não estou a saber enquadrar nessa perspectiva.

88

Bloco 4

89

I: Que expectativas sentes que a sociedade tem de ti por seres homem? Foram mudando ao longo da vida?

90

R: Primeiro é constituir família. É uma das pressões que estou a ter, não dos meus pais porque eles têm outro tipo de visão, mas da sociedade. O segundo ponto é a questão de trabalho. As pessoas não precisam de saber quanto ganhas, mas têm aquela concepção... Estou a falar sobre isso porque já recebi salários muito baixos, e sofri muita pressão sobre essa margem de salário. Até queria desistir da minha área.

91

Essa pressão vinha de namoradas, porque sempre namorei com pessoas um pouco mais velhas e que já trabalhavam e eu sentia pressão para estar ao mesmo nível que elas.

92

Outra pressão é ter uma casa, muitos homens sofrem com isso. Eu, felizmente, estou a tentar sair dessa ratoeira, estou para fazer uma casa. Não será grande, mas terei uma casa e para a sociedade isso é diferente. Esse diferencial até está a causar pressão em outros jovens meus amigos... Aqui em Moçambique não é comum as pessoas alugarem porque os custos são muito altos, então a expectativa é teres o teu espaço e fazeres a tua casa longe da cidade...

93

E, pronto, já falei de constituir família. Hoje em dia os pais querem que tu te formes primeiro, mas a partir dos 25 anos começa uma pressão para teres filhos...

94

Ya, ficaria por esses três pontos.

95

I: Já sentiste que a tua forma de pensar sobre o que significa ser homem chocava com a forma de pensar de pessoas à tua volta? Conta-me sobre isso.

96

R: Sim, sinto até hoje no meu círculo de amizade. Por exemplo, vou ser mais aberto, a nível do perfil de uma mulher, eu gosto de mulheres magras. Eles podem entrar numa discussão porque as africanas são mais volumosas. Também, porque é que gostas de vestir simples? Isso não é normal num homem moçambicano. Ou porquê que tenho ideias um pouco europeias, isso é questionado naquilo que é a definição de masculinidade aqui em Moçambique.

97

I: Quais são as características que consideras mais importantes na pessoa com quem te relaciones? (Bloco 3)

98

R: Primeiro, o nível intelectual conta muito. O nosso nível de amizade, companheirismo. Se é uma pessoa dedicada a uma causa - porque construir uma família é um projecto -, se a pessoa tem esse espírito de trabalho de equipa, isso é uma qualidade, para mim. Amor não é suficiente. Também, eu sou um homem que não me importaria se a minha mulher tivesse mais rendimentos que eu, eu acho que isso é benéfico até para a família. Embora vá haver choques culturais, pessoas a falar, mas se nós temos um projecto de vida, o resto das pessoas não têm que entrar.

Cv. Entrevista a Paíto, 22 anos, Responsável de Limpezas

1	Entrevista com PARTICIPANTE 5
2	Arquivo: Entrevistado 5 Tempo de gravação: 39 minutos 03 segundos
3	Data da entrevista: 29 Março 2023 Local da entrevista: Mahla Filmes, Maputo - Moçambique
4	
Idade e data de nascimento	22 anos
Cidade de nascimento e de residência actual	Zambézia Maputo
Origem do pai e da mãe	Pai: Zambézia Mãe: Idem
Religião	Católico praticante
Nível de escolaridade	7ª classe
Profissão/Ocupação	Responsável de limpezas

5

Bloco 1

6

I: Já ouviste a expressão ser um *homem de verdade*?

7

R: Não, nunca ouvi.

8

I: Mas, para ti, o que significa ser um *homem de verdade*, se tivesses que descrever um?

9

R: Para mim, homem de verdade é aquele que sempre 'tá no trabalho, faz actividades para não deixar a família sofrer. Esse é homem de verdade!

10

I: Lembras-te de quem foi o primeiro homem que admiraste / olhaste como referência?

11

R: Sim, lembro-me. Talvez quando eu tinha 10 anos, assim. Essa pessoa era o meu irmão mais velho (na verdade somos irmãos-primos, mas é como se fosse meu irmão), que sempre ajudava a família lá em casa... Quando perdemos mãe, né. Até foi ele que me levou do distrito para a cidade de Quelimane, para eu crescer lá a viver com ele, até eu chegar à data

de hoje, foi graças a ele. Se não fosse ele, nem aqui em Maputo acho que não ia conhecer. Eu gostaria de ser como ele também, homem de verdade.

12

I: Com quem vivias quando eras criança?

13

R: Era eu com as minhas irmãs e as minhas tias, quando a minha mãe morreu.

14

I: Que idade tinhas quando ela morreu?

15

R: Quando eu tinha 12 anos.

16

I: E o teu pai...?

17

R: Meu pai tinha duas mulheres. Assim que morreu a minha mãe, foi ficar lá na outra mulher, a mais velha.

18

I: Nunca mais viste a ele?

19

R: Vi, costumava ir ficar lá na casa do papá, visitar uns dias. Até hoje falamos sempre com ele.

20

I: Achas que o teu pai é um homem de verdade?

21

R: Sim, claro. Ele vinha lá em casa, quando conseguia dinheiro vinha lá nos dar.

22

I: Então, em casa eras tu, tuas tias, tuas irmãs...

23

R: Mais um irmão. Na minha casa éramos 4, duas meninas e dois rapazes. Na parte de lá, já somos muito, pá...

24

I: Lembras-te da primeira vez em que te apercebeste que eras rapaz? O que aconteceu para te lembrares, em específico, desse momento?

25

R: Sim, lembro, porque quando era criança via que a cara de uma menina e de um rapaz havia diferenças, como a pessoa é. Mulher, como víamos com mamãs, aquilo é que marcava a diferença para nós. Percebi que há uma diferença entre rapariga e homem. Também vivia com umas pessoas grandes, minhas tias, manãs, eu percebia que há uma diferença mesmo.

26

I: Nas vossas brincadeiras, nas tarefas de cada um casa, havia diferenças entre rapazes e raparigas?

27

R: Brincávamos juntos só mais tarde, mas havia diferenças porque havia aquelas coisas que não pode fazer uma rapariga, não pode fazer um homem. Brincávamos de casal, a rapariga fazia essas coisas de cozinhar e o rapaz fazia coisas de como um pai faz, tipo, ir na machamba, voltar...

28

Em casa não havia diferença, fazíamos a mesma coisa. Eu ajudava a minha irmã a lavar pratos, varrer, fazer limpeza.

29

I: Achas que os teus amigos de outras províncias também cresceram assim? Que em casa os meninos e as meninas faziam as mesmas tarefas?

30

R: Há uma diferença mesmo porque lá onde venho não há essa coisa de não posso pilar arroz, por exemplo, porque sou homem não sei quê. Tem aquela coisa de pilar, ajudar a mulher, sim... Aqui em Maputo nunca vi isso aí.

31

I: Havia diferenças na forma como os teus pais/cuidadores olhavam para a escolaridade das raparigas e rapazes?

32

R: Não me lembro...

33

I: Foste à escola lá, né? Estudaste até que classe?

34

R: Sim, sim. Desisti com a 7^a classe. Até já me arrependi agora, já crescido. É aquilo que dizem, o arrependimento vem mais tarde. Agora já estou a pensar atrás, porque andavam a dizer para ir à escola, mas muitas vezes eu e os meus amigos não íamos. Hoje penso mesmo em porquê não estudei.

35

I: Havia algum homem na casa em que moravas com as tuas tias?

36

R: Como é a tradição de lá, sim, havia. Só que nós vivíamos na casa que era da nossa mãe, mas as tias estavam cada uma na casa delas, próximas de nós, mas nós vivíamos entre irmãos. Elas vinham ajudar.

37

I: Então tomavam conta uns dos outros, entre irmãos?

38

R: Sim.

39

I: Havia uma pessoa considerada como chefe da casa, da família?

40

R: Sim, até agora há. É o irmão da minha mãe. Era chefe da família porque é o mais velho de todos.

41

I: E quais são as responsabilidades dele enquanto chefe de família?

42

R: Lá em casa quando havia um problema chamavam a ele para vir resolver.

43

I: Há homens na tua vida que consideres referências negativas? Porque razões os consideras assim?

44

R: Ya... Aqui mesmo em Maputo, eu a ir para casa, encontrei enquanto estavam a chamboquear um senhor, não sei tinha roubado o quê, não consegui olhar três vezes... Porquê fazer aquilo ali? O que lhe levou para ir roubar? Porquê não procurou alguma coisa para pelo menos apanhar o pão? Um homem de verdade tem que procurar maneira de ver qualquer

coisa para fazer; aquilo que ele ganhar um pouco, tem que agradecer. Agora ir em casa de dono e roubar, esse não é homem de verdade.

45

I: Lembras-te de situações em que te tenham dito que não parecias, não pensavas ou não te comportavas como um homem? Fala-me sobre isso...

46

R: Senti mesmo sozinho. Até quando ando na estrada falo sozinho que 'Porra, se eu estiver com saúde, eu aceito morrer na estrada a procurar o pão, mesmo que esteja a sofrer'. Eu saio em casa às 4h pra chegar aqui 6h ou 7h. Aqui saio 17h pra chegar 19h ou 20h. Mas tenho que continuar, não há como desistir.

47

I: Com o dinheiro que ganhas, tens responsabilidades de ajudar outras pessoas ou é só para ti?

48

R: Sempre quando recebo... Desde que 'tou aqui há dois meses tenho que mandar em casa e o resto é para comida e pagar transporte. Até eu penso que se fosse um gajo que tem, gostaria muito de ajudar a minha família.

49

I: O que gostarias de fazer por eles?

50

R: Dar aquilo que precisam, a parte de comida... Porque malta Dezembro e Janeiro a fome lá, eh!

51

I: Estás num relacionamento?

52

R: Sim, tenho. Está lá em casa mesmo, se houvesse condições gostaria de trazer ela para cá.

53

I: Que tipo de relação é?

54

R: Tenho uma esposa mesmo, tou com um ano com ela. Fizemos casamento tradicional.

55

I: Já tens filhos?

56

R: Ainda não, mas se Deus quiser acho que este ano mesmo. Gostaria, para deixar minha cara, não se sabe hoje em dia... Também nós encontramos as pessoas fazerem isso aí.

57

I: É importante para ti ter filhos, como homem?

58

R: Para mim é muito importante mesmo porque hoje em dia se você não fazer filhos dizem que você não é homem.

59

I: Porque achas que é assim? O que os filhos têm que fazem o homem ser mais homem?

60

R: As pessoas fazem isso para ter orgulho de que 'Ah, aquele é homem' porque deixou alguém, deixou o seu nome'.

61

I: Quais foram as características da tua esposa que te fizeram decidir que querias construir a tua vida com ela?

62

R: Para mim, primeiro não é a beleza, não. Saber que eu posso elogiar, dizer que essa aqui é bonita, não... Lá, primeiro você tem que ir no bairro saber como é a moça, antes de falar com ela, quais os serviços que ela faz, se vai à machamba, e daí você procura um amigo, ir naquela casa, perguntar se ela tem marido ou não. Se dizer não, você vai lá ter com ela, conversar, se aceitar, daí... Conversas com ela, dizer que 'Eu gostei de ti'.

63

Principalmente, a minha mulher eu gosto dela porque ela é uma mulher de verdade, uma mulher batalhadora, que não pára em casa, todos dias está na machamba. É uma mulher que eu gosto assim mesmo. Essas coisas de que é bonita, todos dias põe maquiagem, isso não tem nada a ver com a vida. Para mim, é ser batalhadora, haver respeito em casa, quando pedes algo, te entrega...

64

I: Imagina que ela não queria trabalhar, como te ias sentir?

65

R: Ah, ia desistir.

66

I: E se ela arranjasse uma maneira e começasse a ganhar mais dinheiro do que tu, por exemplo. O que ias achar?

67

R: Se ela arranjasse uma maneira de procurar dinheiro, ia ficar nisso porque também é bom. Uma mulher tem que ajudar em casa, né. Porquê ter problemas em ela trabalhar se a vida é assim mesmo? Se for uma mulher de verdade, vai pro serviço trabalhar e voltar sem fazer outras coisas.

68

I: Já viveste ou assististe alguma situação de um homem que batia na esposa, namorada, companheira? O que achas disso? Achas que há justificação?

69

R: Para mim, não. Eu tento apelar às pessoas que fazem isso aí que quando há um problema numa casa tenta maneira de conversar para se entenderem. Agora, levar a mulher e estar a bater de qualquer maneira, isso não é bom. Até eu também falo sozinho a pensar o que é que podia me levar a poder bater na minha mulher. Acho que não vou ter essa coragem. Nunca vi ninguém fazer isso, só oiço nas pessoas.

70

I: Que expectativas sentes que a sociedade tem de ti por seres homem? Foram mudando ao longo da vida?

71

R: Para ser homem tem que ser batalhador, arranjar maneira de viver como homem. Trabalhar para conseguir o teu espaço para construir e ficar ali com a tua família. Isso que é ser um homem. Não é ter 35 anos e estar em casa do teu pai.

72

Neste momento passámos para a visualização dos AUPs. Neste caso deixei para o fim, para deixar o entrevistado mais confortável comigo e com o tema antes de chegarmos a esta análise.

73

Anúncio 1

74

I: Das emoções a seguir, com quais te identificas mais depois de veres este anúncio: Tristeza; Alegria; Raiva; Vergonha; Orgulho; Mal-estar; Bem-estar?

75

R: Senti alegria de quando você ver que não está bem, vai na unidade sanitária para fazer o teste. Isso é muito bom.

76

I: Viste algum homem de verdade no anúncio?

77

R: Vi, o primeiro porque ele está também pra aconselhar os outros.

78

I: Identificaste-te com algum dos homens?

79

R: Não.

80

I: Qual achas que é a principal mensagem do anúncio?

81

R: Que para prevenirmos não dá para andarmos a namorar de qualquer maneira. Isso é que eu guardei na minha cabeça.

82

Anúncio 2

83

I: Das emoções a seguir, com quais te identificas mais depois de veres este anúncio: Tristeza; Alegria; Raiva; Vergonha; Orgulho; Mal-estar; Bem-estar?

84

R: Ya, este aqui senti triste mesmo, porque às vezes isso acontece, principalmente lá nos distritos, lá na zona. Isso acontece de verdade. Você encontra uma menina com 14 anos já tem barriga, já isso não é nice. Lá não anunciam essas coisas, acho que eles não entendem que isso aí é crime.

85

I: Se tivesses uma filha, consegues imaginar-te na posição do pai no anúncio?

86

R: Ai não, tenho que deixar crescer. Máximo 20 anos, pode tentar. Ou não, terminar de estudar. Como eu disse que estou arrependido, se eu tiver filho ou filha vou deixar estudar até ultimar, até ao fim, para ficar a ajudar os outros.

87

I: As situações assim que viste lá no distrito, porquê que achas que aqueles pais entram nestas situações?

88

R: Acho que lá outras pessoas dizem que 'Não temos como, aqui em casa estamos mal, tá muito difícil'. É por isso que fazem isso aí, acho, não sei.

89

I: Neste anúncio, viste algum homem de verdade?

90

R: Não, porque um homem de verdade não pode deixar sua filha ou seu filho a se meter nisso.

91

Anúncio 3

92

I: Das emoções a seguir, com quais te identificas mais depois de veres este anúncio: Tristeza; Alegria; Raiva; Vergonha; Orgulho; Mal-estar; Bem-estar?

93

R: Senti-me alegrioso (sic) porque isso é para dizer aos pais que têm filhos a levarem as crianças ao hospital e isso é bom. Hoje em dia tá cheio de doenças porque não sabemos se a criança está bem ou não.

94

I: Neste anúncio, viste algum homem de verdade?

95

R: Sim. Vi, o enfermeiro, que motiva as pessoas a irem ao hospital.

Cvi. Entrevista a Daniel, 31 anos, Director de Agência Criativa

1	Entrevista com PARTICIPANTE 6
2	Arquivo: Entrevistado 6 Tempo de gravação: 2 hora 55 minutos 37 segundos

3 Data da entrevista: 29 Março 2023 | Local da entrevista: Café público, Maputo - Moçambique

4

Idade e data de nascimento	31 anos
Cidade de nascimento e de residência actual	Matola Matola
Origem do pai e da mãe	Pai: Magude, província de Maputo Mãe: Idem
Religião	Agnóstico, com inclinação para crenças Orientais, como o Budismo. Vai, por vezes, à Igreja (cristã) com a família porque a mulher é muito religiosa.
Nível de escolaridade	Licenciatura em Marketing e Publicidade
Profissão/Ocupação	Director de Agência Criativa

5

I: Para ti, o que significa ser um *homem de verdade*?

6

R: Essa expressão tem dois lados, o social e o individual. Do lado social, ser um homem de verdade é ser um homem capaz de respeitar as dinâmicas actuais, aquilo que são os espaços que o homem ocupa e deve ocupar. Isso significa o quê? Em primeiro lugar, sair do padrão do homem que contribui para tudo o que é negativo na sociedade - estamos a falar de defesa dos direitos da mulher, da criança, dos próprios homens. E, depois, ser um participante mais activo na construção de uma sociedade um pouco mais igualitária em oportunidades.

7

Quando vamos para o aspecto individual, homem de verdade é aquele que respeita primeiro o outro, mas não deixa de ser quem ele é. O que é que ele é? É um homem que não deve ter que mudar para ser um homem de verdade; ele descobre-se um homem de verdade sendo um homem. E esse talvez seja o maior conflito que ele terá, porque terá que descobrir como ser homem de verdade, individualmente, e depois ser homem de verdade socialmente, porque um pode conflitar com o outro.

8

I: Já sentiste esse conflito na tua vida pessoal?

9

R: Eu construí muito o meu homem de verdade socialmente, na adolescência, e agora percebo que existe esse conflito. Acho que muitas vezes é esse conflito que faz com que muitos homens não sejam homens de verdade, socialmente, porque essa negociação leva

muito tempo - estamos a falar de questões enraizadas, em que hoje tens um poder mas amanhã podes não ter e, no final do dia, é o poder que diferencia os seres humanos.

10

Eu costumo brincar que o que faz o homem forte é o que destrói o homem. A primeira vítima do machismo, por exemplo, é o próprio homem. A maior é a mulher, mas a primeira é o homem. O homem é uma máquina de performance, nós vivemos para empolar os nossos feitos quando falamos de nós com os outros. Mas, quanto menor a carga de machismo que eu carrego, menos certas coisas vão ser um problema para mim. Por exemplo, há uns tempos comprei um vibrador e fui experimentar com a minha mulher. E, epá, tenho que admitir que aquilo é uma tecnologia tão avançada que eu tenho que render àquilo que ela é capaz, e que eu não sou. Se eu fosse um super machista, que aprendeu que posso controlar uma mulher através do controlo do corpo dela, isso seria um problema para mim. Mas como a carga de machismo que carrego - ou seja, os elementos que alimentam esse machismo - é mais leve, então eu estou okay em usar o vibrador com a minha esposa sem ver isso como uma ameaça a mim.

11

É como quando me perguntam como é a vida desde que me casei no ano passado e eu digo para não me virem com esse papo. Epá, eu estive 10 anos com a minha mulher antes disso, e o que me querem dizer com essa pergunta é que o camião que vinha usando até aqui já não serve; como casaste, agora usa lá esse outro. Não faz sentido. Mas essa é a concepção de casamento.

12

Então, para mim, ser um homem de verdade é esse tal indivíduo que se descobre e descobre como ser homem de verdade dentro desse sistema social em que tens de ser homem de verdade protegendo, cuidado, antecipando, entendo as dinâmicas sociais e tudo o resto.

13

I: E tu achas que a tua concepção é diferente da que encontras como dominante na sociedade? (pergunta do Bloco 4)

14

R: Sim, e não porque eu seja especial ou assim. Mas, eu tenho crescido muito fruto do acaso. Por exemplo, sou filho de mãe sozinha porque o meu pai morreu antes de eu nascer. Fui construído pela minha mãe para a ver como uma mulher forte. Hoje, com 31 anos vejo que

se calhar os relacionamentos que ela teve não deram certo porque ela não cedeu em questões básicas de necessidades do homem. Também vejo isso na minha irmã, que tem 19 anos e tu sentes como autónoma, dona do seu próprio negócio, e os homens que foram construídos na minha geração não estão prontos para essa realidade.

15

Os padrastos que tive nunca ocuparam o lugar de pai porque a minha mãe sempre se apropriou desse lugar; não me recordo de ter andado de mãos dadas com um padrasto ou de falarmos sobre a vida...

16

Sempre passei férias ou em casa da minha avó ou das minhas tias. Inconscientemente, tudo isso me construiu.

17

Outra questão talvez sejam os lugares onde trabalhei porque sempre trabalhei com maioria de mulheres e uma das minhas maiores referências foi uma das minhas chefes. Esse acaso foi muito importante para eu chegar onde cheguei, esse foi o fio condutor. Mas nem todo o mundo teve essa oportunidade.

18

E aos poucos vou me apercebendo de outras coisas. Por exemplo, eu não escolhi ter filhos, mas responsabilizei-me por ser pai quando eles vieram, e passado um tempo descobri que afinal estava a gostar muito dessa coisa de ser pai, e puxo o meu lado paterno... Quando vou lá na comunidade falam que o *cota* era "perigoso" com as mulheres, então aquilo é como uma permissão para mim... Há uma expressão em Changana que é *Mwanasira*, filho de lápide. Tipo, o filho do morto, mas nunca dizem morto, dizem lápide. Eu sempre tive a referência do meu pai ser aquela pessoa que quando chegava até as crianças corriam para ele... Ele morreu num acidente de carro.

19

Na fase em que estou hoje tenho conflitos, mas não tenho angústias... Nos últimos quatro anos eu acordava angustiado com algo que eu não sabia o que era, a sensação de falta de controlo...

20

I: O que é que te preocupava não controlar?

21

R: Então, depois percebi que era essa cena de teres que performar, de teres que chegar num certo nível profissional. Todo o meu desenvolvimento vem da área profissional. Eu trabalho por paixão.

22

I: Quem foi o primeiro homem que admiraste / olhaste como referência?

23

R: Talvez o meu primeiro sócio. Abrimos uma empresa juntos. Ele tinha um lado meio inconformado com as coisas. E isso é uma coisa de há uns 10 anos. Também foi o primeiro longe da rede da família.

24

I: Com quem vivias quando eras criança? (pergunta do Bloco 3)

25

R: Com a minha mãe e duas irmãs, mas elas eram novas, agora é que são mulheres.

26

I: E

27

R: A minha mãe sempre foi autoritária com todos. Com homens também, Da família, inclusive. Todo o mundo conhece a tia Bela. Ela mudou só há uns três anos... Havia quem não ia aos encontros familiares quando sabia que a minha mãe ia estar porque no encontro anterior a pessoa faltou e ela ia falar sobre isso. Por isso ela sempre foi líder nas organizações onde trabalhava.

28

Nunca houve diferenças entre mim e as minhas irmãs. A minha coreografia era estar já a aquecer água às 15h porque ela chegava às 15h30 e queria tomar banho. Às 17h eu tinha que aquecer comida para ela comer.

29

Desenvolvi uma neurose obsessiva por controlo, também por causa disso, que era, tipo, quando alguém está zangado no meu meio próximo, eu achava logo que era parte do processo da pessoa estar zangada; não como culpado mas como quem tem que garantir que aquela pessoa fique feliz. Por causa da coreografia de casa desenvolvi o hábito de, quando vejo que tu não 'tás bem, crio espaços, vou comunicando mas sem te perguntar se estás bem. Acho que desenvolvi uma capacidade de análise - talvez até feminina - de compreensão de

qual deve ser o próximo passo. Então, habituei-me a perceber quando a minha mãe não chegava bem do trabalho e criava esses espaços. Quando era para ir brincar, não lhe pedia. Lavava a loiça, organizava a casa toda, depois ia para o portão e corria. Ela via que eu tinha deixado tudo bem e não falava.

30

Nunca me faltou nada, nem amor nem um computador. Mas eu tinha aquela coisa de que tinha que representar o meu pai em casa. Mas hoje, aí sim, há permissões que me dou para perceber que aquele assunto não me diz respeito.

31

I: Lembras-te da primeira vez em que te apercebeste que eras rapaz? O que aconteceu para te lembrares, em específico, desse momento?

32

R: Quando era criança, talvez... Aquela coisa de eu brinco de carrinho, tu brincas com boneca, brincar de papá e mamã. Não tive um momento concreto. Não me lembro de estar muito consciente desse tipo de limitações.

33

I: Actualmente, há homens na tua vida que consideres referências positivas? Porque razões os consideras assim?

34

R: Sim. Primeiro, têm valores sociais elevados: são pessoas preocupadas com o planeta, com as outras pessoas, com o impacto social que têm. Mas são uns dois ou três, porque o rebanho é grande. Sentas num bar ou numa cena de amigos e é tudo muito padrão, é a normalização do que devia ser a permissão, por exemplo, do desejo. Tipo, o desejo ser o ponto de partida, e não uma permissão. E se formos todos por esse caminho, onde vamos parar?

35

Eu admiro os dois lados do homem, hoje em dia. O bom e o mau. O mau individual, não o social. Aceitar que não é um super-herói e que é responsável pelo que faz. E não este delírio colectivo em que vivemos.

36

I: Há homens na tua vida que consideres referências negativas? Porque razões os consideras assim?

37

R: Desrespeito colectivo, falta de coragem. Ser o gajo que usa o poder para controlar e não para fazer crescer as coisas, o que também está ligado a ser egoísta. Considero que esses não são homens de verdade porque estão a usar de capa de homem. A coreografia do homem é muito limitada, sinceramente... O homem aprecia outro homem porque quer a mulher dele, ou os bens dele; não porque quer o emprego dele ou crescimento pessoal dele... Acho que isso até vem muito da pornografia.

38

I: Achas que a pornografia é uma referência importante na construção do que significa ser homem?

39

R: Hoje talvez já não. Mas para mim e os meus amigos foi, porque o sexo era agressivo, o prazer era focado no homem, era a cena do homem dominar a mulher, aquela construção do homem de fato, *matreco*, que saía para trabalhar e vinham homens fortes, sarados, "comer" a mulher dele. A mulher estava como que presa, era um objecto. Acho isso construiu algo em nós.

40

I: Lembras-te de situações em que te tenham dito que não parecias, não pensavas ou não te comportavas como um homem? Fala-me sobre isso...

41

R: Eu tive uma namorada, aí com uns 16 anos, que namorava comigo e outro gajo, só que esse outro gajo era físico, agressivo, mal-educado, e eu representava o lado do gajo calmo, intelectual, afectuoso, mais *in love*. Mas o outro era tão agressivo e "pegava" mais não sei quantas. Então, eu assumi esse lugar: eu sou o gajo fraco e tenho que ficar *maningue smart*, fazer cenas *maningue bigs*. O outro é o gajo do ginásio, do corpo... Eu agradeço muito essa fase porque hoje não tenho problemas em gostar das pessoas, em ser carinhoso. Mas isso também te castra porque tu já não te consideras uma máquina de performance, és uma máquina de massagem. Tipo, as pessoas vão ficar comigo porque precisam de amor. Esse é o meu "truque".

42

I: Já disseste que és casado... Fala-me um pouco da vossa dinâmica doméstica no que diz respeito a tomada de decisões, partilha de responsabilidades, etc.

43

R: A chefe da família é ela, né. O meu cérebro nem conseguiria gerir... Porque a família não termina entre nós os quatro (eu, ela e os dois putos), é *maningue* extensa. Eu considero-me cuidador porque tomo a iniciativa de passear com os *kids*, lavar, engomar. Essa é a minha construção de não permitir que haja essa dependência em relação a outra pessoa, 'tás a perceber... É um esforço físico e mental, e é uma dependência desnecessária. É um reforço da masculinidade que eu não quero. Tipo, serve lá para mim, lava lá a minha roupa íntima... As coisas estão postas na mesa para isso acontecer, mas tu não precisas de jogar o jogo. É uma forma de não participar do jogo.

44

I: Aos agires dessa forma, numa casa com dois filhos rapazes, pensas na forma como eles recebem esses exemplos?

45

R: Sim, isso é algo consciente. É uma forma de transmissão de conhecimento. Além disso, quem dá 95% dos banhos deles sou eu, escolher roupa, passeios... Temos a nossa cena. Outro exemplo é colocarmos a mesa juntos... Tento não os castrar, porque a castração dos homens muitas vezes não vem da sociedade, vem de muito amor da mãe. E por isso se tornam possessivos, abusivos. Por exemplo, a mãe não quer que eles aprendam Changana, prefere que aprendam Francês ou Inglês, mas eu tenho que arranjar uma forma de eles aprenderem Changana. A mãe quer que eles façam natação; eu quero que aprendam a fazer coisas com argila, que aprendam essa sensibilidade... Isso é algo que nos foi tirado, essa conexão com a natureza. E isso é uma forma de ser vulnerável porque se tu fazes a vénia à natureza, se respeitas que, para crescer, uma semente precisa de água, tu podes respeitar uma outra pessoa. Se respeitas a água podes respeitar o gasto dela.

46

I: Quais são as características que consideravas mais importantes na pessoa com quem escolhesses partilhar a tua vida?

47

R: É uma mistura de cenas, mas era ter essa visão colectiva das cenas. O que não significa não ter individuação. Ao escolher a minha mulher, muita coisa contou. Vi que ela encaixava no meu plano de vida, que depois podia tornar-se colectivo. A evolução dela, física, espiritual, profissional é algo com que eu me preocupo.

48

I: E as características que não toleras nessa pessoa?

49

R: Preconceitos.

50

I: Voltando aos filhos, foram planeados?

51

R: Não. Quer dizer, eu sabia que em algum momento ia ser pai.

52

I: Sabias que ias ser pai?

53

R: Sim, por causa da minha construção social. Porque nunca me imaginei não sendo.

54

I: Quais são os valores que consideras mais importantes transmitires aos teus filhos?

55

R: Ser uma boa pessoa, ser feliz sem que isso prejudique o outro... Há outro ditado em Changana que diz que ser boa pessoa é melhor do que ser bonito. Que sejam autênticos.

56

I: O que pensas da frase: é direito do homem usar violência (física, verbal, psicológica ou outra) contra a sua parceira, se ele achar que isso se justifica?

57

R: A violência contra a mulher é um problema institucionalizado. Talvez a minha resposta não represente todos os homens moçambicanos, mas a violência baseada em género nasce do medo de perder poder. Se o perderes, perdes o controlo sobre o prazer, as decisões, e tornas-te descartável. Quando chegas a isso usas a violência como um mecanismo de afastamento entre o objecto que te pode descartar e tu.

58

Quando uma mulher quer diminuir um homem ela fala coisas como 'És o quê tu?', 'Tens o quê aí no meio das pernas?', 'Esses filhos nem são teus'. Que construção social é essa? Mas ela pode estar a falar isso com uma joia de diamantes, os filhos verdadeiros, a voltar do Dubai porque ele roubou o dinheiro do Estado para poder dar aquilo. Mas naquele momento em que o quer diminuir ela não diz 'Você até rouba ao Estado! Corrupto!'. Isso não é suficiente para o derrubar. Para conseguir isso tem que mexer com a virilidade dele. E

quando a virilidade se sente ameaçada e ele não está preparado para dizer 'Eh não são meus filhos? Muito obrigado. Já posso viajar para a Tailândia sem peso de consciência' ou 'Há muito tempo que quero fazer *bungee-jumping*, agora posso!', então acontece essa agressão. Quando a virilidade falha, ele sente necessidade de se sentir respeitado a todo o custo.

59

I: Onde/como aprendem a dar esse valor à virilidade?

60

R: Nas conversas que não se têm. Na pornografia, na demanda... Hoje, uma menina de 16/17 anos sai para a escola; no caminho tem um monte de *gajos* a apreciar a ela, chega à escola e tem um professor que diz às meninas que atrasam um pouco - porque o sistema de transporte não funciona - que vão reprovar, excepto se... Tens toda uma coreografia maquiavélica construída.

61

Isso também está ligado à violência institucionalizada. Se um homem não consegue violentar outro homem, quem vai violentar? A mulher. E vai fazer isso pelas coisas mais básicas; porque 'A comida não tem sal, estava com a cabeça aonde?'

62

Os homens mais conscientes vão sair da sociedade, vão deixar de jogar o jogo social. Eu o que faço? Eu reduzo a velocidade na projecção do ser ideal. Aceito que nunca vou atingir aquele ideal social, e só me preocupo com aquilo que está dentro do meu alcance.

63

I: Que expectativas sentes que a sociedade tem de ti por seres homem? Foram mudando ao longo da vida?

64

R: Ser provedor. Ser uma máquina de sexo. Ser um bom pai, um bom irmão, um representante da sociedade. Todas elas reforçam a virilidade. É paradoxal porque o que pedem de ti é o que te torna monstro.

65

Há uns anos estava a passear com o meu filho mais velho e passámos por um grupo de jovens a beber. Eles mandam uma piada por eu estar ali com o puto em vez de estar a curtir o domingo. Eu, como era um puritano, respondi que estava a tentar evitar ter que lhe pagar psicólogo daqui a 18 anos por ele sofrer de síndrome de pai ausente. Eles ficaram sem papo.

Chego a casa e sinto necessidade de postar aquilo no Twitter porque a audiência tem que saber que sou um bom gajo, de família... Hoje, quando paro e penso apercebo-me que há aqui uma culpa partilhada. Tu podes ser um pai que passa os domingos com o filho mas que também vai curtir um pouco. Não precisas de ser um ou outro. Esse é o grande salto do homem. Perceber que não tem que ser menos homem para a mulher ser mais mulher.

66

Depois há a pressão para ter um *job* bom. A pressão sobre o homem desempregado é muito grande mesmo, porque o homem é medido por aquilo que consegue colocar na mesa. Da mesma maneira que dizem que a mulher não se veste para os homens e sim para as mulheres, o homem se preocupa com quanto consegue colocar na mesa para ter a certeza que coloca mais do que os outros. Como se coloca aí o centro de tudo, também há aquela coisa de as pessoas não se envolverem quando o homem agride a esposa, por exemplo, ou tira a filha da escola. Há aquela coisa de 'Se ele está a cuidar bem delas, quem somos nós para falar?'

67

E, óbvio, a expectativa que tenhas filhos. Essa é tradicional, é *standard*, ninguém vem te dizer, tu já sabes. Por isso, quando não tens filhos com uma mulher, teus tios vêm te buscar para ires engravidar outra mulher.

68

Neste momento passámos para a visualização dos AUPs, Bloco 2

69

Anúncio 1

70

I: Das emoções a seguir, com quais te identificas mais depois de veres este anúncio: Tristeza; Alegria; Raiva; Vergonha; Orgulho; Mal-estar; Bem-estar?

71

R: Bem-estar e alegria. Bem-estar porque se trata de fazer tratamento para estar bem e a família estar bem. E alegria porque todos os momentos representados foram de alegria.

72

I: Na tua opinião, existem *homens de verdade* neste anúncio? Se não, por que não? Se sim, qual(ais), e que atributos apresenta(m) para o(s) considerares assim?

73

R: Vi homens de verdade por serem corajosos para fazerem o tratamento e protegerem a sua família e todo o resto do pessoal. E acima de tudo porque estão a fazer o tratamento de forma pública; tu vêes que a família sabe e há um envolvimento deles.

74

Não diria que são homens de verdade porque foram fazer compras porque não deixariam de ser se não fizessem compras. Mas porque estão a fazer uma cena que custa, o tratamento.

75

E depois há a parte que não devia ser vendida como ser homem de verdade, que é lavar a loiça... Claro, é o caminho, e eu concordo com este caminho porque só assim é que a gente poderá mudar. Até chegarmos à fase em que não temos que escrever *black woman*, tens que ter muito *black woman* primeiro. Há esse respeito pelas fases.

76

I: Identificas-te com algum dos personagens deste anúncio? Se não, por que não? Se sim, com qual e porquê?

77

R: Ya, com o primeiro. Porque a maior parte das actividades que faz são caseiras, ambiente caseiro - não que eu não faça o que o segundo faz, gosto muito do que ele está a fazer, tipo, estar com os bradas, tomar uma cerveja... Mas o primeiro representa quem eu sou como pai de família.

78

I: Achas que haveria uma forma melhor de representar esses homens?

79

R: Eu acho que foram bem representados. Todo o homem que faz tratamento de HIV...

80

I: Na tua opinião, porque é assim tão difícil para um homem fazer tratamento? Sabemos pelas estatísticas nacionais que aderem muito menos do que as mulheres...

81

R: Temos dois lados. Primeiro, eu acho que o HIV é uma infecção psicoactiva. O que quero dizer com isso? É tipo, tens uma primeira dimensão que é a infecção e a luta contra o estigma, que hoje em dia não é falado mas está lá, estabelecido; foi construído durante anos e anos. E depois é uma infecção que a diabolização fez com que perdesse um espaço de liberdade própria. Nós estamos a fazer um trabalho sobre isto na agência e tu vêes que a maior parte

dos homens infectados são empreendedores, são autónomos, são biscateiros, muitos perderam as mulheres, excepto aqueles que estão em comunidades muito tradicionais. Primeiro, porque a mulher talvez não tem para onde ir, mas também há um caso em que a mulher é a primeira a apoiar. Para ela não faz diferença de outra doença porque não tem *social media* para lhe dizer 'Edjêeee, tem HIV!!!'. Então, ou são muito ricos, para não perderem as mulheres, ou são muito pobres porque elas não têm para onde ir. A classe média parece que não tem essa doença. É uma doença dos pobres ou das pessoas muito ricas, que nem são afectadas socialmente pela cena.

82

Outra coisa que sempre digo é que tomar um medicamento todos os dias durante toda a tua vida, até à morte, é uma cena que te rebenta com o cérebro quando não tens um preparo psíquico que te diz 'Epá, meu amigo, se é a tua escolha...'. Primeiro, porque tens o sentimento de culpa envolvido sempre que vais pôr o medicamento na boca, tens o lado social de 'Estou a tomar isto escondido, imagina que alguém me veja?', entendes? E, depois está sempre associado a promiscuidade, e acho que isso é um pensamento cíclico, que vai batendo... Ora estás bem ora não. Por isso muitas vezes os homens têm recaídas.

83

I: Mas porque é que isso afecta mais os homens do que as mulheres?

84

R: Estás a lidar com a tua imagem. A construção social do homem é de ele não falhar, não ser menos. Por exemplo, existe prostituição dos homens, mas essa não é visível, não é uma profissão da rua como é das mulheres. Tu vês, um *gajo* que vive sozinho, está sempre no ginásio... Ele vai-se construindo de uma forma que bloqueia os acessos à imagem de prostituto. Enquanto que as prostitutas tu só tens que sair à rua à procura delas. Podes ligar agora para uma e te dizer 'Tou no *job*, eu!'. No caso do homem há uma negação, um medo de julgamento... E a balança indica-te que tu podias fazer outra coisa, aquela não é a tua primeira opção. Enquanto para a mulher é 'Tentei fazer tudo e não me deram a chance, então arranjei esta solução'.

85

Anúncio 2

86

I: Das emoções a seguir, com quais te identificas mais depois de veres este anúncio: Tristeza; Alegria; Raiva; Vergonha; Orgulho; Mal-estar; Bem-estar?

87

R: Tristeza, raiva, vergonha e mal-estar. Primeiro, o assédio começa com um homem, e quem faz o acordo também é um homem. Então, são homens envolvidos numa troca comercial para vender uma pessoa. Isso é o que acontece e é triste porque foca na questão da pobreza. A pobreza atravessa todos e quem tiver mais recursos vai ganhar, e vai ganhar contra todos os esforços que nós fizemos para estabelecer a consciência. A única consciente no anúncio é a criança, todos os outros estão a entrar dentro de um roteiro estabelecido na sociedade.

88

A cena de ser homem é conseguires conquistar coisas sendo a melhor versão de ti próprio e não te beneficiar do sistema. Essa é uma desculpa muito barata, banal. É como tu me dizeres 'Ah, a minha vida não anda porque Diabo...', eu vou perguntar 'Comé, supermulher...?'. É muito banal aceitar essa justificação. Homem tem que ouvir as pressões da sociedade e saber dizer 'Bro, isto aqui eu não quero fazer'. O que vemos no anúncio é um aproveitamento da máquina. Então, a quem interessa a distribuição de riqueza quando podes ir escolher mulheres como se fossem cabritos? Não interessa a ninguém!

89

I: Na tua opinião, existem *homens de verdade* neste anúncio?

90

R: Não!

91

I: Identificas-te com algum dos personagens deste anúncio? Se não, por que não? Se sim, com qual e porquê?

92

R: Não! Covardes!

93

Anúncio 3

94

I: Das emoções a seguir, com quais te identificas mais depois de veres este anúncio: Tristeza; Alegria; Raiva; Vergonha; Orgulho; Mal-estar; Bem-estar?

95

R: Bem-estar, em termos de mensagem, porque é sobre saúde infantil. Tem os dois géneros... Mas, algumas imagens puxam-me para outros campos, tipo, as nossas salas de aulas não deviam ser assim... 'Tás a ver, esses doadores todos não deviam ter permitido... Só que é o real, há muita coisa que é real, então não se pode inventar certo tipo de criança e de ambiente, escola... Talvez a lógica deles tenha sido mesmo mostrar a realidade, só que há muita pobreza no meio (não extrema). A iniciativa de levar a criança à vacina é boa. Aquele pai, aquele médico, a médica... Mas esperava que deixassem as coisas mais *cleans* - este é o perigo, é minha negação da realidade e a minha mente de criador. Sei que não é a resposta que devia dar, mas isso saltou-me à vista.

96

I: Viste ali algum homem de verdade?

97

R: Aquele senhor que apareceu. Aquele é o único de verdade porque é o único que levou a criança para lá, né. E é comum vermos as mães, é o que vejo quando vou à pediatria. Eu sinto-me bem lá porque participar na saúde dos meus filhos faz parte da minha construção com eles e, também, porque me sinto a representar a minha mulher, tipo, ela tem o homem que todas as mulheres queriam ter.

98

I: Identificas-te com algum dos personagens deste anúncio? Se não, por que não? Se sim, com qual e porquê?

99

R: Com o pai, ya.

Cvii. Entrevista a Ntanzi, 18 anos, Desempregado

1	Entrevista com PARTICIPANTE 7
2	Arquivo: Entrevistado 7 Tempo de gravação: 1 hora 19 minutos 35 segundos
3	Data da entrevista: 30 Março 2023 Local da entrevista: Mahla Filmes, Maputo - Moçambique
4	
Idade e data de nascimento	18 anos
Cidade de nascimento e de residência actual	Maputo Maputo
Origem do pai e da mãe	Pai: Maputo Mãe: Maputo
Religião	Católico praticamente
Nível de escolaridade	Frequência do 2º ano de licenciatura em Ciência Sociais e Filosofia
Profissão/Ocupação	Produtor musical, compositor, cantor

5

Bloco 1

6

I: Já ouviste a expressão *homem de verdade*? Para ti, o que significa?

7

R: Já, já ouvi. Bom, ser um homem de verdade no sentido masculino (e não com H maiúsculo), acho que não carrega só a vertente de a pessoa se identificar com o sexo masculino, mas sim com a maneira de pensar, o nível de responsabilidade. Acredito que o homem tem que ter um elevado nível de responsabilidade para poder cuidar e para ser cuidado.

8

I: E achas que, de forma generalizada, esse é o significado da expressão para a nossa sociedade?

9

R: Não. O que eu vejo na sociedade é que as pessoas olham mais para o sentido de homem. Pensam que homem é aquele fortão, aquele que manda na mulher, que bate na mulher, mas eu acho que não vai por esse lado. Eu acho que o homem é aquele que carrega responsabilidade, tanto que na família o homem é o chefe da família, é o chefe da casa, aquele que cuida para depois ser cuidado.

10

I: Onde vais buscar esse teu entendimento do que é um homem de verdade?

11

R: Acredito que seja algo empírico. Algo com que convivo, que vejo, nos meus amigos...

12

I: Quem foi o primeiro homem que admiraste / olhaste como referência?

13

R: Bom, digamos que isso não nos é comum, essas referências. Eu gosto muito de seriados e filmes e talvez já tenha visto homens com essas características aí, porque cá... Não me vem à mente... Bom, talvez o meu pai... Sim, o meu pai.

14

I: Porquê o teu pai?

15

R: Ele é uma pessoa que, sendo chefe de família, está ciente disso e é por isso que pensa primeiro em nós e depois nele. Então, eu acho que ser homem resume-se nisso: sempre pensar em quem está a ser "chefiado", os filhos, a mulher e etc. O que há de pouco...

16

I: Porquê que tu achas que o homem tem essa posição de chefia familiar?

17

R: Eu me baseio mais na Bíblia, no livro de Géneses, a criação. Sabemos que a mulher é a costela do homem, e o filho é a junção do homem e a mulher. Então, sem querer diminuir as mulheres, eu acho que o homem é a parte superior.

18

Neste momento passámos para a visualização dos AUPs.

19

Bloco 2

20

Anúncio 1

21

I: Das emoções a seguir, com quais te identificas mais depois de veres este anúncio: Tristeza; Alegria; Raiva; Vergonha; Orgulho; Mal-estar; Bem-estar?

22

R: Bem-estar. Porque a alegria é momentânea, o bem-estar é algo mais duradouro... Apesar do síndrome que têm, mostraram força de vontade para combater, que é a parte do bem-estar. Para mim, alegria é não teres nada que atormente a mente. Mas eu acho que eles têm momentos em que param e pensam no que têm, mas buscam o bem-estar.

23

I: Na tua opinião, existem *homens de verdade* neste anúncio? Se não, por que não? Se sim, qual(ais), e que atributos apresenta(m) para o(s) considerares assim?

24

R: Sim, acredito que todos eles são... O primeiro diz que faz tudo pelo bem dele e da família. Eu acho que me identifico mais com ele porque, apesar de ter uma família para cuidar, tem os seus exercícios, a sua vida...

25

I: Qual é a principal mensagem que reténs deste anúncio?

26

R: Resumindo em uma palavra, esperança. Apesar das dificuldades é sempre possível superá-las de alguma forma. Penso que seja isso.

27

Anúncio 2

28

I: Das emoções a seguir, com quais te identificas mais depois de veres este anúncio: Tristeza; Alegria; Raiva; Vergonha; Orgulho; Mal-estar; Bem-estar?

29

R: Tristeza. Porque é o sentimento geral. O senhor parece muito bem, com a barriguinha dele ali a mandar ela varrer. Mas falo de tristeza porquê? Porque percebeu-se durante a cerimónia de *lobolo* que a menina estava a chorar. Aquilo é uma tremenda tristeza. Acredito que a menina fica atormentada todos os dias quando acorda, e o único tempo que tem para descansar tem que viajar para outro mundo - é quando está a dormir, a ler, ou alguma coisa assim.

30

I: Na tua opinião, existem *homens de verdade* neste anúncio? Se não, por que não? Se sim, qual(ais), e que atributos apresenta(m) para o(s) considerares assim?

31

R: Não.

32

I: Identificas-te com algum dos personagens deste anúncio? Se não, por que não? Se sim, com qual e porquê?

33

R: Não.

34

I: Qual é a principal mensagem que guardas?

35

R: Para levar para a minha vida ou transmitir a outras pessoas, é dizer não à união prematura, independentemente das circunstâncias, né. Geralmente há isso quando a menina envolve-se com alguém mais velho e engravida. Aí as famílias tendem a organizar cerimónias de *lobolo*, porque pensam que já que engravidaste... As famílias acabam querendo valores, exigem até multas pela gravidez. Não faz muito sentido. Que se espere o momento certo. Se a menina está grávida, que continue com os pais em casa e depois de concluir os estudos pode unir-se com um homem. A união prematura atrasa, desgasta psicologicamente e a pessoa não tem tempo para aproveitar a infância.

36

Anúncio 3

37

I: Das emoções a seguir, com quais te identificas mais depois de veres este anúncio: Tristeza; Alegria; Raiva; Vergonha; Orgulho; Mal-estar; Bem-estar?

38

R: Bem-estar, porque vou partir do lema do Ministério da Saúde, 'O nosso maior valor é a vida'. É uma campanha para proteger de futuras doenças...

39

I: Viste algum homem de verdade?

40

R: Acho que não vi nenhum homem aí...

41

I: Qual é a principal mensagem que guardas?

42

R: A principal mensagem é que mais vale prevenir do que remediar.

43

I: Como homem, se pensares de forma completamente abstracta em campanhas, como as que acabámos de ver, que costumam ver nas televisões moçambicanas, que temas gostarias de ver mais abordados no futuro, e que tenham a ver com ser homem?

44

R: Tem muitas coisas que eu penso, mas a sociedade está toda padronizada e seguimos todos os mesmos pensamentos e acabamos por cair no erro. Diz-se que a sociedade é machista, por isso, a maior parte das vezes nas redes sociais e na televisão são coisas a ver com mulheres. Por exemplo, nas redes sociais vemos coisas como 'Tu tens estrias, mas também és mulher'. Se for uma mulher com banhas e tal, dizem 'Não te sintas mal, o teu corpo é perfeito'.

45

Os homens também têm inseguranças, mas acredito que ninguém olha para isso. Por exemplo, o problema da ejaculação precoce. Existem homens com esse problema, mas nunca se fala dele e quando os homens são assim as mulheres riem-se. Também existem homens não suficientes, e as mulheres simplesmente riem-se. E não vejo nada que abranja o homem nesse sentido porque a sociedade olha o homem como alguém forte, que aguenta tudo. Mas homens também sofrem, as pessoas não vêem isso. E vejo que às vezes as próprias mulheres é que são machistas, porque quando saem com os homens eles é que têm de pagar a conta, etc. Na TV vejo anúncios sobre assédio contra mulheres, mas os homens também são assediados por senhoras. Mas não se fala nestas coisas nas televisões.

46

I: Pegando nas inseguranças, de que falaste, quais achas que são as mais comuns (e que poderiam vir a ser trabalhadas em campanhas futuras)?

47

R: Acho que principalmente as que falei: a ejaculação precoce e aqueles homens que não se sentem suficientes porque têm o tamanho do pénis reduzido.

48

Bloco 3

49

I: Com quem vivias quando eras criança?

50

R: A minha infância foi muito misturada porque antes de começar a escola os meus pais deixavam-me me casa da minha avó paterna; ficava lá até ao final do dia. Quando comecei a escolinha ficava a maior parte do tempo entre lá e a casa da minha avó. Na 9ª classe fui viver com a minha avó materna, onde vivia com mais duas tias e o meu tio.

51

I: Tens irmãos?

52

R: Tenho. Um de sangue, de pai e mãe, e outros de consideração, que a vida me trouxe, e alguns vivem comigo. Tudo homens.

53

I: Na casa da tua avó materna, havia uma pessoa considerada chefe de família?

54

R: A minha avó.

55

I: Não o teu tio?

56

R: Não... Uau! Agora vejo uma super contradição.

57

I: Talvez não... Porque achas que a tua avó mantinha a posição de chefe da casa?

58

R: Olhemos na perspectiva do meu tio ser filho da avó. Para existir o filho, existiu um pai, que era chefe da família. Só que infelizmente o pai partiu para a Glória, e ficou a avó, a mãe da casa. Nesse sentido, a mãe carrega o papel de mãe e pai, as responsabilidades do pai passam para a mãe.

59

I: Lembras-te da primeira vez em que te apercebeste que eras rapaz? O que aconteceu para te lembrares, em específico, desse momento?

60

R: Pouco me lembro dessas transições.

61

I: Mas lembras-te de notar se havia diferenças naquilo que esperavam dos rapazes e das raparigas, o que podiam brincar, etc.?

62

R: Sim, tive um momento em que comecei a sentir-me tímido com meninas, sentia-me mais à vontade com rapazes. Acho que já havia uma consciência da diferença.

63

I: Nas brincadeiras...?

64

R: Também. Até tem uma brincadeira chamada de Matokozana, que brincam de lançar coisas, e eu cresci num sítio em que rapazes jogavam futebol e meninas saltavam à corda ou brincavam de Matokozana, tudo mais. Algumas meninas jogavam futebol, mas eram mal olhadas, como lésbicas, só por causa disso. Na altura não me questionei sobre isso; antes aceitava tudo como se a vida fosse um dogma.

65

I: Actualmente, há homens na tua vida que consideres referências positivas? Porque razões os consideras assim?

66

R: Sim, o meu pai, volto a dizer.

67

I: E referências negativas?

68

R: Também tenho... O homem é chefe da família até certo ponto, não é uma ditadura, e essa pessoa vive como se fosse uma. O que ele quer é o que tem de ser. Não há um 'Está tudo bem?', 'Será que isto está bom para vocês?'. E acaba criando um mau ambiente. Quando os filhos estão na sala a jogar *game* e ele chega, eles entram no quarto e ele fica na sala a assistir o que quer. Mas, se daria o caso de ele chegar e todos ficarem contentes, e quando ele sentasse para assistir alguma coisa os filhos sentarem ao lado. Eu acho que há mais medo do que respeito porque, se não se cumpre, as consequências são castigos e berros. Um verdadeiro líder busca saber dos liderados o que acham; apesar de ele ter autoridade, não deve abusar dela.

69

I: Lembras-te de situações em que te tenham dito que não parecias, não pensavas ou não te comportavas como um homem? Fala-me sobre isso...

70

R: Não.

71

I: Já viste amigos passarem por algo assim?

72

R: Não... Geralmente os homens têm um certo ego, com que eu não concordo muito. Falo mais concretamente dos meus amigos. Sempre vão querer chegar ali e falar com peito levantado, nunca falam de inseguranças ou de experiências negativas. Homens dificilmente abrem as coisas negativas da sua vida.

73

I: Eu pensei que na tua geração pudesse ser diferente...

74

R: Todos querem mostrar a parte superior. Pelo menos eu nunca recebi uma mensagem de um homem a falar sobre esses assuntos.

75

I: O que fazem com as emoções todas que sentem?

76

R: Falando de mim, eu sou uma pessoa muito sensível, dificilmente escondo coisas, e o meu porto seguro é a minha mãe. É nela que deposito tudo. As minhas inseguranças... Tudo, tudo, tudo! Mas antes não era assim. Eu depositava em quem conversava comigo, mas com o tempo fui percebendo que as pessoas não são tão boas quanto parecem. Acho que, nós homens pelo menos, se demonstramos o que sentimos perdemos valor. Alguns mulheres querem um alfa; alfa a todo o momento, que não tem fraquezas. Elas é que querem sofrer, não nos querem ver a sofrer. Por isso eu preferi falar com a pessoa que me ama incondicionalmente. Onde busco esse afecto é em casa.

77

E sobre onde guardamos as emoções, eu particularmente tiro; os outros vivem em demência, tipo não se passa nada, ocupam a mente com *game*... Eu acho que é um escudo. Quando sentem alguma coisa e não querem se expressar vão fazer alguma coisa para se distraírem.

Eu, por exemplo, também faço música, sou produtor musical, tenho o meu estúdio. E desabafo nas músicas, tiro o que eu sinto no microfone e depois sinto-me leve.

78

I: Estás num relacionamento neste momento?

79

R: Não... É complicado, na verdade. É um projecto futuro de relacionamento. É alguém dois anos mais novo, estamos a estudar ainda e queremos esperar. Eu, por ser mais velhinho, tenho vontade de ter aquele afecto de estar sempre com a pessoa, sair, passear. Mas ela é mais nova e sempre viveu fechada... É doloroso... Até já fiquei um ano sem a ver porque ela vive um pouco longe da cidade. Na verdade, foi a minha primeira namorada e o plano é crescer comigo, mas decidimos agora dedicarmo-nos ao que estamos a fazer.

80

I: O que os teus amigos dizem sobre isso?

81

R: Não sabem... Eu já conversei sobre isso com mãe, só que ela está a pressionar-me porque quer "nora".

82

I: Quais são as características que consideras mais importantes na pessoa com quem te relaciones?

83

R: Em primeiro lugar, o amor, porque carrega o factor incondicional. E em segundo a amizade, porque é como se fosse o frigorífico do amor, onde se pode renovar a cada dia. Não ligo muito ao factor fidelidade porque não estamos com a pessoa 100 por cento do tempo, por mais que sejam pessoas casadas. Eu prefiro ser feliz do que procurar coisas que prefiro não encontrar. Por exemplo, mexer no celular da parceira - isso aí é falta de lealdade. E por mais que eu veja alguma coisa, se ela não me disse nada, então eu sou cego, não vi nada. Prefiro fingir demência e ser feliz com a minha parceira. Mas se algum dia eu sentir que algo está errado, eu converso. Se a pessoa disser que está a acontecer realmente, talvez então haja uma separação.

84

Ah, e também a questão dos ouvidos. Os ouvidos têm que ter palas, em que as palas são direccionadas só para uma pessoa, porque o mundo lá fora fala muitas coisas. E geralmente

isso estraga as relações. Quem me inspirou muito foram os meus pais, porque me contaram a história deles. Havia um senhor que sempre vinha com "assuntos" e a minha mãe disse que se ele queria mostrar-lhe que o marido estava a traí-la, que a metesse no quarto e ela queria ver os dois nus!

85

I: E as características que não toleras nessa pessoa?

86

R: Vou resumir em uma só: falsidade.

87

I: Planeias ter filhos? Isso é importante?

88

R: Sim, planeio, e é importante porque é bíblico. É algo importante porque garanto que haja a prova da minha existência, que haja gerações vindas de mim. Sabemos que estamos todos de passagem e temos que deixar um pouco de nós para que continuem aqui alimentando o mundo de boas coisas. Acho importante também porque acredito que seja uma terapia no sentido em que gosto muito de cuidar, e cuidar me faz bem.

89

I: Achas que ter filhos é algo importante, também, para a identidade masculina?

90

R: Aí entramos de novo naquilo que são os padrões da sociedade! Então, um homem estéril não é homem? Eu acho que ter filhos não define quem é homem e quem deixa de ser. Eu acredito que isso não influencie. Quem é pai é quem cuida, não aquele que esteve numa relação prazerosa e deixou parte dele dentro de outra pessoa. Volto a repisar que, para mim, ser homem tem mais a ver com a responsabilidade.

91

I: Estarias confortável com uma namorada, companheira, esposa ter um salário mais alto que o teu?

92

R: Como eu disse antes, eu tenho uma referência de homem em casa, o meu pai, e por acaso durante uns três anos ele não tinha trabalho e mãe é quem sustentava a casa. Então, não me sentiria mal, não, por causa desse exemplo. Eu via muito amor entre eles, apesar de tudo. O pai ficou triste porque não nos conseguia dar os mimos que sempre nos deu - ele quer sempre

dar o melhor -, perdeu o brilho. Mas não foi porque perdeu o emprego e a mulher é que trazia o salário, apenas porque não conseguia dar aos filhos o que ele gostaria.

93

Eu haveria de me sentir triste se não conseguisse atender aos "chiliques" da minha parceira porque, como disse, eu gosto de cuidar. Presentinhos aleatórios aqui e ali, acho que é uma forma bonita de contemplar a vida e fazer os dois sorrirmos. Então, não me sentiria mal por ela ganhar mais do que eu, mas por não poder ser eu a dar os presentinhos dela, a sustentar os filhos...

94

I: Achas que a concepção do que é um homem tem vindo a mudar na sociedade?

95

R: Sim. Se formos a ver, o meu pai cresceu numa família com condições precárias, então. estudava assim assim, depois tinha que fazer diferentes trabalhos, conduzia camiões e não sei quê mais. Já mãe estava numa família estável, vivia na cidade, tinha educação de outro nível. Mas, com todos os trabalhos dele, ele sempre arranjava tempo para ver mãe. Ele caminhava do Bairro do Aeroporto para ir buscar mãe, caminhavam até à escola Manyanga e tudo mais. Eu acho que já não se fazem esses tipos de demonstrações de amor. Os detalhes já não importam mais, ou importam a poucas pessoas. É aquela questão alfa... Não dão atenção à namorada, elas vêm desabafar comigo, como amigo, mas voltam sempre a correr para eles... Dificilmente vou ouvir um homem dizer que vai comprar uma florzinha para a namorada, só no dia 14 de Fevereiro. Os pequenos detalhes antes valiam e agora já não são importantes e especiais. A vida antes também era precária... Eram cartinhas que demoravam não sei quanto tempo a chegar... Hoje temos tudo em excesso.

Cviii. Entrevista a Paulo, 30 anos, Conta própria (T.I.)

1	Entrevista com PARTICIPANTE 8
2	Arquivo: Entrevistado 8 Tempo de gravação: 1 hora 43 minutos 40 segundos
3	Data da entrevista: 30 Março 2023 Local da entrevista: Mahla Filmes, Maputo - Moçambique
4	
Idade e data de nascimento	30 anos
Cidade de nascimento e de residência actual	Zavala, Inhambane Maputo
Origem do pai e da mãe	Pai: Zavala, Inhambane Mãe: Idem
Religião	Católico praticante
Nível de escolaridade	Licenciado em Engenharia Informática
Profissão/Ocupação	Conta própria (designer gráfico; UX designer, IT)

5

Bloco 1

6

I: Já ouviste a expressão *homem de verdade*? Para ti, o que significa?

7

R: Certo, já ouvi sim. Parece uma questão simples, mas acho que é um bocadinho complexa. Para mim, é aquele que luta para trazer o pão em casa, usando uma expressão popular. Não interessa como, desde que faça de uma forma idónea, honesta. Esse é que é um homem de verdade.

8

I: E para a sociedade moçambicana, de maneira geral, achas que o significado é o mesmo?

9

R: Acho que cada um tem a sua concepção do que é. Alguns pensam como eu, outros não.

10

I: Já tiveste situações em que sentiste que a tua concepção era diferente da de outros? Podes falar-me sobre isso, caso sim?

11

R: Pelo que me recordo neste momento, não.

12

I: Quem foi o primeiro homem que admiraste / olhaste como referência?

13

R: O meu pai. Eu perdi o meu pai aos oito anos, mas tenho memórias muito fortes. E, para mim, ele é um exemplo do que é ser um homem de verdade. Bom, o meu pai era polígamo, tinha três esposas. A minha mãe era a mais nova. Mas não é por causa dessa masculinidade que ele é um homem de verdade, e sim porque ele conseguiu educar os filhos todos da mesma forma. Crescemos todos como irmãos, tratamos as nossas mães como mães e não como tias e, no meio da pobreza - nós somos de Inhambane, sou do campo -, no meio do nada, ele sempre lutou para sustentar os filhos. Ele não vem de uma família com condições, então, ele tinha que criar as condições para a sua própria família. Deves imaginar, não é fácil ter alguém que tem três mulheres a viver na mesma casa. Então, ter que gerir as três mulheres e as crianças - somos uns 17, 18 filhos no total, eu sou o mais novo... Mas sempre houve respeito e entendimento. Se alguma vez eu presenciei situações de falta de respeito foi depois de ele perder a vida, porque o líder já não estava ali.

14

Neste momento passámos para a visualização dos três AUPs.

15

Anúncio 1

16

I: Das emoções a seguir, com quais te identificas mais depois de veres este anúncio: Tristeza; Alegria; Raiva; Vergonha; Orgulho; Mal-estar; Bem-estar?

17

R: Alegria. Acho que é sempre importante estarmos alegres, independentemente das situações, porque às vezes passamos por situações difíceis e ficamos tristes. Mas, as situações passam. Eu já passei por tanta coisa, e fiquei triste. Mas, quando paro para pensar acho que foi desnecessário. Quando ficas triste atrais coisas tristes; quando ficas alegre no momento de tristeza atrais coisas boas. É isso que nós queremos para nós.

18

I: Na tua opinião, existem *homens de verdade* neste anúncio? Se não, por que não? Se sim, qual(ais), e que atributos apresenta(m) para o(s) considerares assim?

19

R: Não sei qual deles, mas, um dos jovens dizia que tem HIV e, mesmo assim, mostra alegria, um sorriso. Reconhece que tem HIV - uma coisa muito importante, porque acho que é um passo importante para o que vem a seguir, o tratamento e tudo mais -, mas está alegre. Não se deixa abater porque tem uma família por cuidar, responsabilidade, tem que trazer pão para casa.

20

I: Identificas-te com algum dos personagens deste anúncio? Se não, por que não? Se sim, com qual e porquê?

21

R: Sim, qualquer um. Poderia ser eu... Acho que faria exactamente a mesma coisa, porque não é o fim.

22

I: Qual é a principal mensagem que reténs deste anúncio?

23

R: É exactamente essa que estava a transmitir. A questão de não se deixar abater pelos problemas. Saber que a vida não deve parar, eu devo enfrentar isto... porque eu sou homem! Tenho que lutar de todas as formas possíveis.

24

I: Um homem não pode parar de lutar?

25

R: Não pode.

26

I: Nem quando está cansado?

27

R: Quando está cansado, descansa. Mas depois deve continuar a lutar. Porque a ideia não é só correr, é preciso ver para onde estamos a ir.

28

Anúncio 2

29

I: Das emoções a seguir, com quais te identificas mais depois de veres este anúncio: Tristeza; Alegria; Raiva; Vergonha; Orgulho; Mal-estar; Bem-estar?

30

R: Tristeza. Eu vi um senhor de idade, que poderia procurar se envolver com mulheres mais ou menos da mesma faixa etária, mas se interessa por uma criança, uma menor. Uma menor que ainda tem muito futuro, muito por dar, por fazer, por descobrir sobre ela mesma, quer dizer, ela é privada disso tudo... E os pais aprovam isso, homem e mulher, e eu pergunto porquê.

31

Muitas vezes, acho que isso acontece por causa da pobreza, infelizmente. Mas não é uma pobreza somente material. Sim, é fome. Aquilo ali é vender a sua própria filha, podemos ir buscar outras expressões para embelezar, mas eles venderam a sua filha. Não estão preocupados com o que vai acontecer depois: se ela vai ser violada, se vai ser maltratada, não interessa. Simplesmente estão a pensar naquilo que eles vão receber, um dinheiro que acaba em pouco tempo, não fazem absolutamente nada. Então, o que é melhor? Receber aquele dinheiro que não vão aplicar em nada, vão comer, esbanjar, alguns até usar de forma irracional, ou ter a filha a ser privada dos seus sonhos, da sua vida... Não faz sentido! É triste! É feio para o senhor e para a família daquela criança. Que culpa tem aquela criança? Por isso digo que é pobreza material, sim, mas também é pobreza mental.

32

I: Viste algum homem de verdade?

33

R: Não vi nenhum, infelizmente.

34

I: Identificaste-te com algum?

35

R: Não.

36

I: Achas que haveria uma forma melhor de representar esses homens?

37

R: Eu acho que o vídeo poderia seguir uma abordagem um pouquinho diferente. Sim, mostrar o homem que se interessa, porque é essa a realidade. Tudo que está ali é a realidade, mas também mostrar uma reacção, digamos, positiva por parte dos pais. Rejeitarem, dizerem que não está certo e, se calhar, trazerem um bocadinho mais daquilo que pode ser o futuro daquela criança caso ela não se case com aquele senhor. Porque aí estão a privar aquela

criança de um sonho, de algo que pode vir a acontecer. Poderiam trazer essa imagem. Mostrar que se fizéssemos diferente essa criança poderia estudar, se formar, se calhar trazer desenvolvimento para aquela localidade, se calhar ser uma activista que vai falar daqueles assuntos, porque... é por falta de conhecimento.

38

A Bíblia diz isso: o homem perece de falta de conhecimento. O mundo daquelas pessoas é aquele ali, não pensam numa outra realidade, e aqueles estão a fazer aquilo que vêm vendo de outras gerações. Estão numa caixa. Acho que se trouxessem uma imagem positiva nesse sentido, seria melhor, que a comunicação não parasse no problema. Acho que é basicamente isso.

39

Anúncio 3

40

I: Das emoções a seguir, com quais te identificas mais depois de veres este anúncio: Tristeza; Alegria; Raiva; Vergonha; Orgulho; Mal-estar; Bem-estar?

41

R: Primeiramente, alegria. É importante a gente levar as crianças à vacinação. Mas, também, se calhar, mal-estar porque se formos a ver a bem o anúncio diz 'Caros pais', mas ali só estamos a ver mulheres. Onde é que estão os homens? Será que é papel das mulheres? Também se costuma dizer que a imagem fala mais que mil palavras... E o que a gente vê é que são sempre as mulheres que levam as crianças às campanhas de vacinação. Os homens não podem? Porquê? Porque estão ocupados? Estão a fazer o quê que não podem levar as suas crianças - que não são dela, são deles? O único homem que aparece ali é aquele que está a dar a vacina.

42

Mas é isso que acontece... O rapaz cresce sabendo que é homem, brinca com homens, não veste cor de rosa, faz trabalhos de homem... Porque o homem não pode cuidar de casa, lavar roupa, engomar, lavar, cozinhar; são trabalhos de mulher. Eu acho que isso não está certo. Trabalho é para o ser humano, não existe trabalho de homem e de mulher.

43

Não estamos a dizer que não há diferenças, porque há. Eu tenho certas características por ser homem, mas quando se refere a trabalho, tarefas de casa, são para os dois... Será que as

mulheres que vemos no vídeo são viúvas? Não... E o homem está em casa! Às tantas quem trabalha até é a mulher, é ela que traz o pão para casa, vai a machamba, faz todas as tarefas e ainda por cima dá banho aos filhos e ao marido, e é ela quem leva as crianças à vacinação. Estamos a falar desse exemplo, mas há muitas coisas que só as mulheres é que fazem porque somos construídos assim, somos ensinados... Não está certo.

44

I: Lembras-te de ter tido esse tipo de ensinamentos quando eras mais novo?

45

R: Sim. Embora eu tenha crescido no campo, tive uma educação diferente, somente da parte do meu pai. Eu acho que até o meu pai era feminista sem ele saber, porque nós crescemos sabendo que existe trabalho para ser humano. Na nossa família, de cerca de 17 filhos, quando se tratava de trabalho, era para todos. Nós os homens crescemos a cozinhar, a cuidar de crianças... Aquilo que era visto como trabalho de mulheres, nós também fazíamos. E isso era visto somente ali naquela casa, nas outras a realidade era diferente.

46

E mesmo assim, não era em tudo. Eu me recordo, por exemplo, que quando chegava a hora do jantar o meu pai é que sentava na cadeira (eram poucas), e as minhas mães sentavam na esteira. Porque é que não podiam sentar os quatro na cadeira ou os quatro na esteira? Também, nas brincadeiras, os homens jogavam à bola, as meninas jogavam Neca, Cheia, não sei o quê... Depois havia aquele momento de fazermos todos a mesma coisa.

47

I: Havia diferenças na forma como os teus pais/cuidadores, ou os teus familiares e vizinhos, olhavam para a escolaridade das raparigas e rapazes?

48

R: No início era do tipo todos vão para a escola, mas mais lá para a frente tu vias que os pais davam mais atenção aos rapazes, porque eles é que devem estudar. Chegava uma fase em que parecia que não havia muito interesse em as meninas estudarem mais. Estou a falar do que via na vizinhança, porque em casa a realidade era diferente: todos tínhamos de estudar. Não estudou quem não quis. O meu pai só tinha estudado até à 4ª classe, não tinha viajado, mas acho que era uma pessoa iluminada.

49

Mas, na vizinhança, bastava as meninas chegarem aquele ponto de saírem mamãs, pronto, já eram vistas como prontas para casar. Enquanto que o homem não. Aquele pai que conseguisse se esforçar um bocadinho mais, de custear os estudos de um filho, isso era muito mais para rapaz. Acontecia isso mesmo. Depois de um tempo as meninas começavam a casar, com jovens um bocadinho mais crescidos, já a trabalhar. Mas, que trabalho era esse? Eram *chapeiros*, ou estavam nas minas da África do Sul e ficavam lá todo o ano, só vinham com uns quilinhos de açúcar para fazerem filho e depois voltavam; e quem ficava a cuidar era a mulher.

50

I: Na tua casa, o teu pai era o chefe de família, não é? Como eram as dinâmicas domésticas na vossa casa de um marido e três mulheres?

51

R: Como disse, o meu pai educou os filhos da mesma forma, não houve quem tinha privilégios diferentes, apesar de termos mães diferentes. E sempre cuidámos das nossas mães como nossas mães, até hoje. Mas, em termos de decisões quem tomava era o meu pai. As minhas mães talvez podiam trazer ideias mas quem decidia era ele. A palavra final, a lei, era dele, e não havia discussão. Acho que o meu pai era um bocadinho ditador em relação a esses aspectos: não era não, não havia negociação diferente. Ele não aceitava ideias de fora.

52

I: De onde achas que vinha esse auto-assumir desse lugar na família?

53

R: Acho que é algo que eles cresceram a ver os seus pais... Não era somente o meu pai, os outros pais ao redor também eram assim. O meu pai, por exemplo, antes de ele chegar em casa ninguém jantava; quando chegasse, as mulheres iam pôr água para o banho dele - não me recordo como é que faziam a escala.

54

Com sono ou sem sono, tu tinhas que esperar ele chegar para ele chegar. Jantávamos em família, todos juntos, e muitas vezes comíamos, por exemplo, cinco do mesmo prato. Mesmo quando se fizesse carne, ou alguma outra coisa um bocadinho mais especial, havia partes que eram somente para ele, que as mulheres eram proibidas de comer. É comida! Mas, elas já sabiam que esta parte é para o dono da casa.

55

I: Se conseguires ter algum distanciamento e analisar essa situação de fora, o que pensas sobre isso?

56

R: Acho que é uma forma errada, sofrida para as mulheres. Só que, é assim, elas lá no campo não olham isso como sofrimento. É como se tivesse que ser porque é assim. Por exemplo, se aparece um homem com um comportamento diferente, dizem que algo não está bem. Porque elas foram formatadas assim, é algo que se faz de geração em geração. Se eu tive a oportunidade de aprender a ver as coisas de uma forma diferente é porque saí do campo para a cidade. Vim viver outra realidade, percebi que as coisas não são bem assim. Mas os meus amigos que cresceram naquela realidade e não saíram continuam a fazer as mesmas coisas. Lá não há televisão, não há ninguém que chega lá e tenta falar sobre esses assuntos. Claro, é um processo, mas não há ninguém.

57

I: De onde é que tu vens, exactamente?

58

R: Da localidade de Devesa, distrito de Zavala...Então, eles cresceram assim e vão passando isso para os filhos. Quem sai de lá tem a oportunidade de aprender realidades um pouco diferentes daquelas. O que acontece é não mudar por rigidez, porque é a tradição dele, mas não por não ter oportunidade.

59

Acho que as mulheres também precisam ser um bocadinho mais atrevidas, perderem o medo e falarem dos seus direitos, ou o que acham dentro de um lar. Porque isso acontece mesmo na cidade... Por exemplo, se fores agora à pediatria de qualquer hospital são as mulheres que estão lá. Será que os homens estão tão ocupados? Mesmo numa sociedade um bocadinho mais desenvolvida, ainda estamos presos àqueles hábitos e costumes que herdámos.

60

I: E em relação à poligamia, como sistema, achas que torna o homem mais homem? Ter e manter várias mulheres?

61

R: Não, acho que isso não torna um homem mais homem. Não sou contra, se tiver condições para ter 3 ou 4 mulheres... Mas não me vou sentir mais homem por causa disso. Enquanto não tiver respeito por aquelas mulheres e crianças, enquanto a gente não estiver num

contexto em que discute ideias, elas dizem o que querem e pensam, enquanto eu não levar as crianças à vacinação, acho que não me sentirei homem.

62

I: E se a poligamia for ao contrário - uma mulher que escolhe ter 3 ou 4 maridos -, qual é a tua opinião?

63

R: Essa é uma questão um bocadinho... Eu particularmente não me ia sentir bem, por mais que fosse algo legalizado entre todos. Mesmo também não sei se me sentiria bem se eu tivesse 3 ou 4 mulheres. Posso até falar, mas não sei...

64

I: Porque é que te sentes assim?

65

R: Não é só por aquilo que as pessoas vão dizer, porque não estamos habituados a isso na nossa sociedade... Bem, se calhar é a forma como eu fui formatado, mas não me consigo ver num relacionamento em que partilho uma mulher com alguém.

66

I: Achas que a poligamia tem algum tipo de benefício social para os homens e mulheres?

67

R: Acho que sim. Não acho a poligamia uma coisa má, no verdadeiro sentido. Se sou um homem e assumo 2 ou 3 mulheres, oficialmente, e não tenho mais ninguém; se é algo conhecido por todos, não estou a esconder nada de ninguém, nem da família nem da sociedade... Por mais que as pessoas falem mal, aí está tudo bem. Porque o que é que acontece? Eu tenho uma esposa, mas fora tenho outras 10. O que é melhor? Não vale a pena assumir publicamente e termos um espaço para conversarmos sobre como vão ser as relações sexuais, se todos fazemos teste, se fazemos sexo desprotegido ou não? Não é melhor do que ter uma só esposa, ali tudo bonitinho para a sociedade, mas fora estou a gerir 10 mulheres? Faço sexo protegido com uma, desprotegido com outra, não sei o quê... Acho que é uma coisa suja e pesada, além de ser stress - vais esconder aquilo da tua esposa durante quanto tempo? Tu não vives em paz, vives numa tensão porque tens que esconder, fazer certos sacrifícios de horas... Enquanto se eu estou num relacionamento de poligamia é tudo legal

entre todos. Então, acho que é uma coisa boa sob a perspectiva de saúde sexual, educação das crianças, ya... Se formos olhar nesse sentido, sim.

68

I: Apesar da tua opinião pessoal, se falares de forma geral e abstrata, encararias a poligamia da mulher como algo a que ela também direito?

69

R: Desde o momento em que entrem em consenso e esteja tudo bem, okay. Nós cá fora vamos falar, vamos criticar, mas se eles estão felizes com isso, tudo bem. Desde que seja realmente poligamia, haja aquele respeito. Mas não se for uma poligamia falsa em que se assume que é uma mulher com 3 homens mas eles depois envolvem-se com outras mulheres de forma escondida. Aí, para mim, não está se a exercer poligamia como deve ser.

70

I: Actualmente, há homens na tua vida que consideres referências positivas? Porque razões os consideras assim?

71

R: Eu sou muito exigente... Acho que depois do meu pai não consigo ver mais ninguém... É mais fácil para mim dizer que conheço mulheres de verdade do que homens.

72

I: Como é uma mulher de verdade, para ti?

73

R: No meu meio há muitas mulheres de verdade. Por exemplo, a minha irmã mais velha é uma mulher que foi das primeiras de nós a sair do campo cá para a cidade; conheceu um homem, mas depois de o conhecer não se fechou. Olhou para trás e disse 'Eu tenho irmãos que precisam de apoio, precisam de estudar'. Porque não é fácil, no campo não há condições. Estudas até 7^a classe mas depois há dificuldades porque as escolas não estão ali perto, universidade está cara...

74

A minha irmã não conseguiu continuar os estudos, mas olhou para os irmãos e foi trazendo um por um e deu-nos todas as ferramentas para que pudéssemos estudar. Não estudou quem não quis, mas mesmo estando no lar, ela foi trazendo um por um, deu-nos condições e tratou de nós como se fôssemos filhos dela - de tal forma que eu chamo ela de mãe. Foi dura comigo, sim, tinha que ser porque eu não vim aqui para brincar. Tinha que estudar, tinha que

cuidar dos filhos da minha irmã mais nova, então, tinha pouco tempo para brincadeira. Eu considero ela uma mulher de verdade, coisa que muitos homens não conseguem fazer. Muitas das vezes saem mas dificilmente olham para trás para puxar os mais novos.

75

Mesmo dentro da minha família, as mulheres é que conseguiram puxar pelos outros, os homens não. Ya, eles conseguem formar uma família e estão focados naquela família. Não digo que seja mau, mas a realidade que eu vivo é esta: vejo mais mulheres batalhadoras, que mesmo não tendo condições fazem de tudo. Há muitos sacrifícios que as mulheres fazem... Mesmo aquelas que chegam ao ponto de se terem que vender, tu percebes que esta está a fazer isso porque tem filhos por cuidar, tem a mãe ou pai doente... Mesmo que faça isso, eu considero mulher de verdade. Eu venho de uma sociedade com mais mulheres de verdade do que homens de verdade.

76

I: Há homens na tua vida que consideres referências negativas? Porque razões os consideras assim?

77

R: Há. Nós estamos numa sociedade em que os homens quando vêm do campo para a cidade ficam emocionados, ficam a gastar dinheiro com curtição e mulheres, e não pensam no futuro, não buscam trazer inovação, ideias... Há muita coisa que precisamos fazer como homens. Se olharmos para referências como Eduardo Mondlane, se sairmos mais e olharmos para cientistas como Isaac Newton, Einstein e tantos outros que fizeram muito pelo mundo; até os nossos pais que deram a vida, que lutaram para que o nosso país estivesse liberto do colonialismo português...

78

Nós não buscamos essas referências para nos inspirarem e vermos o que podemos fazer para trazer algum progresso para a nossa família, a comunidade de onde vimos... Saímos e não olhamos para trás. Há muitos aqui que vêm daquelas zonas bem recônditas, chegam aqui, recebem salário de 100, 150 mil Meticais e se acham os tais, e a vida é trabalhar, ter dinheiro, curtir, beber, ter um estabelecimento, e acabou. Eu acho que isso é pouco, continuamos pobres mentalmente. Há muita coisa que precisamos fazer por esse país, pelo mundo.

79

I: Lembras-te de situações em que te tenham dito que não parecias, não pensavas ou não te comportavas como um homem? Fala-me sobre isso...

80

R: Sim. Na sociedade, se tens dinheiro, não interessa o que és. Se tens dinheiro, vais ser visto como homem de verdade. Se não tens *taco*, não és considerado homem de verdade. E eu já estive, sim... É que mesmo dentro da família, se não tens dinheiro és colocado por último; as tuas ideias até não são válidas. Aquela pessoa com posses é que tem a palavra, pode até chegar por último na reunião, mas é o tal. Aqui se tu não tens dinheiro, tu não és nada. Podes ser mau carácter, um mau pai, um péssimo marido, mas se tens dinheiro és homem de verdade, és respeitado. Até mesmo na Igreja tens um lugar especial, és tratado de forma diferente... Mesmo a tua mulher vai te respeitar se tu trazes dinheiro. Agora vem o 7 de Abril e se tu não soltas um 25 mil para comprar capulana do Taíbo, tu não és homem de verdade. E a competição vem, entre as mulheres: 'Meu homem ofereceu-me iphone 14', não sei o quê, e a outra também sente-se pressionada e pressiona o marido - ele ou é homem ou não é! Então, joga-se para fora aqueles outros valores... Ele pode ser bom pai, um homem presente, bom de cama, que não tem hábitos dos nossos pais, pode ter essas qualidades todas, mas se não traz dinheiro ele não é nada; capaz até ser traído.

81

I: Como é que isso te faz sentir enquanto homem - de se pôr esse peso todo em algo que não inato à pessoa - que pode ou não corresponder a esse padrão esperado?

82

R: Antes de chegar aí, por causa dessa pressão que os homens terem que ter dinheiro para se sentirem homens de verdade, faz com os homens recorram a certos trabalhos ilícitos. Pode ser assim: estou a namorar com alguém e não sou valorizado na relação porque não tenho dinheiro. Ela me trai e fica com um homem que tem mais dinheiro. Eu olho para isso e fico com raiva, vem aquela coisa de mostrar que eu também posso ter dinheiro, não interessa como. E, em vez de estar focado nas coisas que têm realmente valor, estou focado em ter dinheiro a qualquer custo porque eu já quero mostrar que eu também posso.

83

Voltando à pergunta, isso nos faz sentir frustrados... Ya, frustrados.

84

I: Estás numa relação neste momento? Fala-me sobre isso...

85

R: Sim, sou noivo. Estamos a preparar o casamento.

86

I: Tens filhos?

87

R: Não.

88

I: Gostarias de ter?

89

R: Aos 33 anos. Gostava de ter 3 filhos, incluindo gémeos.

90

I: Porque é importante para ti ter filhos?

91

R: Eu já estou a sofrer pressão da minha mãe. Ela tem quase 80 anos...

92

Quando demoras a fazer filhos as nossas mães pensam que há algum problema e querem ajudar, porque elas conhecem raízes e essas coisas todas, mas não é o caso. Neste momento não me sinto preparado para ter filhos, não há condições. Eu não quero trazer filhos para sofrerem. Pelo menos ter o mínimo para que possam crescer bem, possam estudar (não precisa de ser numa escola privada), que haja alimentação, que não lhes falte pelo menos o básico.

93

Porque é que eu quero ter filhos? Porque acho que é a regra básica da vida, crescer, estudar, casar e depois tem que formar uma família (risos). É o caminho. Mas podia ter escolhido outro, podia ter escolhido ser padre.

94

I: Um homem sem filhos pode ser um homem de verdade?

95

R: Para mim, sim, mas para a sociedade não. Para a nossa realidade não.

96

I: Um homem que agride a mulher, com palavras, com emoções, fisicamente, pode ser um homem de verdade?

97

R: Não, não é, em nenhuma situação. Porque tens que agredir a tua mulher ou qualquer outra? Os homens que fazem isso se sentem homens de verdade, naquele momento se sentem homens, porque é para serem respeitados. Mas, para mim não é isso.

98

Se eu quero te transmitir alguma ideia, eu só tenho que conversar contigo. Até porque algumas vezes os problemas são reflexo do passado. Nós os homens nos fechamos, perdemos a oportunidade de conhecermos as nossas mulheres conversando com elas. É tipo, como sou homem, eu é que falo e dito as regras; se ela não me ouve eu vou-lhe bater. Mas não há necessidade disso.

99

E alguns homens, sabes, até são homens que vão à igreja, conhecem os valores morais, como cuidar... Amor ao próximo afinal é o quê?... Mas, alguns homens interpretam assim, batem nas mulheres; e algumas mulheres também falam que se ele não me bate, ele não me ama. Mas essa é a construção social, como aprenderam. Por mais que a minha mulher tenha cometido o erro mais grave, não há nenhuma necessidade de violência. Não há mesmo.

100

I: Pensando no que vêes na televisão, rádio, redes sociais, etc., como homem, há algum tipo de temas ou conteúdos que gostarias de ver mais abordados nos média e que tenham a ver com estas construções da sociedade sobre o que é ser um homem de verdade?

101

R: Muita coisa poderia ser abordada. Se calhar posso não saber dizer como... Mas, falando de assuntos, acho que seria importante essa questão do tratamento dos nossos filhos, começarmos da base. Falar sobre essa separação de que existem trabalhos de meninas e trabalhos de homens. Não vemos isso abordado nos média, mas eu acho que tudo começa daí. A mulher é formada para o lar, ensinada a receber do homem, e o homem é formado a estudar, trabalhar para poder prover para a mulher. Mas, será que a mulher não pode prover? E, se o homem não provê do jeito que é ensinado, ou se não tem esse dinheiro esperado, ele não se sente homem de verdade. Acho que essa é uma construção totalmente falhada, e não ensinamos os nossos filhos a serem homens e mulheres para o futuro, seres humanos que se respeitam, pessoas que se vão amar, que podem atingir os mesmos patamares - o homem

pode ser piloto, a mulher também; o homem pode ser engenheiro mecânico, a mulher também pode; a mulher pode fazer os trabalhos da casa, o homem também pode fazer. Eu acho que falta muito isso na nossa sociedade, trazer esses temas. E não é trazer só aqui para Maputo, estou a olhar a realidade de lá fora também. A sociedade lá no campo precisa saber isso, que há outras formas de viver. E isso pode entrar em todo o tipo de conteúdos... Por exemplo, vê uma publicidade do caldo Beny, quem está a cozinhar o jantar é a mulher. O homem está ali, com os pés cruzados, a mexer no remoto da TV. Acho isso uma coisa absurda, mas todas as publicidades são assim. Se colocam crianças, o rapaz está brincar com carrinho, a mulher com boneca.

Cix. Entrevista a Momed, 34 anos, Gestor de Canais Digitais, Produtos e Serviços

1	Entrevista com PARTICIPANTE 9
2	Arquivo: Entrevistado 9 Tempo de gravação: 1 hora 16 minutos 49 segundos
3	Data da entrevista: 31 Março 2023 Local da entrevista: Mahla Filmes, Maputo - Moçambique
4	
Idade e data de nascimento	34 anos
Cidade de nascimento e de residência actual	Maputo Maputo
Origem do pai e da mãe	Pai: Lichinga, Niassa Mãe: Xai-Xai, Gaza
Religião	Ateu (Pai é muçulmano e a mãe é católica)
Nível de escolaridade	Licenciatura em Engenharia Informática e Telecomunicações
Profissão/Ocupação	Gestor de canais digitais, produtos e serviços

5

Iniciámos pela visualização dos 3 AUP porque eu estava quase sem bateria no computador.

6

Anúncio 1

7

I: Das emoções a seguir, com quais te identificas mais depois de veres este anúncio: Tristeza; Alegria; Raiva; Vergonha; Orgulho; Mal-estar; Bem-estar?

8

R: Senti alegria, bem-estar e tristeza. Tristeza porque são pessoas contaminadas pelo HIV, e alegria porque mesmo assim mostraram que estavam bem. Cada um a fazer o que tinha de fazer - o curtidor, o competitivo, o que cuida da família -, então, também trouxe essa emoção positiva de alegria e bem-estar.

9

I: Viste algum homem de verdade aqui?

10

R: Vi. A primeira coisa que me apareceu foi o homem que cuida da família e a mim passou-me aquela coisa de que existe essa pressão social de olhar para o homem como sendo sempre

forte e cuidar da família para ser considerado homem de verdade. Muitas vezes isso é algo que nos faz pressão, como homens, porque temos esse *mindset* de ser o provedor. Às vezes olhas para os lados e vês amigos que já estão noutra nível, então pensas como é que a família e a sociedade vão te olhar... Eu critico, mas também sinto essa pressão.

11

I: Identificas-te com algum dos personagens masculinos?

12

R: Ya, com um pouco de todos. Acho que sou todos eles.

13

Anúncio 2

14

I: Das emoções a seguir, com quais te identificas mais depois de veres este anúncio: Tristeza; Alegria; Raiva; Vergonha; Orgulho; Mal-estar; Bem-estar?

15

R: Acho que quase todas as negativas: tristeza, mal-estar, raiva...

16

Não chamaria alegria, mas se existe algo positivo ali é que existe uma lei para proteger. Isso já é bom. O resto dos segmentos... Bom, estão a cortar o futuro de alguém para estarem a ser donas de casa e etc.

17

I: Viste algum homem de verdade aqui?

18

R: Não vi.

19

I: Identificas-te com algum deles?

20

R: Não!

21

Anúncio 3

22

I: Das emoções a seguir, com quais te identificas mais depois de veres este anúncio: Tristeza; Alegria; Raiva; Vergonha; Orgulho; Mal-estar; Bem-estar?

23

R: Deste lado foram as positivas. É bom ver que existe este tipo de iniciativa para todo o país.

24

I: Viste algum homem de verdade aqui?

25

R: Não reparei... Estava mesmo atento às mensagens, desculpa.

26

Bloco 1

27

I: Já ouviste a expressão *homem de verdade*? Para ti, o que significa?

28

R: Já, já... Acho que muita coisa que penso vai contra a sociedade, e é algo que eu procuro cultivar no dia-a-dia. Eu sou muito fechado, estou a tentar ser cada vez mais aberto, então acho que isso... Dizem que ser homem de verdade é ser forte, então, eu acho que ser forte é ser aberto, não ser fechado. Falar sobre o que sinto, expressar tudo o que sinto... Essa é a uma luta que ainda estou a tentar combater.

29

Falaria também das responsabilidades da família. Eu não vejo que haja uma divisão certa de responsabilidades entre homem e mulher, acho que elas vão depender de muitos factores... Se eu levo jeito para cozinhar, posso ser eu que vou cozinhar; ou se eu tenho tempo para levar a criança para a escola ou a vacinação, por exemplo. Acho que em termos das tarefas dentro de casa, homem de verdade é aquele que faz qualquer coisa. Basicamente é isso. Não vejo uma divisão fixa, acho que tudo vai de acordo com as circunstâncias de cada um, na sociedade e em casa.

30

I: Quando falaste em ser mais aberto, porque razões achas que não eras mais assim até agora?

31

R: Eu sempre fui muito fechado. Em casa, os meus pais nunca foram abertos comigo e o meu irmão. Nunca víamos conversas sobre conflitos ou mais vulneráveis por parte deles. Não vinham ter connosco para dizerem que não estavam bem, que estavam tristes. Acho que

na cabeça deles estavam a proteger-nos. Acho que só uma vez vi a minha mãe a chorar porque teve um desentendimento qualquer com o meu pai. Eu era muito, muito pequeno, mas lembro-me disso até hoje... Então, cresci dessa forma e acho que foi um dos factores que me fez ser fechado.

32

Também me considero alguém tímido, algo que influencia facilmente. E acho que também por influência da sociedade... Se eu estou com homens, converso com homens, brinco com homens, não existe abertura entre nós, vou crescendo assim, aprendo que homem não tem que ser aberto... E nem sei sequer o que é essa abertura. Não sei o que é ser vulnerável, exprimir os meus sentimentos.

33

Eu acho que foram esses factores.

34

I: Quem foi o primeiro homem que admiraste / olhaste como referência?

35

R: Acho que olhei para o meu pai, que foi a referência de homem de verdade. Ainda é, mas hoje já sei dizer que talvez haveria de mudar algumas coisas, no conceito que tenho hoje de homem. Mas ele criou-nos com sucesso, fez os sacrifícios que fez para nos dar boa educação... Ya, e era rígido quando tinha que ser.

36

Hoje em dia tenho algumas pessoas que eu olho e gosto da postura. Por exemplo, um tio, irmão da minha mãe. Ele inspira-me: a forma calma de ser, de conversar, de abordar situações difíceis. É algo que eu olho e digo que gostaria de ter. Tem também o meu chefe actual: a capacidade que tem de conversar com as pessoas e ter conversas profundas; vejo também a relação que tem com as filhas, algo que acho que também é muito bom.

37

I: E há homens na tua vida que consideres referências negativas? Porque razões os consideras assim?

38

R: Por acaso é um amigo... Somos um casal amigo e ele tem muito aquela coisa de dizer à mulher que não deve sair de casa de certa maneira, deve ficar em casa, não sei quê... Ele não

pode fazer tarefas de casa... São situações com que eu não concordo... Vejo e faço as coisas de forma diferente.

39

I: Alguma vez comentaste os teus pensamentos com ele?

40

R: Já, já. Uma vez falámos sobre contas de casa, se mostro o meu salário ou não lá em casa... Eu não disse para ele fazer as coisas assim ou assado, disse a forma como eu faço e como funciona bem para mim fazer desta forma e não de outra... Foi a minha abordagem. Ele foi receptivo, mas não sei se chegou a aplicar. Não tivemos nenhum choque.

41

I: Com quem vivias quando eras criança?

42

R: Eu, os meus pais e o meu irmão mais novo (4 anos).

43

I: Tu e o teu irmão tinham responsabilidades em casa?

44

R: Sim, sempre tivemos. Era muito mais aos finais de semana. Meio de semana era mais pôr a mesa de jantar, a refeição que tínhamos juntos. Finais de semana era limpeza de uma parte da casa... As casas de banho, nosso quarto. O meu pai fazia limpeza das salas, do corredor, e a minha mãe ficava na cozinha.

45

Os meus pais têm uma quinta em Boane e, um pouco mais crescidos, aos finais de semana iam para lá e deixavam-nos sós, então, ficávamos mesmo com a tarefa de cozinhar, e outras.

46

I: Sentias que na tua casa havia uma pessoa que era chefe de família?

47

R: Eu sempre olhei para o meu pai como chefe de família. Acho que por ser o homem... Ele é que trazia o maior bolo de dinheiro para casa mas, sinceramente, acho que era muito mais só por ser o homem.

48

I: Lembras-te de ver ele e tua mãe a conversarem sobre as decisões importantes para a família?

49

R: Não, nem um nem outro. Acho que eles escondiam isso muito bem. Nós não estávamos presentes nas discussões sérias. O máximo que víamos era eles a falarem sobre finanças, política, mas em termos de decisões e planos de casa, viagens, não. Literalmente nunca.

50

I: Lembras-te da primeira vez em que te apercebeste que eras rapaz? O que aconteceu para te lembrares, em específico, desse momento?

51

R: Não me lembro de ter um momento; talvez foi algo subtil e automático através da socialização na escola, não sei o quê... Lembro-me, talvez no final da secundário, comecei a olhar para meninas. Eu disse que sou tímido, então, com as mulheres era pior. Tinha medo mesmo, não falava assim com uma menina... Isso passou só no final da secundária.

52

I: Os teus amigos também eram assim?

53

R: A maioria também era assim. Existe sempre aquele grupo mais à vontade e o dos mais fechados, que brincam juntos.

54

I: Lembras-te se em algum momento te aperceberes que raparigas e rapazes eram, de alguma forma, diferentes para a sociedade?

55

R: Agora que falaste... Acho que sim. No início eu estava no Colégio Nyamunda, e tinha um amigo que tinha jeito de menina. Tipo, punha camisola na cabeça para fazer de cabelos. E em algum momento eu entrei na brincadeira. Andava assim na escola e em casa... Só pouco depois é que tive esse *snap* de isto aqui é brincar de menina. Isso foi entre a 1^a e a 3^a classe. É engraçado que nos separámos um tempo e agora ele é meu amigo, estamos no mesmo círculo social, e ele continua do mesmo jeito.

56

I: É um homem gay ou apenas um homem efeminado?

57

R: É gay efeminado.

58

I: Falando agora sobre a sociedade - e não tua a construção individual -, quais as expectativas que sentes que a sociedade tem de ti por seres homem? Foram mudando ao longo da vida?

59

R: Para a sociedade onde nos inscrevemos, o homem tem que ser forte...

60

I: Podes dar dois ou três exemplos do que significa ser forte, neste caso?

61

R: Não mostrar lágrimas, fraquezas. O simples facto de chegar num amigo e dizer 'Estou com a dificuldade X, ajuda-me' é algo difícil na nossa sociedade. Ele é o chefe de casa, o provedor, tem que pagar as contas - ou a maior parte - de casa. Tem que estar bem posicionado na sociedade. Não andar com um carro velho... Acho que existe muita pressão na sociedade, mesmo eu sinto.

62

I: Como é que isso te faz sentir? E, alguma vez pensaste que não eras um *homem de verdade* por causa dessa concepção da sociedade?

63

R: Acho que directamente não. Mas, no dia-a-dia, nós sabemos que existe esta concepção e sentimo-nos automaticamente pressionados. Sabemos que a sociedade espera isso.

64

Uma das coisas que sinto é a questão de ter filhos. Existe muito essa pressão para ter filhos. Mas até acho que é mais geral e não particular ao homem. Mesmo em brincadeiras entre amigos, até alguns que não têm filhos mas já são casados... Só pelo facto de eu ser casado, já...

65

I: Ah, tu és casado?

66

R: Sim.

67

I: Já tens filhos?

68

R: Tenho uma enteada que considero minha filha. Mas mesmo assim dizem-me que tenho fazer filhos. Mas isso para mim não conta, não faz diferença nenhuma.

69

I: Não gostarias de ter filhos biológicos?

70

R: Ainda não está nos planos. Por minha sorte, ela como já tem a menina não me faz essa pressão. Não vou dizer que não quero nunca, mas por enquanto não tenho planos.

71

I: O que te faz adiar ter filhos biológicos, e possivelmente não teres?

72

R: Questões financeiras - acho que é um grande factor. Mas também não é algo com que eu sonhe. Acabei aceitando a miúda de braços abertos, é minha filha. Mas não que seja algo que estou à procura. Estou a viver.

73

I: E os teus pais e família, o que pensam sobre isso?

74

R: Os meus pais nunca me fizeram pressão para isso, nunca me perguntaram sobre filhos. Os meus amigos também me perguntam se os meus pais não me perguntam e não sei o quê, e por acaso não.

75

I: Então essa pressão vem mesmo dos teus pares?

76

R: Sim. E talvez eu não me deixe afectar precisamente por não ter essa pressão dos meus pais...

77

I: Achas que um homem sem filhos pode ser um homem de verdade?

78

R: Acho que sim, porquê não? Acho que não tem nada a ver. A masculinidade conta com essas outras atitudes de que falámos. Não ter filhos não define isso.

79

Quando eu era mais novo pensava até em adoptar uma criança. Via crianças abandonadas e pensava porquê fazer mais um filho se há pessoas que estão a precisar? Essa foi uma das

razões para eu abrir os braços para a minha filha - porque ela cresceu sem ter pai presente e, de certa forma, concretizei aquilo que pensava antes.

80

I: O facto de amares como tua uma filha que biologicamente não o é alguma vez foi questionado pelas pessoas na tua vida?

81

R: Não... Algo que eu senti foi com os meus pais... Senti na expressão deles que talvez não fosse o que sonhavam ou o ideal, mas eles não disseram isso. Apoiaram-me, depois, mas senti isso quando dei a notícia. E entre amigos é mais aquela coisa de 'Tens que fazer alguém do teu sangue'.

82

I: O que respondes a esses amigos?

83

R: Digo que não tem nada a ver. Acho que as pessoas que dizem isso querem passar uma mensagem mas não querem ser directos e é por isso que não temos esse tipo de discussões. Falam, mas a conversa passa por ali.

84

I: Quais são as características que consideras mais importantes na pessoa com quem te relaciones?

85

R: Primeiro é abertura, porque acho que é a base de tudo. Abertura e conversa. O resto acho que é tudo ajustável. Por exemplo, não gosto muito de pessoas que são muito explosivas, mas até isso acho que se pode resolver com abertura. Ya, podermos conversar e a pessoa estar aberta para perceber e mudar ou não. Se não mudar, podermos conversar e chegar a um ponto em que eu perceba o não da mudança. Olho muito mais para essa abertura e capacidade de comunicação.

86

E tem que haver a vontade de crescer juntos. Tenho ambições e quero alguém do meu lado, a ir comigo atrás dessas ambições. E ser alguém que trabalha. Não gostaria de ter uma esposa que só fica em casa e só é que vou ao trabalho. Não consigo imaginar isso, talvez porque sempre vi os meus dois pais a trabalhar.

87

I: Consegues permitir-te ser vulnerável com a tua esposa?

88

R: Consigo ser. Acho que aprendi essa característica no meu relacionamento anterior, em que havia condições para haver o contrário do que eu disse antes, e eu era bem mais fechado. Uma das coisas que me fez tentar abrir-me mais foi mesmo o "trauma" desse relacionamento passado, em que eu falava um pouco mas de certa forma não tinha voz. A pessoa não ouvia, era explosiva... No final, culpo-me um pouco também por não ter dado voz ao que queria. Talvez se o tivesse feito teria mudado alguma coisa na altura, talvez podia ter salvado a relação.

89

Então, depois dessa relação decidi que tenho que fazer um esforço para mudar, se não, a próxima relação vai dar na mesma coisa. Apanhei alguém que era mais calma, e desde o início que uma das condições era sermos abertos um com o outro. Então, é alguém com quem consigo concordar e discordar.

90

I: Consegues dizer-lhe 'Falhei, não consegui...'?

91

R: Por acaso temos isso. E quando temos algum assunto para falar marcamos mesmo uma conversa. Até marcámos para este domingo ter uma dessas conversas difíceis. Acho que isso tem funcionado muito bem.

92

I: O que pensas da frase: é direito do homem usar violência (física, verbal, psicológica ou outra) contra a sua parceira, se ele achar que isso se justifica?

93

R: Discordo totalmente porque, como disse, a violência não ajuda em nada. A conversa é que vai ajudar. Já, não percebo mesmo porquê forçar alguém a fazer algo que não quer.

94

I: Achas que, entre as pessoas à tua volta, aquele teu amigo que não deixa a mulher sair com certas roupas, por exemplo, é um exemplo isolado?

95

R: Acho que é algo comum, mas não muito no meu círculo. Ele e um ou outro é que têm essa forma de ser. Eu e a minha esposa até comentamos às vezes que ele é moçambicano

mesmo de raiz. Acabei estando num círculo de pessoas muito parecidas comigo, mas sei que existem muitos outros dessa forma.

96

I: Dizem que ele é mesmo moçambicano de raiz? Então, ser um homem moçambicano é ser...

97

R: Isso porque na nossa cultura, é a realidade. Estamos a falar na nossa classe social, e imagino que na mais baixa seja pior. Temos acesso a muita coisa... Nós somos uma minoria, a maioria das pessoas são esse moçambicano de raiz. É dessa forma que eu vejo.

98

I: Achas que hoje a concepção de homem de verdade tem vindo a mudar ao longo dos anos?

99

R: Acho que tem havido mudanças. Como disse, vejo isso nos meus amigos, e se eu vejo nessas pessoas é porque algo está a acontecer, por mais que seja uma bolha pequena. Leva muito tempo, a cultura, a tradição, é algo difícil de tirar de uma sociedade, mas vai acontecer. Olhando para países menos tradicionalistas, acho que em algum momento passaram por esse processo. Em algum momento todos nós passámos por tradições de forma rígida, mas cada um com o seu tempo; acredito que vai acontecer. Trabalhos como este teu também são importantes para isso.

100

I: Sentes que tens um espaço seguro entre homens para seres vulnerável com eles?

101

R: Ya, tenho. Os meus amigos mais próximos, primos mais próximos...

102

Ainda há uns meses um amigo teve um problema no trabalho e acabou com um problema de saúde, então, ele mandou uma mensagem para um grupo que temos a dizer 'Senhores, nós temos que conversar mais. Eu passei por este momento difícil, então, porquê não começarmos a conversar mais?'. Temos procurado pôr em prática: ligar só para saber se está tudo bem, perguntar se existe alguma coisa que a pessoa não está a falar, não sei quê.

103

I: Que impacto achas que tem o oposto - os homens não terem esses espaços seguros?

104

R: O suicídio. Acho que a maior parte da taxa de suicídios são jovens e Moçambique está num lugar muito alto, onde a maioria dos suicídios são por homens. Primeiro, a sociedade exige muito. A vida também está cada vez mais difícil. O peso sobre as nossas cabeças vai ficando cada vez maior.

105

Então, acho que é importante a pessoa falar, nem que seja ir a um profissional - muitos não sabemos que devemos ir a profissionais. Mas só falar com um amigo já ajuda. Só o facto de eu saber que não estou a sofrer sozinho já ajuda, de certa forma.

106

I: Que temas ligados a masculinidade e ser homem gostarias de ver mais abordados nos média em Moçambique?

107

R: Primeiro, este tema que conversámos agora. Puxar mais para as pessoas conversarem mais. O homem ter que ser o chefe acho que também tem que se questionar mais. Pôr-se mais ênfase no aspecto que não és tu sozinho e se tens uma parceira tens que dividir as coisas com ela, fazerem as coisas juntos, não carregares o peso sozinho. A divisão de tarefas também é importante de ser comunicada... Que cuidar das crianças não é só a mulher... Ya, acho que esses seriam alguns dos temas mais importantes.